

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Ciências Econômicas
Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração

Eduardo Teixeira Magalhães

QUE FALTA FAZ VIAJAR?
A restrição à experiência turística e seus consequentes: Bem-Estar Subjetivo, Desejo de Viajar, Risco Percebido e Intenção de Viajar

Belo Horizonte
2022

Eduardo Teixeira Magalhães

QUE FALTA FAZ VIAJAR?

A restrição à experiência turística e seus consequentes: Bem-Estar Subjetivo, Desejo De Viajar, Risco Percebido e Intenção de Viajar

Versão final

Dissertação apresentada ao programa do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Marlusa de Sevilha Gosling

Belo Horizonte
2022

Ficha Catalográfica

M189q 2021 Magalhães, Eduardo Teixeira.
Que falta faz viajar? A restrição à experiência turística e seus consequentes – bem-estar subjetivo, desejo de viajar, risco percebido e intenção de viajar [manuscrito] / Eduardo Teixeira Magalhães. – 2021.

173 f. : il., graf. e tabs.

Orientadora: Marlusa de Sevilha Gosling
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração.
Inclui bibliografia (f. 138-163).

1. Turismo – Teses. 2. Administração – Teses. I. Gosling, Marlusa de Sevilha. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. III. Título.

CDD: 338.4



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO do Senhor **EDUARDO TEIXEIRA MAGALHÃES**, REGISTRO Nº 750/2022. No dia 23 de junho de 2022, às 14:00 horas, reuniu-se remotamente, por videoconferência, a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração do CEPEAD, indicada pelo Colegiado do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração do CEPEAD, em 01 de junho de 2022, para julgar o trabalho final intitulado "**QUE FALTA FAZ VIAJAR? A RESTRIÇÃO À EXPERIÊNCIA TURÍSTICA E SEUS CONSEQUENTES - BEM-ESTAR SUBJETIVO, DESEJO DE VIAJAR, RISCO PERCEBIDO E INTENÇÃO DE VIAJAR**", requisito para a obtenção do **Grau de Mestre em Administração**, linha de pesquisa: **Estratégia, Mercadologia e Operações**. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, Prof^a. Dr^a. Marlusa de Sevilha Gosling, após dar conhecimento aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

APROVAÇÃO

REPROVAÇÃO

O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Senhora Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 23 de junho de 2022.

Prof^a. Dr^a. Marlusa de Sevilha Gosling

ORIENTADORA - CEPEAD/UFMG

Prof^a. Dr^a. Juliana Maria Magalhães Christino

CEPEAD/UFMG

Prof^a. Dr^a. Mariana de Freitas Coelho

DAD/UFV



Documento assinado eletronicamente por **Marlusa de Sevilha Gosling, Professora do Magistério Superior**, em 23/06/2022, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Maria Magalhaes Christino, Professora do Magistério Superior**, em 02/07/2022, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana de Freitas Coelho, Usuária Externa**, em 25/07/2022, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1501935** e o código CRC **CDDA3731**.

A dona Vanda, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

A Dra. Marlusa de Sevilha Gosling agradeço pela orientação e por todos os ensinamentos e zelo que contribuíram para meu crescimento. Agradeço também as professoras Mariana de Freitas Coelho e Juliana Maria Magalhães Christino, que compuseram a banca, pelo olhar criterioso sobre o trabalho.

A FAPEMIG pela concessão da bolsa e a CAPES pela extensão da bolsa, devido o período de adaptação a pandemia e isolamento social, que permitiram minha dedicação integral aos estudos e a pesquisa.

Agradeço especialmente a minha mãe, dona Vanda Teixeira de Almeida de Sá, por ser mãe e pai, e a meus irmãos, Deise, Antonio e Emanuel pelos diálogos, compartilhamento das alegrias e angústias vivenciadas ao longo do processo de formação e desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, agradeço ao Rodrigo Felipe, pela parceria e paciência sem precedentes durante esse tempo, a todos os colegas que contribuíram direta e indiretamente para que eu pudesse chegar até a esse momento.

“Declaro que não há divertimento melhor do que a leitura. A gente se cansa menos facilmente de um livro do que de qualquer outra coisa. São muitos os meus defeitos, mas nenhum de compreensão, espero”.

(Jane Austen, Orgulho e Preconceito, 1813).

RESUMO

Identificada uma nova síndrome respiratória, causada pelo vírus *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*, vários países adotaram o isolamento social como medida para reduzir a dispersão do vírus. Assim, o incentivo à experiência turística foi cerceado devido às restrições de viagem e fechamento de fronteiras. A restrição à experiência turística pode ser marcada pela possibilidade de inúmeros consequentes de natureza sociopsicológicos que podem condicionar o comportamento futuro do turista. Faz-se necessário, então, compreender o fenômeno da restrição à experiência turística e determinados os elementos sociopsicológicos circundantes ao fenômeno que condicionam o comportamento do turista com hábito de viagem. Dada à lacuna, a partir da compreensão do fenômeno da restrição a experiências turística e os elementos sociopsicológicos associados a pesquisa tem como propósito observar, as relações existentes entre a restrição a experiência turística e os elementos sociopsicológicos bem-estar subjetivo, desejo de viajar, percepção de risco à saúde e intenção de viajar. Para o alcance desse objetivo um roteiro de entrevista semiestruturado foi desenvolvido, fundamentado nas teorias de Turismo e Marketing Experiencial, Psicologia Positiva, Teoria da Satisfação do Desejo e aplicado com turistas que tinham hábitos de viagem. A análise do material se deu por meio do software Iramuteq, que possibilitou a identificação dos fatores emergentes na perspectiva do turista. Foi desenvolvido um instrumento de pesquisa a uma amostra de 450 respondentes, tratado e analisado por meio da análise multivariada de dados de modo a observar a associação entre os fatores e a restrição e a intenção de viagem. Os resultados qualitativos indicaram que os aspectos sociopsicológicos circundantes a restrição na visão de sujeitos com hábitos de viagem, foram respectivamente, bem-estar subjetivo, desejo de viajar, risco percebido à saúde e intenção de viajar. Os resultados quantitativos apontam associações significativas entre restrição à experiência turística, desejo de viajar e risco percebido à saúde, porém não atesta uma associação entre restrição à experiência e bem-estar subjetivo. Nesse sentido, a pesquisa evidencia que o comportamento do turista, quanto à intenção de viagem, pode ser condicionado pelo desejo genuíno de viajar e a percepção de risco do turista. Diante dos resultados, conclui-se que os elementos sociopsicológicos relacionados ao bem-estar, desejo de viajar, risco percebido a saúde e a intenção de viajar são fatores considerados emergentes no turistas, dado o contexto de restrição. Contudo, os elementos condicionadores do comportamento preponderantes são o desejo de viajar e o risco percebido a saúde do turista, visto que o bem-estar subjetivo do turista não apresentou alterações dado o panorama da restrição turística e sua causa.

Palavras-chave: Restrição à Experiência Turística, Bem-estar subjetivo, Desejo de viajar, Risco percebido, Intenção de viajar.

ABSTRACT

Having identified a new respiratory syndrome, caused by the Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 virus, several countries have adopted social isolation as a measure to reduce the spread of the virus. Thus, the incentive for the tourist experience was curtailed due to travel restrictions and border closures. The restriction on the tourist experience can be marked by the possibility of numerous consequences of a socio-psychological nature that can condition the tourist's future behavior. It is therefore necessary to understand the phenomenon of restriction to the tourist experience and to determine the socio-psychological elements surrounding the phenomenon that condition the behavior of tourists with a travel habit. Given the gap, from the understanding of the phenomenon of restriction to tourist experiences and the socio-psychological elements associated with the research, the purpose of this research is to observe the existing relationships between the restriction to tourist experience and the socio-psychological elements subjective well-being, desire to travel, perception health risk and intention to travel. To achieve this objective, a semi-structured interview script was developed, based on the theories of Tourism and Experiential Marketing, Positive Psychology, Desire Satisfaction Theory and applied to tourists who had travel habits. The analysis of the material was carried out using the Iramuteq software, which made it possible to identify emerging factors from the tourist's perspective. A survey instrument was developed for a sample of 450 respondents, treated and analyzed through multivariate data analysis in order to observe the association between the factors and the restriction and travel intention. The qualitative results indicated that the socio-psychological aspects surrounding the restriction in the view of subjects with travel habits were, respectively, subjective well-being, desire to travel, perceived health risk and intention to travel. The quantitative results point to significant associations between restriction of tourist experience, desire to travel and perceived health risk, but do not attest to an association between restriction of experience and subjective well-being. In this sense, the research shows that tourist behavior, regarding travel intention, can be conditioned by the genuine desire to travel and the tourist's perception of risk. In view of the results, it is concluded that the socio-psychological elements related to well-being, desire to travel, perceived health risk and intention to travel are factors considered emerging in tourists, given the context of restriction. However, the preponderant behavioral conditioning elements are the desire to travel and the perceived risk to the tourist's health, since the tourist's subjective well-being did not change given the panorama of tourist restriction and its cause.

Keywords: Restriction to Tourist Experience, Subjective well-being, Desire to travel, Perceived risk, Intention to travel.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Publicações de 2000a 2021 - Turismo e Bem-estar.....	21
Figura 2: Publicações sobre risco e turismo	23
Figura 3: Rito de passagem turística	27
Figura 4: Balizadores da Experiência Turística.....	31
Figura 5: Dimensões da Experiencia Turística e o papel do turista.....	32
Figura 6: Processo fisiológico de influência dos sentidos, emoções e memórias	34
Figura 7: Comportamento dos sentidos, emoções e memórias ao longo das etapas de Experiência Turística	35
Figura 8: Temas estruturantes da Psicologia Positiva.....	40
Figura 9: Fundamentos da Psicologia Positiva.....	41
Figura 10: Modelo de Pesquisa Proposto.....	63
Figura 11: Cálculo do Tamanho da Amostra	71
Figura 12: Procedimentos de Adaptação Transcultural de Instrumentos Psicológicos	78
Figura 13: A revelância da Experiência Turística no contexto de restrição.....	85
Figura 14: As motivações de viagem e o Bem-estar em tempo de restrição	86
Figura 15: A interação, o novo e as expectativas do turista.....	87
Figura 16: Classificação Hierárquica Descendente.....	92
Figura 17: Fórmula da VME	112
Figura 18: Modelo Completo	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perspectivas de estudos sobre experiência turística	52
Quadro 2: Hipóteses de pesquisa e suas fontes	64
Quadro 3: Estratégia de pesquisa.....	65
Quadro 4: Linhas epistemológicas no turismo	66
Quadro 5: Roteiro de entrevista semiestruturado	69
Quadro 6: Escala de Restrição a Experiência Turística (RET)	72
Quadro 7: Escala de Desejo de Viajar (DV)	74
Quadro 8: Escala de Bem-estar Subjetivo (BES)	75
Quadro 9: Escala de Risco Percebido à Saúde (RPS).....	76
Quadro 10: Escala de Intenção de Viajar (IV)	77
Quadro 11: Perfil dos Entrevistados	85
Quadro 12: Motivações Emergentes de Viagem	85
Quadro 13: Incidência de palavras por Faixa Etária	90
Quadro 14: Incidência de palavras por Estado Civil	91
Quadro 15: Nuvem de Palavras - CHD.....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estatística Descritiva	102
Tabela 2: Matriz de Componentes	105
Tabela 3: Índices de Ajuste da Estrutura Fatorial	109
Tabela 4: Estrutura Fatorial Confirmatória	110
Tabela 5: Consistência Interna e Validade Convergente	113
Tabela 6: Fator de Inflação da Variância	114
Tabela 7: Validade Discriminante - Critério de Fornell e Larcker	114
Tabela 8: Índices de Ajuste do Modelo Estrutural	115
Tabela 9: Estimativas do Modelo Estrutural	116
Tabela 10: Coeficientes de Regressão do Modelo	117
Tabela 11: Efeitos Indiretos e Totais do Modelo	121

LISTA DE SIGLAS

RET	Restrição à experiência turística
AFC	Análise fatorial confirmatória
AFE	Análise fatorial confirmatória
BES	Bem-estar subjetivo
CC	Confiabilidade composta
CFI	<i>Comparative Fit Index</i> (Índice de ajuste comparativo) *
KMO	<i>Kaiser-Meyer-Olkin</i>
MCAR	<i>Missing completely at random</i> (Ausentes completamente ao acaso) *
MAR	<i>Missing at random</i> (Ausentes ao acaso) *
MNAR	<i>Missing not at random</i> (Ausentes não ao acaso) *
PUR	Percepção de único risco
RMSEA	<i>Root-Mean-Square Error of Aproximation</i> (Raiz do erro médio quadrático de aproximação) *
SPSS	<i>Statistical Packages for the Social Sciences</i>
SEM	<i>Structural Equation Modeling</i> (Modelagem por equação estrutural) *
TLI	<i>Tucker-Lewis index</i> (Índice Tucker-Lewis) *
VME	Variância média extraída

*Tradução livre

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Tema da pesquisa	14
1.2 Objetivos	17
1.2.1 Objetivo Geral	17
1.2.2 Objetivos Específicos	17
1.3 Justificativa	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	25
2.1 A Experiência Turística	25
2.1.1 As abordagens antropológica e mercadológica	25
2.1.2 As dimensões da Experiência Turística e seus balizadores	29
2.1.3 A essência da Experiência Turística e a memória	34
2.2 A Psicologia Positiva.....	36
2.2.1 O contexto e surgimento da Psicologia Positiva	37
2.2.2 A Perspectiva da Psicologia Positiva.....	39
2.2.3 A felicidade como sinônimo de bem-estar	42
2.3 O Bem-estar Subjetivo (BES)	44
2.4 A Teoria da Satisfação do Desejo e o Desejo de Viajar	48
3. HIPÓTESES DE PESQUISA PROPOSTAS.....	52
3.1 A Restrição de Experiência Turística, o Bem-estar Subjetivo e a Intenção de Viajar.....	52
3.2 A Restrição de Experiência Turística, o Desejo de Viajar e a Intenção de Viajar	55
3.3 A Restrição de Experiência Turística, o Risco Percebido e a Intenção de Viajar	58
3.4 O Desejo de Viajar, o Risco Percebido e o Bem-estar Subjetivo.....	61
3.4 Modelo teórico de pesquisa	63
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	65
4.1 Posicionamento epistemológico do estudo	65
4.2 Etapas da Pesquisa.....	67
4.2.1 Etapa Qualitativa	67
4.2.1.1 Coleta dos dados	67
4.2.1.2 Análise dos dados	69
4.2.2 Etapa Quantitativa	70
4.2.2.1 População e amostra	70
4.2.2.2 Coleta dos dados	71
4.2.2.3 Instrumento de pesquisa.....	72
4.2.2.4 Análise dos dados	79

5. RESULTADOS DA PESQUISA	84
5.1 Etapa Qualitativa	84
5.1.1 Caracterização demográfica dos participantes	84
5.1.2 As motivações de viagem emergentes – Nuvem de Palavras.....	85
5.1.3 A conexidade entre Viagem, Gente e Conhecer – Análise de Similitude.....	86
5.1.4 Análise de especificidades: Faixa etária e Estado civil.....	90
5.1.5 Classificação Hierárquica Descendente – Classes de Palavras.....	91
5.1.6 Discussão dos resultados qualitativos	96
5.2 Etapa Quantitativa	100
5.2.1 Caracterização da amostra	100
5.2.2 Tratamentos iniciais dos dados.....	101
5.2.3 Análise descritiva	102
5.2.4 Análise Fatorial Exploratória	104
5.2.5 Análise Fatorial Confirmatória.....	109
5.2.6 Modelagem por equação estrutural.....	114
5.2.7 Discussão dos Resultados Quantitativos	122
6. CONCLUSÕES	134
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	140
8. ANEXOS.....	165
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO DE PESQUISA.	165
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) SOBRE USO DE AMBIENTE VIRTUAL – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.	170

1. INTRODUÇÃO

1.1 Tema da pesquisa

Em uma denominada economia de experiência os consumidores estão em busca de viver experiências e não apenas adquirir um produto ou um serviço para consumo (GOSLING et. al.; 2016; COELHO, 2017). Dentre as atividades de experiência possíveis, a experiência turística é uma atividade que tem como papel incentivar os indivíduos a vivenciar experiências a favor de seu próprio bem-estar.

Constituída em função do turista (KIM; JAMAL, 2007) por meio de uma ruptura no estado do cotidiano, a experiência turística diz respeito a vivência do turista em evento característico que começa antes, durante, e, após a uma viagem de turismo (RITCHIE et.al., 2011). A base para as experiências turísticas, ou seja, a viagem de turismo desencadeia o processo de vivência de experiência, que, conseqüentemente gera emoções e percepções cognitivas de prazer e/ou desconforto (SCHIMITT, 2000), e conduz o indivíduo a um estado emocional e cognitivo (HERNNES, 2002; PEZZI, SANTOS, 2012).

A experiência turística é, portanto, uma vivência pessoal condicionada por uma viagem de turismo e as interações tácitas e não tácitas vividas (LARSEN, 2007; MORGAN, 2010; LEE, 2015), sendo construídas mediante a percepção subjetiva e o envolvimento do turista (SERVIDIO; RUFFOLO, 2016). Portanto, a experiência turística está sob influência de fatores externos (ambientais, socioculturais, psicológicos) (URIELY, 2005; RITCHIE; HUDSON, 2009; QUINLAN-CUTLER; CARMICHAEL, 2010; WALLS et. al., 2011; PACKER; SUTHERLAND, 2011; MONDO; GÂNDARA, 2017) e internos (sensoriais, cognitivos e emocionais) do turista que subjugam a sua percepção e comportamento (TSAI, 2016; PACKER; SUTHERLAND, 2011; MONDO; GÂNDARA, 2017; PEDRO, 2020).

No entanto, o turismo é uma atividade econômica bastante sensível a alterações situacionais ocasionadas por eventos externos de natureza diversa (TITO; DE ARAÚJO, 2019). Como exemplo, estudos no turismo associam oscilações cambiais, instabilidades sazonais, ataques terroristas, crises econômicas e doenças infecciosas a crises no setor do turismo, tendo como principal resultado a retração da experiência turística (ALIPERTI et. al., 2019; CRÓ; MARTINS, 2017; KUO; CHEN; TSENG; JU; HUANG, 2008; SIO-CHONG; SO, 2020; SONG, LIVAT; YE, 2019).

No final de dezembro de 2019 foi identificada uma nova síndrome respiratória (Coronavirus Disease 2019 – COVID-19), causada pelo vírus Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2, comumente chamada de SARS-CoV-2 (HUANG et. al., 2020; LI et. al., 2020; WANG et. al., 2020b; WU et. al., 2020). Vários países adotaram o isolamento social como medida para reduzir a dispersão do vírus (World Health Organization [WHO], 2020). O incentivo à experiência turística foi cerceado devido ao fechamento de fronteiras e às restrições de viagem impostas (CHINAZZI et. al., 2020; UNWTO, 2020; AL JAZEERA, 2020), o que estabeleceu um estado de restrição à experiência turística. A partir da causa da crise no turismo, a restrição à experiência turística pode ser relacionada a consequentes elementos de natureza sócio psicológicas emergentes no turista.

Os elementos sociopsicológicos diz respeito a dimensões que não dependem exclusivamente dos indivíduos, e que mantém ligação com o contexto socioambiental emergente. São qualificados como fenômenos de domínio psicossocial que se caracterizam ao mesmo tempo como "sociais" e "psicológicos". Nesse sentido, elementos de natureza sócio psicológicas correspondem a dimensões abstraídas de sentidos e emoções dos indivíduos que são relacionados com o ambiente (SANTOS RIBEIRO; CANAS; FERREIRA, 2021). E ao mesmo tempo, são pautados em condições sócio psicológicas produzidas por meio dos aspectos emocionais, cognitivos e sensoriais fundamentados nas interações sociais, interpessoais e instituições dos indivíduos (PAIVA, 2013).

O fenômeno da restrição de experiência turística envolve mudanças na rotina, perda de liberdade e interrupção de atividade positiva para o turista, comumente associada, na literatura, ao bem-estar subjetivo (DESCLAUX; BADJI; NDIONE; SOW, 2017; JEONG et. al., 2016, WANG et. al., 2020a). Assim, dada a percepção e comportamento do turista com hábito de viagem e o contexto de restrição à experiência turística, a relação positiva entre experiência turística e bem-estar (CHEN; PETRICK, 2013; CHEN; PETRICK; SHAHVALI, 2016; GAO; KERSTETTER, 2018; GILL; PACKER; BALLANTYNE, 2019; MCCABE; JOHNSON, 2013; UYSAL; SIRGY; WOO; KIM, 2016), pode ser considerada inversamente: a restrição à experiência turística pode trazer reflexos negativos no bem-estar do turista com hábito de viagem.

No entanto, não é somente o bem-estar subjetivo que pode considerado como um elemento sociopsicológico relacionado à restrição a experiência turística. Visto as restrições de viagem impostas, o desejo de viajar do turista com hábito de viagem passa a ser um evento

cognitivo-emocional constituído por propriedades aversivas ou de incentivo, experimentadas quando o turista que deseja viajar não pode fazê-lo por razões além de seu controle (MITEV; IRIMIÁS, 2020). O desejo de viagem denominado *craving travel* revela, então, outra relação conflituosa com o fenômeno da restrição à experiência turística.

A relação conflituosa entre a restrição a experiência turística, o bem-estar e desejo de viajar emerge o papel do eminente risco percebido à saúde, no que diz respeito à restrição à experiência turística e a relação possível entre esses elementos sociopsicológicos. Os riscos no turismo associados a terrorismo, guerra, instabilidade social ou problemas de saúde podem levar os turistas a evitar uma determinada região, mas ao mesmo tempo pode mitigar o comportamento turístico devido ao risco percebido do turista (WEINSTEIN et. al., 2007; ARAGONES; TALAYERO; OLIVUS, 2010; TAN; CAPONECCHIA, 2020). Isso revela que o comportamento frente ao risco parece não ser tão linear como a princípio pode-se pensar (MOURA et. al, 2018; FALEIRO et. al, 2017).

O risco percebido é racionalizado de acordo com as experiências anteriores dos turistas, seus níveis de familiaridade com eventos semelhantes, seus comportamentos de busca de novidades (SHARIFPOUR et. al., 2014), suas orientações culturais em comparação com as do destino (REISINGER; MAVONDO, 2006), bem como, os efeitos causados por uma crise turística, o que influencia o comportamento frente ao risco (KHAN et. al. 2019; LEUNG et. al., 2011).

A partir do descrito, faz importante compreender o fenômeno da restrição à experiência turística e os elementos sociopsicológicos circundantes a ele, visto que tais associações podem condicionar a intenção de viagem e o comportamento do turista. Quando se trata de turistas com hábito de viagem, a verificação da suscetibilidade do turista aos elementos sociopsicológicos relacionados à restrição a experiência turística, pode produzir insights à gestão do turismo para a mitigação da crise. Uma vez que a experiência turística é baseada em um processo fisiológico sensorial, emocional relacionado à perspectiva de experiências passadas e expectativas de experiências futuras (PEDRO, 2020; HASLWANTER et. al., 2013; EKMAN, 2017; REYBROUCK; EEROLA, 2017; SQUIRE; DEDE, 2015; TODD et. al., 2013).

Tendo em vista esse panorama e uma possibilidade de problema de pesquisa, estabelece-se a seguinte questão: em tempos de isolamento social, quais as relações existentes

entre a restrição à experiência turística, bem-estar subjetivo, desejo de viajar, percepção de risco à saúde e intenção de viajar?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

A partir da pergunta de pesquisa desenvolvida, o objetivo geral da pesquisa em questão pode ser descrito da seguinte forma:

- Observar, por meio de um modelo explicativo, as relações existentes entre a restrição a experiência turística, bem-estar subjetivo, desejo de viajar, percepção de risco à saúde e intenção de viajar.

1.2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos, para o alcance do objetivo geral, podem ser categorizados nas seguintes ações de desenvolvimento da pesquisa.

- a) Compreender a Restrição de Experiência Turística e os aspectos sociopsicológicos circundantes ao fenômeno na visão de sujeitos com hábitos de viagem;
- b) Identificar e analisar a relação entre a Restrição, a Experiência Turística e as dimensões sociopsicológicas (Bem-estar Subjetivo, Desejo de Viajar, Risco Percebido à Saúde e Intenção de Viajar) circundantes ao fenômeno.

1.3 Justificativa

O contexto de isolamento social no qual a pesquisa pretende se apoiar é uma justificativa inicial plausível para o desenvolvimento do estudo, devido à contemporaneidade do tema e a tentativa de relacionar os efeitos da restrição a experiência turística (não viagem) com os elementos propostos – bem-estar subjetivo, desejo de viajar, risco percebido a saúde e intenção de viajar – nesse período de retração das atividades turísticas. A plausibilidade está em algumas reflexões a respeito do turismo e sua característica marcante de retratibilidade situacional (BENI, 2020).

O Turismo, mais do que qualquer outro setor da economia, apresenta uma característica de extrema sensibilidade à alteração situacional, sendo extremamente retrátil a oscilações de taxa de câmbio, flutuações sazonais da demanda, riscos meteorológicos, geológicos, convulsões sociais, instabilidade política, terrorismo e riscos epidêmicos e

pandêmicos que comprometam a saúde pública, como o recente surto do COVID-19. O tráfego turístico mundial já enfrentou, num passado não muito distante, a epidemia da SARS - também conhecida por Gripe Asiática - com uma discreta retração, porém nada semelhante ao que estamos enfrentando no presente (BENI, 2020, p.3), o que reforça a necessidade de compreender o impacto de fenômenos externos no turismo no presente e para o futuro.

Outra razão consiste no impacto econômico e de consumo que o setor do turismo traz, de acordo com Beni (2020) o turismo de 2010 até 2019 chegou a índices altíssimos de atividades no que diz respeito à produção social e econômica. Como dados, no período pré-pandemia o tráfego turístico receptivo mundial em 2019 foi de 1.645.9 bilhões, só a América do Norte com 149 milhões de turistas e na Europa com 681,9 milhões, os dois representando mais de 60% do tráfego mundial. América do Sul com 140 milhões e o Brasil com 0,76%, ou seja, 7 milhões de chegadas.

Em 2019, brasileiros gastaram no exterior cerca de US\$ 19 bilhões, enquanto nosso receptivo internacional contribuiu com US\$ 5,8 bilhões. Isso representa um déficit de US\$13 bilhões. Enquanto nosso tráfego doméstico foi 84.637 milhões. A contribuição do Turismo à economia global representa 129 milhões de postos de trabalho diretos e indiretos e é de US\$ 8,7 trilhões (BENI, 2020, p.8-9).

No entanto, a restrição à experiência turística causada pela pandemia da Covid-19 trouxe um impacto negativo ao setor do turismo. De acordo com a OMT, as chegadas internacionais de turismo obtiveram previsões de margem de queda entre 60 a 80% em 2020, quando comparadas aos valores de 2019, tais previsões resultariam em perdas de receitas que poderão variar entre 910 bilhões e 1,2 trilhões de dólares (DANIEL; FERNANDES, 2020).

Tomé (2020), segundo boletim de junho/2020 da OIT, mostra estimativas que evidenciam as perdas de horas de trabalho durante o primeiro semestre de 2020 que resultou em desemprego, especialmente nos países em desenvolvimento. Durante o primeiro trimestre do ano, cerca de 5,4% das horas de trabalho globais (equivalente a 155 milhões de empregos em tempo integral) foram perdidas em relação ao quarto trimestre de 2019.

No contexto nacional, Moreira, Costa e Kalaoum (2022) realizaram um estudo de caso da empresa CVC Brasil Operadora e Agência de Viagens na cidade do Rio de Janeiro (RJ), buscando analisar os prejuízos causados em sua operação. Os autores mostraram que o impacto da pandemia foi de grandes proporções, levando, inclusive, ao fechamento de mais de 20 lojas da rede de franqueados da empresa analisada. E concluem que além das perdas

econômicas no setor, os agentes de viagens também foram afetados por meio da precarização do trabalho e a perda de direitos trabalhistas devido à alteração de formas de contrato de trabalho (MOREIRA; COSTA; KALAOUM, 2022).

Neves et. al. (2021) mensuraram os impactos da pandemia sobre as viagens e o turismo na perspectiva dos consumidores brasileiros que estavam viajando ou pretendiam viajar a época da expansão do colapso sanitária mundial e apontam que 69,51% dos respondentes foram diretamente impactados pela pandemia, com altos níveis de interferência, resultando no adiamento das viagens.

De forma geral, no que diz respeito a um pensamento estratégico de curto e longo prazo, o estudo desenvolvido pode vir a contribuir com a compreensão do fenômeno de restrição a experiência turística na perspectiva do turista e da intenção de retorno às atividades do turista. Assim pode vir a contribuir estrategicamente com o setor de gestão do turismo mediante as relações estabelecidas entre a restrição de viagem e os elementos sociopsicológicos que podem impactar o turista e condicionar seu comportamento.

Nesse sentido, verifica-se que a restrição à experiência turística resultou em inúmeros problemas de natureza sociopsicológicas para o turista. Clerici (2022) aponta que muitas doenças se agravaram nas populações, como depressão, ansiedade e ganho excessivo de peso. E mais, a autora concluiu-se que o turismo que incentiva o bem-estar será de suma importância na vida das pessoas, pois nunca foi tão necessário cuidar do corpo e da mente, e todas as viagens que oferecem locais e esses serviços serão buscados (CLERICI; 2022).

No entanto, a situação atual do setor do turismo e seu retorno requer medidas por parte das instituições públicas e privadas, no que diz respeito a incentivos e gestão do novo normal para o turismo. Em uma esfera federal, estadual e municipal, Clemente et.al. (2020) identificaram o impacto econômico representativo com a queda no fluxo de turistas, redução na movimentação de aeroportos e de rodoviárias, assim como cancelamento e adiamento de viagens, feiras e eventos e as políticas públicas para manutenção do setor de turismo. Dentre as políticas públicas desenvolvidas estão principalmente aquelas com orientações de como lidar com a pandemia, a implantação de quarentena, o isolamento social, os programas de subsídio à população e de crédito às pequenas e médias empresas do turismo, sendo o desafio pensar em políticas coordenadas e integradas com as diferentes esferas de governo, pensadas em curto, longo e médio prazo (CLEMENTE et. al, 2020).

Souza (2021) desenvolveu um estudo que discute o papel do Estado na mitigação dos impactos da pandemia no setor turístico, analisando-se as políticas públicas adotadas e características como: esfera política, contexto, abrangência, conteúdo e critérios para efetivação. A autora mostra que as políticas públicas formuladas pelo governo são de caráter estrutural, com foco na manutenção de emprego e renda para empresários e trabalhadores de segmentos específicos da cadeia produtiva; conjuntural/emergencial, portanto, restritas ao período da pandemia; e regulatórias, normatizando protocolos de segurança e prevenção da COVID-19 durante o processo de retomada da economia (SOUZA, 2021).

Mas mesmo com toda essa expectativa do setor de turismo e o papel da gestão pública, caberá ao setor e a todos os envolvidos na atividade turística buscar protocolos de segurança, pessoal cada vez mais treinado e capacitado e campanhas de marketing para voltar a reaquecer esse mercado que é um dos mais promissores do segmento.

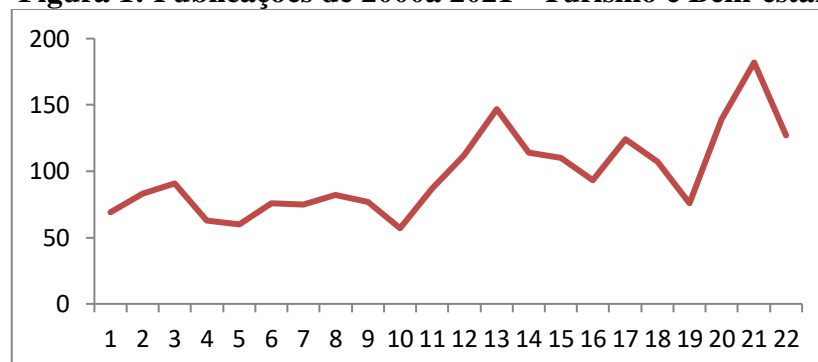
Nesse sentido, o setor de gestão, o turismo, Galvão (2022) analisaram como as agências de viagens de Natal têm inovado seus roteiros turísticos mediante a pandemia de COVID-19. Os resultados mostram que as práticas de inovação no serviço prestado pelas agências têm se apoiado na tecnologia, que durante o estado pandêmico foi visto como um instrumento que proporciona a expansão dos casos estudados, causando melhora em vendas e modos de operação dos serviços turísticos (GALVÃO, 2022). Lima, Mecca e Santos trazem evidência de que a inovação dos roteiros turísticos, a resiliência de gestores locais e regional pode ser considerada o ponto forte rumo à reinvenção da experiência turística (LIMA; MECCA; SANTOS, 2022). Assim, percebe-se que o ponto de incentivo por parte da gestão pública e de rearranjo por parte da gestão do turismo, pauta-se nas novas necessidades de consumo do turista no cenário atual (MAFRA; DANTAS, 2022).

Tendo desenvolvido tal ponto de vista, essa pesquisa pode contribuir com razões futuras para incentivos conscientes por parte de esferas públicas, privadas e do terceiro setor que possam vir a ter acesso às contribuições pretendidas nesse estudo, e do mesmo modo contribuir a própria gestão do turismo, uma vez que esse estudo pretende fazer uma descrição do comportamento do turista. Portanto, pode contribuir com o que deve ser prioridade para a gestão e o que é relevante para o desenvolvimento de políticas públicas, visto que o fim da cadeia de consumo é o consumidor. Pode-se pensar nesse momento que tal pensamento é um tanto demasiado e pretensioso, no entanto, a ciência é feita de pequenas contribuições. Essa pesquisa se constrói como uma pequena contribuição em um grande ecossistema.

No entanto, além da razão mais amplas apresentadas e relacionadas ao setor de turismo e consumo, elaborou-se uma busca em algumas bases de dados, de modo a observar como os construtos propostos, principalmente o bem-estar subjetivo e percepção de risco estão sendo considerado no campo do turismo. Assim, de acordo com um escopo definido, elaboraram-se os critérios de busca e definiram-se as seguintes bases de dados: *Science Direct (Tourism Management e os Annals Tourism of Research)*, ou seja, uma base de dados que me proporcionasse resultados relacionados diretamente com o turismo.

Especificamente, essa proposta de pesquisa busca contribuir com o campo do turismo e investigar as experiências turísticas e suas relações com os construtos propostos – bem-estar, desejo de viajar, risco percebido a saúde e intenção de viajar – assim, tratar o Turismo de forma interdisciplinar e trazer contribuições relevantes para o momento atual, tanto gerencial quanto acadêmico. Essa possibilidade de contribuição é justificada ao observar as publicações da *Tourism Management e Annals Tourism of Research*, presentes na *Science Direct* na última década, que são referências para compreender a condução da pesquisa científica no campo do turismo.

Figura 1: Publicações de 2000a 2021 - Turismo e Bem-estar



Fonte: Elaborado por autor (2021)

O volume de publicações que faz uma relação entre atividades turísticas e bem-estar, no cenário internacional, nos dois bancos de dados são expansivos. Divididos entre as categorias artigos de revisão (81), artigos de pesquisa (2.077), resumos de conferências (157), resenhas de livros (597), informações da conferência (89), correspondência (3), discussão (83), editoriais (34), relatórios de patentes (1), avaliações do produto (1), comunicações curtas (505) e outros (142), o volume publicado chega a 3077.

Na Figura 1, é possível observar que as publicações foram crescentes a partir de meados dos anos 2000 (representado pelo nº 1), com pequena queda acentuada nos últimos anos, até o ano de 2021 (representado pelo nº 22). O caminho inicial dessas publicações de

artigos de revisão e artigos publicados teve como foco a aproximação entre experiência turística e bem-estar, desenvolvendo as bases de ligação teóricas entre esses construtos (CLARKE, 2009; MURA; KHOO-LATTIMORE, 2011).

As publicações realizadas a partir da década de 2010 estabelecem uma relação entre experiência turística e bem-estar comumente aceita, e para além caminha para o desenvolvimento de uma teoria, o turismo positivo (SHAHVALI; POGREBTSOVA, 2018). No entanto, esse caminho de aproximação é construído, também, por críticas quanto ao modo que essa relação é abordada por parte da pesquisa empírica (NAWIJN, 2016; FILEP, 2016; NAWIJN; FILEP, 2016;) que muito contribui para o avanço da pesquisa.

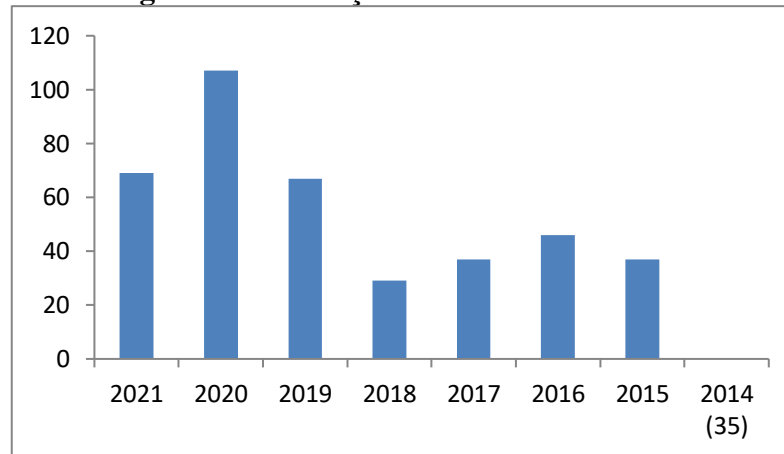
Esse avanço tem levado ao surgimento das pesquisas eudaimônicas, no qual o foco dos estudos gira em torno do alcance da felicidade por meio de experiências de significado e propósito, como no campo do turismo social (MCCABE; JONHSON, 2013; PYKE; PYKE; WATUWA, 2019, VENTO *et. al.*; 2020; VENTO; KOMPPULA, 2020). Contudo, é possível observar que a experiência turística contida nas publicações é marcada pelo ato de viajar, estando esse fator indiretamente presente na maioria das publicações e diretamente relacionada com o bem-estar em algumas outras publicações (MOAL-ULVOAS, 2017; WANG, 2017).

Apesar da relação entre bem-estar e experiência turística ser verificada e resultar em um avanço teórico e empírico no campo do turismo (SHAHVALI; POGREBTSOVA, 2018), a ausência da experiência turística é um campo periférico ainda a ser desbravado, pois quando se utiliza termos de pesquisa como *no travel* e *absence of tourist experience*, nos bancos de busca citados, as buscas não apresentam nenhum resultado. Da mesma forma ocorre com a utilização desses termos de busca na base de dados da *Scopus*, o que pode ser indicativo de uma lacuna. Portanto, esse estudo pretende explorar a relação entre esses fatores no contexto de isolamento social vivido no momento, visto que devido uma forma de contenção nos cenários de doenças infecciosas é a restrição de viagem, o que evidencia seu impacto no turismo. Assim, investigar possíveis consequentes desse impacto pode ser eficaz para compreender o comportamento do turista nesse momento atípico.

A percepção de risco e o turismo, também, podem ser uma relação plausível de observação. Ao lançar o termo de busca *risk* nos bancos de dados de escolha – *Tourism Management* e *Annals Tourism of Research* – para observar as aproximações entre os temas, vê-se que no ano de 2015 a 2021, os últimos três anos abriram uma janela de pesquisa quanto

a relação entre os temas, como se observa na Figura 2, o que provavelmente tem relação com o contexto de crise que o turismo vive.

Figura 2: Publicações sobre risco e turismo



Fonte: Elaborado por autor (2021)

Quando se usa o termo de busca *perceived risk* observa-se que os estudos desenvolvidos no turismo são caracterizados por estudos práticos, de acordo com o que se vê publicado nas categorias artigos de revisão (7), artigos de pesquisa (560), resenhas de livros (16), informações da conferência (5), discussão (9), editoriais (4), comunicações curtas (42), outro (12).

De forma sucinta pode-se dizer que quando há risco percebido é considerado no turismo que a maioria dos estudos gira em torno da tomada de decisão, ou seja, em desenvolver ou não a atividade turística, mediante aos custos financeiros, sociais, psicológicos e a saúde dos indivíduos (SÖNMEZ; GRAEFE, 1998; WONG; YEH, 2009; QIU; PARK; LI; SONG, 2020; RITCHIE; JIANG, 2019), e alguns estudos que busca observar os riscos para a indústria (GARRIGÓS-SIMÓN *et. al.*, 2008; SANO; SANO, 2019; LI; FENG; LI; SUN, 2020).

No entanto, quando se trata de estudos sobre crises de grande escala no turismo, como desastres e pandemias, os estudos são quase inexistentes na *Tourism Management e Annals Tourism of Research* (52 artigos no período de 2015-2021), sendo esses normalmente voltados a estratégias de gestão para lidar com a crise no turismo (REDDY; BOYD; NICA, 2020) descrever mudanças de comportamento do turista (BULCHAND-GIDUMAL; MELIÁN-GONZÁLEZ, 2021; MERTZANIS; PAPASTATHOPOULOS, 2021) e desenvolver reflexões teóricas (WOLF; LARSEN; ØGAARD, 2019; ZHANG; SONG; WEN; LIU, 2021; SEMBADA; KALANTARI, 2020).

A produção acadêmica da base de dados da *Scopus* tem similaridade com o que foi observado como característica nas publicações sobre crise no turismo da *Tourism Management* e *Annals Tourism of Research*. Diante de uma busca do mesmo termo (*tourism crisis*) foram encontradas 55 publicações, e todas, sem exceção, voltadas à gestão de crise no turismo.

Jiang, Ritchie e Benckendorf (2017), em um estudo bibliométrico, apontam que a maioria dos artigos sobre crises no turismo compreende estudos de caso de crises ou desastres específicos. E, como argumentado por Ritchie, Mair e Walters (2014), comumente os estudos de caso não exploram com detalhes os fenômenos. Percebe-se então a necessidade de estudos que verifiquem melhor o fenômeno de crise empiricamente, e não somente a gestão, de modo a fornecer informações apuradas a gestão do turismo, e não somente estudos que desenvolvam estratégias para lidar com o fenômeno de crise (JIANG; RITCHIE; BENCKENDORFF, 2017; RITCHIE; JIANG, 2019).

Outra justificativa plausível, quanto à importância de desenvolver o estudo proposto diz respeito à presença do construto *craving travel*, que evidencia um desejo de viagem conflituoso, em contexto de restrição, no qual este não é necessariamente positivo e está vinculado a determinado risco. Mitev e Irimiás (2020) são os precursores desse conceito, porém tem como foco o desenvolvimento de uma escala a ser aplicada. Contudo, o projeto aqui proposto busca ir além, ao propor uma relação do *craving travel* com outros construtos e verificar seu impacto em determinado fenômeno.

Para além, a pesquisa justifica-se ao propor identificar relações que propõe associar fatores que podem dimensionar o comportamento do turista e sua tomada de decisão. Dado o contexto de restrição de viagem, identificar as dimensões que produzem associações diretas no comportamento de viagem do turista faz-se importante a gestão do turismo. Compreender o papel do bem-estar, do desejo de viajar e do risco percebido a saúde podem produzir insights ao setor do turismo e conduzir estratégias de marketing para construção de proposições de valor, que podem conduzir a demanda e retomada das experiências turísticas, após estabilização da causa crise.

Diante do exposto entende-se que o projeto de estudo proposto apresenta uma relevância tanto gerencial como acadêmica, por se propor como um estudo exploratório, empírico a fim de explorar o fenômeno da restrição à experiência turística em tempos de pandemia, bem como seus consequentes no comportamento do turista.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Experiência Turística

2.1.1 As abordagens antropológica e mercadológica

Existem inúmeras abordagens teóricas acerca do fenômeno turístico, e isso ocorre devido à influência de diversas áreas do conhecimento – Economia, Filosofia, Geografia, a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia – no que diz respeito à compreensão e a extensa disciplinaridade do fenômeno (JAFARI, 2005; PANOSSO NETTO, 2008; SONAGLIO *et al.*, 2013; SIGALA, 2018). Enquanto um campo interdisciplinar de produção do conhecimento, o fenômeno turístico está ligado ao estudo da experiência turística (CAMPODÓNICO; CHALAR, 2017; BOLZÁN, 2020).

Entretanto, de acordo com a literatura, os estudos da experiência turística caminham por duas vertentes: a primeira por uma linha existencialista e fenomenológica, a segunda acompanha a perspectiva do processo de gestão do turismo (BOLZÁN, 2020). Assim, é possível dizer que os estudos de experiência turística, de acordo com o caminho percorrido, traz luz a uma ou outra vertente.

A vertente existencialista e fenomenológica busca, em um primeiro momento, compreender a natureza das experiências turísticas. Nessa perspectiva, Boorstin (1964) e sua ideia de autenticidade realça a importância de viagens reais frente ao crescimento de turismo de massa, e insere um conceito de autenticidade do destino em relação à experiência turística. MacCannell (1973) avança um pouco mais e relaciona a autenticidade das experiências vividas com a satisfação de turistas. Cohen (1979) argumentou que a autenticidade é fluida, ou emergente, incluindo o caráter dinâmico das experiências, visto que as culturas e sociedades mudam ao longo do tempo, ao contrário do estado primitivo e estático que MacCannell implicava. Portanto, os argumentos conceituais sobre a natureza das experiências turísticas iniciaram em torno da autenticidade da experiência turística e do destino turístico (COHEN, 1988; MACCANNELL, 1976).

Cohen (1979), no entanto, aprofunda a compreensão da experiência do turismo e salienta que as motivações de viagem por si só não descrevem completamente os comportamentos dos turistas em busca de experiências. Para o autor, a experiência de turismo é dependente da visão total de mundo do turista, e da relação entre o destino e a sociedade a qual o turista pertence (COHEN, 1979). Nesse sentido, Cui, Liao e Xu (2017) reforçam a ideia de que a experiência apresenta uma forte relação com o estudo da cultura e que,

dependendo das formas, contextos e práticas culturais associadas a cada turista, a construção da experiência pode apresentar diferentes influências e impactos.

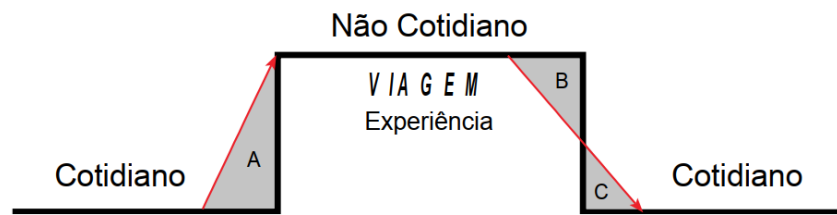
Wang (1999), se distanciando mais do eixo conceitual da autenticidade da experiência ou destino, postulou a autenticidade existencial como um ponto-chave à experiência turística. Para o autor, esse tipo de experiência não é baseado em objetos, mas sim em sentimentos pessoais envolvidos nas atividades (WANG, 1999), sendo a experiência turística constituída em função do self (KIM; JAMAL, 2007).

Ritchie *et. al.*, (2011) aprofundando na compreensão dessa função na experiência turística definem a experiência turística como uma avaliação subjetiva de um indivíduo e a realização (ou seja, afetiva, cognitiva e comportamental) de eventos relacionados às suas atividades turísticas que começam antes (planejamento e preparação), durante (no destino), e após a viagem (recolhimento) (RITCHIE *et.al.*, 2011). Nesse momento, o turismo se aproxima de um diferente conceito que insere claramente o olhar do turista como eixo conceitual paralelo ao da autenticidade (URRY, 1990).

Estudos como o de Turner e Bruner (1986) trouxeram contribuições à abordagem existencial do turista, ao explorar o papel ativo do ser turista na etimologia da palavra “experiência”, que, dentro de seu campo lexical, significa “tentar, aventurar-se, correr riscos” e “passar por”.

A partir dessa perspectiva filosófico-antropológica, difundida nos estudos sobre a Antropologia da Experiência (DILTHEY, 1976; TURNER; BRUNER, 1986), o conceito de experiência é entendido como rito de passagem do profano ou ordinário para o sacro ou extraordinário, diferenciando a experiência turística do cotidiano num processo liminóide (JAFARI, 1987). Pezzi e Santos (2012) aproximam esse conceito de experiência com o ato de viajar, e permite evidenciar a importância da experiência turística como uma experiência de transformação pessoal por meio da separação ou ruptura; margem ou liminar e reagregação ou reincorporação.

Figura 3: Rito de passagem turística



Fonte: Pezzi e Santos (2011)

Van Gennep, (2011) também comenta que os ritos têm em si a ideia de que a pessoa sai de um mundo anterior e entra em um novo mundo. Dentro da perspectiva existencialista e fenomenológica, o interesse das experiências turísticas consiste em explorar a atividade turística por meio do homem enquanto ser que a vivencia, conforme unidades estruturadas e processuais de experiência que os turistas expressam (TURNER; BRUNER, 1986).

Por sua vez, a abordagem dos processos de gestão no turismo é uma vertente que marca, também, os estudos do turismo, abarcados pela Economia da Experiência, Marketing Experiencial e Administração. A partir de obras como a “Sociedade dos Sonhos” (JENSEN, 1999), “Marketing Experiencial” (SCHMITT, 1999) e, sobretudo, a “Economia da Experiência” (PINE II; GILMORE, 1999), os estudos do turismo abraça de vez a perspectiva da experiência, de forma vinculada ao ímpeto dos processos de produção e consumo do século XXI (BOLZÁN, 2020).

As emoções, nessa perspectiva, são consideradas como o foco no estudo do turismo – emoções, experiências sensoriais, materialidades, gênero, ética, autenticação – e uma direção emergente (BUDA; D'HAUTESERRE; JOHNSTON, 2014; COHEN; COHEN, 2019), devido ao crescente interesse na relação entre emoções e experiências turísticas (TUNG; RITCHIE, 2011; STERCHELE, 2019).

Nesse sentido, enquanto Jensen (1999) aborda as emoções desde a perspectiva da comunicação, Schmitt (1999) foca seus estudos no planejamento estratégico e gestão de experiências emocionais de consumo dos clientes. Pine II e Gilmore (1999), por sua parte, busca superar a economia de bens e serviços ao compreender a experiência por meio de uma perspectiva de gestão. A experiência é dada como uma oferta de valor econômico distinto e superior em relação aos serviços, os quais, por sua vez, se diferenciam dos bens de consumo industrializados tangíveis e, esses últimos, das commodities ou matéria-prima genérica, por suas características únicas, pessoais e memoráveis (PINE II; GILMORE, 1998).

Ferrell e Hartline (2009) afirmam que as experiências turísticas suscitam numerosas sensações que resultam em emoções deslumbrantes aos consumidores. Lindstrom (2007) demonstra que o caminho da criação de valor e da fidelização dos clientes para a organização está em estratégias que ativem os cinco sentidos no momento de uma experiência. Assim, organizações que despertam sentidos geram cliente emocionalmente engajados (LINDSTROM, 2007).

A abordagem dos processos de gestão no turismo parte do princípio que o turista não pode ser visto como um consumidor passivo, contudo o consumidor deve ser visto como cocriador (PANOSSO NETO, 2014), devido à natureza altamente pessoal da experiência turística. A experiência turística é vista como o estado mental subjetivo sentido pelos turistas durante um encontro de serviço turístico (OTTO; RITCHIE, 1996). Portanto, esse estado tem uma influência importante em suas avaliações e satisfação (OTTO; RITCHIE, 1996), bem como na lealdade subsequente (ZOMERDIJK; VOSS, 2010).

Todavia, apesar do campo dos estudos de experiências turísticas passarem por um processo de evolução quanto a sua compreensão, é possível perceber que as abordagens descritas ocorrem de forma concorrente, e não excludente para dar completude aos aspectos de uma experiência turística e seu papel transformador liminóide (JAFARI, 1987).

Tussyadiah (2014) parece concordar com essa percepção ao indicar dois meios pelos quais a experiência turística pode gerar transformação. O primeiro ocorre no ponto do planejamento estratégico e no fortalecimento de marca e imagem do destino. O segundo ocorre no ponto de design da experiência que evocam a participação dos turistas, permitindo experiências turísticas significativas (TUSSYADIAH, 2014).

Trigo (2010) reforça que experiências turísticas intensas ou completas são aquelas que promovem entretenimento, educação, possibilidade de fuga ou estética que surpreendem o turista ou o espectador. Portanto, a combinação dos fatores relacionados à perplexidade ao destino e a avaliação subjetiva do turista é que superam a banalidade dos aspectos convencionais e triviais de uma viagem, tornando essa atividade em uma experiência turística (TRIGO, 2010; PEZZI; SANTOS, 2012).

Por isso, é necessário agregar valor experiencial por meio de elementos que valorizem a localidade e atores envolvidos no processo turístico (GUZMÁN *et. al.*, 2011). Visto que o turismo entendido como experiência ocorre desde o momento que o ser humano toma a decisão de "ser turista" até o retorno ao cotidiano (PANOSSO NETTO, 2008;

CAMPODÔNICO; CHALAR, 2017). A experiência turística, então, é construída a partir da interação das partes interessadas, dando lugar a uma complexa rede de relações (BRAMWELL; LANE, 2006).

2.1.2 As dimensões da Experiência Turística e seus balizadores

A experiência para o turista é percebida como um processo de vivência diante de uma situação diferente, que gera emoções e percepções cognitivas de prazer e/ou desconforto. (SCHIMITT, 2000). Esse tipo de experiência é dado por uma ruptura no estado do cotidiano, o que leva o indivíduo a um estado emocional significativo (HERNNES, 2002; PEZZI, SANTOS, 2012). Assim, a experiência exige do turista um exercitamento de um papel em trajeto da experiência (PEZZI; VIANNA, 2015; MACIEL, 2010), ou seja, uma vivência emocionalmente significativa que traz ruptura a trajetória comum, entendida no turismo como experiência turística (MACIEL, 2010; PANOSSO NETO, 2010; QUINLANCUTLER; CARMICHAEL, 2010).

A base para as experiências turísticas é a viagem, que é configurada a partir, em primeiro lugar, da escolha do destino, em segundo lugar, das expectativas do rito de preparação da viagem. Em terceiro lugar, tem-se a experiência propriamente dita e, por fim, em quarto lugar, o regresso ao cotidiano (DUARTE, 2012; PEZZI; SANTOS, 2012). E se relaciona, então, a aspectos sociopsicológicos emocionais e cognitivos do turista, ou seja, as percepções e sentimentos suscitados diante do processo da experiência (COELHO; SANTOS, 2013; SCHMITT, 2011).

Frente a essas etapas, a experiência de uma viagem é caracterizada por uma experiência externa e interna do turista (COELHO, 2017). A experiência externa consiste no deslocamento no espaço e no tempo durante todo o processo de viagem (BENI, 2004; PANOSSO NETO, 2007), e proporciona ao turista um contraste sócio espacial, marcado pelo não cotidiano. A experiência interna relaciona-se com o imaginário, a intelectualidade e as emoções, frente à experiência turística (BENI, 2004; COELHO, 2017).

Para Pine e Gilmore (1998) a experiência turística é dada como fenômeno de caráter subjetivo que engloba as respostas de níveis emocional, espiritual, intelectual e físico. Vários estudiosos examinam a experiência através do prisma da auto-expressão e argumentam que a experiência no turismo melhora competências pessoais e auxilia na formatação da personalidade (MEHMETOGLU; ENGEN, 2011). Tais experiências são especiais e significativas; elas incentivam a criação de valor único e um clima positivo e, portanto,

influenciam os resultados comportamentais favoráveis (SONG; LEE; PARK; HWANG; REISINGER, 2015).

A experiência turística é considerada um serviço procurado pelo turista para estimular suas emoções e habilidades (BRUNNER-SPERDIN; PETERS, 2009). Portanto, a intensidade da experiência serve de critério para a escolha da experiência turística (AYAZLAR; AYAZLAR, 2017; COELHO, 2017), relacionada a dois fatores: características do evento principal ou o destino e as interações tácitas e não tácitas vividas (MORGAN, 2010). Sendo então a experiência turística caracterizada como um evento pessoal, que leva os turistas obterem resultados e significados diferentes de uma mesma experiência (LARSEN, 2007; AYAZLAR, ARSLAN, 2017). Nesse sentido, a experiência turística está condicionada a fatores como a origem dos turistas, as suas crenças, valores e comportamentos que direcionam o turista a um processo consciente de reminiscência e reconstrução (CHEN; RAHMAN, 2018; TSAI, 2016). (KIM *et. al.*, 2012; TUNG; RITCHIE, 2011a, 2011b).

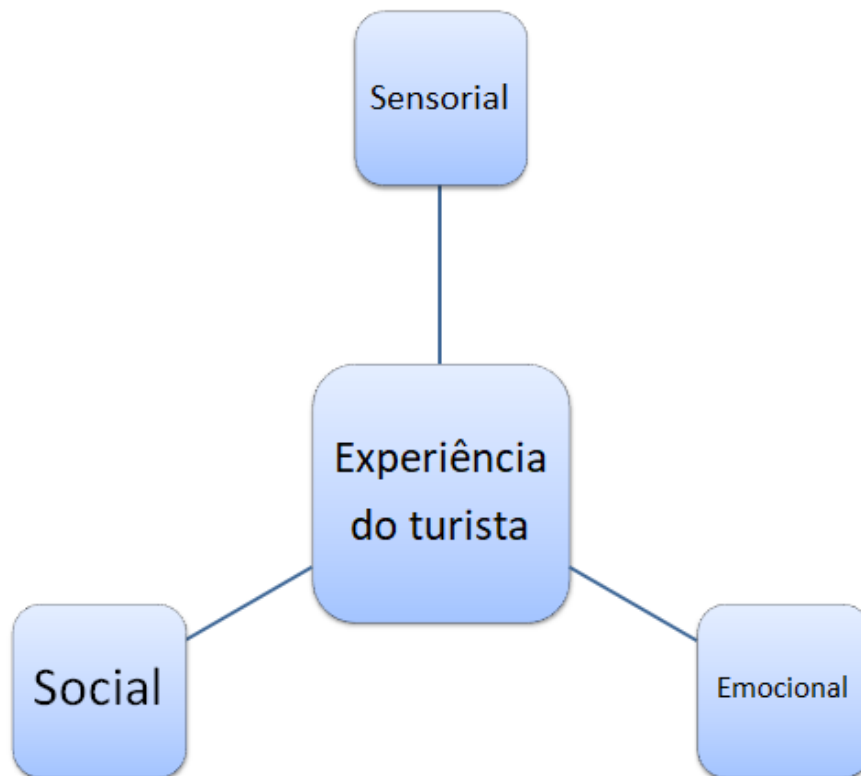
Ballantyne, Packer e Sutherland (2011) e Mondo e Gândara (2017) levam em consideração os sentidos e consideram que a experiência turística se forma por dimensões socioculturais e psicológicas e sua relação com as impressões sensoriais, afinidade emocional, resposta reflexiva e resposta comportamental do turista (BALLANTYNE; PACKER; SUTHERLAND, 2011; MONDO; GÂNDARA, 2017). Já outros autores apontam, também, o fator ambiental como parte integrante da experiência turística (URIELY, 2005; RITCHIE; HUDSON, 2009; QUINLAN-CUTLER; CARMICHAEL, 2010; WALLS *et. al.*, 2011). Sthapit e Coudoumaris (2018) concordam com essas aproximações entre os conceitos, além do mais associam a experiência turística com uma situação de autodescoberta.

Então, é possível dizer que uma experiência turística é aquela que compreende uma vivência pessoal, condicionada por um evento principal (viagem) e as interações tácitas e não tácitas vividas (LARSEN, 2007; MORGAN, 2010; LEE, 2015). Sendo construídas mediante a percepção subjetiva e o envolvimento do turista (SERVIDIO; RUFFOLO, 2016), subjugados a influência de fatores ambientais, socioculturais e psicológicos (URIELY, 2005; RITCHIE; HUDSON, 2009; QUINLAN-CUTLER; CARMICHAEL, 2010; WALLS *et. al.*, 2011; PACKER; SUTHERLAND, 2011; MONDO; GÂNDARA, 2017), suscitados por meio de componentes sensoriais, emocionais e de comportamentos reflexivos (TSAI, 2016; PACKER; SUTHERLAND, 2011; MONDO; GÂNDARA, 2017; PEDRO, 2020).

A experiência turística é um termo que inclui múltiplas interpretações dos componentes sociais e substanciais da experiência global dos turistas durante a sua estadia no

destino (TUSSYADIAH; FESENMAIER, 2007). A experiência turística é fortemente pessoal por natureza e depende de muitos fatores como motivações, emoções, experiências anteriores e características dos turistas (KNOBLOCH; ROBERTSON; AITKEN, 2017). Portanto, diante do exposto até o momento infere-se que a experiência do turista é balizada por fatores de cunho sensorial, social e emocional.

Figura 4: Balizadores da Experiência Turística



Fonte: Stanovcic, Manojlovic, Perovic (2021).

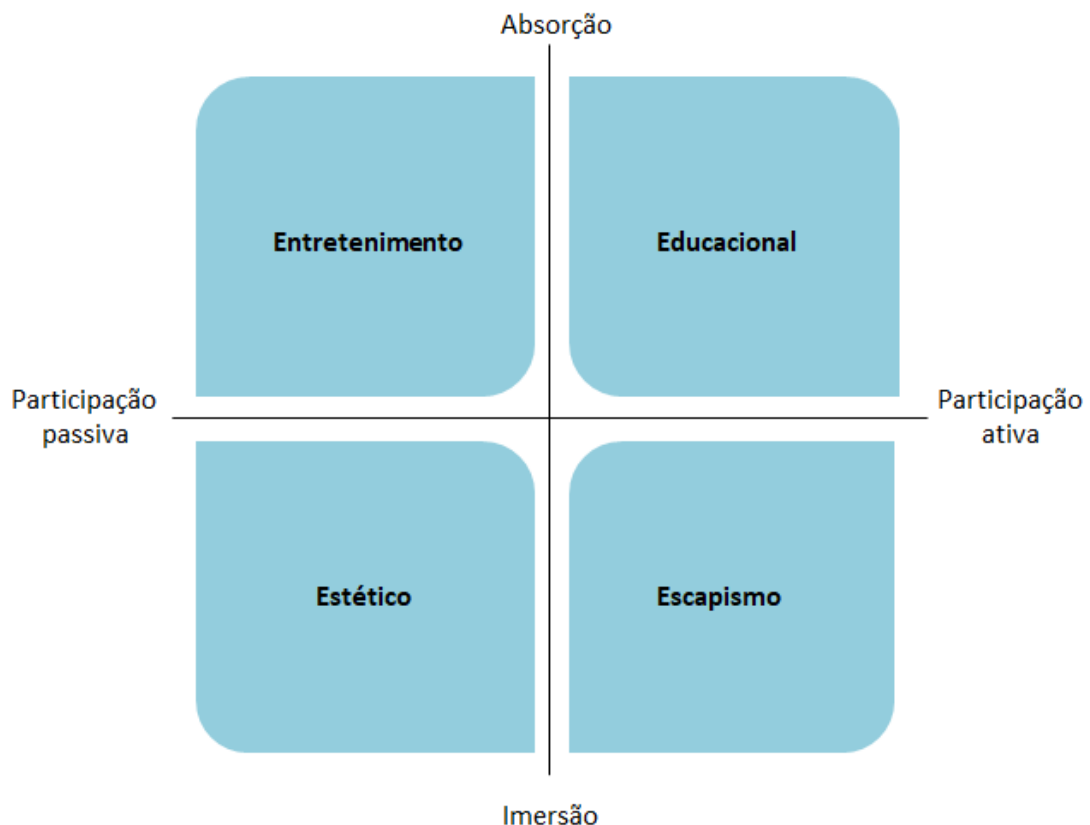
Nesse sentido, Stanovcic, Manojlovic, Perovic (2021) apresentam tais dimensões como componentes subjetivos da experiência do turista. A experiência cognitiva representa o pensamento pessoal e processos mentais conscientes, a experiência comportamental refere-se a reações visíveis de um indivíduo que são estimuladas por momentos intensos (HAVIR, 2017). A experiência sensorial é baseada nos sentidos humanos e emerge de sua interação mútua (HULTEN, 2009). De acordo com Yang e He (2011), a experiência emocional é descrita como humores e emoções que surgem durante uma viagem turística.

A experiência turística deixa de ser um processo de serviço ofertado para ser compreendido como um evento experimentado, mediante a participação do turista (PINE; GILMORE, 1999). Assim, a experiência turística é vista por meio de quatro dimensões principais: Entretenimento, Educacional, Estética e Escapismo que caracterizam o papel do

turista na experiência em dois polos, em cada dimensão (PINE; GILMORE, 1999), vide Figura 5. De acordo com Coelho (2017) esses polos determinam o grau de participação do turista e a relação com o ambiente ou conexão da experiência.

A Participação do Consumidor pode variar entre participação passiva ou ativa. Enquanto a primeira não afeta o evento da experiência, a segunda implica um papel-chave do cliente para a criação do evento produtor da experiência. A Relação Ambiental ou de conexão varia entre a absorção ou imersão da experiência em relação ao ambiente e a conexão com o contexto (COELHO, 2017), como por exemplo, no turismo de intercâmbio o indivíduo é parte integrante da experiência turística podendo ou não interferir no design da experiência mediante uma interferência ativa, sendo absorvido pela experiência turística. Já no turismo cultural o indivíduo entra no design da experiência por um processo imersivo, de maneira ilustrativa pode-se pensar em uma visita no museu (BONILLA; SILVA; ALMEIDA, 2022), no turismo de peregrinação (URRY; LARSEN, 2022).

Figura 5: Dimensões da Experiência Turística e o papel do turista



Fonte: Adaptado de Pine, Gilmore (1999).

Essas dimensões dizem respeito aos relacionamentos desenvolvidos e bem administrados com os turistas e o tipo de experiência vivida, dentro da qual os prestadores de serviços turísticos nas empresas precisam agir como uma organização, não como silos

funcionais, e aprender com cada interação com o turista. Portanto, tais dimensões concentram-se nas motivações do turismo e nos significados que os participantes atribuem às suas experiências à luz da vida cotidiana. Assim, a experiência no turismo reformula o papel do turista, as tipologias da atividade turística, a noção de autenticidade e patrimônio e insere um papel pós modernista ao turismo, constituindo um novo paradigma cultural e consciência social (LASH E URRY 1987; ROJEK 1995; URRY 1990), marcadas pela pluralização e subjetividade da experiência por parte do turista.

Em consonância com a premissa da pluralização, Cohen (1972) vê as tipologias da experiência turística estendida entre a busca do mero prazer de um lado e a busca de significados do outro. Assim, enquanto alguns se interessavam principalmente por atividades meramente relacionadas ao prazer e, portanto, correspondiam ao modo “recreativo” ou “diversão”, outros perseguem significados profundos e se consolidam aos modos “experimentais” ou modos "existenciais" da experiência turística (URIELY; YONAY; SIMCHAI, 2002). Logo, as experiências turísticas são formadas por diversas categorizações que visam captar a variedade existente na prática do turismo (COHEN 1972; KRIPPENDORF 1984; PEARCE 1982; PLOG 1977; SMITH 1978). E mais, construir a diferenciação entre experiências turísticas não institucionalizadas e institucionalizadas, respectivamente (COHEN 1972).

Em consonância com a premissa da subjetividade, a experiência turística é conduzida por meio da negociação subjetiva turística de significados e os objetos exibidos fornecidos pela indústria, sendo essa negociação determinante para a experiência. A dimensão da autenticidade da experiência desponta nesse sentido, e Wickens (2002) mostra que enquanto os turistas caminham entre o comprometimento com o papel individual de turista de massa organizado para eles pela indústria (o objeto fornecido), no entanto, também optam por sair dele e atribuem papéis subjetivos ou microtipos de experiência, remodelando suas experiências turísticas, evidenciando uma autenticidade construtiva (BRUNER 1989; COHEN 1988; HOBBSAWN E RANGER 1983; SALAMONE 1997; SILVER 1993). Conseqüentemente, isso desafia a posição de que a experiência é moldada apenas pela indústria e realizada por consumidores passivos, o que vai de encontro com as dimensões da experiência turística de Pine e Gilmore (1999), supracitadas.

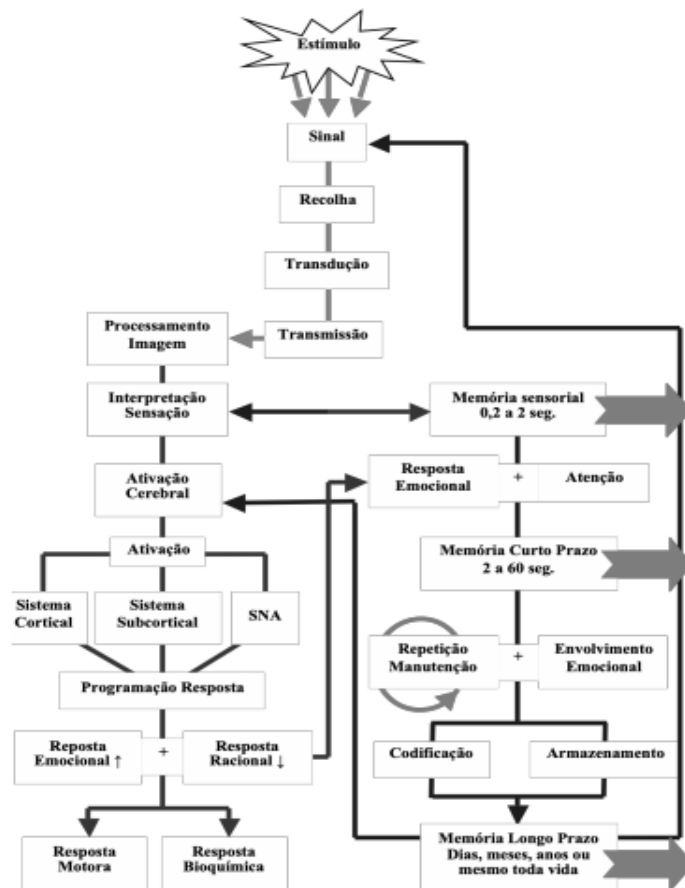
Em síntese, Burns, Palmer e Lester (2010) demonstram que estímulos, contexto e variáveis situacionais e/ou pessoais devem ser considerados pela indústria ao promoverem situações que enfatizam a experiência. Assim, as dimensões da experiência turística e os

fatores balizadores combinados contribuem para a formação da atitude do consumidor em um evento (BURNS; PALMER; LESTER, 2010), afetando, conseqüentemente, sua experiência.

2.1.3 A essência da Experiência Turística e a memória

Para o turista com habito de viagem, as experiências turísticas passadas constroem a percepção e as mudanças comportamentais frente à restrição a experiência turística, por meio de experiências passadas e expectativas de viagens futuras. Nesse sentido, as experiências turísticas têm como base um processo fisiológico sensorial, emocional e de memória (PEDRO, 2020). Este por sua vez, combinado com uma experiência vivida em uma viagem contribui para o desenvolvimento de uma experiência turística. O processo de influência e articulação dos sentidos, emoções e memórias ao longo da experiência turística, desenvolvido por Pedro (2020), é especificado na Figura 5.

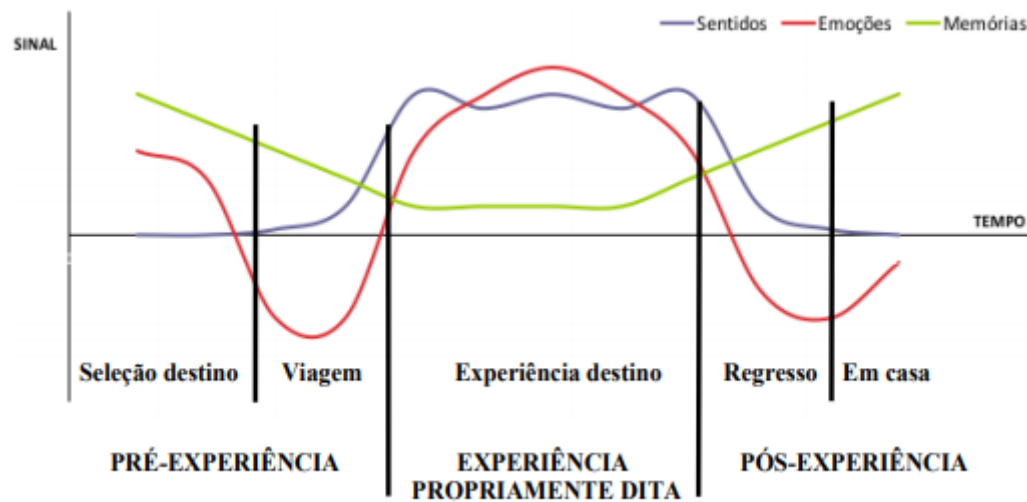
Figura 6: Processo fisiológico de influência dos sentidos, emoções e memórias



Fonte: Pedro (2020)

Verifica-se que o processo sensorial, o processo emocional e o processamento da memória estão interligados (PEDRO, 2020). O processo sensorial permite a percepção dos estímulos no momento da viagem (HASLWANTER *et. al.*, 2013; RAVEN; JOHNSON, 2002), o processo emocional decorre da interpretação da percepção, a resposta frente à experiência (EKMAN; EKMAN; 2017; REYBROUCK; EEROLA, 2017; LUO; YU, 2015; KAHNEMAN, 2012; ESPERIDÃO-ANTONIO *et. al.*, 2008). Por fim, o processamento da memória atende ao valor funcional e relevância intrapessoal da experiência (SQUIRE; DEDE, 2015; TODD *et. al.*, 2013; HASLWANTER *et. al.*, 2013; VAN STRIEN *et. al.*, 2009; MILNER *et. al.*, 1998).

Figura 7: Comportamento dos sentidos, emoções e memórias ao longo das etapas de Experiência Turística



Fonte: Pedro (2020)

No entanto, o processo fisiológico de influência dos sentidos, emoções e memória no desenvolvimento de experiência turística não é linear (PEDRO, 2020). Durante o planejamento (etapa da pré-experiência) estão envolvidas as memórias das emoções vivenciadas em experiências turísticas anteriores ou somente a satisfação das expectativas do turista, ou seja, o que este pretende viver no destino (AYAZLAR; ARSLAN, 2017; DUARTE, 2012; KAHNEMAN, 2010). Durante esse período as emoções são caracterizadas por estados de elevada excitação e valência negativa – stress, ansiedade e nervosismo (KIRILLOVA *et. al.*, 2017; PARK; SANTOS, 2017; SERVIDIO; RUFFOLO, 2016).

Durante a experiência no destino (etapa da experiência propriamente dita) existe todo um ritual multissensorial e emocional, resultante da construção da experiência, da interação com as pessoas, os lugares, as atrações, ou seja, do evento (CORREIA *et. al.*, 2017; DIAS *et.*

al., 2017). Nesse período de construção de experiência verifica-se uma queda da função da memória e um aumento da atividade dos sentidos e das emoções (PEDRO, 2020). Isso ocorre para que um processo experiencial atenda três condições: compreensão de mudanças, ocorrência de momentos significativos e apresentação de um final épico (KAHNEMAN, 2012).

Na etapa da pós-experiência, durante a viagem de regresso, as memórias das emoções vivenciadas durante a experiência turística surgem de forma expressiva (DUARTE, 2012) por meio de baixa ativação e valência negativa, como exemplo, estados emocionais de tristeza, melancolia, frustração e fadiga ocasionadas por uma avaliação cognitiva frente a emoções positivas vividas (KIRILLOVA *et. al.*, 2017; PARK; SANTOS, 2017).

Ao retornar para casa, a formação de memórias do turista atinge o seu nível mais elevado (ANDRADES; DIMANCHE, 2014), por meio da reconstrução mental da experiência e das emoções vivenciadas (CAMPOS *et. al.*, 2016; ANDRADES; DIMANCHE, 2014; KIM *et. al.*, 2012), bem como, por meio do processo de reminiscência que ocorre por meio da memorização da experiência através do compartilhamento das redes sociais, relatos da experiência a amigos, familiares e outros (AYAZLAR; ARSLAN, 2017; DUARTE, 2012; KAHNEMAN, 2010).

Diante do exposto, percebe-se, então, que a experiência turística envolve a construção de emoções e memórias positivas e/ou negativas por meio da experiência de viagem. Por sua vez, o desenvolvimento de emoções positivas e os aspectos cognitivos em volta de uma experiência turística estão relacionados com a felicidade ou bem-estar do indivíduo. Assim, se faz necessário compreender e descrever as condições que se estabelecem o bem-estar ou felicidade, tendo como ponto de partida a teoria da Psicologia Positiva.

2.2 A Psicologia Positiva

A teoria da Psicologia Positiva é dada como uma teoria que reforça as condições de bem-estar do indivíduo, um dos elementos sociopsicológicos apresentados no desenvolvimento do estudo. Uma teoria que pauta o domínio do ambiente e a condição pessoal positiva dos indivíduos diante de diferentes contextos. De modo que o bem-estar seja reforçado por meio de aspectos positivos, a teoria visa à transformação do indivíduo por meio do incentivo a experiências positivas (SELIGMAN, 1998). Contudo, na pesquisa a teoria é

utiliza para introduzir as condições de bem-estar subjetivo, de modo a relacioná-lo com um domínio do ambiente adverso a uma experiência positiva.

2.2.1 O contexto e surgimento da Psicologia Positiva

A Psicologia Positiva pode ser compreendida como uma abordagem contemporânea no campo da Psicologia que tem como proposta o estudo dos fundamentos psicológicos do bem-estar e da felicidade, assim como os pontos fortes e as virtudes humanas (PUREZA *et. al.*, 2012).

Essa assertiva tem como base o que diz Seligman (1998), visto que para o autor a Psicologia concentrou-se, por anos, em uma parte do propósito fundamental de seu campo de alcance e aplicou seus esforços nos defeitos e patologias do ser humano. Além de direcionar perguntas para entender o que há de errado e quais são os distúrbios associados à personalidade (HOLANDA, 2019), se distanciando de outros dois aspectos de alcance da Psicologia.

Robles (2018), bem como o próprio Seligman (1998), disserta a respeito da missão da Psicologia, que sempre consistiu em três principais aspectos:

- Curar doenças mentais;
- Tornar mais feliz a vida das pessoas; e,
- Identificar e cultivar talentos humanos.

Seligman (1998) aponta em seu argumento que esse processo da Psicologia foi, então, alterado após a Segunda Guerra Mundial. Uma vez que devido às demandas surgidas no período pós-guerra, a Psicologia começou a concentrar seus esforços e a sua atenção no sofrimento psíquico (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000; SELIGMAN, 2004), ou seja, concentrou-se em uma parte do tripé – curar doenças mentais.

Holanda (2019) sugere que a Psicologia tenha tomado esse rumo devido ao contexto pós-guerra e a percepção da oportunidade de se beneficiar por parte da classe. No entanto, o que se sabe realmente é que a partir da Segunda Guerra Mundial o foco passou a ser apenas curar as doenças mentais e a essência da Psicologia passou a ser “consertar hábitos problemáticos, infâncias problemáticas e cérebros problemáticos” (SELIGMAN, 1998, p. 2). Assim, os dois primeiros aspectos acabaram sendo negligenciados para que as pesquisas e os estudos pudessem se concentrar nos distúrbios do pós-guerra (CSIKSZENTMIHALYI; SELIGMAN, 2000).

Uma premissa que demarca essa ênfase apenas no primeiro aspecto da psicologia consiste na percepção de que, no início da década de 1970, houve um aumento de estudos científicos associados a problemas psicológicos, bem como ao efeito negativo de ambientes estressores (GIACOMONI, 2002).

Assim, apesar dessa ênfase no primeiro aspecto de sua missão constituinte, por parte da Psicologia, é possível dizer que os outros dois aspectos ainda estavam presentes. Não de forma tão veemente quanto ao primeiro, porém estavam ali.

Pacico e Bastianello (2014) reforçam esse argumento ao dizer que a Psicologia Humanista traz em si características do segundo e terceiro aspectos da Psicologia. Os autores indicam que a Psicologia Humanista focaliza o ser humano de maneira completa, tanto a aspectos relacionados às doenças, quanto às potencialidades. Holanda (2019) aponta que as contribuições de Carl Rogers, Abraham Maslow, Victor Franklin, Jacob Moreno e Erich From, deram o ponto de partida na reflexão sobre o que significa ou o que torna uma vida feliz.

O primeiro a utilizar o nome “psicologia positiva” foi Maslow, em 1954, no seu livro *Motivation and Personality*. Em capítulo que foi assim intitulado, Maslow faz uma crítica à Psicologia, ao dizer que ela se limitou à parte obscura e frágil, e sugeriu voltar-se a aspectos saudáveis, para ter uma visão ampliada sobre o ser humano (HOLANDA, 2019).

Diener (2011) e Peterson (2006) consideram que há muito tempo as noções relacionadas à busca da felicidade e aspectos positivos, acerca do sentido e significado de uma vida agradável e de realização, com reforço em forças e virtudes humanas são discutidas no campo da filosofia e da religião. Silva (2018) concorda com Diener (2011) e Peterson (2006), e aponta que as influências teóricas na Psicologia Positiva vão desde a obra dos filósofos antigos como Platão e, principalmente, Aristóteles. Além disso, reforça a ideia de contribuição da psicologia humanística e insere a psicologia cognitivo-comportamental, também, como uma fonte de contribuição, cujas obras já continham os elementos principais da Psicologia Positiva (FROH, 2004; BINKLEY, 2011; SILVA, 2018).

Apesar de Froh (2004) expor uma resistência da Psicologia Positiva em dar crédito às contribuições da psicologia humanística e comportamental, Csikszentmihalyi e Seligman (2000) concordam que a discussão em torno da busca por bem-estar e da felicidade, assim como os pontos fortes e as virtudes humanas, é remota a construção da abordagem da Psicologia Positiva. Dessa maneira, Csikszentmihalyi e Seligman (2000) afirmam que

faltaram as áreas da Psicologia, que se aproximaram dessas discussões, maior teor científico que levassem a um reforço e maior incentivo de estudos desses aspectos, devido à fragilidade metodológica e a inconsistência dos resultados apresentados por essas (SILVA, 2018). Na verdade, os pontos de discussões relacionados à resistência em reconhecer as contribuições da Psicologia Humanista e Comportamental, por parte da Psicologia Positiva esbarram mais em diferenças epistemológicas e metodológicas (SILVA, 2018).

No entanto, ao levar em consideração essa contextualização, enquanto um movimento estruturado, a Psicologia Positiva surgiu nos Estados Unidos em 1998, a partir da iniciativa de Martin Seligman (BAEZ, 2015; SILVA, 2018). Em uma tentativa de se construir como uma abordagem que pudesse contribuir com os dois aspectos negligenciados da Psicologia – tornar mais feliz a vida das pessoas; e, identificar e cultivar talentos humanos. Assim, com a colaboração de outros pesquisadores – Mihaly Csikszentmihalyi, Ed Diener, Kathleen Hall Jamieson, Chris Peterson e George Vaillant –, Seligman começou a desenvolver pesquisas que promovessem uma mudança no foco atual da Psicologia ou de abordagens atuais (GRAZIANO, 2005; LINLEY *et. al.*, 2006).

Dessa forma, a proposta da Psicologia Positiva consiste em ressaltar as forças do sujeito para tratar e prevenir as desordens psicológicas (SELIGMAN, 2002), propondo um equilíbrio ao estudo do ser humano; e compreender, também, suas potencialidades, junto a pontos para melhorar. A ideia não é negar a Psicologia tradicional, e muito menos desmerecer a validade dos estudos sobre os aspectos negativos dos indivíduos, mas focar nas virtudes (PALUDO; KOLLER, 2007; HOLANDA, 2019), para que a Psicologia volte a cumprir sua missão como um todo.

A Psicologia Positiva diferencia-se como uma nova corrente de investigação psicológica em franca expansão, e tende a levar suas pesquisas por meio de uma precisão e rigor em suas medidas em psicologia, com o intuito de promover a qualidade da vida saudável (SILVA, 2018).

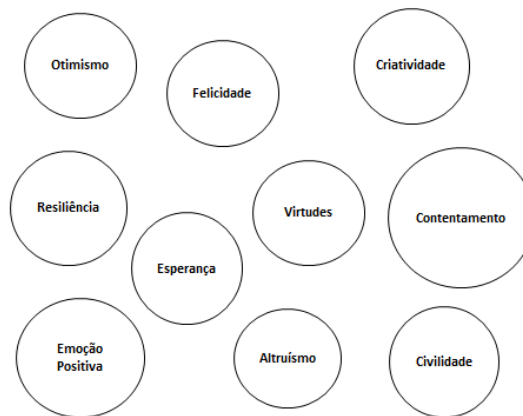
2.2.2 A Perspectiva da Psicologia Positiva

A Psicologia Positiva surge então dentro da Psicologia e encontra suas influências em diversos estudos, com uma proposta de teor científico mais apurado que pudesse ser mais aceito pela comunidade científica (SELIGMAN, 2000). Particularmente, a Psicologia Positiva se apresentou de maneira, estrategicamente, estruturada para seu avanço. Por mais que essa afirmativa não tenha sido colocada explícita pelos autores da Psicologia Positiva,

implicitamente esse pensamento está posto. Dizem isso, pois a Psicologia Positiva fundamentou suas bases no reconhecimento do bom e da excelência, mas não somente isso, a abordagem compreende que esses aspectos são reais e avaliáveis, merecendo a atenção da ciência (CAMERON; DUTTON; QUINN, 2003; LUTHANS, 2002).

A Figura 8 mostra os temas que a Psicologia Positiva introduziu, após seu início formal em 1998, em livros e artigos científicos, levando a uma preocupação crescente em mudar o foco da ciência psicológica para as forças e virtudes, e em assegurar a cientificidade das publicações e intervenções nesse domínio (PARK; PETERSON, 2007; SNYDER; LOPEZ, 2002; ROBLES, 2018).

Figura 8: Temas estruturantes da Psicologia Positiva

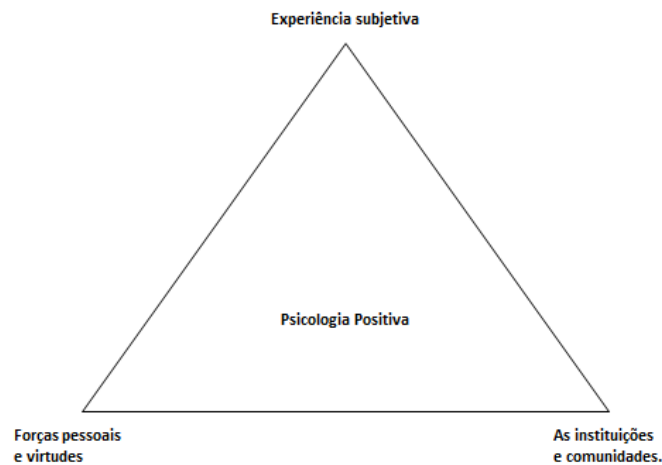


Fonte: Elaborada por autor (2021)

A Psicologia Positiva, de acordo com Seligman (2000) têm três fundamentos, nos quais, de maneira independente e dependente, estabelecem uma relação para que assim a Psicologia Positiva cumpra o seu propósito enquanto uma abordagem clínica, intervencionista e de estudo para a Psicologia.

Assim, em primeiro plano a Psicologia Positiva explora o estudo da emoção positiva – experiência subjetiva; em segundo o estudo dos traços positivos, principalmente as forças e virtudes, mas também as ‘habilidades’, como a inteligência e a capacidade atlética – características individuais; em terceiro é o estudo das instituições positivas, como a democracia, a família e a liberdade, que dão suporte às virtudes que, por sua vez, apoiam as emoções positivas – instituições e comunidades (SELIGMAN, 2002; PALUDO; KOLLER, 2007).

Figura 9: Fundamentos da Psicologia Positiva



Fonte: Elaborada por autor (2021)

Compreender que os fundamentos da Psicologia Positiva consistem nesses três aspectos – experiência subjetiva, forças pessoais e virtudes e instituições e comunidades – nos direciona ao termo florescimento, usada na psicologia positiva (SELIGMAN, 2000). O florescimento aplicado a indivíduos, grupos sociais e instituições decorreria do conhecimento e do exercício de cultivo a emoções, forças de caráter virtudes que levam a um estado positivo de bem-estar e/ou felicidade (SELIGMAN, 2000; PAULUDO; KOLLER, 2007).

O processo de florescimento permite o surgimento integral, saudável e positivo dos aspectos psicológicos e emocionais, bem como, possibilitariam um viver intenso e pleno da vida (SELIGMAN, 2002; KEYES, HAIDT, 2003; FREDERIKSON, 2002; DIENER *et. al.*, 2009). De uma maneira sintética, a função da Psicologia Positiva transpassa o papel da Psicologia que focou em curar e identificar doenças, pois busca construir qualidades positivas – ir além da doença, do sofrimento e da cura para destacar o que é positivo no indivíduo (PALUDO; KOLLER, 2007; SNYDER, LOPEX, 2009; BAEZ, 2015).

Por essa razão que os aspectos relacionados à Experiência Subjetiva se debruçam na investigação do bem-estar subjetivo, experiências positivas ocorridas no passado (DIENER, 2000; FREDERICKSON, 2002); e, no presente, a aspectos como felicidade (MYERS, 2000; SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000) e transcendência – flow (NAKAMURA CSIKSZENTMIHALYI, 2002); assim como, no futuro, as relacionadas à esperança (SNYDER; RAND; SIGMON, 2002) e ao otimismo (CARVER; SCHEIER, 2002).

Em relação aos aspectos que evocam as Forças Pessoais e Virtudes Individuais, a investigação perpassa as capacidades para o afeto (HENDRICK; HENDRICK, 2002), o

perdão (MCCULLOUGH; WITVLIET, 2002), a espiritualidade (PARGAMENT; MAHONEY, 2002), o talento e a sabedoria (BALTES; GLUCK; KUNZMANN, 2002).

Os aspectos que se concentram nas Instituições e Comunidades buscam compreender o funcionamento dos grupos e incentivar o estudo sobre as virtudes cívicas e instituições com características, propósito ou natureza positiva, com o foco direcionado para a responsabilidade, o altruísmo, a tolerância (TURNER; BARLING; ZACHARATOS, 2002) e a ética organizacional (HANDELSMAN; KNAPP; GOTTLIEB, 2002).

Nesse momento, é passível de se pensar que a Psicologia Positiva tem como objetivo o estudo das características positivas dos indivíduos nos três níveis de aspectos da abordagem. Porém, não é exatamente isso. Para que a abordagem da Psicologia Positiva se conceitue desse modo, os estudos nesse campo devem investigar as características de integralidade do indivíduo níveis de aspectos da abordagem.

Paludo e Koller (2007) e Snyder e Lopex (2009) corroboram com essa ideia ao dizer que a Psicologia positiva pretende investigar os fatores que dão significado ao que há de sadio no sujeito, explorando suas qualidades, juntamente com seus defeitos. Portanto, a Psicologia Positiva não consiste em negar o sofrimento e os aspectos negativos da vida (BAEZ, 2015).

A Psicologia Positiva é responsável também por investigar “os aspectos mais difíceis e dolorosos das experiências na vida, a fim de encontrar significado, transformação e crescimento (um funcionamento humano ótimo) em condições desejáveis e indesejáveis” (ROBLES, 2018, pag. 47).

2.2.3 A felicidade como sinônimo de bem-estar

A existência de diferenças conceituais em torno do termo felicidade levou a Psicologia Positiva a utilizar o termo bem-estar como sinônimo de felicidade, visto que o termo felicidade era passivo de muitas discussões no que diz respeito à amplitude de seu sentido – polissêmico – e possibilidades de avaliação ((GIACOMONI, 2014; SILVA, 2018).

Numa tentativa de tornar a teoria da Psicologia Positiva amplamente aceita, os autores da abordagem optaram pela introdução de um termo mais neutro, uma vez que os dois termos têm aproximação por meio do sentido das duas palavras (DA SILVA, 2018). Por essa razão, não é incomum em publicações – livros, artigos, etc – identificar ou o termo felicidade ou o termo bem-estar, uma vez que na primeira década de surgimento da teoria era comum o uso

do termo felicidade, porém na segunda popularizou-se o uso do termo Bem-estar (SELIGMAN, 2012; DA SILVA, 2018).

Na verdade, essa troca de uso entre termo sinônimo ocorreu com o propósito de dar mais consistência e alavancagem à teoria da Psicologia Positiva. Esse propósito atende uma premissa que diz que o termo felicidade é impraticável na ciência ou para qualquer objetivo prático, por ser considerado filosoficamente uma coisa em si e, portanto, incognoscível (SELIGMAN, 2012). No entanto, os elementos contidos em um estado de felicidade e possíveis de ser mensuráveis, como por exemplo, engajamento, sentido ou resiliência, euforia designam e dá a capacidade de medir o bem-estar, o que torna o termo mais prático (SELIGMAN, 2012; DA SILVA, 2018). Assim, o termo prático condiciona essa troca a uma tentativa de tornar o conceito de felicidade mais operacionalizável (SILVA, 2018), visto que o termo bem-estar pressupõe uma experiência pessoal mensurada por meio de uma perspectiva individual de vários aspectos da vida (ALBURQUERQUE; TRÓCOLLI, 2004).

Desta forma, o uso do termo faz sentido para a Psicologia Positiva, por ter como premissa ser uma ciência objetiva de base empírica, e para isso a solução encontrada foi a redução do conceito a uma dimensão hedônica de satisfação dos desejos (SILVA, 2018). Uma vez que o principal critério para a mensuração do bem-estar é o florescimento de aspectos positivos dos indivíduos, sendo o objetivo na Psicologia Positiva aumentar esse florescimento (SELIGMAN, 2012).

Para Corsoline-Comin (2012) essas transições conceituais foram construídas por Seligman (2004) em sua obra “Felicidade Autêntica: Usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente” e em “Florescer: uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar” (SELIGMAN, 2011). Na primeira, a teoria da “felicidade autêntica” (2004) e sua relação com a satisfação é apresentada, posteriormente, a segunda apresenta-se com o nome de “teoria do bem-estar”, estabelecendo uma relação com florescimento (2011). Nesses textos se evidenciam a reformulação argumentativa para a substituição do termo felicidade por Bem-Estar e satisfação por florescimento (SCORSOLINI-COMN, 2012; SILVA, 2018).

Por conseguinte, a reformulação teórica empreendida pelos psicólogos positivos é, antes de qualquer coisa, uma forma de esquivar-se às ambiguidades conceituais de seu objeto, a felicidade. Com isso, a psicologia positiva renova sua capacidade de articulação de técnicas para o controle do self, por meio da inserção de novos jogos de linguagem, isto é, articula novas formas de organizar a experiência, de modo que seja possível sua mensuração (SILVA, 2018).

Apesar da necessidade de explicar os aspectos mais amplos em torno da Psicologia Positiva e explicar os termos felicidade e bem-estar, o foco principal do estudo consiste na compreensão do bem-estar subjetivo, visto que ele é um aspecto relacionado com uma experiência turística.

2.3 O Bem-estar Subjetivo (BES)

O bem-estar subjetivo é o assunto explorado quando se trata de experiência subjetiva (DIENER *et. al.*, 2016) dentro da abordagem da Psicologia Positiva. Porém, antes de compreender melhor o que é o bem-estar subjetivo, é preciso compreender primeiro o bem-estar no seu sentido mais amplo, aquele que se faz sinônimo de felicidade (SCORSOLINI-COMN, 2012; SELIGMAN, 2012; DA SILVA, 2018).

Para que se possa alcançar uma simplificação de conceitos, a felicidade começa a ser tratada a partir desse momento como bem-estar por duas grandes razões. A primeira das razões corresponde à postura de autores que abordam a Psicologia Positiva frente aos dois termos, uma vez que são tratados como sinônimos (BOEHM; LYUBOMIRSKY, 2009; CAUNT; FRANKLIN; LYUBOMIRSKY; LEPPER, 1999; SELIGMAN, 2012; BRODATY; BRODATY, 2013; DA SILVA, 2018). A segunda razão consiste em uma tentativa de organização terminológica dentro desse estudo, frente ao que é apresentado na literatura no que diz respeito aos paradigmas que percorrem o termo felicidade (FLORES-KANTER; NAVARRO; MEDRANO, 2018), uma vez que o termo pode ser observado por diferentes perspectivas (CAUNT *et. al.*, 2013; LÓPEZ-PÉREZ SÁNCHEZ; GUMMERUM, 2015).

É possível observar os paradigmas pelos quais a felicidade ou o bem-estar foram definidos. Desse modo, o bem-estar pode ser compreendido por duas linhas principais (TORRES, 2012; FLORES-KANTER; NAVARRO; MEDRANO, 2018): A primeira linha disserta a respeito do alcance do bem-estar por meio de um caminho hedonístico. Nessa perspectiva o bem-estar depende principalmente de uma vida com experiências predominantemente agradáveis (RYAN; DECI, 2001; FLORES-KANTER; NAVARRO; MEDRANO, 2018); ou seja, viabiliza uma vida com bem-estar considerável aquela marcada pela maximização do prazer e ausência da dor (TORRES, 2012). Como exemplificação, é possível fazer uma aproximação com as bases do utilitarismo, pois a ação do homem consiste na busca por aumento de prazer e diminuição da dor (LAYARD, 2005; DIENER; OISHI; LUCAS, 2009).

A segunda linha, a eudaimônica vai um pouco além e entende que o bem-estar não é alcançado apenas pelo prazer, mas principalmente pela atualização do potencial humano (RIFF; SINGER, 2007). Aqui o bem-estar implica em uma vida de identificação e cultivação das virtudes, para que o indivíduo viva uma vida regida por virtudes (WHITE, 1992; LAYARD, 2005; PETERSON; PARK; SELIGMAN, 2005). Assim, o bem-estar é alcançado por meio de aspectos positivos, como o propósito de vida, domínio do meio ambiente, as relações positivas, auto aceitação, crescimento pessoal e autonomia (RIFF; SINGER, 2007; FLORES-KANTER; NAVARRO; MEDRANO, 2018).

Torna-se importante ressaltar que a concepção de bem-estar, corresponde à associação de dois fatores: a experiência combinada com um funcionamento psicológico ideal (FLORES-KANTER; NAVARRO; MEDRANO, 2018), independentemente do paradigma. A partir dessa concepção é que se faz essa divisão paradigmática e, assim, se compreende a ênfase que as pessoas dão as dimensões hedônicas ou eudaimônicas como aspectos importantes para a experiência de bem-estar (MCMAHAN ESTES, 2011; BOJANOWSKA; ZALEWSKA, 2015). Nesse sentido, o bem-estar pode ser associado com as metas de vidas estabelecidas e o prazer ligado a elas, ao passo que, também, pode ser apenas um elemento de uma vida considerada satisfatória (FREY; STUTZER, 2002).

Assim, é possível dizer que o bem-estar é estabelecido de modo singular e individual mediante a experiência de vida social e cultural (TORRES, 2012). Sendo assim, construído internamente por meio de relações sociais e constituição biológica, condicionada e fabricada pela experiência com o externo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999; VELHO, 2006) que direcionam os indivíduos a diferentes linhas de alcance do bem-estar, porém, por meio de um processo subjetivo de avaliação.

Por essa razão é importante deixar claro que nesse momento nos aproximamos especificamente do fenômeno do bem-estar subjetivo. O estreitamento realizado é necessário para compreender os critérios estabelecidos pelo próprio indivíduo no processo de síntese de suas percepções acerca de suas experiências (GANGLMAIR-WOOLIS; LAWSON, 2011; TORRES, 2012). Essa síntese, por sua vez, é equivalente à subjetividade que constitui os significados, as emoções e as manifestações afetivas e comportamentais (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999), mediante as combinações com as experiências consideradas exteriores (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004).

Por isto, pessoas mais felizes tendem a fazer combinações de aspectos subjetivos e exteriores de modo positivo, como por exemplo, ser mais feliz consigo mesmo, ter controle

pessoal de sua vida, serem otimistas, sociais e menos sozinhas, por sua vez, o contrário disso é uma combinação negativa (MEYERS; DIENER, 1996; LAYARD, 2005). Dentro dessa ótica, o denominado bem-estar subjetivo é definido como resultado da avaliação cognitiva e afetiva que uma pessoa faz sobre sua vida como um todo (DIENER *et. al.*, 2009), ou seja, tem como aspectos básicos os sentimentos ou afetos e a cognição (TORRES, 2012). Desta forma, o bem-estar subjetivo é alcançado experimentando altos níveis de afeto positivo, baixos níveis de afeto negativo e alta satisfação com a vida (GRAZIANO, 2005; DIENER *et. al.*, 2009), ou seja, felicidade congruente (LAWRENCE; LIANG, 1988) que leva os indivíduos a uma situação de bem-estar (SELIGMAN 2011; SCORSOLINI-COMIN, 2012).

Considera-se que o bem-estar subjetivo (BES) é composto por um fator cognitivo e dois fatores emocionais que definem o nível de felicidade percebida (DIENER *et. al.*, 2016) por meio das experiências subjetivas em tempo passado, presente e futuro.

O bem-estar subjetivo associado à experiência subjetivas no passado compreende a aspectos essenciais de satisfação com a vida (GRAZIANO, 2005; RESENDE; CUNHA; SILVA; SOUSA, 2007). Está, portanto, relacionada com a capacidade de acomodação às perdas e à assimilação da consciência positiva sobre si mesmas combinadas com relações de apoio social, por meio de um componente cognitivo e emocional de autorreflexão que avalia subjetivamente a experiência (RESENDE; CUNHA; SILVA; SOUSA, 2007; ALBUQUERQUE; SOUZA; MARTINS, 2010; ALBUQUERQUE *et. al.*, 2006; HUTZ, 2014).

Os componentes emocionais correspondem, coerentemente, às emoções, afetos e sentimentos, podendo eles serem positivos e negativos. O componente cognitivo se refere a aspectos racionais e intelectuais sobre a satisfação com a vida, subentende-se então que correspondem a um processo de julgamento e avaliação da felicidade na vida. Por essa razão, a satisfação com a vida está relacionada com inúmeras dimensões de bem-estar social, psíquico atravessado por questões sociais, ambientais, comportamentais mediante a percepção de uma experiência (KING; KING; ROSENBAUM; GOFFI, 1999).

O bem-estar subjetivo associado às experiências subjetivas no presente compreende a avaliação cognitiva e afetiva sobre o seu estado de felicidade (GRAZIANO, 2005). O BES é composto por três facetas: julgamento cognitivo sobre o grau de satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo no momento presente (HUTZ, 2014), ou seja, basicamente é o indivíduo avaliar se está feliz ou não.

Ter felicidade presente corrobora com melhor enfrentamento a situação adversa (HASTINGS; ALLEN; MCDERMOTT; STILL, 2002), além de melhorar o bem-estar físico e psíquico ((SUMMERS; BEHR; TURNBULL, 1988). Assim, um estado de bem-estar pode ser atestado por meio das condições de a) bem-estar físico (saúde, nutrição, mobilidade e atividades da vida diária); b) bem-estar emocional (Contentamento, níveis mais baixos de estresse e espiritualidade); c) bem-estar social (intimidade, amizade, atividades comunitárias e apoio social); d) bem-estar produtivo (Desenvolvimento pessoal na educação ou no trabalho, lazer, autonomia e competitividade); e) bem-estar financeiro (status socioeconômico e segurança financeira); f) bem-estar cívico (responsabilidade, empoderamento e acesso aos direitos da pessoa) (POSTON; TURNBULL, 2004).

O bem-estar subjetivo associado à experiência futura está relacionado ao otimismo, e corresponde à disposição que o indivíduo tem para esperar resultados positivos de um modo racional por meio da identificação das atitudes e expectativas da pessoa face ao seu mundo e ao seu futuro (MASCARENHA; ROAZZI, 2012). Além disso, está intimamente relacionado com o bem-estar subjetivo (EKAS; LICKENBROCK; WHITMAN, 2010).

Blackwell *et. al.* (2012), sugerem que o otimismo atue sobre a cognição como um importante mecanismo subjetivo para adaptação, evolução e saúde mental e física. Para Ylvisaker e Feeney (2009), o otimismo tem dependência da auto-regulação do comportamento social e cognitivo, assim como os aspectos sociais e a esperança, o otimismo destaca-se como um dos combustíveis para os níveis de resiliência. Kashdan *et. al.* (2002). Gupta e Singhal (2004), o otimismo pode ser atingido negativamente, uma vez associado a alguma situação externa drástica. Tal impacto pode revelar a sofrimento emocional, dificuldades interpessoais nos relacionamentos (GUPTA; SINGHAL, 2004).

Para Mascarenhas, Roazzi e León (2017), o efeito do otimismo no bem-estar subjetivo caracteriza-se por meio de um comportamento proativo e confiante diante de situações críticas de ordem pessoal ou social, e seu oposto leva a um comportamento passivo (MASCARENHAS; ROAZZI; LEÓN, 2017). Assim, o bem-estar subjetivo é composto por aspectos que residem nas diferenças de reatividade emocional e na forma como as pessoas processam as informações emocionais (DIENER *et. al.*, 2009), em relação ao passado, presente e futuro (GRAZIANO, 2005; MASCARENHA; ROAZZI, 2012; RESENDE; CUNHA; SILVA; SOUSA, 2007; ALBUQUERQUE; SOUZA; MARTINS, 2010; ALBUQUERQUE *et. al.*, 2006; HUTZ, 2014).

Diante do exposto, percebe-se a presença de alguns verbos que circundam o estado de bem-estar subjetivo de um indivíduo, como por exemplo, ter, ser ou estar. Portanto, o bem-estar subjetivo está relacionado com propósito, vontade ou desejo, mediante a satisfação desses. No entanto, em um contexto que a experiência turística passa por crise de restrições, a teoria da satisfação do desejo e o desejo de viajar podem ser compreendidos como caminhos para a compreensão do fenômeno a ser estudado.

2.4 A Teoria da Satisfação do Desejo e o Desejo de Viajar

Como visto, o bem-estar é uma construção teórica que consiste em componentes afetivos e cognitivos. O componente afetivo do bem-estar subjetivo assemelha-se à visão filosófica hedonística e baseada no prazer, os afetos agradáveis e desagradáveis são compreendidos como uma lista objetiva de fontes e tipos de prazer que contam para suscitar os afetos e fazer uma vida correr bem. Já o componente cognitivo do bem-estar subjetivo se assemelha um pouco à visão filosófica da satisfação do desejo (DIENER *et. al.*, 1999; BRUCKNER, 2010).

De acordo com a teoria da satisfação do desejo o que é bom para alguém, o que faz com que sua vida corra bem, é a satisfação de seus desejos (HEATHWOOD, 2016; HEATHWOOD, 2017; BRUCKNER, 2010). Portanto, essa teoria sustenta que o bem-estar de um indivíduo é aprimorado quando seus desejos são satisfeitos, e de forma contrária, quando o desejo de que algo seja e não é ou não se torna, o bem-estar é depreciado (HEATHWOOD, 2016).

A teoria da satisfação do desejo é fundamentada em determinados princípios axiológicos que dão lastro a sua composição. Um dos primeiros valores predominantes da teoria da satisfação do desejo apela para o internalismo sobre o bem-estar, de acordo com esse argumento o que é intrinsecamente valioso para uma pessoa deve ter uma conexão com o que ela acharia em algum grau atraente, partindo de uma posição racional e consciente da pessoa (RAILTON, 1986). A partir apenas do que é atraente, é difícil acreditar que podemos beneficiar alguém dando-lhe acesso a coisas pelas quais ela não se impressiona e pelas quais ela permanecerá para sempre desinteressada (HEATHWOOD, 2016).

O valor predominante seguinte argumenta para a teoria da realização do desejo baseado na ideia da metaética naturalista e, portanto, com uma visão de mundo naturalista de

forma mais geral. Uma abordagem naturalista em metaética sustenta que as propriedades normativas ou avaliativas devem ser identificadas com aquelas propriedades naturais que provocam certas respostas, ou é o objeto de certas atitudes, em certos observadores (HEATHWOOD, 2016).

De forma simples, tal abordagem sustenta que a propriedade de X ser benéfica para algum sujeito, Y, apenas assim é, uma vez que a propriedade X é dada como objeto de um desejo de Y. Esta tese metaética implica uma versão da teoria do desejo de bem-estar, principalmente quando se trata de teorias objetivas do bem-estar (HOOKER, 1991).

Outra maneira de argumentar a favor da teoria da realização do desejo é a partir de uma teoria das razões da ação baseada no desejo. Esta última justifica uma ação por meio da satisfação dos desejos, ou seja, uma pessoa sempre tem alguma razão para fazer algo mediante seus próprios interesses. A maneira de acomodar esse dado é endossar uma teoria da satisfação do desejo. Contudo, outra linha de raciocínio apoia a teoria da satisfação do desejo, ou seja, a ideia intuitiva de que conseguir o que você deseja é pelo menos uma coisa boa, sendo o alvo do desejo, hedonista ou não, a única coisa boa a ser examinada (HEATHWOOD, 2006; SOBEL, 2005).

No entanto, de acordo com Heathwood (2016) existem problemas quanto à generalização da axiologia presente na teoria da satisfação do desejo, no que diz respeito à natureza do desejo do indivíduo. De acordo com o autor o desejo pode seguir por caminhos mais complexos do que os argumentos em favor da teoria da satisfação do desejo, uma vez que os desejos podem ser (i) meras realizações instrumentais, (ii) mal informados, (iii) cumprimentos indesejados de desejos ideais, (iv) básicos, maliciosos ou inúteis (v) remotos espacialmente, (vi) indesejantes, (vii) de auto sacrifício, (viii) e dinâmicos (HEATHWOOD, 2016; HEATHWOOD, 2017).

Bruckner (2010) faz um apanhado dos resultados de estudos empíricos contra a teoria da satisfação do desejo, visto que de acordo com os resultados, não é toda realização do desejo que implica em bem-estar subjetivo. É o caso de desejos que se compõem erroneamente por meio de previsão de sentimentos futuros, buscam materialismo e vida a partir dos olhos dos outros ou buscam uma boa vida por meio de riqueza e renda (BRUCKNER, 2010). O autor diz que tais resultados não agridem diretamente a teoria da satisfação do desejo, uma vez que ele afirma que o desejo impacta o bem-estar (BRUCKNER,

2010), no entanto, a relação positiva ou negativa estabelecida ocorre mediante a natureza do desejo.

Nesse sentido, Heathwood (2019) dá respostas a essas rasuras na teoria ao buscar responder quais desejos são relevantes para o bem-estar. Para o autor existe certa distinção natural e intuitiva entre os tipos de desejo ou sentidos do termo desejo.

Se uma pessoa tem um desejo genuíno de atração para que algum evento ocorra (ou tenha ocorrido ou esteja ocorrendo), a pessoa acha a ocorrência do evento atraente, fica entusiasmada com isso (pelo menos até certo ponto), e tende a vê-lo com prazer ou gosto (HEATHWOOD, 2019). Quando se trata do senso de "desejo" de atração genuína, uma pessoa pode realizar voluntariamente uma ação que não desejava fazer e pode se recusar a fazer o que mais deseja; o desejo no sentido de atração genuína a força do desejo é à força da atração genuína pela ocorrência do evento, ou o grau em que a ocorrência do evento genuinamente apela ao desejador, ou o grau em que eles estão entusiasmados com isso (STRAWSON, 2010; HEATHWOOD, 2019).

Todavia, existe outra compreensão do termo desejo que nos leva ao desejo comportamental. Esse pode ser simplesmente um “estado funcional” ou um estado definido pelo que faz; neste caso: um estado intencional que dispõe a pessoa que nele se encontra a tentar agir de uma forma que (segundo as crenças da pessoa) tornaria verdadeiro o seu conteúdo (HEATHWOOD, 2019). Quando se trata do senso comportamental de 'desejo', uma pessoa não pode fazer voluntariamente uma ação que não desejava fazer; fazer voluntariamente um ato implica ter desejado fazê-lo. Para o desejo no sentido comportamental, força do desejo é determinado por escolhas hipotéticas (STALNAKER, 1984; HEATHWOOD, 2019).

Assim, por exemplo, se uma pessoa se depara com cinco opções, aquela que ela escolheria ou escolheria, por definição, a que mais deseja, no sentido comportamental de 'querer'. Aquele que eles escolheriam se essa opção não estivesse disponível é aquele pelo qual eles têm o próximo desejo mais forte e assim por diante. Essa compreensão da força do desejo encoraja a ideia de que apenas uma classificação ordinal da força do desejo é possível (HEATHWOOD, 2019).

O *Craving Travel* é um evento cognitivo-emocional focado em viagens com propriedades aversivas ou de incentivo experimentados quando uma pessoa que deseja viajar não pode fazê-lo, por razões além de seu controle (MITEV; IRIMIÁS, 2020).

Os eventos cognitivos são experiências mentais subjetivas, como pensamento discursivo, memórias, sentimentos, sonhos e imagens mentais (KAVANAGH *et. al.*, 2013; TONEATTO, 1999). No turismo, imagens mentais de memórias antecipadas e experiências memoráveis foram reconhecidas em influenciar as expectativas pré-viagem (WOOD, 2019). O desejo por viagens envolve afeto, experiências sensoriais de outros eventos cognitivos - na maioria prazerosos - vivenciados em uma variedade de intensidades como um desejo genuíno (MITEV; IRIMIÁS, 2020).

3. HIPÓTESES DE PESQUISA PROPOSTAS

De acordo com Coelho (2017), os estudos sobre experiências turísticas memoráveis propõem três grandes perspectivas quanto à direção de desenvolvimento: 1) a perspectiva expansiva; 2) a perspectiva gerencial/econômica; e 3) a perspectiva causal.

Quadro 1: Perspectivas de estudos sobre experiência turística

Expansiva	Envolve os estudos de TEM e inclui uma visão mais ampla do fenômeno explorado por meio dos panoramas teóricos, exploratórios e qualitativos.
Gerencial/econômica	Inclui estudos em duas direções: estudos baseados nos quatro domínios da experiência proposto por Pine e Gilmore (1998) e estudos que enfatizam o ponto de vista empresarial por meio de estudos com seus gestores e funcionários.
Causal	Pesquisadores que tentam descobrir as dimensões de MTE, suas causas e efeitos.

Fonte: Elaborado por autor, baseado em Coelho (2017).

O estudo presente se predispõe a desenvolver uma pesquisa que se enquadra dentro da perspectiva causal, por meio de um caminho que busca desenvolver relações entre restrição de experiências turísticas e possíveis consequentes em indivíduos que têm hábito e desejo de viagem, em um contexto de crise sanitária global.

Portanto, para compreender a restrição de experiência turística dimensiona-se a experiência turística, de modo a observar o efeito da restrição a experiência turística e relacioná-los com possíveis consequentes, subseguidos hipoteticamente.

A partir das dimensões compreendidas teoricamente é possível desenvolver uma relação teórica entre a ausência das dimensões configuradas por meio de uma experiência turística e possíveis consequentes impactados pelo fenômeno de crise sanitária que se tem vivido no Brasil desde março de 2020, ocasionado pelo isolamento social causado pela pandemia do COVID 19 – SARS COV-2.

3.1 A Restrição de Experiência Turística, o Bem-estar Subjetivo e a Intenção de Viajar

A experiência turística é compreendida como uma atividade que suscita o bem-estar, (CHEN; PETRICK, 2013; CHEN; PETRICK; SHAHVALI, 2016; GAO; KERSTETTER,

2018; GILL; PACKER; BALLANTYNE, 2019; MCCABE; JOHNSON, 2013; UYSAL; SIRGY; WOO; KIM, 2016) tanto em situação hedônica quanto eudaimônica (MOWATT; CHANCELLOR, 2011; MCCABE; JOHNSON, 2013). Esse tipo de experiência envolve elementos emocionais e de cognição que transborda uma sensação de satisfação ou insatisfação, de acordo com as expectativas do turista e a experiência envolvida em diversos contextos e grupos de pessoas (SEDGLEY; PRITCHARD; MORGAN; HANNA, 2017; MCCABE; JOHNSON, 2013; KIM *et. al.*, 2015; MORGAN; PRITCHARD; SEDGLEY, 2015; RICHARDS; PRITCHARD; MORGAN, 2010).

Como um fator de contribuição positivo para indivíduo, o bem-estar é explorado na literatura de acordo com as condições antecedentes e consequentes que o suscita (DIENER; CHAN, 2011; VEENHOVEN, 2008; LYUBOMIRSKY; KING; DIENER, 2005; SELIGMAN, 2011; ZHIVOTOVSKAYA, 2016). A experiência turística é uma dessas condições que contribuem para o bem-estar do indivíduo. Kroesen e Handy (2013) afirmam que, ao longo do tempo, o ato de viajar de férias ou em feriado tem uma relação recíproca positiva com o componente cognitivo da felicidade. Mesmo em condições em que as viagens apresentem um caráter apenas instrumental, ou seja, realizada para cumprir padrões individuais ou sociais (KROESEN; HANDY, 2013).

A experiência turística é construída por meio de dimensões cognitivas e emocionais por meio dos sentidos, das emoções e memória do turista (SQUIRE; DEDE, 2015; TODD *et. al.*, 2013; EKMAN; EKMAN, 2017; PEDRO, 2020) o que caracteriza sua relação com o bem-estar subjetivo de forma mais veemente. Isso ocorre, pois, as ligações entre turismo e bem-estar existem de forma dependente de acordo com os impactos performativos do turista e do lugar, sob a influência do tempo e do evento contextual (LI; CHAN, 2020).

Outros autores apontam que o encontro do turismo e o bem-estar subjetivo devem ser entendidos de modo dependente, de acordo com os aspectos pessoais, geográficos e culturais (BOSNJAK; BROWN; LEE; YU; SIRGY, 2016; SIRGY, 2010), mediante as características situacionais e individuais (RYAN; LA GUARDIA, 2000), que visa compreender como o bem-estar subjetivo pode ser alcançado por meio de experiências de viagem (LI; CHAN, 2020).

Essa compreensão se dá, na verdade, por causa de uma coerente perspectiva no qual o bem-estar subjetivo é compreendido pela dinamicidade da experiência que o suscita. De acordo com essa perspectiva, o bem-estar constitui-se como parte de uma situação performativa e um “acontecimento” dinâmico e relacional, que depende de encontros com

montagens complexas de pessoas, coisas e lugares (ATKINSON, 2013; SMITH; REID, 2017; THRIFT, 2004). O bem-estar é ressignificado por meio de enredamentos relacionais, durante o qual as “relações podem mudar, novos elementos podem entrar, alianças podem ser rompidas, novas conjunções podem ser fomentadas” (ANDERSON; MCFARLANE, 2011, pag. 126).

A partir da perspectiva de bem-estar como um aspecto dinâmico, relacional e situado nas experiências, estudiosos do turismo têm explorado os efeitos que os encontros corporais e multissensoriais da experiência turística oferecem ao bem-estar subjetivo.

Richards (1999) descobriu que uma experiência turística significativa facilita o desenvolvimento pessoal e a busca de interesses pessoais e sociais, além de proporcionar um espaço de descanso e relaxamento mental. Sedgley *et. al.* (2017) discutiram as manifestações corporais, relacionais e complexas das experiências de turismo, estudando encontros de viagens desafiadores, isolantes e estressantes de mães de crianças com dificuldades de desenvolvimento. O estudo reenquadrou o turismo como uma jornada de emoções mistas, multifacetada, complexa, interligada e intersubjetiva (SEDGLEY *et. al.*, 2017; LI; CHAN, 2020), caracterizada tanto por aspectos eudaimônicos do bem-estar quanto hedônicos, no que diz respeito ao otimismo, vida familiar e relacionamentos (MOWATT; CHANCELLOR, 2011; MCCABE; JOHNSON, 2013).

Verifica-se, então, que existe uma relação estabelecida entre o alcance do bem-estar e sua proximidade com as experiências turística (CHEN; PETRICK, 2013; OUYANG; GURSOY; CHEN, 2019; SIRGY, 2010; UYSAL *et. al.*, 2016). Chen, Lehto e Cai (2013) descobriram que o bem-estar subjetivo dos turistas costuma ser impulsionado imediatamente após as viagens, mas tendo uma duração curta e precisando ser retroalimentado. Lee (2020) revela que as expectativas e a novidade das experiências turísticas mantêm um efeito indireto na taxa de mudança de satisfação com a vida por meio da satisfação com a viagem.

Portanto, a aproximação entre experiência turística e o bem-estar aproxima-se de um consenso na literatura (CHEN; LEHTO; CAI, 2013; DE BLOOM *et. al.*, 2010; NAWIJN; MARCHAND; VEENHOVEN; VINGERHOETS, 2010; DOLNICAR; YANAMANDRAM; CLIFF, 2012; GILBERT; ABDULLAH, 2004).

Esse consenso tem direcionado os estudos do turismo e o bem-estar a uma nova concepção, denominada de Turismo Positivo, que estudam os benefícios do bem-estar por meio das experiências turísticas, como exemplo, rejuvenescimento, saúde e felicidade

(FILEP, 2016). Para além, a concepção do turismo positivo apela para o desenvolvimento de uma nova plataforma de investigação turística que visa compreender as condições do florescimento humano para todos os envolvidos no turismo: turistas, comunidades anfitriãs e trabalhadores (FILEP, 2016; NAWIJN, 2016; KERSTETTER; BRICKER, 2012).

De acordo com o exposto, a experiência turística leva a uma sensação de bem-estar subjetivo, principalmente em indivíduos com experiência de viagem. Assim, a partir da pesquisa qualitativa realizada verificou-se nos relatos dos participantes uma relação contrapositiva desse argumento, uma vez que os entrevistados relataram maior estresse, cansaço, frustração, tristeza por não manterem seus hábitos de viagem normalmente. E diante da necessidade de o bem-estar ser retroalimentado por meio de viagens (CHEN; LEHTO; CAI, 2013) o bem-estar subjetivo pode influenciar a intenção de viagem.

Cho, Chiu, Tan (2020) com objetivo de estender evidências teóricas das relações entre nostalgia dos fãs de satélite, compromisso psicológico, bem-estar subjetivo e intenção de viagem, esses dados foram coletados de fãs satélites de ligas europeias de futebol profissional em Cingapura. As descobertas mostraram que todas as relações hipotéticas identificadas foram significativas, exceto para o caminho direto da nostalgia dos fãs de satélite para a intenção de viagem. Assim sendo, os efeitos indiretos da nostalgia na intenção de viagem foram estabelecidos por meio do comprometimento psicológico e do bem-estar subjetivo.

Assim, de acordo com essa estrutura argumentativa lógica, formam-se as seguintes hipóteses:

- *H1: A Restrição a Experiência Turística influencia negativamente o Bem-estar Subjetivo.*
- *H2: O Bem-estar Subjetivo mantém relação negativa com a Intenção de Viajar*

3.2 A Restrição de Experiência Turística, o Desejo de Viajar e a Intenção de Viajar

A restrição de experiência turística é um fenômeno contundente no cenário de isolamento social atual (GÖSSLING; SCOTT; HALL, 2020; HALL; SCOTT; GÖSSLING, 2020; HIGGINS-DESBIOLLES, 2020). Em um cenário epidêmico a visão social de lazer em oposição à visão social de trabalho é interrompida devido às inúmeras restrições de interação impostas (DUMAZEDIER; 1979, BACAL, 1988; CARDOZO, 2014). Consequentemente, reflexos no desejo de viagem dos indivíduos que têm hábito de viver experiência turística

podem estar associados com a ausência desse aspecto social do turista (MITEV; IRIMIÁS, 2020).

Sabe-se que a existência da sociedade tem como base o tempo social, ou seja, (i) o trabalho social, que diz respeito à produção de valor de troca, e (ii) o não trabalho, que enseja o uso de produtos e serviços, e assim, impõe relações de trabalho e não trabalho aos indivíduos (FILHO, 2010). O não trabalho faz contrapartida ao tempo dedicado à produção e corresponde ao repouso, às férias, à vida privada e ao lazer em geral, e, desde o processo de industrialização, o lazer e a cultura são aspectos de não trabalho importantes para o indivíduo em sociedade (MOLINA, 2003; FILHO, 2010).

No contexto de sociabilidade atual, um dos aspectos do tempo social, ou seja, o não trabalho é tirado ou sofre restrições e a busca por mobilidade almejada pelos ideais de modernidade, conforto, consumo e viver experiências prazerosas (ALMEIDA, 2011, WERLE, 2018; SILVA *et. al.*, 2019) passa por ruído e transformação no contexto atual. Assim, no caso do turismo, é possível estabelecer uma relação entre a falta de experiências turísticas e desejo de viagem do turista que tem hábito de viagem, por meio dos conceitos de cotidiano e cotidianidade de Lefebvre (1998).

De forma simples, o cotidiano diz respeito ao ciclo de dias, semanas e meses no qual ocorrem as atividades do tempo social, ou seja, tanto do trabalho como do não trabalho, e o conceito de cotidianidade diz respeito às realizações e frustrações da vida moderna e da rotina (LEFEVBRE, 1998). O sentido da vida é viver o cotidiano e realizar-se é viver no cotidiano e a cotidianidade, e, ao mesmo tempo, é também buscar fugir das frustrações e rotina quando possível (LEFEVBRE, 1998; AUGÉ, 1999). Considera-se, então, esse aspecto de cotidiano e cotidianidade um estado de normalidade do ser social (PARK, 1979).

No entanto, quebra da normalidade implica no surgimento de tensões e crises, bem como na possibilidade de nova configuração social (PARK, 1979). Novas possibilidades sociais e culturais resultam em novas reações objetivas e subjetivas dos indivíduos frente às mudanças contextuais (SIMMEL, 2006; FABRIS *et. al.*, 2020; COSTA, 2020). No caso do turista, entende-se que a possibilidade social do momento (pandemia e isolamento social) impossibilita e restringe um aspecto de seu estado de normalidade social, ou seja, de fuga da cotidianidade, nesse momento, o indivíduo turista pode começar a ter desejo intenso por viagem (MITEV; IRIMIÁS, 2020).

No caso do turismo, os desejos de viagem estão associados a uma gama de motivações dinâmicas, que corresponde ao desejo dos indivíduos e o contexto de seu surgimento, associados às razões em viver experiências autênticas e de liberdade, à procura de um ambiente fora do ambiente habitual e quebra da rotina (PEREIRA, 2015; PEREIRA; GOSLING, 2019; COSTA, 2020). Entretanto, os turistas não podem ou não deveriam viajar no momento atual e esse cenário coloca a viagem em uma nova perspectiva, representando, para os que têm hábito de viagem, um desejo intenso que não pode ser realizado e importante para ser investigado (MITEV; IRIMIÁS, 2020).

Savci e Griffiths (2019) associam os efeitos da privação de viagens aos estados cognitivos e emocionais experimentados por viciados em comportamento em abstinência condicionada. Mitev e Irimiás (2020) apontam que viajar não é necessariamente um vício, embora as expectativas de viajar e o desejo das pessoas de modificar as experiências cognitivas atuais tornem o conceito de desejo por viagens úteis para compreender os estados subjetivos dos indivíduos.

De acordo com o panorama exposto, um estado de anormalidade (crise sanitária) impõe ao turista restrição de um aspecto do tempo social (falta de experiência turística), que diz respeito à ausência da fuga da cotidianidade. Depreende-se que a falta de uma atividade considerada como comum no tempo social do turista pode impactar o desejo de viagem do turista. Principalmente, quando se trata de ausência ou restrição de experiências turísticas comumente marcada por fatores sensoriais, emocionais e cognitivos mais intensos (KANAVACH *et. al.*, 2013; TONEATTO, 1999).

O desejo de viajar, por sua vez, é compreendido de forma relacional com a intenção de viajar na literatura sobre turismo, e resulta em estudos práticos. No campo da gestão, Miliauskas e Dzemydiene (2018) propõem uma abordagem baseada na arquitetura *Belief-Desire-Intention* (BDI) para o projeto de um agente virtual. O caso apresentado de um assistente de *chatbot* em um domínio de viagens demonstra a necessidade de modificação da arquitetura do BDI.

Koo, Joun, Han, Chung (2016) na tentativa de ampliar a compreensão da intenção de visitar o destino, propuseram um modelo de pesquisa baseado na teoria do uso e gratificação e no modelo crença-desejo-intenção. Ao passo que conjuntamente associaram a exposição cultural percebida com a intenção de viajar (KOO; JOUN; HAN; CHUNG, 2016). Diante do exposto, consideram-se as seguintes hipóteses de pesquisa.

- *H3: A Restrição a Experiência Turística mantém relação positiva com o Desejo de Viajar.*
- *H4: O Desejo de Viajar mantém relação positiva com a Intenção de Viajar*

3.3 A Restrição de Experiência Turística, o Risco Percebido e a Intenção de Viajar

A restrição de experiências turísticas, no contexto pandêmico, é considerada uma medida de proteção ao risco, e se compõe como uma das medidas de contenção necessária em favor da contenção do risco à saúde (COELHO; MAYER, 2020). No entanto, o fenômeno denominado falta de experiência turística vem acompanhado por consequentes de natureza social, econômica e psicológica (CARNEIRO; ALLIS, 2021; DE OLIVEIRA; CAPRARO, 2020; FIGUEIREDO, 2020; LOBO *et. al.*, 2020; DA SILVA; DA SILVA, 2021).

Quando se trata de consequentes de natureza psicológica, o aspecto cognitivo que diz respeito ao fator risco percebido costuma ser levado em consideração em relação às procedências tomadas em crises de saúde global (ARAGONES; TALAYERO; OLIVUS, 2010). Medidas de contenções necessárias e associadas ao evento crise comumente resulta em restrição de diversas atividades consideradas saudáveis (BERRY, 2004; ARAGONES; TALAYERO; OLIVUS, 2010), podendo trazer impacto para o indivíduo praticante. No caso, a experiência turística é uma dessas atividades que sofrem restrição em contexto epidemiológicos e contenção, no entanto, está normalmente associada a uma atividade social saudável e positiva para indivíduo turista (SIRGY, 2010; KROESEN; HANDY, 2013; CHEN; PETRICK, 2013; UYSAL *et. al.*, 2016; OUYANG; GURSOY; CHEN, 2019).

Coelho, Meira e Gosling (2018) identificaram a essência de viagens memoráveis de casais a lazer, tendo em vista que a viagem a dois ainda é pouco estudada. Os resultados demonstraram que a viagem a dois proporciona a criação de eventos memoráveis, em que histórias e situações vividas podem ser compartilhadas posteriormente entre o casal e seus conhecidos. Além da fuga da rotina, diversão e relaxamento, as datas comemorativas e as paixões em comum também são motivadores para viagens de casal. Além disso, as autoras trouxeram à discussão a importância que remetem à abordagem da experiência em grupo ao invés da perspectiva individual (COELHO, MEIRA; GOSLING, 2018). Em outro estudo, Coelho e Gosling (2018) reforçam esse caráter relacional das experiências turísticas ao considerarem no desenvolvimento de uma escala de experiência turística as dimensões relacionamento com companheiros, com turistas e agentes locais.

Diante do exposto, a restrição de experiência turística pode vir a ter relação com risco percebido em situação de risco à saúde devido à falta dos aspectos evidenciados por Coelho, Meira e Gosling (2018) e Coelho e Gosling (2018), considerados positivos para o turista. Berry (2004) reforça esse argumento, uma vez que, para o autor, quando o risco é levado em consideração à prática de um comportamento saudável frente à possibilidade de exposição a algo prejudicial (risco à saúde), verifica-se uma relação entre a atividade, o risco percebido e a intenção de adotar um comportamento de proteção ou o agradável (BERRY, 2004).

Assim, além de uma relação entre falta de experiência turística e risco percebido à saúde, considera-se uma terceira relação presente que diz respeito ao comportamento de proteção. No campo de risco à saúde a adoção de comportamentos eficazes para evitar o contágio de doenças em pessoas é afetada pelo risco percebido a saúde (FUNG; CAIRNCROSS, 2006; LAU; KIM; TSUI; GRIFFITHS, 2007; LEUNGET *et. al.*, 2004; LIAO *et. al.*, 2006; TANG; WONG, 2004; RUBIN; AMLÔT; PAGE; WESSELY, 2009).

Por meio de uma abordagem psicométrica, Aragonés, Talayero e Olivus, (2010) estudaram como as pessoas percebem um único risco: a influenza A (H1N1). Este estudo de natureza empírica caracterizou a percepção de risco, quanto à possibilidade de contrair ou não a influenza e de adoção de medida de contenção, em quatro dimensões: potencial catastrófico, ameaça, controle e conhecimento, que tem proximidade com contexto do campo de estudo atual e intimamente relacionado às dimensões medo e ignorância, considerados aspectos de consenso relacionado a risco, na literatura (SLOVIC, 1987).

Assim, percebe-se que as duas primeiras dimensões (poder catastrófico e ameaça) estão mais relacionadas aos aspectos emocionais – medo – dessa percepção, enquanto as duas últimas (controle e conhecimento) estão mais relacionados aos aspectos cognitivos – ignorância. Além do mais, de acordo com o estudo, poder catastrófico e a ameaça atuam como variáveis preditoras da magnitude do risco percebido nesse contexto (ARAGONES; TALAYERO; OLIVUS, 2010).

No caso do turismo, a adoção de comportamento eficaz no momento está relacionada com a intenção ou não de viajar, sendo influenciada pelo risco percebido à saúde. Contudo em outras situações o turismo compreende a relação entre risco percebido e intenção de viajar.

Qiao, Zhao, Xin e Kim (2021) examinaram a intenção comportamental relacionada a viagens de residentes sul-coreanos para a China continental pós-COVID-19 usando um modelo estendido de comportamento direcionado a um objetivo. Por meio de uma modelagem

de equações estruturais estabeleceu-se as relações estruturais entre as variáveis latentes, os resultados mostram que a mídia de massa teve uma influência positiva na percepção dos residentes sul-coreanos sobre a imagem da China, uma influência negativa nas preocupações dos residentes e uma influência positiva nas intenções comportamentais dos residentes em viajar para o exterior (QIAO; ZHAO; XIN; KIM, 2021). Assim, o estudo evidencia que a percepção dos coreanos sobre a imagem mantém uma influência positiva na atitude dos residentes em relação a viagens ao exterior (QIAO; ZHAO; XIN; KIM, 2021).

Agyeiwaah, Adam, Dayour, Badu Baiden (2021) examina os impactos percebidos do COVID-19 por meio de relações entre percepções de risco, emoções e intenções de viagem em instituições de ensino superior selecionadas da Região Administrativa Especial de Macau (RAE), utilizando uma amostra de conveniência de 412 inquiridos.

O artigo argumenta que as estratégias de recuperação de hospitalidade e turismo devem se concentrar em segmentos específicos do mercado interno, entendendo a avaliação cognitiva da situação atual, o estado emocional do indivíduo turista e possível resposta a viagens futuras (AGYEIWAH; ADAM; DAYOUR; BADU BAIDEN, 2021). Para além, o estudo disserta sobre o risco percebido à saúde dos inquiridos e, por fim, salienta que a promoção de viagens domésticas tem se tornado uma forma prática de redefinir o turismo, mas exige a compreensão das percepções e preocupações de risco do segmento (AGYEIWAH; ADAM; DAYOUR; BADU BAIDEN, 2021).

Sánchez-Cañizares, Cabeza-Ramírez, Muñoz-Fernández, Fuentes-García (2021) analisar o impacto do risco percebido na intenção de viajar na situação de pandemia de Covid-19, aplicando a Teoria do Comportamento Planejado. O estudo aborda os efeitos moduladores do risco de viajar sobre os antecedentes da intenção; além disso, o modelo resultante inclui o impacto da intenção de viajar sobre a disposição de pagar (DAP) mais, para se beneficiar de medidas adicionais de segurança no destino. Além disso, este artigo aborda respondentes pertencentes a um grupo de risco para Covid-19 como uma fonte de heterogeneidade que pode exercer um efeito sobre os resultados do modelo (SÁNCHEZ-CAÑIZARES; CABEZA-RAMÍREZ; MUÑOZ-FERNÁNDEZ; FUENTES-GARCÍA, 2021).

Abraha, Bremser, Carreno, Crowley-Cyr e Moreno (2020) propõem um modelo para explicar a influência das pandemias nas atitudes e intenções de viajar dos turistas e se a atribuição de culpa influencia as escolhas de destinos de viagens. Por meio de uma pesquisa online distribuída para uma amostra de 216 viajantes internacionais com pelo menos 18 anos de idade, os resultados sugerem que indivíduos que atribuem à disseminação de COVID-19 a

seus próprios países (locus de controle interno associado à teoria da atribuição) são mais propensos a viajar para o exterior (ABRAHA; BREMSER; CARRENO; CROWLEY-CYR; MORENO, 2020). O estudo mostra também que diferenças estatisticamente significativa são observadas entre vários cortes geracionais em relação ao risco de viagem percebido, viagens domésticas e internacionais (ABRAHA; BREMSER; CARRENO; CROWLEY-CYR; MORENO, 2020). Diante do exposto, consideram-se as seguintes hipóteses de pesquisa:

- *H5: A Restrição a Experiência Turística tem relação positiva com Risco Percebido à Saúde.*
- *H6: O Risco Percebido a Saúde é formado pelas dimensões poder catastrófico, ameaça, controle e conhecimento.*
- *H7: O Risco Percebido a Saúde tem relação negativa com Intenção de Viajar.*

3.4 O Desejo de Viajar, o Risco Percebido e o Bem-estar Subjetivo

A psicologia compreende o desejo como um espectro de significado associado ao gosto extremo por alguma coisa (KANAVACH *et. al.*, 2013; TONEATTO, 1999). A teoria do desejo de bem-estar aponta que o nível de bem-estar de uma pessoa é determinado pela extensão em que seus desejos são satisfeitos. Contudo, o desejo de viagem é um evento cognitivo-emocional focado em viagens com propriedades aversivas ou de incentivo experimentadas quando uma pessoa com desejo não pode fazê-los por razões além de seu controle (MITEV; IRIMÁS, 2020).

Assim, compreender o desejo de viajar do indivíduo turista por meio de uma atração genuína a atividade de viajar (HEATHWOOD, 2017), pode ser eficaz para explicar a relação entre desejo de viajar e bem-estar subjetivo no contexto de falta de experiência turística ocasionado pelo momento de pandemia.

Heathwood (2017) em uma tentativa de responder quais desejos são relevantes para o bem-estar, busca distinguir o significado de desejo para, assim, associar os diversos tipos de desejo ao bem-estar. De acordo com o autor existe uma distinção entre o que uma pessoa deseja em um sentido meramente comportamental, relacionado à intenção de agir em favor de obter o que deseja e o que uma pessoa deseja em um sentido mais robusto, no sentido de ser genuinamente atraído para a coisa. Esse segundo sentido está conectado a noções como entusiasmo, apelo, interesse, excitação e atração e pode levar uma pessoa a realizar

voluntariamente uma ação que não desejava fazer, bem como, pode levar uma pessoa se recusar a fazer o que mais deseja.

Cai, Esipova, Oppenheimer e Feng (2014) utilizam o bem-estar subjetivo para explicar os desejos de migração internacional, uma vontade expressa de migrar. Os resultados mostram que os indivíduos com menos desejos de migração internacional tem maior bem-estar subjetivo. No nível individual, a relação entre bem-estar subjetivo e migração parece ser robusta, e no nível do país, o bem-estar subjetivo médio nacional indica melhor os desejos de migração internacional para os países ricos. Assim, o estudo demonstra a viabilidade de empregar medidas subjetivas para estudar pelo menos um aspecto de um importante resultado social, a migração (CAI; ESIPOVA; OPPENHEIMER; FENG, 2014).

Outra possível relação com o bem-estar consiste no efeito que o risco percebido traz sobre bem-estar subjetivo. Os estudos de Agyeiwaah, Adam, Dayour, Badu Baiden (2021), além de considerar as relações entre risco percebido com intenção de viajar, indicam que um alto risco percebido de viajar durante o COVID-19 aumenta as emoções negativas.

Özer, Özkan, Özmen e Erçoban (2021) examinaram o efeito do risco percebido do COVID-19 na ansiedade de morte, satisfação com a vida e bem-estar psicológico. A pesquisa foi realizada em funcionários que trabalham em um hospital público, e os resultados da análise dos modelos de regressão identificaram que o aumento nas percepções de risco COVID-19 dos participantes aumentou estatisticamente sua ansiedade de morte e diminuiu sua satisfação com a vida e bem-estar psicológico (ÖZER; ÖZKAN; ÖZMEN; ERÇOBAN, 2021).

Yildirim, Ozaslan e Arslan (2021) examinaram as associações entre o risco percebido do coronavírus, medo do coronavírus, bem-estar mental e ansiedade dos pais ocasionada pelo risco percebido à saúde, bem como o papel mediador do medo do coronavírus e o papel moderador do bem-estar mental. A amostra foi composta por 189 profissionais de saúde (91 homens e 98 mulheres) que atendiam pacientes com COVID-19 em um hospital pandêmico na Turquia (YILDIRIM; OZASLAN; ARSLAN, 2021).

As principais descobertas mostraram que o medo do coronavírus media a relação entre o risco do coronavírus e a ansiedade dos pais pelo coronavírus. O bem-estar mental moderou o efeito do risco de coronavírus na ansiedade dos pais por causa do coronavírus. O efeito de mediação do medo do coronavírus foi moderado pelo bem-estar mental. Essas descobertas

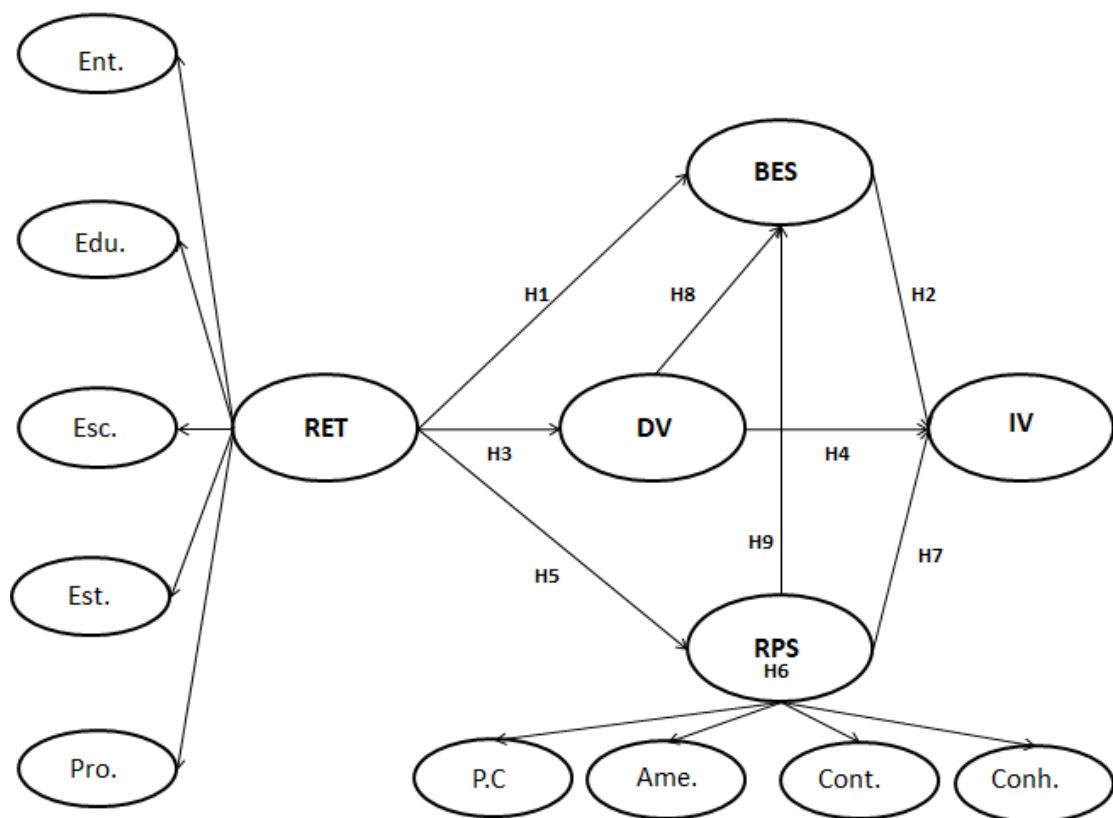
explicam por que e quando as intervenções baseadas no bem-estar mental podem ser eficazes na redução do risco percebido de coronavírus, medo e ansiedade dos pais por causa do coronavírus em relação aos filhos (YILDIRIM; OZASLAN; ARSLAN, 2021). Diante do exposto formam-se as seguintes hipóteses de pesquisa.

- *H8: O desejo de viagem mantém relação negativa com o Bem-estar Subjetivo.*
- *H9: O risco percebido à saúde mantém relação negativa Bem-estar Subjetivo.*

3.4 Modelo teórico de pesquisa

Com o objetivo de sintetizar o modelo teórico graficamente e as principais relações que serão testadas nesse estudo, este tópico apresenta o modelo de hipóteses proposto, estando ele disposto na Figura 10. O modelo é formado por 10 hipóteses de pesquisa (H1, H2, H3, H4, H5, H6, H7, H8, H9) que relacionam cinco construtos: Restrição à Experiência Turística (RET), Bem-Estar Subjetivo (BES), Desejo de Viajar (DV), Risco Percebido à Saúde (RPS) e Intenção de Viajar (IV).

Figura 10: Modelo de Pesquisa Proposto



Nota: RET – restrição à experiência turística, BES – Bem-estar subjetivo, DV – Desejo de viajar, RPS – Risco Percebido a Saúde, IV – Intenção de Viajar.

Fonte: Elaborado por autor (2021).

O Quadro 2 apresenta as relações dispostas no modelo gráfico, por meio da apresentação das hipóteses principais, bem como, as fontes teóricas que serviram como base teórica para a construção do modelo de pesquisa.

Quadro 2: Hipóteses de pesquisa e suas fontes

	Hipóteses	Fontes das relações
H1	A Restrição à Experiência Turística mantém relação negativa com o Bem-Estar Subjetivo	Chen; Petrick (2013); Ouyang; Gursoy; Chen (2019); Sirgy (2010); Uysal <i>et. al.</i> , (2016); Sedgley <i>et. al.</i> (2017); Li, Chan, (2020), Mowatt, Chancellor (2011); McCabe, Johnson (2013).
H2	O Bem-Estar Subjetivo mantém relação negativa com a Intenção de Viajar.	Chen, Lehto, Cai (2013); Cho, Chiu, Tan (2020).
H3	A Restrição à Experiência Turística mantém relação positiva com o Desejo de Viajar.	Mitev, Irimiás (2020); Savci, Griffiths (2019).
H4	O Desejo de Viajar mantém relação positiva com a Intenção de Viajar.	Miliauskas, Dzemydiene (2018); Koo, Joun, Han, Chung (2016).
H5	A Restrição à Experiência Turística tem relação positiva com risco percebido à saúde.	Berry (2004); Fung, Cairncross (2006); Lau, Kim, Tsui, Griffiths (2007); Leung <i>et. al.</i> (2004); Liao <i>et. al.</i> (2006); Tang, Wong (2004); Rubin, Amlôt, Page, Wessely (2009).
H6	O Risco Percebido à Saúde é formado pelas dimensões poder catastrófico, ameaça, controle e conhecimento.	Pesquisa Qualitativa; Aragonés, Talayero, Olivus (2010).
H7	O Risco Percebido à Saúde tem relação negativa com Intenção de Viajar.	Agyeiwaah, Adam, Dayour, Badu Baiden (2021); Sánchez-Cañizares, Cabeza-Ramírez, Muñoz-Fernández, Fuentes-García (2021); Abraha, Bremser, Carreno, Crowley-Cyr, Moreno (2020).
H8	O Desejo de Viajar mantém relação positiva com o Bem-Estar Subjetivo.	Cai, Esipova, Oppenheimer, Feng, (2014); Heathwood (2017); Bruckner (2010).
H9	O Risco Percebido à Saúde mantém relação negativa Bem-Estar Subjetivo.	Yildirim, Ozaslan, Arslan (2021); Özer; Özkan, Özmen, Erçoban (2021); Agyeiwaah, Adam, Dayour, Badu Baiden (2021).

Fonte: Elaborado por autor (2021)

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Descrevem-se abaixo os procedimentos metodológicos adotados para a condução do estudo. A estratégia elaborada para a realização desta pesquisa em função dos objetivos específicos pode ser observada no Quadro 4. A seção se desdobra na orientação epistemológica, na caracterização da pesquisa e no *design* do estudo, que descreve a população e detalha as técnicas de amostragem, coleta e análise dos dados.

Quadro 3: Estratégia de pesquisa

Indivíduos com hábitos de viagem turística.	Qualitativa	a) Compreender qualitativamente o fenômeno de pesquisa	Indivíduos que têm hábito e frequência de viagem turística, convidados a serem entrevistados.	Entrevista	Análise de conteúdo
	Quantitativa	b) Analisar a relação entre falta de experiência turística e bem-estar subjetivo; c) Analisar a relação entre falta de experiência turística e desejo de viajar; d) Analisar a relação entre falta de experiência turística e risco percebido a saúde; e) Analisar a relação entre bem-estar subjetivo e intenção de viajar. f) Analisar a relação entre desejo de viajar e intenção de viajar. g) Analisar a relação entre risco percebido à saúde e intenção de viajar. h) Analisar a relação entre desejo de viajar e bem-estar subjetivo; i) Analisar a relação entre risco percebido à saúde e bem-estar subjetivo.	Por conveniência (redes sociais, email, etc.). Bola de neve	Survey (Google formulário)	Descritiva Análise Fatorial Exploratória Análise fatorial confirmatória Modelagem por equações estruturais

Fonte: Adaptado de Barros (2019).

4.1 Posicionamento epistemológico do estudo

Os diferentes modelos teóricos das Ciências Sociais iluminam determinados aspectos da realidade social, oferecendo diferentes perspectivas que se complementam (COSTA, 2006). Diversos são os autores que trabalham com diferentes correntes das Ciências Sociais e cada um com sua maneira de sistematizar, isso é decorrente, sobretudo, da complexidade de seu objeto – o ser social (GIL, 2011).

Dentro das ciências sociais, então, os diversos autores e suas respectivas correntes discorrem, principalmente, a partir dos clássicos: Durkheim, Marx e Weber, que são

considerados os principais representantes do positivismo, marxismo e da sociologia compreensiva, respectivamente.

O turismo é um fenômeno social complexo, que condensa uma série de aspectos da sociedade e da cultura, formado por diversos atores. Nechar (2007) expõe que as ciências sociais, em específico o campo do turismo tem uma capacidade descritiva, crítica, reflexiva e interpretativa. Assim, os pesquisadores de turismo lançam mão de diversos esquemas, teorias e metodologias para interpretar o campo. A partir dessas compreensões, Panosso-Netto e Nechar (2014), consideram seis linhas epistemológicas no turismo, as quais estão detalhadas no Quadro 2.

Quadro 4: Linhas epistemológicas no turismo

Linha	Descrição
Positivismo	O turismo é analisado com a métrica clássica, necessitando de dados, metodologias e objetos bem delineados. Entende-se que há um método que forneça certeza e segurança na investigação.
Sistemismo	Estabelecimento de hospedagem, agências, guia de turismo, estabelecimentos diversos, fabricantes de produtos vendidos a turistas e centros de diversão.
Marxismo	O turismo existe em decorrência dos fatores econômicos de produção. Ele não está disponível a todos, mas apenas àqueles que têm condições financeiras para arcar com as atividades turísticas, tornando-se um turista. Nesse modo de compreender o turismo, o homem é explorado pelo próprio homem.
Fenomenologia	Explora a experiência humana, baseando-se na observação e na percepção do turismo como um fenômeno fortemente dinâmico, desenvolvido por indivíduos ou grupos no tempo e no espaço.
Hermenêutica	Trata de saberes orientado para a interpretação de textos. Nesse sentido, textos são assuntos de interpretação, sendo visuais, acústicos, escritos, falados ou sonoros.
Crítica	Auxilia os estudos do turismo mostrando interesses ocultos que direcionam investigações e revelam ideologias que se manifestam no meio acadêmico. É um processo marcado pelo ato de interpretar, que significa mais do que a simples descrição.

Fonte: Adaptado de Panosso-Netto e Nechar (2014).

O presente trabalho, devido ao seu objetivo e ao modo de alcançá-lo, entende que deva ser guiado pela característica da linha positivista do turismo. Uma vez que o princípio da filosofia positivista é voltada para o empirismo. E, também, porque de acordo com Panosso-Netto e Nechar (2014), a linha epistemológica positivista no turismo está fundamentada na ciência clássica, como base para o desenvolvimento de qualquer atividade empírica.

Além dessas razões, o estudo do turismo não pode ser elevado à categoria de ciência ou disciplina científica, o que nos leva a tratar o objetivo do estudo dentro do campo do marketing, que também abarca a epistemologia positivista, sendo tratado a partir de perspectivas mercadológicas.

4.2 Etapas da Pesquisa

Diante desse propósito, o estudo desenvolvido é compreendido como um estudo exploratório-descritivo. Exploratório por proporcionar uma visão geral de um determinado fato, ou seja, a elucidação ou explicação do tipo aproximativa do fenômeno (GONÇALVES, 2014). A pesquisa exploratória é realizada sobre um problema ou questão de pesquisa que geralmente são assuntos com pouco ou nenhum estudo anterior a seu respeito. E descritivo devido o propósito de realizar nesse estudo uma análise e interpretação do fenômeno (BARROS; LEHFELD, 2007). Portanto, as etapas realizadas consistem em uma etapa qualitativa e outra quantitativa.

4.2.1 Etapa Qualitativa

A partir do fenômeno da restrição de viagem ocasionado pela pandemia da Covid-19, no início de 2020, a Etapa qualitativa do estudo utilizou uma abordagem exploratória de caráter qualitativo que descreve a percepção do fenômeno e seus aspectos sociopsicológicos a partir do ponto de vista de indivíduos com comportamento de turismo e os significados que são atribuídos por eles (CRESWELL, 2010; FLICK, 2013), relacionados à experiência turística e o contexto de restrição ao comportamento turista.

Um roteiro de entrevista semiestruturado foi desenvolvido como ferramenta para coleta de dados, sendo fundamentado nas teorias de Turismo e Marketing Experiencial (SCHMITT, 1999; TUNG; RITCHIE, 2011a; Sterchele, 2020), Psicologia Positiva (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000; Seligman, 2004), Teoria da Satisfação do Desejo (HEATHWOOD, 2016; HEATHWOOD, 2018), como também nas indicações de Gill (2003) para formulação das perguntas. O critério para participação das entrevistas consistiu em indivíduos que tivessem o hábito de viajar em períodos denominados de não-trabalho, um dos elementos que compõem o tempo social (LEFEVBRE, 1998).

4.2.1.1 Coleta dos dados

Para a coleta de dados, alguns critérios de inclusão foram estabelecidos, *a priori*, a fim de manter-se dentro do objetivo proposto para o estudo. Diante disso, estabeleceu-se que era preciso:

- Entrevistar pessoas com hábito e desejo intenso de viajar;
- Entrevistar pessoas de diferentes regiões e estados do Brasil;

- Ter um escopo alargado de informação demográfica (faixa etária, sexo, profissão, estado civil);
- As entrevistas devem atingir um ponto de saturação.

De modo intencional e de acordo com critérios de inclusão (Creswell, 2010), foram contatadas 18 pessoas, por meio técnica de bola de neve, na qual os primeiros participantes indicavam outras pessoas para participarem da pesquisa (PENROD; PRESTON; CAIN; STARKS, 2003). Entre aquelas, quatro pessoas não deram respostas quando convidadas, uma teve conflito de agenda e optou por não participar, e, em outro caso, ocorreram problemas técnicos na gravação, o que levou a eliminação da entrevista. O princípio de saturação dos dados, ou seja, quando as entrevistas não trazem mais informação nova (GOUVEIA et al., 2016), pode ser notado a partir das 10 entrevistas, contudo, optou-se por manter as 12 entrevistas consideradas para análise.

O grupo formado apresentou uma larga faixa-etária, visto que as pessoas entrevistadas puderam ser distribuídas em uma faixa de idade entre 20 anos a 70 anos. Quanto ao sexo, houve uma predominância de mulheres entrevistadas, no que diz respeito ao número de entrevistas realizadas. Desse modo, foram entrevistadas 8 mulheres e 5 homens. As profissões, no entanto, foram diversificadas, o que nos levou a obter entrevistados que atuam profissionalmente tanto no setor privado quanto público, tendo até um indivíduo aposentado. Ocorreu, também, uma diversificação quando ao estado civil, com indivíduos solteiros, que namoram e não namoram, bem como casados, que têm filhos e não tem filhos.

As entrevistas foram coletadas e gravados no aplicativo da *Zoom Video Communications*, uma empresa americana de serviços de conferência remota com sede em San Jose, Califórnia. Ela fornece um serviço de conferência remota "Zoom" que combina videoconferência, reuniões online, bate-papo e colaboração móvel. As entrevistas foram realizadas no período do mês de abril de 2021, por meio de uma agenda construída em conjunto com o entrevistador e o entrevistado, de acordo com as disponibilidades de tempo e data de ambos.

No momento inicial de cada entrevista, foi esclarecido para o entrevistado, por parte do entrevistador, que a única pessoa que teria acesso à gravação das entrevistas seria o próprio entrevistador, e a orientadora da pesquisa, caso fosse necessário. Quanto à divulgação das informações contidas foi assegurado aos entrevistados que os dados contidos seriam analisados pelo entrevistador e em nenhum momento os entrevistados teriam a identidade revelada no estudo. Tendo esclarecido os pontos principais da coleta de dados qualitativos, apresentasse o roteiro semiestruturado da entrevista.

Quadro 5: Roteiro de entrevista semiestruturado

Apresentação do entrevistador
Apresentação do propósito da pesquisa e entrevista
Esclarecimento sobre segurança e divulgação da entrevista (acesso restrito, não será divulgado, utilizado como banco de dados).
Perguntas de perfil demográfico (nome, idade, estado civil, profissão).
<ol style="list-style-type: none"> 1. Você tem hábito de viajar? Por quê? 2. Que tipo de viagem costuma fazer? Qual gosta mais? 3. Como você costuma viajar? Por quê? Auxílio: Costuma viajar sozinho, em grupos de amigos, familiares, caravanas, etc., ou das duas formas? 4. Que tipo de experiências turísticas busca ou vivencia durante a viagem quando viaja sozinho? 5. Que tipo de experiências turísticas busca ou vivencia durante a viagem quando viaja em grupo? 6. Poderia relatar as experiências ou atividades mais agradáveis que viveu em suas viagens e que vem a sua lembrança? Por quê? Como aconteceram? E Experiências negativas? Quando aconteceram? O que você fez? 7. Quais dessas experiências/atividades vividas você considera serem mais marcantes ou memoráveis? Por quê? 8. Durante esse período de pandemia você manteve restrições total ou parcial em relações à viagem? Que tipo de restrições? Que tipos de consequências essas restrições tiveram na sua vida? 9. De acordo com as experiências relatadas e o tipo de restrição adotada, de qual experiência turística você sente mais falta? Por quê? 10. De acordo com as experiências relatadas e o tipo de restrição adotada, pretende buscar as mesmas experiências turísticas ou sente a necessidade de vivenciar novas experiências turísticas? Por quê? 11. Que efeitos negativos a falta de viagens trouxe? Por quê?

Fonte: Elaborado por autor e corrigido por orientadora, a partir da teoria apresentada no estudo.

4.2.1.2 Análise dos dados

A análise do corpus textual foi elaborada por meio da técnica de análise de conteúdo com respaldo na análise categorial (BARDIN, 2008). Apesar de ser uma análise qualitativa não rígida, baseada na Teoria das Representações Sociais (BAUER; GASKELL, 1999; MARKOVÁ, 2003; MARKOVÁ, 2017) Teoria da Ação Social (COLEMAN, 1990; BOURDIEU, 1994) e Teoria Sentitiva (STRAUSS; CORBIN, 1990), a análise de conteúdo pode ser categorizada por meio de algumas etapas – a Pré-análise, a Exploração do Material, e o Tratamento Inferencial (BARDIN, 2008).

A Pré-análise foi desenvolvida por meio do tratamento inicial do corpus textual das entrevistas brutas. Primeiramente foi realizada a transcrição dos relatos, e posteriormente, os relatos foram organizados e formatados dentro das proposições estipuladas pela técnica utilizada para a Exploração do Material.

A Exploração do Material se deu por meio do IRAMUTEQ: *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*, um software gratuito para

análise de dados textuais, fundamentado em estatística aplicada à análise lexicográfica. Assim, o corpus textual foi tratado por meio das técnicas Nuvem de Palavras, Análise de Similitude, Análise de Especificidades e Classificação Hierárquica Descendente, o que permite um tratamento inferencial com mais rigor científico.

Por fim, o processo de Tratamento Inferencial, considerado dedutivo, consiste nas inferências realizadas mediante ao resultado das técnicas executadas na fase de Exploração do Material.

4.2.2 Etapa Quantitativa

A etapa quantitativa do estudo foi desenvolvida após a etapa qualitativa, uma vez que a construção das relações teóricas desenvolvida no modelo teórico foram considerada a partir do desenvolvimento teórico sobre experiência turística e suas dimensões, a psicologia positiva e o bem-estar subjetivo, e a teoria da satisfação do desejo, e dos pressupostos encontrados no estudo qualitativo. A partir da explanação, segue-se o desenvolvimento metodológico da etapa quantitativa da pesquisa.

4.2.2.1 População e amostra

A população considerada que no estudo foram indivíduos turistas com hábito de viagem e por não termos acesso ao marco amostral, à amostra foi do tipo não probabilística (BABBIE, 2003). Para o cálculo da amostra foi utilizado o software G*POWER. Com relação ao uso do G*Power, Ringle, Silva e Bido (2014) observam que há dois parâmetros: o poder do teste ($\text{Power} = 1 - \beta$ erro prob. II) e o tamanho do efeito (f^2). De acordo com Cohen (1998) e Hair *et. al.* (2014), a determinação estatística dos parâmetros de medida devem ser de 0,80 (para o poder do teste) e de f^2 mediano = 0,15 (para o tamanho do efeito).

Ao realizar o cálculo no software G*Power, para o cálculo da amostra mínima desta pesquisa, obteve-se o número 119 (Figura 13). Ringle, Silva e Bido (2014) sugerem que, para obter um modelo mais consistente é interessante dobrar ou triplicar o resultado do cálculo. Assim, o dobro do valor gerado é de 238, e o triplo consiste em 357, sendo esse os dois possíveis números de observação das unidades de análise.

Figura 11: Cálculo do Tamanho da Amostra

Test family		Statistical test	
F tests		Linear multiple regression: Fixed model, R ² deviation from zero	
Type of power analysis			
A priori: Compute required sample size – given α , power, and effect size			
Input Parameters		Output Parameters	
Determine =>	Effect size f ²	Noncentrality parameter λ	17.8500000
	α err prob	Critical F	2.6834991
	Power (1- β err prob)	Numerator df	3
	Number of predictors	Denominator df	115
		Total sample size	119
		Actual power	0.9509602

Fonte: Saída Software G*Power 3.1.9.7

4.2.2.2 Coleta dos dados

A coleta dos dados quantitativos se deu por meio de um survey on-line hospedado na plataforma Google Formulários. O questionário foi desenvolvido em três versões, sendo uma inicial, construída a partir dos construtos identificados na literatura; a segunda, com o acréscimo dos construtos identificados na etapa qualitativa e inclusão de alguns itens em construtos já existentes e uma definitiva, resultante das modificações realizadas no pré-teste do questionário anterior.

O questionário foi composto pelos indicadores pertencentes aos construtos utilizados na pesquisa com uma escala tipo Likert de 11 pontos e por dados demográficos (gênero, idade, escolaridade e renda familiar). A divulgação do questionário de pesquisa se deu por meio da contratação de cinco pessoas, sendo tais responsáveis pela distribuição do Link do questionário, disponibilizado. Assim, foi acordado que cada uma seria responsável em conseguir 100 questionários respondidos inteiramente. O pré-teste foi realizado no mês de outubro/2021, o mês de novembro as correções indicadas foram realizadas sob orientação de Marlusa de Sevilha Gosling e a coleta oficial ocorreu no mês dezembro/2021.

O pesquisador acompanhou o processo de divulgação e nas duas quinzenas de dezembro/2021 entrou em contato com os divulgadores. Foram coletadas 572 respostas ao questionário, e somente 438 foram considerados pela pergunta filtro (Você faz viagens turísticas (cultural, rural, aventura, urbano, esportiva, sol e praia, ecológico e etc.) com

frequência (em todo (a) ou quase todo (a) ano/férias/feriados)?), que identificava o turista com hábito de viagem.

4.2.2.3 Instrumento de pesquisa

Os instrumentos de pesquisa que atendem a proposta de estudos serão desenvolvidos por meio de adaptação de escalas de medidas nacionais (PEZZI; VIANNA, 2015) e internacionais (KIM; RITCHIE; MCCORMICK, 2012; ARAGONES; TALAYERO; OLIVUS, 2010; LAWRENCE; LIANG, 1988), bem como por indicadores complementares coletados na etapa qualitativa que pode trazer algum tipo de contribuição à compreensão do fenômeno.

Para o desenvolvimento do instrumento de medida, que diz respeito da Restrição à Experiência Turística (RET), foram utilizados a escala de Pezzi e Vianna (2015), uma escala de Experiência Turística do tipo Likert. Através dos estudos de Pine II e Gilmore (1999) e Oh Fiore e Jeoung (2007), Pezzi e Vianna (2015) elaboraram uma pesquisa exploratória utilizando as dimensões da experiência de Pine II e Gilmore (1999), e a dimensão memória descrita por Oh Fiore e Jeoung (2007), tendo o estudo demonstrado bom resultados psicométricos. No entanto, para a pesquisa em questão optou-se por não utilizar a dimensão memória de Oh Fiore e Jeung (2007), dado que o objetivo do estudo não consiste em estudar a experiência turística memorável. Por fim, foi inserida uma dimensão denominada Processo, advinda da etapa qualitativa realizada a priori. Visto que nos relatos dos entrevistados surgiram muitas frases que correspondiam a itens que poderiam compor aspectos relacionados à falta de viver o planejamento e percurso da viagem de turismo, que também compõe a experiência turística.

Quadro 6: Escala de Restrição a Experiência Turística (RET)

No que se refere à restrição a EXPERIÊNCIA TURÍSTICA (antes, durante e depois da viagem), impostas pela pandemia em razão da Covid-19, e seus hábitos de viagem, você:

Dimensão	Indicador de referência	Indicador adaptado	Fonte
Entretenimento	Conhecer os hábitos	Sente falta de conhecer novos	Pezzi; Vianna (2015).
	Diversão nas atividades	hábitos culturais	
	Diversão na viagem	Eu sinto falta da diversão nas	
	Entretenimento	atividades turísticas (passeios)	
Pertencimento	Pertencimento	Sente falta da diversão da viagem	
		Sente falta do entretenimento	
		Sente falta da sensação de pertencimento	

Educação	Novos conhecimentos Aprender coisas novas Melhorar as habilidades Aprender sobre si mesmo	Sente falta de adquirir novos conhecimentos Sente falta de aprender coisas novas Sente falta de melhorar algumas de suas habilidades Sente falta de aprender sobre si mesmo (a)	Pezzi; Vianna (2015).
Escapismo	Sentir-se em outro papel Não cotidiano Fuga da realidade Tempo	Sente falta de estar em outro papel ou como outra pessoa Sente falta de vivenciar o que não é cotidiano Sente falta de fugir da realidade Sente falta de ter tempo livre	Pezzi; Vianna (2015).
Estética	Visual da cidade Arquitetura Cenário harmonioso	Sente falta de apreciar o visual do destino turístico Sente falta de apreciar a arquitetura local Sente falta de usufruir de cenário harmonioso no destino turístico	Pezzi; Vianna (2015).
Processo		Sente falta de empolgar-se com as decisões sobre a viagem, tais como o destino, o meio de deslocamento, a hospedagem. Sente falta de planejar o roteiro/passeios da viagem Sente falta de aproveitar os aspectos de deslocamento de viagem (por exemplo, a paisagem nas estradas ou espera no aeroporto ou estação de trem). Sente falta da expectativa positiva provocada por tudo relacionado à viagem	Pesquisa Qualitativa

Fonte: Elaborada por autor (2021)

A escala de desejo de viajar foi adaptada do estudo de Mitev e Iriamás (2020), no qual as autoras adaptaram uma medida que se propõe compreender o desejo de viagem genuíno, denominado *Craving Travel*, e avaliar o evento cognitivo e emocional do desejo de viajar em contexto de restrição. As autoras desenvolveram a escala com estudantes da Universidade de Trento (Itália) e da Universidade Corvinus de Budapeste (Hungria), recrutados por e-mail. Das 627 respostas coletadas, somente 535 foram utilizadas como conjunto de dados. As autoras utilizaram a *Penn Alcohol-Craving Scale* (PACS) de múltiplos itens e fator único desenvolvido por Flannery *et. al.* (1999) para fazer a adaptação ao desejo de viajar (MITEV; IRIAMÁS, 2020). Assim, a escala foi escolhida devido à proximidade entre o fenômeno da

restrição a experiência turística e um desejo que não pode ser satisfeito, por razão além do controle do indivíduo, dado o panorama da restrição de viagem e sua causa.

Quadro 7: Escala de Desejo de Viajar (DV)

Diante das restrições ao turismo causada pela pandemia do Covid-19, no momento atual, sobre uma viagem de lazer...

Dimensão	Indicador de referência	Indicador adaptado	Fonte
Desejo de viajar	How often have you thought about travel, or how good travel would make you feel?	Com que frequência você tem pensado em viajar?	Mitev e Iriamás (2020). Pesquisa Qualitativa
	At its most severe point, how strong was your craving for travel?	Como se sentiria se fosse viajar?	
	How much time have you spent thinking about travelling or how good travel would make you feel?	Quão forte é seu desejo/sua necessidade de viajar?	
	How difficult was it to resist travelling?	Quanto tempo você gasta pensando em viajar?	
	Please rate your overall travel craving?	Quão difícil ainda tem sido resistir à viagem?	
	“Eu sinto falta de lugares com coisas mais simples e que faria com mais frequência, por exemplo, ir a serra do cipó, sinto saudade de lá.”	Você sente saudades de ir a lugares mais simples que costumava ir frequentemente?	
	“A gente trabalha na universidade e tem que reorganizar as relações interpessoais, mais de oito mil alunos de diferentes regiões e eu sinto que preciso viajar, para descansar.”	Você sente que precisa voltar a viajar, para descansar.	
	Daí você vai vendo as fotos e dá mais saudade ainda né?	Você quer ir a lugares próximos e com poucos turistas e residentes?	
	“Queria muito ir para o mato, então, resolvi que a gente ia para o mato e a gente foi para cidades pequenas aqui perto, que a gente poderia ir de carro.”	Você tem pensado em viajar mais de carro?	

Fonte: elaborada por autor (2021)

O Bem-Estar Subjetivo (BES) foi medido por meio da adaptação de duas escalas, a primeira desenvolvida por Lyubomirsky e Lepper (1999). O estudo desenvolveu uma nova

medida global de felicidade subjetiva de 4 itens, sendo validada em 14 estudos com um total de 2.732 participantes.

A segunda escala adaptada foi retirada de um artigo seminal de Veit e Ware (1983), a escala original busca medir a saúde mental e é composta por 38 itens que compõe dimensões de sofrimento e bem-estar (ansiedade, depressão, controle emocional/comportamental, afetos positivos gerais, laços emocionais). Os resultados da análise fatorial confirmatória para a validação cruzada dão força psicométrica e suporte ao modelo hierárquico (VEIT; WARE, 1983), sendo uma escala referenciada (ASANOV *et. al.*, 2021; TAUBMAN–BEN-ARI *et. al.*, 2020). Contudo, somente a dimensão ansiedade foi utilizada para a composição da escala de bem-estar subjetivo, uma vez que a literatura considera o Bem-Estar Subjetivo (BES) um construto psicológico composto por fator cognitivo e fatores emocionais que definem o nível de felicidade percebida (DIENER *et. al.*, 2016).

Quadro 8: Escala de Bem-estar Subjetivo (BES)

O bem-estar subjetivo diz respeito ao seu estado de felicidade e as emoções sentidas em momentos na vida, de acordo com essa descrição...			
Dimensão	Indicador de referência	Indicador adaptado	Fonte
Bem-estar subjetivo	In general, i consider myself a happy person	Em geral, você se considera uma pessoa feliz?	Lyubomirsky e Lepper (1999), Veit e Ware (1983).
	Compared to most of my peers, i consider myself happy	Em comparação aos seus familiares e outros amigos, você se considera uma pessoa feliz?	
	Some people are generally very happy. They enjoy life regardless of what is going on, getting the most out of everything. To what extent does this characterization describe you?	Algumas pessoas geralmente são muito felizes. Elas aproveitam a vida independentemente do que está acontecendo, tirando o máximo proveito de tudo. Em que medida você se enxerga nessa descrição?	
	Some people are generally not very happy. Although they are not depressed, they never seem as happy as they might be. To what extent does this characterization describe you?		
Afetos Positivos	Happy person.	Se sente contente.	Lyubomirsky e Lepper (1999), Veit e Ware (1983).
	Daily life interesting.	Tem uma vida cotidiana interessante.	
	Feel calm and peaceful	Se sente em paz.	
	Feel cheerful, lighthearted	Se sente animado (a).	
	Generally, enjoyed things	Se sente despreocupado (a).	
	Relaxing and free of tension. living a wonderful adventure.	Se sente relaxado (a), livre de tensões.	
		Se sente vivendo uma aventura	

Expect a interesting day	maravilhosa.
Wake up fresch, rested.	Espera que seus dias sejam interessantes.
Future hopeful, promising.	Acorda descansado (a). Espera por um futuro promissor.

Fonte: elaborada por autor (2021)

O Risco Percebido à Saúde (RPS) foi medido por meio da adaptação de uma escala desenvolvida por Aragonés, Talayero e Olivus (2010). Por meio de uma abordagem psicométrica, os autores desenvolveram um instrumento de medida que investiga o risco percebido para saber a percepção de apenas um risco: influenza A (H1N1). A escala foi escolhida devido à existência de uma similaridade entre a proposta de desenvolvimento de um instrumento para se medir a percepção de risco à saúde em prol da compreensão da ação protetora (ou não) contra o contágio da influenza A (H1N1) (ARAGONES; TALAYERO; OLIVUS, 2010) – pandemia em 2009 – e a proposta do projeto desenvolvido para compreender a percepção de risco à saúde e o comportamento do turista frente ao risco de contaminação com Covid-19 – pandemia em 2020 e atual.

Quadro 9: Escala de Risco Percebido à Saúde (RPS)

A Covid-19 é um risco a saúde que está presente na vida social desde o início da pandemia, de acordo com sua percepção...

Dimensão	Indicador de referencia	Indicador adaptado	Fonte
Poder catastrófico	En qué medida este riesgo puede causar una catástrofe Cuando esta enfermedad aparece ¿cuál es la probabilidade de que la consecuencia sea mortal ¿En qué medida este riesgo es una amenaza para las futuras generaciones? En qué medida el riesgo de muerte es inmediato, o es probable que la muerte ocurra después? Es éste un riesgo que mata a las personas de una en una (riesgo constante/individual), o es un riesgo que mata a un elevado número de personas a la vez (riesgo catastrófico)? En qué medida vd., personalmente, tiene el riesgo de coger esta enfermedad?	Esse risco pode causar uma catástrofe Quando contraem o vírus, a consequência desse risco pode ser fatal. A Covid-19 é um risco que ameaça gerações futuras. O risco de morte associado ao vírus da Covid-19 é imediato. O risco de morte associado ao vírus da Covid-19 atinge um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Você está pessoalmente em risco de contrair esta doença	Aragones, Talayero e Olivus, (2010)

Ameaça	Es éste un riesgo al que la gente no teme, o es uno al que teme mucho? En qué medida este riesgo está disminuyendo, o aumentando? Cuánta gente está expuesta a este riesgo?	De forma geral, as pessoas não temem o vírus da COVID-19. O risco associado ao vírus da Covid-19 está diminuindo.	Aragones, Talayero e Olivus, (2010)
Controle	Se pueden prevenir los acontecimientos desafortunados que conducen a este riesgo Son observables los mecanismos mediante los cuales esta enfermedad se transmite? En qué medida es fácil reducir este riesgo?	Eventos infelizes que levam a esse risco podem ser evitados. Os meios pelos quais esta doença é transmitida são observáveis. É fácil reduzir o risco de contrair Covid-19.	Aragones, Talayero e Olivus, (2010)
Conhecimento	En qué medida las personas expuestas a este riesgo lo conocen con precisión? Se expone la gente a este riesgo de forma voluntaria? En qué medida conoce la ciencia este riesgo? La gente que está expuesta a este riesgo, ¿en qué medida puede, por habilidad o precaución personal, evitar la muerte?	As pessoas que estão expostas ao vírus da Covid-19 sabem disso com clareza. As pessoas estão expostas a esse risco voluntariamente. A ciência está ciente dos riscos associados ao vírus da Covid-19. Pessoas que estão expostas a este risco podem, por habilidade ou precaução pessoal, evitar a morte.	Aragones, Talayero e Olivus, (2010)

Fonte: elaborada por autor (2021)

Por fim, a escala que trata de Intenção de Viajar (IV) foi desenvolvida por meio de relatos originados em função da pesquisa qualitativa, sendo assim, os relatos relacionados a comportamentos de viagem e de não viagem originaram os indicadores de intenção de viajar.

Quadro 10: Escala de Intenção de Viajar (IV)

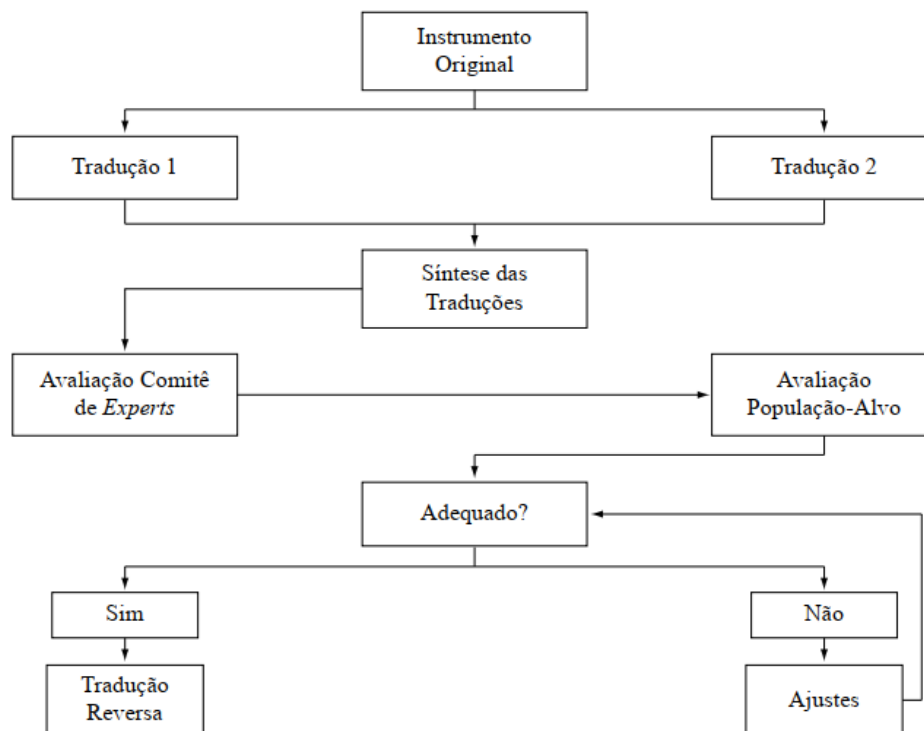
No que diz respeito a sua intenção de fazer algum tipo de viagem, você...			
Dimensão	Indicadores de referência	Indicadores adaptados	Fonte
Intenção de viajar	“Não fui para lugar nenhum, desde março do ano passado. Trabalhando em home office.”/ “A última viagem que eu fiz foi em fevereiro de 2020.”/ “Então, assim nesse período todo de pandemia nós não viajamos nada, não estamos nem planejando e é isso, estamos aqui quietos em casa.”/ “Então, foi restrição total, a gente não foi para lugar nenhum, nem próximo a Belo Horizonte.”	Continuará sem viajar para lugar nenhum.	Pesquisa qualitativa
	“A única viagem, única coisa que a	Pretende viajar somente para	Pesquisa

gente tem feito, bem a família da minha esposa e do meu pai tem sítio próximo daqui em Betim e Sete lagoas. Então está mais restrito”.	lugares próximos.	qualitativa
“Em dezembro fui de carona para Curitiba com uma amiga do trabalho que o filho dela comprou o apartamento lá e ela me levou de carro.”	Pretende continuar viajando somente com pessoas conhecidas e para destinos seguros.	Pesquisa qualitativa
“Vou ser sincera, em relação às viagens eu continuei fazendo na mesma frequência, mas seguindo os protocolos, mantendo distância porque sou da saúde”.	Pretende viajar somente com pessoas conhecidas, seguindo todos os protocolos sanitários.	Pesquisa qualitativa

Fonte: elaborada por autor (2021)

Para que se tenha uma adaptação das escalas de medidas transculturais propostas com considerável planejamento e rigor quanto à manutenção do seu conteúdo e suas características psicométricas (CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2010), as escalas de medidas internacionais seguiram um procedimento de adaptação.

Figura 12: Procedimentos de Adaptação Transcultural de Instrumentos Psicológicos



Fonte: Borsa, Damásio, Bandeira (2012)

O procedimento de adaptação das escalas seguiu a proposta de Borsa, Damásio e Bandeira (2012), a partir de cinco etapas: (1) tradução do instrumento do idioma de origem para o idioma-alvo, (2) síntese das versões traduzidas, (3) avaliação da síntese por juízes

experts, (4) avaliação do instrumento pelo público-alvo, (5) tradução reversa. A etapa cinco não é uma obrigatoriedade no momento, sendo dispensada.

Contudo, o procedimento que se segue não é rígido, podendo haver mudanças nos passos propostos, tanto entre eles quanto dentro deles. As escalas utilizadas nos instrumentos são muito simples, de fácil entendimento, não sendo necessária a avaliação pelo público-alvo, tendo passado somente pela avaliação dos experts. Os itens apresentados nos indicadores de adaptação apresentados em cada escala sobrepostas apresentam o resultado desse processo. Além do mais, o instrumento per si encontra-se no Apêndice.

4.2.2.4 Análise dos dados

Uma vez que o objetivo do estudo é verificar se existe uma relação entre a restrição a experiência turística e algumas variáveis sociopsicológicas emergentes no turista com hábito de viagem, por meio do desenvolvimento de um modelo teórico hipotético, a análise dos dados quantitativos seguiu as seguintes etapas: análise de dados faltantes (*missing*), exclusão de dados duplicados, identificação de outliers uni e multivariados, teste de normalidade dos dados, análise fatorial exploratória, análise fatorial confirmatória e modelagem de equações estruturais.

I - Tratamentos Iniciais – Duplicatas, Dados Faltantes (*missing*), *Outliers* e Teste de Normalidade

Os softwares utilizados para o tratamento inicial dos dados foram o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 23 e Excel. O último software citado foi utilizado para a identificação de duplicatas. Dados duplicados significam respostas iguais em todas as variáveis de resposta. Isso pode ocorrer por erros na plataforma do questionário ou por mera coincidência. Todavia, após utilizar a função remover duplicatas na aba Dados do software Excel, não foram identificados dados duplicados no banco de elementos da pesquisa. Como contraprova, foi realizada também no SPSS a identificação de duplicadas e constatou-se a ausência de duplicatas.

Os dados faltantes passaram por um processo de identificação do padrão de ausência dos dados no SPSS, com o propósito de observar a existência de dados faltantes, e, se existente, classificar os tipos de dados faltantes mediante aos testes de tipificação de dados faltantes completamente aleatório (MCAR), aleatório (MAR) ou não aleatório (NMAR). Porém, observou-se que o banco de dados da pesquisa não possui informações faltantes em nenhuma variável.

Os outliers são observações atípicas em um banco de dados, isto é, são notavelmente diferentes do resto das observações (HAIR et. al., 2014; KLINE, 2015). Um outlier univariado é um valor extremo das variáveis analisado individualmente; já um outlier multivariado consiste em um padrão atípico de valores, considerando duas ou mais variáveis (KLINE, 2015).

Os outliers univariados foram identificados por meio do SCORE Z, mediante a utilização dos limites de intervalo de critério de confiança Z de 2,58. Foram identificados 11 respondentes com pelo menos um e no máximo dois casos de outliers univariados. Sendo menor que 10% em um caso, optam-se pela não exclusão dos casos.

Os outliers multivariados foram tratados mediante a medida de distância de Mahalanobis (D2) dividida por graus de liberdade (df). Os resultados encontrados indicaram valores em um intervalo de 2,81 (máximo) e 0,19 (mínimo). Uma vez que as unidades de análise se concentram em uma amostra de 438 casos, sendo superior a 250 casos, o nível limiar para a medida D2/df considerado para a identificação e exclusão de outliers multivariados foi 3. Portanto, dado o intervalo encontrado, não foram identificados e excluídos casos de outliers multivariados.

A normalidade dos dados foi avaliada por meio dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk para cada variável do modelo, citadas respectivamente, Restrição à Experiência Turística (RET), Desejo de Viajar (DV), Bem-estar Subjetivo (BES), Risco Percebido à Saúde (RPS) e Intenção de Viajar (IV).

Assim, por meio da expressão (K-S (df) = intervalo estatístico dos itens da variável, $p < \text{Sig. encontrado}$, tem-se (K-S (438) = |0,132 e 0,272|, $p < 0,001$; S-W (438) = |0,702 e 0,898|, $p < 0,001$) para RET; (K-S (438) = |0,133 e 0,278|, $p < 0,001$; S-W (438) = |0,645 e 0,898|, $p < 0,001$) para DV; (K-S (438) = |0,098 e 0,209|, $p < 0,001$; S-W (438) = |0,734 e 0,950|, $p < 0,001$) para BES; (K-S (438) = |0,097 e 0,201|, $p < 0,001$; S-W (438) = |0,801 e 0,963|, $p < 0,001$) para RPS e (K-S (438) = |0,109 e 0,227|, $p < 0,001$; S-W (438) = |0,792 e 0,931|, $p < 0,001$) para IV.

A hipótese nula do teste de normalidade é que a população possui distribuição normal. Então se deve pensar da seguinte forma: se $p < 0.05$ = indica que você rejeitou a hipótese nula, o pressuposto da normalidade foi violado, ou seja, os dados não possuem distribuição normal. Por essa razão, as análises implementadas utilizou o método de estimação *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS).

A Análise Fatorial Exploratória (AFE) foi realizada com o objetivo de avaliar a estrutura fatorial, para isso identificam-se os padrões de correlações ou de covariância entre as variáveis originais. No entanto, é preciso verificar se a aplicação da análise fatorial tem validade para as variáveis escolhidas. Para isso, dois métodos de avaliação serão utilizados para atender tais pressupostos: o critério de Kaiser Meyer-Olkin (KMO) e o Teste de Esfericidade de Bartlett (DZIUBAN; SHIRKEY, 1974).

Como regra para interpretação dos índices de KMO, valores menores que 0,5 são considerados inaceitáveis, valores entre 0,5 e 0,7 são considerados medíocres; valores entre 0,7 e 0,8 são considerados bons; valores maiores que 0,8 e 0,9 são considerados ótimos e excelentes, respectivamente (HUTCHESON; SOFRONIOU, 1999; PEREIRA, 1999). Os valores do teste de esfericidade de Bartlett com níveis de significância ($p < 0,05$) indicam que a matriz é fatorável, rejeitando a hipótese nula de que a matriz de dados é similar a uma matriz identidade (TABACHNICK; FIDELL, 2007).

A análise foi implementada utilizando uma matriz correlação de Pearson e método de extração por componentes principais e a rotação ortogonal Varimax. Apesar das críticas presente na literatura quanto à extração por componentes principais e a rotação Varimax, no que diz respeito a ser ou não aplicável a uma AFE (DAMÁSIO, 2012; IZQUIERDO; OLEA; ABAD, 2014; ROGES, 2021), o intuito envolvido na escolha procede por se limitar a redução de itens (ALAVI et. al., 2021; HAUCKFILHO; VALENTINI, 2020; ROGERS, 2021).

A confiabilidade dos fatores foi dada por meio da Confiabilidade Composta, a medida utilizada para avaliar o grau de consistência interna entre os indicadores de um componente, reforçando a convergência entre eles (RAYKOV, 2007).

III - Análise Fatorial Confirmatória

A análise fatorial confirmatória (AFC) foi utilizada para verificar a qualidade do ajuste das escalas a partir do teste do modelo de mensuração (HAIR et. al., 2014). Diante disso, realizou-se uma análise fatorial confirmatória com o objetivo de avaliar a plausibilidade de uma estrutura dimensional do instrumento utilizado. A análise foi implementada utilizando o método de estimação *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS), adequado para dados categóricos (DISTEFANO; MORGAN, 2014; LI, 2016).

Os índices de ajuste utilizados foram: χ^2 ; χ^2/df ; *Comparative Fit Index* (CFI); *Tucker-Lewis Index* (TLI); *Standardized Root Mean Residual* (SRMR) e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Valores de χ^2 não devem ser significativos; a razão χ^2/df deve ser \leq que 5 ou, preferencialmente, \leq que 3; Valores de CFI e TLI devem ser \geq que 0,90 e,

preferencialmente acima de 0,95; Valores de RMSEA devem ser \leq que 0,08 ou, preferencialmente \leq que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior) \leq 0,10 (Brown, 2015). A Validade da medida foi mensurada através da Confiabilidade Composta (DAMÁSIO; VALENTINI, 2015; RAYKOV, 2007).

IV - Modelagem por equações estruturais

A modelagem por equações estruturais (SEM) é um procedimento de análise estatístico com inúmeras possibilidades. Uma delas consiste em avaliar as relações entre as variáveis observadas em um modelo estrutural correlacionado. A SEM pode ser entendida como uma união da análise fatorial com a análise de regressão múltipla, uma vez que descrevem a relação estabelecida em um modelo de medida, bem como em um modelo de estrutura e seus diversos construtos (HAIR *et. al.*, 2014).

O método destaca-se por conter uma série de vantagens, entre elas, a inserção de múltiplas variáveis dependentes, independentes e de controle em um mesmo modelo, a aceitação de variáveis métricas, ordinais e dicotômicas, a comparação de modelos entre si, a presença de índices de ajuste do modelo completo (modelo de medida + modelo estrutural), modelagem explícita dos erros de medidas (fidedignidade das escalas) e, ainda, enorme flexibilidade em lidar com dados faltantes (HOYLE, 2012; BROWN, 2015; KLINE, 2015).

Entretanto, o que é importante saber sobre a modelagem de equação estrutural é que, em geral, essa técnica não é exploratória, os modelos construídos comumente construídos com base teoria em ou achados prévios. Na modelagem por equações estruturais você vai setar relações direcionais entre variáveis (A prediz B, B prediz C), portanto, esses direcionamentos devem ter algum embasamento teórico (HOYLE, 2012; BROWN, 2015; KLINE, 2015).

Para além, a modelagem por equações estruturais é, então, considerada como plausível no projeto desenvolvido uma vez que é aplicável em modelos multifatoriais correlacionados, e o modelo desenvolvido corresponde a essa tipologia. Outro ponto importante que dá base à utilização da técnica diz respeito aos dados que serão utilizados no estudo, uma vez que o projeto corresponde à coleta dados dentro de um único momento, ou seja, um recorte do tempo. E, por sua vez, a técnica pode ser utilizada em dados transversais (HOYLE, 2012; BROWN, 2015; KLINE, 2015).

O desenvolvimento de uma modelagem por equações estruturais completa, envolve o modelo de medida e modelo estrutural. No modelo de medida, as variáveis latentes são criadas (construtos) a partir de variáveis observadas (itens), que culminam em fatores e

classes. O modelo estrutural envolve as regressões entre as diversas variáveis do modelo a partir de um modelo teórico inicial proposto, incluem as variáveis latentes e observadas e suas respectivas setagens (HOYLE, 2012; BROWN, 2015; KLINE, 2015). Para a estimação dos parâmetros da modelagem, é utilizada a matriz de covariâncias. Dessa forma, Schumacker e Lomax (2012) afirmam que as modalidades de correlações a serem utilizadas são determinadas a partir da natureza das variáveis observacionais.

De acordo com Amorim *et. al.* (2012) a modelagem por equações estruturais deve seguir um processo, correspondente à definição do modelo teórico, coleta de dados, expressão gráfica das relações de causa e efeito, ajuste dos modelos de mensuração e estrutural, avaliação do modelo, identificação e modificação do modelo, modelo final e discussão.

Consequentemente, diante do exposto nessa seção, esclarece-se que foi realizada uma modelagem por equações estruturais com o objetivo de investigar em que medida os níveis de Bem-estar subjetivo, desejo de viajar, risco percebido à saúde e intenção de viajar são impactados pela restrição à experiência turística, assim, atendendo ao objetivo do estudo proposto que consiste em identificar e analisar a relação entre a Restrição à Experiência Turística e as dimensões sociopsicológicas (Bem-estar Subjetivo, Desejo de Viajar, Risco Percebido a Saúde e Intenção de Viajar) circundantes ao fenômeno. A análise foi implementada utilizando o método de estimação *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS), adequado para dados categóricos (DISTEFANO; MORGAN, 2014; LI, 2016; MUTHÉN; MUTHÉN, 2017).

Assim, como na AFC, os índices de ajuste utilizados para avaliar o modelo global foram: χ^2 ; χ^2/gf ; Comparative Fit Index (CFI); Tucker-Lewis Index (TLI); Standardized Root Mean Residual (SRMR) e Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA). Valores de χ^2 não devem ser significativos; a razão χ^2/gf deve ser < que 5 ou, preferencialmente, < que 3; Valores de CFI e TLI devem ser > que 0,90 e, preferencialmente acima de 0,95; Valores de RMSEA devem ser < que 0,08 ou, preferencialmente < que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior) < 0,10 (BROWN, 2015).

5. RESULTADOS DA PESQUISA

Nesta seção apresentam-se os resultados obtidos com a realização da pesquisa. Na subseção 5.1 são descritos os resultados da etapa qualitativa, cujo objetivo foi compreender o fenômeno da Restrição de Experiência Turística e os aspectos sociopsicológicos circundantes na visão de sujeitos com hábitos de viagem, por meio de uma perspectiva exploratória e qualitativa e aperfeiçoar o modelo teórico proposto. Na sequência, na subseção 5.2 apresentam-se os resultados da etapa quantitativa, cujo objetivo foi identificar e analisar a relação entre a Restrição à Experiência Turística e as dimensões sociopsicológicas (Bem-estar Subjetivo, Desejo de Viajar, Risco Percebido à Saúde e Intenção de Viajar) circundantes ao fenômeno, diante de uma construção de modelo relacional teórico.

5.1 Etapa Qualitativa

A análise de conteúdo das entrevistas de autorrelato teve como propósito embasar de modo mais consistente as hipóteses desenvolvidas de acordo com a literatura, de modo a compreender a Restrição de Experiência Turística e os aspectos sociopsicológicos circundantes ao fenômeno na visão de sujeitos com hábitos de viagem, por meio de uma perspectiva exploratória e qualitativa. No entanto, visto que a proposta do estudo trata de um fenômeno em um contexto atual, a aplicação da técnica teve como proposta paralela a identificação de novos construtos, que pudessem resultar no desenvolvimento de novas hipóteses, por meio da identificação de indicadores que pudessem ser inseridos no instrumento utilizado na etapa quantitativa e contribuíssem com relevância a pesquisa. Assim, apresentam-se os resultados encontrados na fase qualitativa.

5.1.1 Caracterização demográfica dos participantes

O perfil demográfico dos entrevistados é apresentado no Quadro 11, observa-se que o grupo de entrevistado é formado por indivíduos posicionados em ampla disposição demográfica. No que diz respeito ao sexo, foram entrevistados 5 homens e 7 mulheres, a faixa etária compreende idades que vão de 24 anos a 68 anos. Entre esses indivíduos 6 eram solteiros e 6 eram casados, sendo uns com filhos e outros sem filhos, enquanto uns exercem sua profissão no setor público (6), privado (4) e outros são aposentados (2), que viajaram com frequência em feriados, férias, finais de ano ao longo da vida, e ainda viajam. Além do mais, todos possuem graduação e alguns dos entrevistados pós-graduação. As informações estão contidas no Quadro 11.

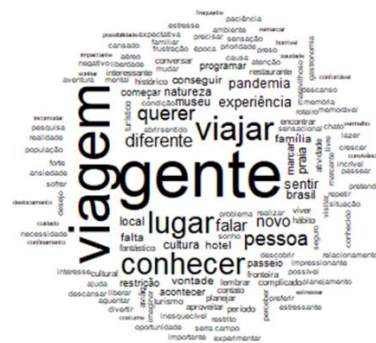
Quadro 11: Perfil dos Entrevistados

	Sexo	Idade	Estado civil	Profissão	Escolaridade
Entrevista A	Fem.	42 anos	Solteira	Servidor público	Pós-graduação
Entrevista B	Fem.	28 anos	Solteira	Fisioterapeuta	Graduação
Entrevista C	Fem.	24 anos	Solteira	Engenheira	Pós-graduação
Entrevista D	Masc.	68 anos	Casado (filhos adultos)	Médico	Pós-graduação
Entrevista E	Masc.	48 anos	Casado (filhos adultos)	Servidor público	Graduação
Entrevista F	Masc.	36 anos	Solteiro	Servidor público	Graduação
Entrevista G	Fem.	57 anos	Casada (filhos adultos)	Aposentada	Graduação
Entrevista H	Masc.	38 anos	Solteiro	Servidor público	Graduação
Entrevista I	Fem.	36 anos	Casada (sem filhos)	Servidor público	Graduação
Entrevista J	Fem.	26 anos	Solteira	Servidor público	Graduação
Entrevista K	Masc.	53 anos	Casado (com filhos)	Industriário	Graduação
Entrevista L	Fem.	63 anos	Casada (sem filhos)	Aposentada	Graduação

Fonte: Elaborada por autor (2021)

5.1.2 As motivações de viagem emergentes – Nuvem de Palavras

A Nuvem de Palavras obtidas por meio das entrevistas realizadas evidenciou as palavras mais evocadas: “Gente” (f = 371), “Viajar” (f = 307), “Ficar” (f = 181), “Lugar” (f = 146) e “Conhecer” (f = 143), vide Figura 13.

Figura 13: A revelância da Experiência Turística no contexto de restrição

Fonte: Elaborado por autor baseado em saída IRAMUTEQ.

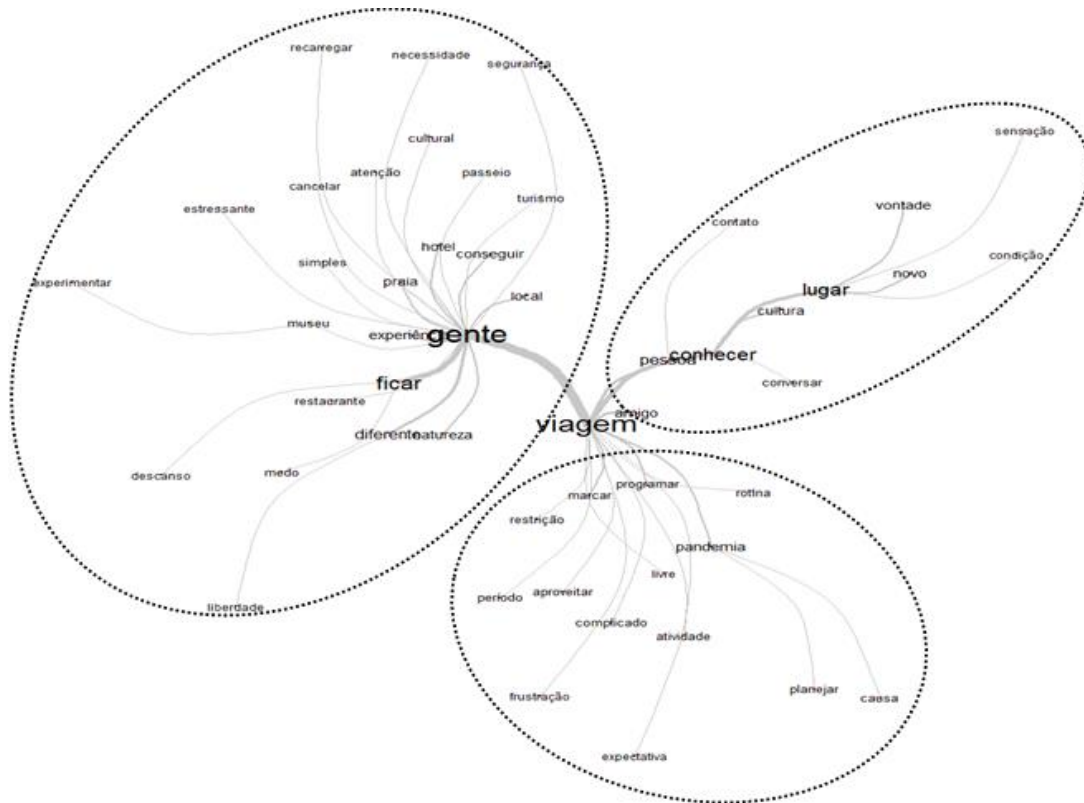
Para os entrevistados, a restrição à experiência turística ressalta a importância da viagem de turismo e lazer, e, de forma geral, as palavras evocadas vão em direção às motivações de viagens emergentes para os entrevistados. No que diz respeito ao contexto de restrição à viagem, as motivações de viagens se concentram em aspectos relacionados a Conhecer, Lugar, Diferente e Sair. Como pode ser visto pela frequência das palavras, no Quadro 2.

Quadro 12: Motivações Emergentes de Viagem

Palavras	Frequências
Lugar	146
Conhecer	143

meio da análise baseada na Teoria dos Grafos, um grafo (finito) G é formado por um par de vértices e arestas $(V(G), A(G))$, onde $V(G)$ é um conjunto finito não vazio e $A(G)$ uma família de pares não ordenados de elementos, não necessariamente distintos, de $V(G)$. Uma família é uma coleção de elementos, os quais podem ser repetidos (Costa, 2011; Aguiar & Araújo, 2021).

Figura 15: A interação, o novo e as expectativas do turista



Fonte: Fonte: Elaborado por autor baseado em saída IRAMUTEQ.

Por meio da aplicação da Teoria dos Grafos, a análise de similitude desenvolvida permite identificar a estrutura do corpus textual (G), as ocorrências textuais entre as palavras ($V(G)$), e as indicações de conexidade entre as palavras ($A(G)$). A Figura 15 evidencia a três palavras que formam famílias no discurso dos entrevistados (Viagem, Gente, Conhecer). Delas ramificam-se outras palavras que sugerem significados mais detalhados e possibilidades inferenciais.

No contexto de restrição à experiência turística, a palavra em destaque “Viagem” mantém uma relação direta, por meio de seus vértices, com as palavras “Frustração, Aproveitar e Marcar”. Isso indica a existência de uma frustração presente no indivíduo com hábito de viagem por não poder exercer sua atividade costumeira, ou seja, não poder marcar e aproveitar uma viagem turística.

“Olha, nesse momento até estou super chateada, porque tinha uma viagem para agora que eu já tinha marcado desde o ano passado achando que as coisas iam melhorar e eu não vou porque eu estou com medo, assim, sei lá de acontecer alguma coisa na viagem não ter lugar para eu ir ao hospital, então, eu desmarquei” (ENTREVISTA 10).

“Mas, é frustrante né? Saber que não pode e pior quando será que vai poder porque os países, também não quer receber brasileiro. Mas, que é chato, é chato. Ainda mais agora que poderia estar zanzando, por aí, não pode” (ENTREVISTA 12).

“É uma frustração, mas é uma frustração que eu acho que a gente administra, porque, a gente entende que não tem como ir, a gente queria muito ver o Natal Luz, não têm Natal Luz, paciência” (ENTREVISTA 11).

Diante dessa frustração frente a um hábito costumeiro, o turista fica em estado de expectativa em relação ao comportamento turista, como se nota pela ligação entre as palavras “Expectativa e Atividade”. Os relatos propriamente ditos validam as inferências.

“Agora se você coloca uma condição hipotética de que acabou a pandemia e não tem nem um rastro dela, eu acho que eu iria para o peru. E de qualquer forma e um pouco mais perto (ENTREVISTA 3).

“Engraçado, eu estou com expectativa de fazer uma viagem diferente que é visitar minha filha, e já estou com um programa se um dia visitar cidades diferentes que eu nunca fui. Eu tenho esse desejo sim, mas eu tenho, também, o desejo de repedir as experiências que eu já tive. Tem alguns lugares que até falo com a minha esposa minha esposa já” (ENTREVISTA 5).

“Tudo que a gente planejava era para ir ao lugar mais vazio assim possível” (ENTREVISTA 2).

“Se eu vacinasse hoje, eu viajara para Cartagena, tem natureza mas é mais praia e tem certa estrutura para atendimento medico” (ENTREVISTA 1).

“São duas, uma é bem local, é ir aqui para Caldas no sul de Minas, pertinho, minha prima mora lá, lugar maravilhoso, comida boa, temos quinhentos mil amigos e rever, isso está faltando. É até mais fácil, mas a segunda, é assim que der nos vamos vê a nossa filha, assim que der” (ENTREVISTA 4).

“Eu estava aqui essa semana olhando esse mapa e pensando, nunca fui para África, eu quero um dia e a China, nosso bisavô não tem muitos detalhes de história, era chinês. Meu bisavô materno. Tenho uma amiga morando na Austrália já cansou de me convidar, eu nunca criei coragem, mas, agora de repente talvez eu até iria para Austrália” (ENTREVISTA 12).

Com relação à família formada pela palavra “Gente”, verifica-se que o termo apresenta conexidades elementais com “Ficar”, “Medo”, “Cancelar”, “Segurança”, “Atenção”, “Passeio”, “Liberdade”, “Turismo”, “Praia”, “Necessidade” e outros termos relacionados à restrição de experiência turística.

Diante disso, pode-se dizer que a ligação dessas palavras com o termo “Gente”, entendido como expressão do *self*, e, por fim, “Viagem”, faz referência ao comportamento do turista e as preocupações recorrentes aos aspectos de restrição à experiência turística, relacionados ao risco circundante do comportamento (“Ficar”, “Medo”, “Cancelar”, “Segurança”, “Atenção”) e a necessidade de estar envolto com a atividade (“Passeio”,

“Liberdade”, “Turismo”, “Praia”, “Necessidade”). A família “Gente” se divide em dois campos lexicais: afastamento da experiência turística e aproximação da experiência turística.

Os dois campos lexicais, no contexto de restrição à experiência turística, descrevem o comportamento do turista em termos de aderência e não aderência à restrição de viagens turísticas. É possível identificar nos relatos dos entrevistados a demarcação desses campos por parte dos indivíduos com hábitos de viagem turística.

“Não fui para lugar nenhum, desde março do ano passado. Trabalhando em Home Office” (ENTREVISTA 1).

“Primeira coisa, a restrição foi Total, nós estamos em confinamento total, a ponto de meu filho que mora em São Paulo não entrar na nossa casa. nós estamos desde o dia 24 de Março aqui nessa casa, eu, minha esposa e a cachorrinha” (ENTREVISTA 4).

“Eu tenho tentado seguir as restrições, estou trabalhando em Home Office desde março de 2020, então já tem mais de um ano que eu estou Home Office. A última viagem que eu fiz foi em fevereiro de 2020” (ENTREVISTA 5).

“Vou ser sincera, em relação às viagens eu continuei fazendo na mesma frequência. as uma viagem que eu deixei de fazer era que eu ia para o Chile em março do ano passado e foi na semana que eles fecharam a fronteira” (ENTREVISTA 2).

“Eu imaginei que você fosse fazer essa pergunta, porque para mim parece pouco, mas não é tão pouco porque eu viajei quatro vezes” (ENTREVISTA 3).

“Acho que tem sido parcial. Foi parcial porque assim, eu tinha viagens programadas e questão sendo adiadas, viagens grandes que estão pagas, mas eu não estou podendo fazer ainda” (ENTREVISTA 6).

Com relação à família formada pela palavra “Conhecer” verifica-se conexidades com os vértices das palavras “Lugar”, “Cultura”, “Novo”, “Pessoa”, “Conversar”, “Contato”, “Condição” e “Vontade”. A conexidade entre essas palavras reforça o que foi verificado na Nuvem de Palavras (ver Figura 1) que evidencia os termos relevantes mais evocados pelo turista em relação à experiência de viagem turística e as motivações de viagem emergentes, quando indagado sobre suas intenções de viagem turística. A palavra “Vontade” mostra a existência de um desejo em torno de conhecer novos lugares e culturas, bem como conversar e ter contato com pessoas durante uma experiência de viagem turística. Contudo, a palavra “Condição” arremete a preocupação com a forma em que experiência turística deverá ser conduzida.

“Mas, eu tenho vontade de ir a lugares novos também. Aqui no Brasil mesmo tem alguns lugares que eu tenho vontade de ir. Esse ano mesmo eu tinha programado para ficar aqui no Brasil mesmo” (ENTREVISTA 7).

“Tirando essa questão do Arraial D'Ajuda que a gente já tem esse costume de ir, a gente sempre busca viver algo diferente. Então, é muito lugar que tem para a gente ir. A lista é muito grande, então, a gente tenta não repetir. (ENTREVISTA 9).

“Iria para um lugar que tivesse estrutura, vi ate isso na televisão, as pessoas estão procurando lugares com mais estruturas e mais próximo. E um negócio muito incerto as

viagens daqui para frente, vai precisar de mais de um ano para você fazer viagens que você costumava fazer, como antes. De repente eu mude um pouquinho as viagens que eu fazia, por questão de segurança” (ENTREVISTA 1).

“Eu penso em conhecer pessoas diferentes, culturas diferentes, mas como eram pessoas que não tinha proximidade e era um perfil que eu não gostava ai fiquei meio assim” (ENTREVISTA 1).

Nos relatos dos entrevistados, a análise de similitude possibilitou observar alguns processos sociopsicológicos dos entrevistados, entre eles, a frustração e expectativa geradas pela restrição à experiência turística. Para além, foi possível notar uma divisão quanto ao comportamento turista e a restrição à experiência, ou seja, comportamento de afastamento e aproximação relacionados a risco percebido e o desejo de viajar, respectivamente. Por fim, verificaram-se as motivações emergentes relatadas pelos entrevistados, no contexto de restrição à experiência.

5.1.4 Análise de especificidades: Faixa etária e Estado civil

Posteriormente, a execução da Nuvem de Palavras e Análise de similitude, devido à heterogeneidade dos entrevistados (12 indivíduos, ampla escala de idade, diferentes estados civis) e algumas diferenças comportamentais dos turistas entrevistados em relação à restrição à experiência turística, fez necessário observar a existência de diferenças ou semelhanças entre determinadas variáveis (Faixa etária e Estado civil) e as palavras evocadas pelo grupo entrevistado. Para isso, realizou-se uma Análise de Especificidades como propósito de fazer comparações e descrições das evocações dos entrevistados entre as formas palavras e variáveis de agrupamento do corpus textual, considerando a frequência de incidência de palavras e seus índices hipergeométricos / x^2 . De acordo com a análise de especificidades da variável de agrupamento Faixa Etária, a frequência de palavras em torno da faixa etária dos entrevistados evidenciou particularidades a ser observadas, vide Quadro 3.

Quadro 13: Incidência de palavras por Faixa Etária

Idade 20 a 29	Ficar	Sentir	Problema	Falta	Rotina	-
	3.9142	2.8929	2.032	1.5272	1.646	-
Idade 30 a 39	Carro	Planejar	Pandemia	Complicado	Fronteira	Conhecer
	4.6936	4.6274	3.5132	3.4262	3.0393	2.7905
Idade 40 a 49	Experiência	Pouco	Ficar	Esperar	Lembrar	Pessoa
	3.2722	3.2563	1.6763	1.4462	1.4303	1.2975
Idade 50 a 59	Ano	Conversar	Procurar	Contato	Amigo	Conhecer
	1.2457	1.2364	0.9858	0.9617	0.9356	0.8612
Mais de 60	Encontrar	Deixar	Viver	Procurar	Local	Cultura
	1.8617	1.6486	1.506	1.2958	1.1993	0.7562

Fonte: Elaborado por autor baseado em saída IRAMUTEQ.

Nota-se nas faixas etárias de 20 a 29 e 30 a 39 uma frequência de palavra relacionada à dificuldade do turista em lidar com restrição à atividade (por exemplo, “Ficar”, “Sentir”, “Problema”, “Falta”, “Complicado”). Por sua vez, as faixas etárias, 40 a 49, 50 a 59 e mais de 60 reuniu-se em um grupo que restringiu o comportamento turista habitual, como se vê pela frequência das palavras “Experiência”, “Ano”, “Esperar”, “Deixar”. Contudo, existe uma unicidade que evoca uma valorização da experiência turística, por parte de indivíduos que têm hábito de viagem de turismo, indicada por meio da incidência das palavras “Falta”, “Conhecer”, “Pouco”, “Procurar”, “Local”, “Cultura” e “Pessoa”.

Quadro 14: Incidência de palavras por Estado Civil

Solteiro	Costume/hábito	Praia	Férias	Sozinho	Carro	Viajar
	4.3389	3.3339	2.9883	2.5369	2.3459	2.3119
Casado	Gente	Filho	Esposo	Conhecer	Quando	Vontade
	9.3574	9.2921	7.5251	1.6578	1.748	0.8577

Fonte: Elaborado por autor baseado em saída IRAMUTEQ.

Com relação à incidência de palavras por Estado Civil, vide Quadro 4, especificamente no grupo dos Solteiros, verifica-se uma frequência de palavras relacionadas à prática de turismo solar (“Costume”, “Praia”, “Férias”). No entanto, para esse grupo, pode-se notar que houve uma incidência de palavras que leva a inferir que a experiência turística tem sido realizada de modo mais isolado (“Sozinho”, “Carro”, “Viajar”). Para o grupo dos Casados a incidência de palavras de maior repetição é marcada pela presença de integrantes da família, no que diz respeito à experiência turística (“Filho”, “Esposo”). De acordo com a incidência de palavras no grupo dos Casados, pode-se inferir que o comportamento de viagem tem sido demarcado pelo desejo de viajar com a família, devido à incidência de palavras relacionadas à busca de experiência futura (“Conhecer”, “Quando”, “Vontade”).

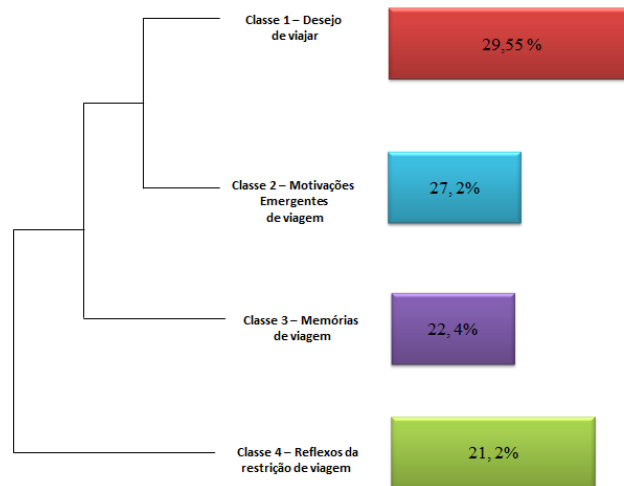
Diante do exposto, as Análises de Especificidades realizadas demonstraram a incidência de palavra nos relatos dos entrevistados de acordo com diferentes variáveis (Faixa Etária e Estado Civil). Assim, foi possível dividir o grupo entrevistados de acordo com as especificidades comportamentais dos indivíduos com hábito de viagem turística, que se descreveram por meio das inferências possíveis a análise.

5.1.5 Classificação Hierárquica Descendente – Classes de Palavras

Para observar os processos sociopsicológicos e comportamentais emergentes dos turistas com hábito de viagem participantes do estudo, de modo a fundamentar estatisticamente o exposto até o momento, é importante verificar as incidências de palavras do

corpus textual como todo, e observar os segmentos de textos que se aproximam e geram classes de incidências de palavras em torno de um conteúdo.

Figura 16: Classificação Hierárquica Descendente



Fonte: Saída IRAMUTEQ

A Classificação Hierárquica Descendente ilustra as relações entre classes de conteúdo em dados textuais, de modo a formar clusters. Por meio de cálculo estatístico executa um dendrograma e fornece resultados que permite a descrição de cada uma das classes identificadas por p valor significativo ($p < 0,05$) de palavras associados com as classes caracterizadas (χ^2). O corpus geral para a execução da análise foi constituído por 12 textos, separados em 699 segmentos de textos (ST), com aproveitamento de 599 STs (85,69%). Emergiram 25005 ocorrências (palavras, formas, vocábulos), sendo 2959 formas distintas e 1529 com uma única ocorrência. O conteúdo analisado foi categorizado em 4 classes, vide Figura 16.

A Classe 1 – *Desejo de viagem* – compreende 29,55 % ($f = 177$) do corpus textual analisado, sendo constituído por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 3.95$ (gostar) e $\chi^2 = 50.1$ (diferente). Essa classe é composta por palavras como “Diferente” ($\chi^2 = 50.01$), “Experiência” ($\chi^2 = 20.51$), “Novo” ($\chi^2 = 20.15$), “Repetir” ($\chi^2 = 14.45$), “Querer” ($\chi^2 = 10.34$), “Vontade” ($\chi^2 = 7.71$). Essa classe trata sobre o desejo de viajar por parte dos indivíduos com hábito de viagem turístico. Os relatos concentram-se nos termos desejo, vontade ou querer viver experiências turísticas de viagem, em um sentido de explorar novas experiências ou reviver experiências, desde que se possa retomar a prática habitual por parte do indivíduo turista, ou seja, a viagem de turismo.

“Eu desmarquei, mas pretendo continuar indo para a natureza mesmo, fazer atividades ao ar livre, mas nada muito diferente do que eu já fazia como ter mais liberdade nas viagens igual eu tinha antes” (ENTREVISTA 10).

“Não que eu queira repetir, mas fazer, mas buscar experiências semelhantes em outros lugares” (ENTREVISTA 1).

“Descobrir coisas novas para principalmente ter contato com as pessoas, por isso, quando puder voltar a viajar quero conhecer lugares novos” (ENTREVISTA 7).

“Por ficar preso em casa, dá vontade de ir a algum lugar na natureza. Sinto falta desses lugares com coisas mais simples e que faria com mais frequência” (ENTREVISTA 3).

“Quero experiências novas e também renovar as experiências antigas, lembrar e reviver algumas experiências legais que eu tive em algumas cidades” (ENTREVISTA 5).

A Classe 2 – *Reflexos da restrição de viagem* – compreende 27, 2% (f =163) do corpus textual analisado, sendo constituído por palavras e radicais no intervalo entre $x^2 = 4.36$ (viagem) e $x^2 = 93.76$ (ano). Essa classe é composta por palavras como “Passado” ($x^2 = 49.6$), “Viajar” ($x^2 = 43.13$), “Restrição” ($x^2 = 20.51$), “Acabar” ($x^2 = 31.47$), “Programar” ($x^2 = 19.47$), “Cancelar” ($x^2 = 16.21$), “Melhorar” ($x^2 = 8.06$), “Chato” ($x^2 = 7.09$), “Sentir” ($x^2 = 6.03$). A segunda classe trata sobre os reflexos da restrição imposta a partir do ano de 2020, os indivíduos com hábitos de viagem turística descrevem nesse cluster o comportamento e as emoções relacionadas à restrição da viagem de turismo. Os relatos descrevem o comportamento de maior ou menor aderência à restrição de viagem, bem como se concentra em reflexos que se aproximam de variáveis como bem-estar e risco percebido à saúde.

- Aderência à restrição

“Não fui para lugar nenhum, desde março do ano passado. Trabalhando em Home Office” (ENTREVISTA 1).

“Primeira coisa, a restrição foi Total, nós estamos em confinamento total, a ponto de meu filho que mora em São Paulo não entrar na nossa casa. nós estamos desde o dia 24 de Março aqui nessa casa, eu, minha esposa e a cachorrinha” (ENTREVISTA 4).

“Vou ser sincera, em relação às viagens eu continuei fazendo na mesma frequência. As uma viagem que eu deixei de fazer era que eu ia para o Chile em março do ano passado e foi na semana que eles fecharam a fronteira” (ENTREVISTA 2).

“Em dezembro fui de carona para Curitiba com uma amiga do trabalho que o filho dela comprou o apartamento lá e ela me levou de carro. Foi até por isso que eu fui, porque fui de carro, imagina ir de ônibus, ficar vinte e quatro horas com máscara na cara fechada” (ENTREVISTA 8).

- Bem-estar

“Fiquei esperando e acabei não tirando férias, depois eu estava um pouco cansada e estressada porque voltei do doutorado e não tinha tirado férias” (ENTREVISTA 1).

“Até dois meses atrás eu não estava sentindo muito falta, mas agora no mês passado acendeu aquele aperto no coração, aquele falta.” (ENTREVISTA 7).

“Com relação às restrições de viagem e pandemia, foi chato demais. Ano passado eu tinha eu tinha vários planos de viagens, o ano iria ter muito feriados” (ENTREVISTA 10).

“No dia a dia eu sinto que isso (viajar) faz falta por que tem dias que você está muito cansado, estressado, não aguento mais, eu sinto que se eu pudesse sair, esfriar a cabeça eu

sinto que eu voltaria e resolveria até os problemas do dia a dia de uma maneira mais tranquila” (ENTREVISTA 6).

“Mas, é frustrante. Saber que não pode e pior quando será que vai poder porque os países, também não quer receber brasileiro. Mas, que é chato, é chato. Ainda mais agora que poderia estar zanzando, por aí, não pode” (ENTREVISTA 12).

- Risco percebido a saúde

“Vamos ficar esperando para ver até quando que vai essa questão de se vai ter vacina” (ENTREVISTA 1).

“E agora eu não saio de casa para nada, eu parei de andar com a cachorra que esta desesperada, eu não estou encontrando com nenhum familiar, com meu pai que eu sei que não toma cuidado, eu encontro com minha mãe de vez em quando, às vezes tenho que ir a empresa, é isso eu não saio para lugar nenhum, eu fico em casa” (ENTREVISTADO 3).

“Viajar de avião, será que vai pegar Covid, será que não vai pegar Covid só de avião? Tem que esperar, ter paciência e aguardar mesmo” (ENTREVISTA 12).

“Quando as coisas deram uma melhorada nas questões da pandemia e as pessoas entenderam as questões de biossegurança, como as pessoas deveriam se portar, eu tirei uma semana de férias e fiz uma viagem de carro para o sul do país” (ENTREVISTA 6).

“Todas essas viagens eu fiz de carro e só com pessoas que eu convivo. Meu namorado ou então minha mãe. Eu estou sentindo muita falta de viajar com mais liberdade. Os lugares que eu fui eu tentei até ir meio de semana para ficar mais vazio.” (ENTREVISTA 10).

A Classe 3 – *Motivações de viagem* – compreende 22, 4% (f =133) do corpus textual analisado, sendo constituído por palavras e radicais no intervalo entre $x^2 = 4.5$ (Aproveitar) e $x^2 = 74.71$ (Pessoa). Essa classe é composta por palavras como “Pessoa” ($x^2 = 74.71.6$), “Cultura” ($x^2 = 35.89$), “Conhecer” ($x^2 = 20.51$), “Grupo” ($x^2 = 25.24$), “Turismo” ($x^2 = 23.3$), “Colega” ($x^2 = 17.84$), “Divertir” ($x^2 = 14.25$), “Preferir” ($x^2 = 13.25$), “Desconhecido” ($x^2 = 10.67$).

A terceira classe é composta pelas evocações em torno do que pode ser denominado como motivações de viagem emergentes dos entrevistados, em sua busca por experiência turística. Os indivíduos com hábitos de viagem turística participaram das entrevistas, apresentaram relatos sensíveis a motivações de viagem que os direcionam a busca de experiências turísticas para conhecer culturas, buscar novas experiências e interação com pessoas.

A Classe 4 – *Memórias de viagens* – compreende 21, 2% (f =127) do corpus textual analisado, sendo constituído por palavras e radicais no intervalo entre $x^2 = 3.95$ (Historia) e $x^2 = 53.99$ (Hotel). Essa classe é composta por palavras como “Café” ($x^2 = 49.39$), “Andar” ($x^2 = 33.82$), “Entender” ($x^2 = 19.83$), “Imaginar” ($x^2 = 12.04$), “Negativo” ($x^2 = 5.97$).

A quarta classe é formada pelos relatos de viagens marcantes, que ficaram no imaginário do turista, ou seja, evidenciam as palavras evocadas pelos entrevistados quando perguntado pelas experiências turísticas que marcaram suas viagens de turismo e sente falta.

O cluster é, então, formado pelas histórias de cada entrevistado, marcado pela lembrança, memória e imaginação que tinham a respeito das experiências vividas, sendo as experiências memoráveis formadas tanto por relatos positivos quanto negativos.

O Quadro 5 apresenta a nuvem de palavras de cada classe, sintetizando a formação dos clusters da Classificação Hierárquica Descendente executada. Nota-se que em cada classe tem-se uma frequência de palavras que caracteriza o cluster identificado.

Quadro 15: Nuvem de Palavras - CHD



Fonte: Elaborado por autor baseado em saída IRAMUTEQ.

A Classe 1 concentra-se nas palavras evocadas “Diferente” (f = 50), “Lugar” (f = 31), “Experiência” (f = 21), “Novo” (f = 20) e “Vontade/querer” (f = 18), concentrando-se no desejo de viajar. A Classe 2, as palavras evocadas com frequência são “Ano” (f = 94), “Férias” (f = 61), “Viajar” (f = 43), “Pandemia” (f = 34), “Problema” (f = 27) e “Acabar” (f = 31), concentrando-se nos reflexos das restrições de viagem. A Classe 3, as palavras evocadas

com frequência são “Pessoa” (f= 75), “Conhecer” (f = 36), “Cultura” (f = 36), “Turismo” (f = 23), concentrando-se nas motivações emergentes de viagem. A classe 4, as palavras evocadas com frequência são “Hotel” (f = 54), “Café” (f = 49), “Andar” (f = 36), “Entender” (f = 23) e “Imaginar” (f = 14), concentrando-se nos relatos de viagens marcantes no imaginário do turista.

A partir dos resultados qualitativos apresentados, discute-se a seguir as contribuições e ilações dos resultados para a pesquisa, e principalmente, para a compreensão do fenômeno da restrição a experiência turística e dos elementos sociopsicológicos associados ao fenômeno que podem estar associados à tomada de decisão do turista quanto às condições sócio-psicológicas associadas a sua intenção de viagem.

5.1.6 Discussão dos resultados qualitativos

O estudo proposto fundamentou seus objetivos sob uma perspectiva exploratória de um fenômeno emergente no turismo: a restrição à experiência turística. A partir desse fenômeno iniciado em 2020, em razão da pandemia da Covid 19, o estudo buscou explorar a restrição de viagens sob a perspectiva dos indivíduos com hábito de viagem e os fatores emergentes ao contexto de restrição à experiência.

Assim, a pesquisa propôs-se primeiramente a compreender e a Restrição de Experiência Turística e identificar os aspectos sociopsicológicos circundantes ao fenômeno na visão de sujeitos com hábitos de viagem. O alcance desse objetivo se deu por meio da descrição da percepção do fenômeno e seus aspectos sociopsicológicos a partir do ponto de vista de indivíduos com comportamento de turismo e os significados que são atribuídos por eles (CRESWELL, 2010; FLICK, 2013), relacionados à experiência turística e o contexto de restrição ao comportamento turista. Assim, de acordo com os resultados apresentados anteriormente, é possível dizer que o fenômeno da restrição à experiência turística está circundada pelos elementos de natureza sociopsicológicos: bem-estar subjetivo, desejo de viajar, risco percebido a saúde e intenção de viajar.

Analicamente, frente aos relatos dos entrevistados e os resultados descritivos por meio da análise de conteúdo via Iramuteq tem-se que: a experiência turística é obtida como um fator relevante para os entrevistados, mesmo em contexto de restrição à experiência. Os resultados qualitativos mostraram o quanto, para os entrevistados, elementos sociopsicológicos circundantes a intenção de viagem e a restrição a experiência turística são

emergentes e definidores das motivações de viajar, que concentraram-se no desejo de conhecer outros lugares (“Viajar” (f = 307), “Lugar” (f = 146) e “Conhecer” (f = 143)).

Assim, dado a causa, para o turista com hábito de viagem a restrição à experiência turística gerou uma transfiguração da viagem planejada, não necessariamente uma interrupção contínua ao hábito (MAYER; COELHO, 2021). Alguns turistas consideraram a plausibilidade de viagem, e fizeram avaliações de risco para vivenciarem experiências de viagem durante restrição (MAYER; COELHO, 2021) e flexibilização da pandemia, de acordo com a percepção de risco e o desejo de viver experiências turísticas.

A intenção de viagem em um contexto de restrição à experiência pareceu ser modelada por meio de elementos sociopsicológicos, de acordo com o comportamento de restrição (Su et. al., 2021) de cada um. A análise de similitude desenvolvida corrobora essa conclusão e pode-se dizer que a restrição à experiência turística trouxe determinada frustração, que pode refletir no bem-estar do turista. Nesse sentido, a frustração é estabelecida um período marcado pela restrição a experiências predominantemente agradáveis (RYAN; DECI, 2001; FLORES-KANTER; NAVARRO; MEDRANO, 2018). O resultado corrobora a teoria que viabiliza uma vida com bem-estar hedonista considerável, ou seja, aquela marcada pela maximização do prazer e ausência da dor (TORRES, 2012). Assim, dados os diferentes perfis demográficos, os indivíduos turistas buscaram maneiras de aproveitar e marcar viagens, ou seja, ter expectativas de atividades atendidas.

Contudo, para os turistas, a relação entre atividade turística e restrição à experiência foi repleta de elementos sociopsicológicos direcionados a uma busca de racionalidade, quanto ao contexto de restrição e o desejo e intenção de viajar, dada as especificidades do turista, o desejo de viajar e o fator risco percebido a saúde. De acordo com os resultados, as preocupações e emoções dos turistas diante da crise do turismo, foram expressamente otimistas e cautelosas em relação à restrição e possibilidade de viajar nesse período (YANG; ZIHAO; TAO, 2022). Os turistas tenderam a criar um estilo de vida realista e demonstraram a resiliência dos turistas em circunstâncias de restrição à experiência turística, frente à importância da atividade turística para os mesmos e causa da restrição a experiência turística (YANG; ZIHAO; TAO, 2022).

A partir dessa compreensão é possível entender a presença dos elementos sociopsicológicos sintetizados por meio da classificação hierárquica descendente (CHD), dado

que os relatos dos entrevistados concentraram-se no desejo e motivações emergentes de viagem, memórias de viagem e os reflexos da restrição de viagem.

Para o turista com hábito de viagem, no contexto de restrição a experiência, o desejo de viagem é motivado pelas emoções presentes e experiências sensoriais passadas, associadas a eventos cognitivos vivenciados com intensidade por meio de um desejo genuíno (MITEV; IRIMIÁS, 2020). Assim, os resultados mostram que as experiências mentais subjetivas, como pensamento discursivo, memórias, sentimentos, sonhos e imagens mentais (KAVANAGH et. al., 2013; TONEATTO, 1999), associadas ao desejo e ao bem-estar do turista com hábito de viagem podem ter relação com a intenção de viagem. Dado que, no turismo, a memória de viagem é reconhecida por influenciar as expectativas de viagem (WOOD, 2019), o regula o desejo de viagem.

Assim, tem-se a identificação clara de elementos sociopsicológicos que descrevem o bem-estar e o desejo de viagem proeminente nos relatos, associados à intenção e consequentes do contexto de restrição a experiência turística. Contudo o componente que diz respeito aos reflexos da restrição, no qual emergem os elementos sociopsicológicos bem-estar subjetivo e desejo de viajar, apresenta outro elemento que pode ser condicionante da intenção de viagem: o risco percebido à saúde.

Em estudos de turismo recentes os elementos sociopsicológicos emergentes evidenciados, são corroborados. Shin et. al. (2022) trazem resultados específicos sobre os fatores que determinaram as decisões de viagem durante a pandemia (se viajar e frequência), estando relacionada ao desejo de viajar, atitude de viagem, controle comportamental percebido, norma subjetiva, risco de saúde percebido, experiência de viagem passada. Dado que a experiência turística no contexto da pandemia pode ser vista como pode ser visto um investimento na manutenção da saúde mental (COOPER; BUCKLEY, 2021).

Han, Yoon, Kim e Yonn (2022), buscam compreender o que influencia os comportamentos dos turistas durante e após a pandemia de COVID-19, e, relacionam os fatores das teorias de risco, enfrentamento e resiliência e a intenção de viajar. Matiza e Slabbert (2022), investigaram o perfil dos turistas na era da restrição de viagem causada pela Covid-19. O estudo identifica a heterogeneidade no nexos dos motivos de viagem push-pull. As descobertas também estabelecem a suscetibilidade de turistas em busca de fuga experiencial à influência mediadora negativa do risco físico percebido e a probabilidade de se envolver em atividades de turismo doméstico orientadas para o lazer. Os resultados também

apontam para um potencial viés cognitivo e preferência subjetiva em relação ao turismo doméstico, potencialmente sinalizando uma mudança induzida pela crise naturalista comportamento (MATIZA; SLABBERT, 2022).

Refaat e Arafa (2022) contribuem ao verificar o efeito das restrições globais de viagem covid-19 no comportamento, hábitos e intenções de viagem dos turistas. O estudo resultou que as restrições de viagem da covid-19 afetaram as preferências, hábitos e intenções dos viajantes, especialmente no que diz respeito à escolha do destino, métodos de reserva, atividades turísticas e meio de transporte, hospedagem e duração da viagem (REFFAT; ARAFA, 2022).

Chan, Duan, Ali (2021) determinaram como as diferenças culturais e as diferentes idades podem desempenhar um papel no comportamento durante a COVID-19. A cognição e o comportamento de consumo diferenciam cultural e significativamente entre as diferentes idades, o que se destaca quando escolhem meios de viagem, transporte e acompanhantes. Isso vai de acordo que também vão de acordo com a pesquisa qualitativa desenvolvida nesses estudos e as peculiaridades características e comportamentais dos entrevistados, que explicitam as diferenças frente ao comportamento de viagem dos diferentes entrevistados.

Assim, entende-se que os elementos sociopsicológicos encontrados nesse estudo são fatores considerados emergentes para os turistas e possivelmente modeladores do comportamento frente à restrição turística e o fator causa de restrição. No que diz respeito aos turistas entrevistados. Entretanto, pode-se notar que tais elementos podem ser mais abrangentes uma vez que os estudos de comportamento turísticos caminham em proximidade com os elementos evidenciados no estudo desenvolvido. E mais, o foco da experiência turística parece estar em torno da redução de risco percebido à saúde, e mitigação de seus efeitos devido à situação de risco percebido aumentado e a potencial dissonância cognitiva que pode influenciar a tomada de decisão, por parte do turista (MATIZA, 2022).

Então, observa-se uma aproximação circunda entre os elementos sociopsicológicos emergentes do estudo e a restrição à experiência turística. Por essa razão, o estudo propôs-se identificar e analisar a relação entre a Restrição à Experiência Turística e essas dimensões sociopsicológicas (Bem-estar Subjetivo, Desejo de Viajar, Risco Percebido à Saúde e Intenção de Viajar) circundantes ao fenômeno, estabelecendo o alcance do segundo objetivo proposto.

5.2 Etapa Quantitativa

Com o objetivo de testar o modelo proposto, procedeu-se à análise dos dados levantados por meio do survey. A apresentação dos resultados da etapa quantitativa está dividida em cinco partes. A caracterização da amostra apresenta a moda dos dados demográficos e categóricos coletados no estudo. Na sequência, a análise descritiva mostra as medidas de tendência central e as medidas de dispersão das variáveis, bem como os procedimentos de limpeza do banco de dados para a execução das etapas posteriores. Em seguida, são exibidos os resultados da análise fatorial exploratória, da análise fatorial confirmatória e da modelagem de equações estruturais.

5.2.1 Caracterização da amostra

A análise quantitativa dos dados procedeu-se 438 respondentes que passaram pela pergunta filtro (Você faz viagens turísticas – cultural, rural, aventura, urbano, esportiva, sol e praia, ecológico e etc.) com frequência (em todo (a) ou quase todo (a) ano/férias/feriados –?), não identificados casos de duplicatas.

Da amostra, a demografia (Gênero, Faixa Etária, Estado Civil, Filhos, Escolaridade e Renda Familiar) entre os respondentes, 63% (n = 276) foi constituída pelo gênero feminino e 37% (n = 162) do gênero masculino. A faixa etária dos respondentes ficou concentrada entre jovens de 21-29 anos, correspondentes a 55,7% (n = 244) da amostra, o restante ficou distribuído em 12,8% (n = 56) na faixa de 60 anos ou mais, 12,8% (n = 56) na faixa de 30-39 anos, 9,4% (n = 41) na faixa de 40-49 anos, 7,5% (n = 33) na faixa de 50-59 anos e 1,8% (n = 8) na faixa 18-20 anos. No que diz respeito a Estado Civil, 72,4% (n = 325) identificaram-se na categoria de solteiros e 21,7% (n = 95) na categoria de casados, ou por menores (abaixo de 5%) distribuíram-se nas categorias viúvos (n = 4 / 0,9%), divorciados (n = 10 / 2,3%) e separados (n = 4 / 0,9%).

Quanto à presença de filhos, 81,3% (n = 356) não tem filhos, 9,4% (n = 41) tem filhos adultos, 5,9% (n = 26) tem filhos pequenos e 3,4% (n = 15) tem filhos adolescentes. O nível de escolaridade apresentou predominância no ensino superior, ou seja, graduação (54,8% / n = 240) e pós-graduação (22,8% / n = 100), seguidas de ensino médio (19,9% / n = 87) e ensino fundamental (2,5% / n = 11). A média da renda total combinada de todos os

membros da sua casa foi o único dado demográfico da amostra que apresentou maior variabilidade, 37% (n = 162) disseram ter uma renda familiar acima de 2 a até 3 salários mínimos, 23,7% (n = 104) disseram ter uma renda familiar acima de 5 a até 10 salários mínimos, 18% (n = 79) disseram ter uma renda familiar acima de 10 a até 20 salários mínimos, 15,3% (n = 67) disseram ter uma renda familiar acima de 1 a até 2 salários e 5, 9% (n = 26) disseram ter uma renda familiar acima de 20 salários mínimos.

5.2.2 Tratamentos iniciais dos dados

Quanto ao tratamento inicial dos dados, após utilizar a função remover duplicatas na aba Dados do software Excel, não foram identificados dados duplicados no banco de dados da pesquisa. Como contraprova, foi realizada também no SPSS a identificação de duplicatas e constatou-se a ausência das mesmas.

Os outliers univariados foram identificados por meio do SCORE Z, mediante a utilização dos limites de intervalo de critério de confiança Z de 2,58. Foram identificados 11 respondentes com pelo menos um e no máximo dois casos de outliers univariados. Sendo menor que 10% em um caso, optam-se pela não exclusão dos casos.

Os outliers multivariados foram tratados mediante a medida de distância de Mahalanobis (D2) dividida por graus de liberdade (df). Os resultados encontrados indicaram valores em um intervalo de 2,81 (máximo) e 0,19 (mínimo). Uma vez que as unidades de análise se concentram em uma amostra de 438 casos, sendo superior a 250 casos, o nível limiar para a medida D2/df considerado para a identificação e exclusão de outliers multivariados foi 3. Portanto, dado o intervalo encontrado, não foram identificados e excluídos casos de outliers multivariados.

A normalidade dos dados foi avaliada por meio dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk para cada variável do modelo, citadas respectivamente, Restrição à Experiência Turística (RET), Desejo de Viajar (DV), Bem-estar Subjetivo (BES), Risco Percebido à Saúde (RPS) e Intenção de Viajar (IV).

Assim, por meio da expressão (K-S (df) = intervalo estatístico dos itens da variável, p < Sig. encontrado, tem-se (K-S (438) = |0,132 e 0,272|, p < 0,001; S-W (438) = |0,702 e 0,898|, p < 0,001) para RET; (K-S (438) = |0,133 e 0,278|, p < 0,001; S-W (438) = |0,645 e 0,898|, p < 0,001) para DV; (K-S (438) = |0,098 e 0,209|, p < 0,001; S-W (438) = |0,734 e 0,950|, p < 0,001) para BES; (K-S (438) = |0,097 e 0,201|, p < 0,001; S-W (438) = |0,801 e 0,963|, p <

0,001) para RPS e (K-S (438) = |0,109 e 0,227|, $p < 0,001$; S-W (438) = |0,792 e 0,931|, $p < 0,001$) para IV.

A hipótese nula do teste de normalidade é que a população possui distribuição normal. Então, se deve pensar da seguinte forma: se $p < 0.05$ = indica que você rejeitou a hipótese nula, o pressuposto da normalidade foi violado, ou seja, os dados não possuem distribuição normal.

5.2.3 Análise descritiva

De forma geral a análise descritiva dos dados apresenta as médias, desvio padrão e a distribuição de assimetria e curtose das variáveis observadas, vide Tabela 1. As médias apresentaram pouca variabilidade, tendo a maioria dos valores concentrados em altas médias.

Tabela 1: Estatística Descritiva

Variáveis observadas	Média	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
RET_SFNHC	8,33	2,112	-1,665	2,871
RET_SFDAT	8,23	2,254	-1,617	2,497
RET_SFDV	8,24	2,452	-1,711	2,359
RET_SFE	8,15	2,417	-1,584	2,010
RET_SFSP	6,94	2,897	-,855	-,130
RET_SFANC	7,75	2,699	-1,293	,841
RET_SFACN	7,85	2,691	-1,392	1,080
RET_SFMAH	7,45	2,808	-1,126	,369
RET_SFASSM	6,71	3,276	-,738	-,746
RET_SFEOP	5,50	3,547	-,209	-1,328
RET_SFVNC	8,43	2,293	-1,860	3,189
RET_SFFR	7,57	3,084	-1,171	,121
RET_SFTL	8,23	2,634	-1,660	1,868
RET_SFAVD	8,40	2,417	-1,885	3,097
RET_SFAAL	7,76	2,678	-1,233	,710
RET_SFUCHD	8,09	2,536	-1,521	1,693
RET_SFEDSV	7,73	2,810	-1,257	,615
RET_SFPRV	7,59	2,885	-1,151	,245
RET_SFAADV	7,36	2,918	-1,026	,026
RET_SFEPRV	8,31	2,476	-1,764	2,553
DV_FPV	8,19	2,055	-1,295	1,516
DV_SFV	8,99	1,756	-2,147	5,026
DV_FDV	8,72	1,655	-1,330	1,287
DV_TGPV	6,64	2,341	-,390	-,401
DV_DRV	6,53	2,927	-,619	-,511
DV_SLSCF	7,95	2,557	-1,330	1,016
DV_SPVV	8,49	2,181	-1,908	3,643
DV_QLPPTR	7,42	2,541	-,926	,234
DV_PVC	6,53	3,110	-,589	-,753
BES_SCPF	8,07	1,827	-1,281	2,345

BES_CFASCPF	8,00	2,084	-1,443	2,310
BES_PGFIATMP	7,12	2,254	-,785	,307
BES_SSC	7,58	1,999	-,919	,984
BES_TVCI	6,66	2,418	-,737	,005
BES_SSP	7,20	2,356	-,843	,169
BES_SSA	7,06	2,278	-,867	,465
BES_SSD	4,59	2,952	,083	-1,036
BES_SSRLT	4,37	2,896	,169	-,982
BES_SSVAM	4,72	3,027	,058	-1,007
BES_EDI	7,81	2,261	-1,288	1,514
BES_AD	5,36	2,968	-,266	-,954
BES_EFP	8,66	1,888	-1,932	4,396
RPS_PVSC	7,83	2,350	-1,136	,814
RPS_PCVPCSF	5,35	2,447	,036	-,748
RPS_PCSRGF	6,44	2,603	-,436	-,601
RPS_CMMP	7,22	2,537	-,705	-,322
RPS_EGPTC	6,46	2,249	-,300	-,395
RPS_RACNED	4,98	2,752	,087	-,722
RPS_ELPCCPSE	7,95	2,157	-,901	-,033
RPS_MDTSR	8,15	2,214	-1,536	2,314
RPS_NFRRCC	4,45	2,982	,218	-,983
RPS_PSCCC	6,15	2,825	-,308	-,926
RPS_ACCPEM	6,18	2,661	-,482	-,319
IV_CSVPLN	3,78	3,118	,410	-,936
IV_EPNVB	7,37	2,853	-1,072	,273
IV_PVSLP	4,88	3,281	,000	-1,215
IV_PVSPCSPS	7,75	2,812	-1,247	,646

Fonte: Elaborada por autor (2022)

Variáveis que compõem os construtos Desejo de Viajar e Intenção de Viajar estão distribuídas como ponto final e inicial de variabilidade em uma amplitude de médias, entre as variáveis observadas como um todo. A variável DV_SFV apresentou a maior média (8,99) e a variável IV_CSVPLN a menor média (3,78), entre as variáveis observadas.

Observando por construto, as variáveis observadas concentradas em RET, indicam a importância dada ao turista com hábito de viagem aos aspectos da dimensão de Restrição a Experiência Turística. A variável RET_SFVNC apresentou a maior média (8,43) e a variável RET_SFEOP apresentou a menor média (5,50). Com relação às médias das variáveis de Desejo de Viajar, a variabilidade das médias apresenta baixa amplitude entre as variáveis observadas. Duas variáveis observadas, DV_DRV e DV_PVC apresentam média mais baixa (6,53), entre as variáveis observadas do construto, e a variável DV_SFV apresentou a maior média (8,99).

Os construtos Bem-estar Subjetivo, Risco Percebido a Saúde e Intenção de Viajar em comparação aos construtos Restrição à Experiência Turística e Desejo de Viajar, apresentam maior variabilidade entre médias, porém não médias baixas. Bem-estar Subjetivo apresenta a

variável BES_EFP com maior média (8,66) e a variável BES_SSRLT com menor média (4,37). Risco Percebido a Saúde apresenta a variável RPS_MDTSR com maior média (8,15) e a variável RPS_RACNED com menor média (4,98). Intenção de Viajar apresenta a variável IV_PVSPCSPS com maior média (7,75) e a variável IV_CSVPLN com menor média (3,78).

O desvio-padrão indica a concentração de dados em torno da média, ou seja, o quanto o conjunto de dados é uniforme. Se desvio padrão apresenta alta dispersão (mais distante de 0) então os dados são heterogêneos, diante do argumento ($p \rightarrow q$) a inversa ($\sim p \rightarrow \sim q$) se diz verdadeira, ou seja, se desvio padrão apresenta baixa dispersão (mais próximo de 0), então os dados são homogêneos. De forma geral, os dados apresentaram baixa dispersão com sinuante desvio padrão alto em RET_SFEOP (3,547), algumas outras variáveis como RET_SFASSM (3,276), RET_SFFR (3,084), DV_PVC (3,110), BES_SSVAM (3,027), IV_CSVPLN (3,118), IV_PVSLP (3,281), apresentam desvio padrão acima de 3, no entanto, podem ser consideradas mais próximas de 0 do que distante. Diante do conjunto de dados (57 variáveis) seis variáveis com desvio-padrão sinuamente distante de 0 é pouco em comparação a outras variáveis (51 variáveis), que se concentram homogeneamente.

5.2.4 Análise Fatorial Exploratória

Os resultados da Análise Fatorial Exploratória indicam o número de variáveis observadas que se agrupam em variável latente, formando seus fatores. A AFE foi executada em uma amostra de 438 respondentes e 57 variáveis observadas, passíveis de estruturação. Existem divergência e controvérsias na literatura científica quanto ao número mínimo de amostragem. No nível de exemplificação, Gorsuch (1983) e Hair et.al. (2005) indicam $N \geq 100$ sujeitos e um número mínimo de cinco respondentes por item, Cattell (1978) aponta $N \geq 250$, 3 a 6 respondentes por item e Everitt (1975) indica 10 respondentes para cada item avaliado de um instrumento. Contudo, de acordo com MacLlum, Widaman, Zhang e Hong (1999), Preacher e Callum (2002), Kyriazos (2018), não houve experimento de simulação que corroborassem ou refutassem estas informações sobre tamanho de amostra.

O princípio seguido no estudo, de acordo com o que se sabe empiricamente a partir da lógica matemática e estatística, é que amostras grandes tendem a fornecer resultados mais precisos e diminuir o efeito do erro amostral, tanto no que se refere à estrutura fatorial, carga fatorial e comunalidades dos itens. Para verificar se os dados poderiam ser tratados por meio de uma AFE e a adequação da amostra, realizou-se o teste de esfericidade de Bartlett e o Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). A hipótese nula do teste de esfericidade Bartlett é a de que a

matriz de correlações entre as variáveis é uma matriz identidade, isto é, de que só existe correlação das próprias variáveis com elas mesmas e que a correlação de uma variável com quaisquer outras é zero. O resultado do teste apresentou p-valor $<0,000$, rejeitando-se a hipótese nula e concluindo-se que havia correlações suficientes entre as variáveis para a realização da análise.

Os componentes estruturais da matriz de dados observados foram gerados utilizando-se a extração por componentes principais e a rotação ortogonal Varimax. Apesar das críticas presentes na literatura quanto à extração por componentes principais e a rotação Varimax, no que diz respeito a ser ou não aplicável a uma AFE (DAMÁSIO, 2012; IZQUIERDO; OLEA; ABAD, 2014; ROGES, 2021), o intuito envolvido na escolha procede por se limitar a redução de itens (ALAVI et. al., 2021; HAUCKFILHO; VALENTINI, 2020; ROGERS, 2021).

Cada resultado da AFE gera valores do teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), de variância extraída (VE), de comunalidades e de cargas fatoriais para cada indicador. A medida KMO é um índice de adequação da amostra utilizado para examinar a adequação da AFE. O índice varia entre 0 e 1, sendo recomendados valores entre 0,5 e 1 (MALHOTRA; NUNAN; BIRKS, 2017). O KMO foi dado aos componentes de cada construto, ou seja, Restrição à Experiência Turística (RET), Desejo de Viajar (DV), Bem-estar Subjetivo (BES), Risco Percebido à Saúde (RPS) e Intenção de Viajar (IV). Assim, tem-se RET (KMO = ,942), DV (KMO = ,809), BES (KMO = ,910), RPS (KMO = ,786) e IV (KMO = ,530).

A VE evidencia o percentual médio de variação explicada pelos componentes extraídos, sendo indicado o valor acima de 0,6 ou 60% (HAIR et al., 2014). As variáveis observadas que compõem a variável latente RET apresenta VE de 72,5%, seguindo DV (VE = 65,5%), BES (VE = 72,3%), RPS (VE = 62,8%) e IV (VE = 74,4%) respectivamente, apresentam suas variâncias extraídas. A comunalidades se refere à estimativa da variância compartilhada entre uma variável e as demais, cujo valor recomendado é acima de 0,5 (HAIR et al., 2014). Quanto às cargas fatoriais, Hair et al. (2014) consideram que valores próximos 0,5 representam boas cargas e que valores acima de 0,7 melhor poder de explicação. A Tabela 2 apresenta, respectivamente, as cargas fatoriais e as comunalidades, a interpretabilidade das variáveis latentes é dada a seguir.

Tabela 2: Matriz de Componentes

Construtos e Indicadores	Componentes (α)	(VE)
	Λ	Comunalidades

	1	2	3	4
RET_SFNHC			,579	,538
RET_SFDAT			,806	,785
RET_SFDV			,765	,825
RET_SFE			,743	,787
RET_SFSP		,541		,563
RET_SFANC		,783		,828
RET_SFACN		,789		,833
RET_SFMAH		,827		,805
RET_SFASSM		,734		,774
RET_SFEOP				,651
RET_SFVNC				,566
RET_SFFR				,846
RET_SFTL	,541			,556
RET_SFAVD	,643			,725
RET_SFAAL	,648			,657
RET_SFUCHD	,679			,759
RET_SFEDSV	,811			,793
RET_SFPRV	,799			,779
RET_SFAADV	,703			,652
RET_SFEPRV	,714			,784
DV_FPV	,733			,643
DV_FDV	,823			,679
DV_TGPV	,761			,639
DV_DRV	,670			,550
DV_SPVD	,649			,616
DV_QLPTR	,896			,807
BES_SCPF	,886			,836
BES_CFASCPF	,867			,765
BES_PGFIATMP	,728			,651
BES_SSC	,858			,812
BES_TVCI	,656			,613
BES_SSP	,679			,665
BES_SSA	,734			,774
BES_SSD		,870		,789
BES_SSRLT		,897		,856
BES_SSVAM		,653		,610
BES_AD		,699		,587
RPS_PVSC	,727			,609
RPS_PCVPCSF	,751			,583

RPS_PCSRGF	,811	,664
RPS_CMMP	,720	,543
RPS_RACNED	,643	,595
RPS_ELPCCPSE	,629	,652
PRS_MDTSR	,798	,651
RPS_NFRRCC	-,524	,559
RPS_ACCPEM	,889	,804
IV_CSVPLN	,810	,760
IV_EPNVB	-,883	,798
IV_PVSLP	,789	,688
IV_PVSPCSPS	,848	,732

Nota: Extraction Method: Principal Component Analysis / VE: Variância Extraída.

Fonte: Software SPSS

De acordo com o que se observa na Tabela 2, pode-se dizer que o construto Restrição à Experiência Turística (RET) apresentou uma estrutura composta por dimensões de segunda ordem com cargas fatoriais altas entre si e a variável latente.

No Fator 1, as cargas fatoriais relacionadas aos itens sente falta do tempo livre (RET_SFRTL), de apreciar o visual do destino turístico (RET_SFAVD), apreciar a arquitetura local (RET_SFAAL), usufruir de cenário harmonioso no destino turístico (RET_SFUCHD), planejar o roteiro/passeios da viagem (RET_SFPRV), empolgar-se com as decisões sobre a viagem (RET_SFEDSV), aproveitar os aspectos de deslocamento de viagem (por exemplo, a paisagem nas estradas ou espera no aeroporto ou estação de trem) (RET_SFAADV), expectativa positiva provocada por tudo relacionado à viagem (RET_SFEPRV), apresentaram significativa covariância entre si, agrupando em um fator.

No Fator 2, as cargas fatoriais vinculadas aos itens sente falta da sensação de pertencimento (RET_SFSP), adquirir novos conhecimentos (RET_SFANC), aprender coisas novas (RET_SFACN), melhorar algumas de suas habilidades (RET_SFMAH) e aprender sobre si mesmo(a) (RET_SFASSM) apresentaram significativa covariância entre si. No entanto tal fator aproxima o item “sente falta da sensação de pertencimento”, porém com carga fatorial um pouco mais baixa em relação aos demais itens.

No Fator 3, as cargas fatoriais vinculadas aos itens sente falta de conhecer novos hábitos culturais (RET_SFNHC), da diversão nas atividades turísticas (passeios) (RET_SFDAT), diversão da viagem (RET_SFDV), do entretenimento (RET_SFE)

apresentaram significativa covariância entre si. No entanto, o item “sente falta de conhecer novos hábitos culturais” apresenta carga fatorial baixa, em relação aos outros itens do fator.

No Fator 4, as cargas fatoriais vinculadas aos itens: sente falta de estar em outro papel ou como outra pessoa (RET_SFEOP), vivenciar o que não é cotidiano (RET_SFVNC), fugir da realidade (RET_SFFR), apresentaram significativa covariância entre si.

Diante disso, Restrição a Experiências Turística (RET) é composta por quatro fatores, entendido como as dimensões que compõe o construto. Dado como um construto de segunda ordem, RET é formado pela junção das dimensões teórica Estética e Processo (Fator 1), Educação (Fator 2), Entretenimento (Fator 3) e Escapismo (Fator 4).

Por sua vez, Desejo de Viajar é dado como um construto de primeira ordem, dado os itens estabelecidos: frequência que pensa em viajar (DV_FPV), frequência do desejo e necessidade de viajar (DV_FD), tempo gasto pensando em viajar (DV_TGPV), grau de dificuldade em resistir a viagens (DV_DRV), sente de precisar voltar a viajar para descansar (DV_SPVV), e por fim, deseja de ir para lugares próximos e com poucos turistas e residentes (DV_QLPPTR).

Bem-estar Subjetivo é um construto formado por dois fatores, os itens dados: se sente vivendo uma aventura maravilhosa (BES_SSVAM), acorda descansado (BES_AD), se sente relaxado (a), livre de tensões (BES_SSRLT) e se sente despreocupado (BES_SSD), compõem o fator Emocional. Seguidamente, os itens você se considera uma pessoa feliz (BES_SCPF), em comparação a seus familiares e outros amigos, você se considera uma pessoa feliz (BES_CFASCPF), aproveitam a vida independentemente do que está acontecendo, tirando o máximo proveito de tudo (BES_PGFIATMP), sentem-se contente (BES_SSC), Têm uma vida cotidiana interessante (BES_TVCI), se sentem em paz (BES_SSP), se sentem animado (a) (BES_SSA), compõem o fator Cognitivo.

O Risco Percebido à Saúde é dado por dois fatores, os itens: probabilidade do vírus da Covid-19 ser uma catástrofe (RPS_PVSC), pessoas contraem Covid-19, qual a probabilidade da consequência ser fatal (RPS_PCVPCSF), probabilidade da Covid-19 ser um risco que ameaça gerações futuras (RPS_PCSRGF), a Covid-19 mata muitas pessoas de uma vez (RPS_CMMP), o risco associado ao vírus da Covid-19 não está diminuindo. (RPS_RACNED) compõem o fator discriminado como Ameaça. Seguidamente, os itens: os meios pelos quais esta doença é transmitida são reconhecíveis (PRS_MDTSR), eventos que

levam pessoas a correrem o risco de contrair Covid-19 podem ser evitados (RPS_ELPCCPSE), não é fácil reduzir o risco de contrair Covid-19 (RPS_NFRRCC), após contrair Covid-19, é possível que a pessoa evite a morte, caso se cuide bem (RPS_ACCPEM), formam o fator Controle, culminando em um construto de segunda ordem.

Por fim, Intenção de Viajar é dada como um construto de primeira ordem, uma vez que todos os itens se agrupam entre si na variável latente, dado os itens: continuará sem viajar para lugar nenhum (IV_CSVPLN), está planejando novas viagens para breve (IV_EPNVB), pretende viajar somente para lugares próximos (IV_PVSLP) e pretende viajar somente com pessoas conhecidas, seguindo todos os protocolos sanitários (IV_PVSPCSPS).

5.2.5 Análise Fatorial Confirmatória

A Análise Fatorial Confirmatória executada tem como propósito observar se a estrutura da análise fatorial exploratória é adequada ao instrumento (RET, DV, BES, RPS, IV) na amostra, ou seja, observar a adequação do modelo de medida, uma vez que foram utilizadas escalas adaptadas de diferentes instrumentos de modo a evidenciar sua plausibilidade.

Em um primeiro momento, foi rodada uma AFC tal como igual à estrutura verificada na AFE. A estrutura apresentou $\chi^2/gf = 1.81$ e índices de ajustes adequados (CFI = 0.963; TLI = 0.961, SMRM = RMSEA = 0.043 (90% IC - 0.040 - 0.046)). Todavia verificaram-se cargas fatoriais abaixo de 0.300 na dimensão Controle do construto Risco Percebido à Saúde (RPS), condizentes como parâmetros psicométricos não aceitáveis (GOUVEIA; BARBOSA; ALMEIDA; GAIÃO, 1995; ANDRIOLA; CAVALCANTE, 1999; DAMÁSIO, 2012; VALENTINI; DAMÁSIO, 2016). Diante disso, foram retirados os itens RPS_ELPCCPSE, com carga padronizada igual a (0.987), PRS_MDTSR, com carga padronizada igual a (0.365), RPS_ACCPEM, com carga padronizada igual a (0.213), e o construto foi eliminado.

Seguidamente, realizou-se mais uma rodada da AFC sem a presença dos itens supracitados. A razão do qui-quadrado e os índices de ajustes apresentaram melhora significativa (vide Tabela 3), apesar de que no primeiro os coeficientes foram considerados adequados.

Tabela 3: Índices de Ajuste da Estrutura Fatorial

χ^2 (gl)	χ^2/gf	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (90% IC)
---------------	-------------	-----	-----	------	----------------

1311.479	1.47	0.982	0.981	0.065	0.033 (0.029– 0.037)
----------	------	-------	-------	-------	----------------------

Nota: χ^2 = qui-quadrado; gl = graus de liberdade; CFI = Comparative Fit Index; TLI = Tucker-Lewis Index; SRMR = Standardized Root Mean Square Residual; RMSEA = Root Mean Square Error of Approximation.
Fonte: Software JASP

De forma geral, a estrutura fatorial confirmatória se ajustou bem, com itens representativos e cargas fatoriais elevadas (Vide Tabela 4). Apenas o construto Intenção de Viajar (IV) tem um padrão de cargas baixas, no entanto, optou-se por mantê-lo ao modelo de medida.

Tabela 4: Estrutura Fatorial Confirmatória

		Parâmetros estimados				95% I. C.			
Construto	Indicador	Est.	E. P	z-valor	p-valor	Lim. Inf.	Lim. Sup.	Est. Pdr	
RET	RET_SFNHC	0.672	0.093	7.247	< .001	0.490	0.854	0.682	
	Ent	RET_SFDAT	0.825	0.103	8.001	< .001	0.623	1.027	0.784
		RET_SFDV	0.997	0.122	8.166	< .001	0.758	1.236	0.872
		RET_SFE	0.977	0.114	8.587	< .001	0.754	1.200	0.867
		RET_SFSP	1.207	0.138	8.739	< .001	0.936	1.478	0.774
	RET_SFANC	1.268	0.142	8.922	< .001	0.990	1.547	0.873	
	Edu	RET_SFACN	1.254	0.142	8.845	< .001	0.976	1.531	0.865
		RET_SFMAH	1.192	0.137	8.711	< .001	0.923	1.460	0.788
		RET_SFASSM	1.372	0.149	9.176	< .001	1.079	1.665	0.778
		RET_SFEOP	1.093	0.135	8.112	< .001	0.829	1.357	0.569
Esc	RET_SFVNC	1.038	0.139	7.491	< .001	0.767	1.310	0.837	
	RET_SFFR	1.127	0.135	8.328	< .001	0.862	1.393	0.676	
ProEst	RET_SFTL	0.755	0.098	7.731	< .001	0.564	0.947	0.648	
	RET_SFAVD	0.888	0.104	8.508	< .001	0.683	1.092	0.831	
	RET_SFAAL	0.943	0.105	9.025	< .001	0.739	1.148	0.797	

	RET_SFUCHD	0.954	0.114	8.386	< .001	0.731	1.177	0.851
	RET_SFEDSV	1.011	0.114	8.900	< .001	0.788	1.233	0.813
	RET_SFPRV	1.032	0.114	9.036	< .001	0.808	1.256	0.809
	RET_SFAADV	0.964	0.122	7.889	< .001	0.725	1.204	0.747
	RET_SFEPRV	0.936	0.113	8.289	< .001	0.714	1.157	0.855
DV	DV_FD	1.251	0.094	13.268	< .001	1.066	1.435	0.756
	DV_TGPV	1.772	0.105	16.913	< .001	1.567	1.978	0.757
	DV_DRV	1.878	0.134	14.016	< .001	1.615	2.141	0.642
	DV_SPVV	1.419	0.146	9.716	< .001	1.133	1.705	0.650
	DV_FP	1.046	0.116	9.043	< .001	0.819	1.272	0.509
BES	BES_SCPF	1.478	0.099	14.916	< .001	1.284	1.672	0.809
	BES_CFASCPF	1.451	0.119	12.223	< .001	1.218	1.684	0.696
	BES_PGFIATMP	1.766	0.108	16.338	< .001	1.554	1.978	0.783
	BES_SSC	1.661	0.092	18.006	< .001	1.481	1.842	0.831
	BES_TVCI	1.891	0.105	18.041	< .001	1.685	2.096	0.782
	BES_SSP	1.934	0.100	19.282	< .001	1.738	2.131	0.821
	BES_SSA	2.076	0.093	22.317	< .001	1.894	2.259	0.911
	BES_SSD	2.222	0.106	20.964	< .001	2.014	2.429	0.753
	BES_SSRLT	2.392	0.100	23.959	< .001	2.197	2.588	0.826
	BES_SSVAM	2.442	0.111	22.035	< .001	2.225	2.659	0.807
	BES_AD	2.163	0.122	17.727	< .001	1.923	2.402	0.729
RPS	RPS_PVSC	1.454	0.123	11.800	< .001	1.212	1.696	0.619
	Ame							

	RPS_PCVPCSF	1.714	0.111	15.505	< .001	1.497	1.931	0.701
	RPS_PCSRGF	2.078	0.115	18.004	< .001	1.852	2.304	0.798
	RPS_CMMP	1.591	0.124	12.868	< .001	1.348	1.833	0.627
	RPS_RACNED	1.632	0.144	11.369	< .001	1.351	1.914	0.593
IV	IV_CSVPLN	3.002	0.320	9.386	< .001	2.375	3.629	0.963
	IV_PVSLP	1.334	0.222	6.016	< .001	0.899	1.769	0.407
	IV_PVSPCSPS	0.648	0.180	3.606	< .001	0.296	1.000	0.230
	IV_EPNVBi	1.185	0.175	6.788	< .001	0.843	1.527	0.415

Nota:RET = Restrição a Experiência Turística, ENT = Entretenimento, EDU = Educação, ESC= Escapismo, PROEST= Processo e Estética, DV = Desejo de Viajar,COG = Cognitivo, EMO = Emocional, RPS = Risco Percebido a Saúde, AME =Ameaça, IV = Intenção de Viajar./ Est = Estimativa, E.P = Erro Padrão, Lim. Inf. = Limite Inferior, Lim. Sup.= Limite Superior, Est. Pdr = Estimativa Padronizada (refere-se aos pesos fatoriais padronizados) e I.C = Intervalo de Confiança.

Fonte: Elaborado por autor

A consistência interna do instrumento foi considerada pelo coeficiente ômega de McDonald's $\omega = 0.919$ com IC de 95% (0. 908 – 0.930), coeficiente Alfa de Cronbach's $\alpha = 0.925$, com IC de 95% (0. 914 – 0.934), comumente utilizados. Também, elaborou-se a verificação de consistência interna por medida. Além dos coeficientes supracitados, o coeficiente de Confiabilidade Composto foi considerado.

A verificação da Validade Convergente foi considerada por meio da Variância Média Extraída (VME), de modo a verificar a consistência e homogeneidade dos fatores e itens. A VME é dada por meio da soma das cargas fatoriais ($\sum\lambda$) ao quadrado. (ou coeficientes de regressão entre a variável latente e o item); e a soma dos erros de mensuração ($\sum\epsilon$), (ou variância residual). E, para a VME, deve-se calcular o quadrado das cargas fatoriais antes de somá-las [$(\sum(\lambda))^2$]. (VALENTINI; DAMÁSIO, 2016; COLWELL, 2016), dado a fórmula vide Figura 17.

Figura 17: Fórmula da VME

$$VME = \frac{\sum(\lambda^2)}{\sum(\lambda^2) + \sum\epsilon}$$

Fonte: Raykov (1997).

Diante de tais estimativas, a Tabela 5 apresenta a consistência interna e a validade convergente por construto do Modelo de Medida, dado os coeficientes de ômega de McDonald's, Alfa de Cronbach's e Confiabilidade Composta para verificação de consistência e Variância Média Extraída para verificação de Validade Convergente, sendo todos considerados bons visto que são próximos de 1.

Tabela 5: Consistência Interna e Validade Convergente

Construtos	Consistência Interna			Validade Convergente
	Ômega de McDonald's	Alfa de Cronbach's	C.C	V.M.E
ENT	0.892	0.879	0.879	0,857
EDU	0.910	0.911	0.909	0,825
ESC	0.739	0.743	0.741	0,783
PROEST	0.932	0.932	0.932	0,851
DV	0.792	0.796	0,723	0,790
COG	0.929	0.932	0.929	0,864
EMO	0.863	0.858	0.861	0,847
RPS	0.803	0.801	0.769	0,785
IV	0.612	0.547	0.570	0,628

Nota: C.C = Confiabilidade Composta, V.M. E = Variância Média Extraída, ENT = Entretenimento, EDU = Educação, ESC= Escapismo, PROEST= Processo e Estética, DV = Desejo de Viajar, COG = Cognitivo, EMO = Emocional, RPS = Risco Percebido a Saúde, IV = Intenção de Viajar.

Fonte: Elaborado por autor.

Apesar de ser observada uma consistência interna um pouco baixa no construto Intenção de Viajar (IV), a verificação de homogeneidade do modelo de medida geral, apresentado anteriormente mostra precisão robusta. Um instrumento como um todo apresenta em conjunto às cargas ou pesos fatoriais dos itens passíveis de variação (VALENTINI; DAMÁSIO, 2016), uma vez que o instrumento de pesquisa é composto por um conjunto de escalas, como um composto o instrumento se apresenta consistente.

A verificação do *Variance Inflation Factor* (VIF) é usado para testar a possibilidade de multicolinearidade. Sendo que, se todos os VIFs resultantes de um teste de colinearidade estiverem dentro do esperado, o modelo pode ser considerado livre de viés do método comum (KOCK, 2015). Valores de VIF de 10 ou acima indicam problemas críticos de colinearidade, (PALLANT, 2010), contudo, idealmente, os valores devem estar próximos de 5 ou inferiores a 3 (HAIR; RISHER; SARSTEDT; RINGLE, 2019). Conforme pode ser visto na Tabela 6, os valores VIFs dos construtos endógenos são satisfatórios, descartando a possibilidade de multicolinearidade.

Tabela 6: Fator de Inflação da Variância

RET	2,095	1,633	3,201	4,002	4,299	3,953	1,644	1,237	1,802	IV
1,775	4,495	2,561	4,974	BES	2,318	2,287	1,940	1,191	1,780	1,502
2,842	4,530	2,321	4,256	4,883	2,856	1,810	1,609	1,096	1,532	1,342
4,313	3,267	1,855	4,094	3,187	4,029	RPS	1,594	DV	1,616	1,316
3,571	2,960	4,524	2,391	2,494	3,148	1,618	1,465	1,340	1,156	1,206

Nota: RET = Restrição a Experiência Turística, DV: Desejo de Viajar, BES: Bem-estar Subjetivo, RPS: Risco Percebido a Saúde, IV: Intenção de Viajar

Fonte: SPSS/Elaborada por autor

A verificação de Validade Discriminante foi considerada por meio da verificação da correlação entre fatores e raiz da Variância Media Extraída, na qual as correlações entre os construtos devem ser menores do que a raiz da AVE (FORNELL; LARCKER, 1981). A Tabela 7 mostra que nenhuma correlação entre os fatores ficou acima do limite da raiz quadrada da VME, assim, atesta-se a Validade Discriminante do Modelo de Medida.

Tabela 7: Validade Discriminante - Critério de Fornell e Larcker

Construtos	ENT	EDU	ESC	PROEST	DV	CGN	EMO	RPS	IV
ENT	0,925								
EDU	0.732	0,908							
ESC	0.697	0.770	0,885						
PROEST	0.824	0.745	0.735	0,922					
DV	0.565	0.532	0.539	0.534	0,888				
CGN	0.121	0.142	0.041	0.137	0.229	0,929			
EMO	0.019	0.121	0.025	0.060	0.211	0.757	0,920		
RPS	0.324	0.448	0.305	0.376	0.342	0.189	0.140	0,886	
IV	0.342	0.509	0.360	0.454	0.271	0.006	0.085	0.641	0,771

ENT = Entretenimento, EDU = Educação, ESC= Escapismo, PROEST= Processo e Estética, DV = Desejo de Viajar, COG = Cognitivo, EMO = Emocional, RPS = Risco Percebido a Saúde, IV = Intenção de Viajar.

Fonte: Elaborador por autor

Diante do exposto até o momento atesta-se a estrutural fatorial confirmatória considerada e as evidências de validade convergente e discriminante respectivas à estrutura fatorial realizada. Assim, segue-se a análise das relações estruturais do modelo teórico desenvolvido.

5.2.6 Modelagem por equação estrutural

A proposta base desse estudo consiste em dois objetivos principais para seu desenvolvido. O primeiro, compreender a Restrição de Experiência Turística e os aspectos sociopsicológicos circundantes ao fenômeno na visão de sujeitos com hábitos de viagem, tal

aspecto foi atendido no desenvolvimento qualitativo do estudo. O segundo, identificar e analisar a relação entre a Restrição à Experiência Turística e as dimensões sociopsicológicas (Bem-estar Subjetivo, Desejo de Viajar, Risco Percebido à Saúde e Intenção de Viajar) circundantes ao fenômeno.

Esse segundo objetivo é atendido no desenvolvimento da Modelagem por equação estrutural, uma técnica estatística que compreende a combinação de duas outras técnicas: Análise Fatorial Confirmatória e Regressão Linear. Tendo realizado essa pequena explicação sobre o panorama da pesquisa e a técnica que a compreende, apresentam-se os resultados.

Questões relacionadas à pré-análise da técnica compreendem-se atendidas e explicadas anteriormente, ou seja, tamanho da amostra, dados faltantes, normalidade, outliers e multicolinearidade que corresponde a aspectos apresentados no tratamento inicial dos dados. Julga-se, então, necessário fazer observações dos aspectos gerais dos coeficientes relacionados à pós-análise antes de apresentar os resultados principais, ou seja, as relações preditivas propriamente ditas.

O Modelo Completo (modelo de medida + modelo estrutural), a ser apresentado, passou por quatro fases, desse modo foi desenvolvido quadro modelos a fim de apresentar o modelo mais adequado. Contudo, esclarece-se que desde o primeiro modelo desenvolvido os parâmetros estimados foram adequados e atenderam aos parâmetros indicados na literatura no que diz respeito a ajustes de modelo, r ao quadrado, cargas fatoriais, coeficientes de regressão, variância dos fatores e variância residual. Portanto entende-se que o modelo de medida e estrutural desenvolvido teoricamente foi bem ajustado e o foco será apresentar os resultados do modelo final. Porém, a Tabela 8 apresenta os índices de ajustes dos modelos estruturais.

Tabela 8: Índices de Ajuste do Modelo Estrutural

	χ^2 (gl)	χ^2 (gl)	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (90% IC)
Modelo 4	830.837	1.14	0.995	0.995	0.055	0.018 (0.011– 0.024)
Modelo 3	871.662	1.13	0.995	0.995	0.055	0.018 (0.011– 0.024)
Modelo 2	946.365	1.17	0.993	0.993	0.056	0.020 (0.014– 0.025)
Modelo 1	1477.564	1.66	0.974	0.972	0.067	0.039 (0.035– 0.042)

Nota: χ^2 = qui-quadrado; gl = graus de liberdade; CFI = Comparative Fit Index; TLI = Tucker-Lewis Index; SRMR = Standardized Root Mean Square Residual; RMSEA = Root Mean Square Error of Approximation.
Fonte: Software JASP

Após a verificação da consistência da estrutura do modelo de medida na AFC, e rodada a análise do Modelo Estrutural 1, foram retiradas, gradualmente, algumas variáveis que apresentaram cargas baixas, sendo respectivamente as variáveis DV_QLPPTTR = 0.469,

DV_FDV = 0.496, RPS_ELPCCPSE = 0.413 e IV_EPNVBi = -0.064, desse modo chegou-se aos índices de ajuste do Modelo Estrutural 4.

É possível observar que no Modelo Estrutural 4 o ajuste do modelo global, de acordo com o modelo conceitual proposto teoricamente foi satisfatório [$\chi^2/df = 1.28$; CFI = 0.995; TLI = 0.995; SRMR = 0.055; RMSEA (IC90%) = 0.018 (0.011 –0.024)], o que evidencia um bom ajuste do modelo estrutural completo proposto. Apesar dos índices de modificações indicarem outras mudanças para melhorar o ajuste global do modelo final, não se cogitou nenhuma, devido à falta de apelo teórico e julgou-se que o modelo estrutural completo estimado se mostrou condizente com a revisão da literatura apresentada e devidamente ajustada.

As estimativas fatoriais do Modelo Estrutural 4 são dadas na Tabela 9, nela verifica-se que cada indicador e as dimensões que compõem o Modelo de Medida foram significativos ($p < 0,001$), com cargas fatoriais expressivas.

Tabela 9: Estimativas do Modelo Estrutural

Var.lat.	Ind.	Est.	E.P	z-valor	p	95% I.C		Est.Pdr
						Lim. Inf.	Lim. Sup.	
RET	ENT	1.000	0.000			1.000	1.000	0.865
	EDU	1.460	0.146	9.973	< .001	1.173	1.747	0.881
	ESC	1.324	0.172	7.706	< .001	0.988	1.661	0.817
	PROEST	1.307	0.130	10.047	< .001	1.052	1.562	0.877
ENT	RET_SFNNHC	1.000	0.000			1.000	1.000	0.720
	RET_SFDDAT	1.159	0.119	9.714	< .001	0.925	1.392	0.782
	RET_SFDDV	1.364	0.145	9.393	< .001	1.080	1.649	0.846
	RET_SFDE	1.345	0.146	9.230	< .001	1.059	1.630	0.846
EDU	RET_SFSP	1.000	0.000			1.000	1.000	0.753
	RET_SFANC	1.093	0.067	16.232	< .001	0.961	1.226	0.884
	RET_SFACN	1.075	0.070	15.445	< .001	0.939	1.212	0.872
	RET_SFMAH	1.029	0.069	14.865	< .001	0.893	1.165	0.800
	RET_SFASSM	1.166	0.072	16.208	< .001	1.025	1.307	0.776
ESC	RET_SFEOP	1.000	0.000			1.000	1.000	0.601
	RET_SFVNC	0.871	0.091	9.559	< .001	0.692	1.049	0.810
	RET_SFFR	0.941	0.091	10.371	< .001	0.763	1.119	0.651
PROEST	RET_SFAVD	1.000	0.000			1.000	1.000	0.812
	RET_SFAAL	1.099	0.053	20.602	< .001	0.994	1.203	0.805
	RET_SFUCHD	1.097	0.056	19.719	< .001	0.988	1.206	0.848
	RET_SFEDSV	1.198	0.077	15.471	< .001	1.046	1.349	0.836
	RET_SFPRV	1.226	0.079	15.569	< .001	1.072	1.381	0.834
	RET_SFAADV	1.139	0.078	14.622	< .001	0.986	1.291	0.766

	RET_SFEPV	1.042	0.062	16.731	< .001	0.920	1.164	0.826
DV	DV_TGPV	1.000	0.000			1.000	1.000	0.658
	DV_DRV	1.238	0.147	8.434	< .001	0.951	1.526	0.652
	DV_SPVV	0.957	0.111	8.600	< .001	0.739	1.175	0.676
BES	CGN	1.000	0.000			1.000	1.000	1.050
	EMO	1.048	0.317	3.306	< .001	0.427	1.669	0.721
EMO	BES_SSD	1.000	0.000			1.000	1.000	0.753
	BES_SSRLT	1.065	0.044	24.237	< .001	0.978	1.151	0.817
	BES_SSVAM	1.110	0.073	15.217	< .001	0.967	1.253	0.815
	BES_AD	0.972	0.067	14.523	< .001	0.841	1.103	0.728
CGN	BES_SCPF	1.000	0.000			1.000	1.000	0.797
	BES_CFASCPF	1.032	0.053	19.630	< .001	0.929	1.135	0.721
	BES_PGFIATMP	1.247	0.080	15.610	< .001	1.090	1.404	0.806
	BES_SSC	1.144	0.048	23.634	< .001	1.049	1.239	0.834
	BES_TVCI	1.253	0.085	14.737	< .001	1.086	1.420	0.755
	BES_SSP	1.325	0.081	16.348	< .001	1.166	1.484	0.819
	BES_SSA	1.419	0.081	17.611	< .001	1.261	1.577	0.908
RPS	RPS_PCVPCSF	1.000	0.000			1.000	1.000	0.761
	RPS_PCSRGF	0.925	0.101	9.119	< .001	0.726	1.124	0.662
	RPS_CMMP	0.827	0.117	7.087	< .001	0.598	1.056	0.607
	RPS_RACNED	0.912	0.106	8.599	< .001	0.704	1.120	0.617
IV	IV_CSVPLN	1.000	0.000			1.000	1.000	0.454
	IV_PVSLP	1.271	0.213	5.978	< .001	0.854	1.687	0.548
	IV_PVSPCSPS	1.295	0.232	5.589	< .001	0.841	1.750	0.652

Nota: ENT = Entretenimento, EDU = Educação, ESC= Escapismo, PROEST= Processo e Estética, DV = Desejo de Viajar, COG = Cognitivo, EMO = Emocional, RPS = Risco Percebido a Saúde, IV = Intenção de Viajar / Var.Lat: Variável Latente, Ind: Indicadores, Est: Estimativa, E.P: Erro Padrão, IC: Intervalo De Confiança, Lim. Inf: Limite Inferior, Lim. Sup: Limite Superior, Est.Pdr: Estimativa Padronizada (refere-se aos pesos fatoriais padronizados).

Fonte: Software JASP

As relações estruturais do Modelo Estrutural podem ser verificadas na Tabela 10, é possível observar que as estimativas indicam relações significantes na maioria das relações estruturais do Modelo.

Tabela 10: Coeficientes de Regressão do Modelo

Preditor	Desfecho	Est.	E.P	z-valor	P	95% I.C		Est.Pdr
						Lim. Inf	Lim. Sup	
RET	BES	-0.175	0.118	-1.481	0.139	-0.406	0.057	-0.143
DV	BES	0.312	0.122	2.888	0.011	0.072	0.551	0.300
RPS	BES	0.141	0.068	2.063	0.039	0.007	0.275	0.164
RET	DV	0.783	0.120	6.514	< .001	0.547	1.018	0.669
BES	IV	-0.150	0.060	-2.511	0.012	-0.266	-0.033	-0.169
DV	IV	0.252	0.090	2.788	0.005	0.075	0.429	0.274
RPS	IV	0.497	0.091	5.470	< .001	0.319	0.675	0.653

RET	RPS	0.647	0.096	6.714	< .001	0.458	0.836	0.458
-----	-----	-------	-------	-------	--------	-------	-------	--------------

Nota: RET: Restrição à Experiência Turística, DV: Desejo de Viajar, BES: Bem-estar Subjetivo, RPS: Risco Percebido à Saúde, IV: Intenção de Viajar / Est: Estimativa, E.P: Erro Padrão, IC: Intervalo De Confiança, Lim. Inf: Limite Inferior, Lim. Sup: Limite Superior, Est.Pdr: Estimativa Padronizada (refere-se aos pesos fatoriais padronizados).

Fonte: Software JASP

O Modelo Estrutural Completo é apresentado na Figura 18, essa contém graficamente as informações contidas tanto do modelo de medida de, quando do modelo estrutural, de modo a facilitar a observação das informações do modelo final.

As estimativas indicam que não existe uma relação significativa ($p < 0.139 / -0.143$) entre Restrição à Experiência Turística (RET) e Bem-estar Subjetivo (BES). No entanto, a relação entre Restrição à Experiência Turística (RET) e Desejo de Viajar (DV), apresenta uma forte relação positiva direta significativa ($p < 0.001 / 0.669$). Do mesmo modo, evidencia-se uma relação positiva direta e significativa ($p < 0.001 / 0.458$) entre Restrição à Experiência Turística (RET) e Risco Percebido à Saúde (RPS).

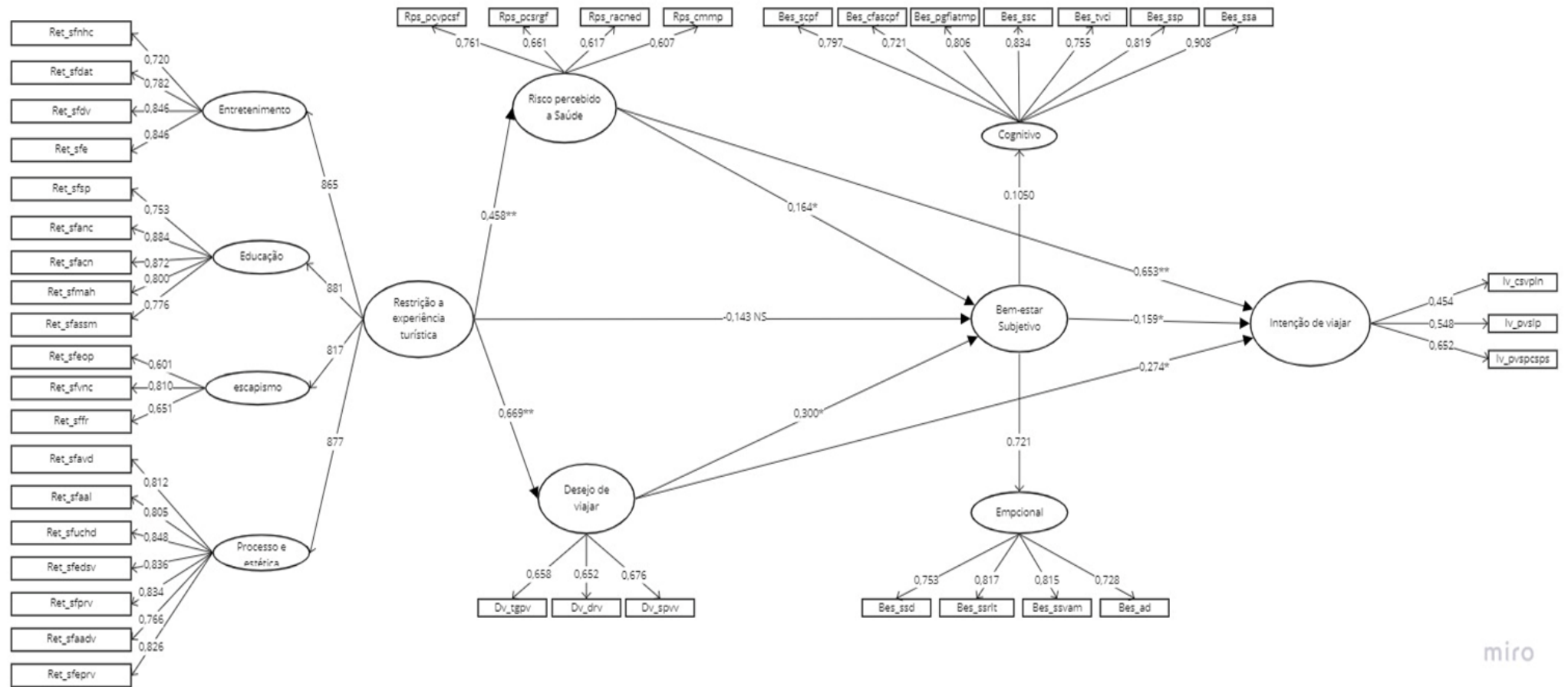
Já bem-estar subjetivo sofre impactos diretos significativos de Desejo de Viajar (DV) e Risco Percebido à Saúde (RPS). Primeiramente, nota-se que o Desejo de Viajar (DV) e Bem-estar subjetivo apresentam uma relação positiva direta e significativa ($p < 0.011 / 0.300$). Em seguida, o resultado mostra que o Risco Percebido à Saúde (RPS) mantém relação significativa ($p < 0.039 / 0.164$) com Bem-estar Subjetivo (BES).

Apesar de Restrição à Experiência Turística (RET) e Bem-estar Subjetivo (BES) não manterem uma relação direta entre si, verifica-se entre o Bem-estar Subjetivo (BES) e intenção de Viajar (IV) uma relação negativa significativa ($p < 0.012 / -0.169$). O Desejo de Viajar também mantém relação com a Intenção de Viajar (IV), mas de modo inverso, nota-se uma relação positiva significativa ($p < 0.005 / 0.274$) entre as variáveis. A relação entre o Risco Percebido à Saúde (RPS) e Intenção de Viajar foi também, assim, verifica-se, o resultado mostra que existe uma forte relação entre RPS e IV, o que evidencia uma relação positiva direta significativa ($p < 0.001 / 0.653$) entre as variáveis.

Apesar de não ter sido significativo uma relação direta entre Restrição à Experiência Turística (RET) e Bem-estar Subjetivo (BES), a nível de observação, nota-se que o modelo estrutural é composto por relações estruturais de mediação. Como intuito de observar possíveis impactos de mediação à análise, faz necessário verificar os efeitos indiretos e totais de mediações no Modelo Estrutural, vide Tabela 11.

A relação mediadora entre Restrição à Experiência Turística (RET), Bem-estar Subjetivo (BES) e Desejo de Viajar (DV) não foi atestada. Apesar de o efeito indireto mostrar-se significativo ($p < 0.004$), o efeito total entre as variáveis não obtiveram relação significativa ($p < 0.004$), evidenciando o papel do efeito direto na relação.

Figura 18: Modelo Completo



Fonte: Elaborada por autor (2022)

A relação mediadora entre Desejo de Viajar (DV), Intenção de Viajar (IV) e Bem-estar Subjetivo (BES) também não foi atestada. O efeito indireto não se mostrou significativo ($p < 0.0111$), ou seja, BES não tem um papel mediador na relação entre DV e IV, tendo o efeito total sido evidenciado como significativo ($p < 0.012$) pelo efeito direto.

Tabela 11: Efeitos Indiretos e Totais do Modelo

Efeitos indiretos e totais RET/BES/DV							
Efeito	Estimativa	Erro Pdr.	z-valor	p	95% IC		Est.Pdr.
					Lim. Inf.	Lim. Sup.	
Indireto	0.218	0.076	2.860	0.004	0.069	0.367	0.206
Total	0.057	0.072	0.801	0.423	-0.083	0.197	0.054
Efeitos indiretos e totais DV/IV/BES							
Efeito	Estimativa	Erro Pdr.	z-valor	p	95% IC		Est.Pdr.
					Lim. Inf.	Lim. Sup.	
Indireto	-0.047	0.027	-1.781	0.075	-0.099	0.005	-0.052
Total	0.204	0.081	2.502	0.012	0.044	0.363	0.222
Efeitos indiretos e totais RPS/IV/BES							
Efeito	Estimativa	Erro Pdr.	z-valor	p	95% IC		Est.Pdr.
					Lim. Inf.	Lim. Sup.	
Indireto	-0.021	0.013	-1.594	0.111	-0.048	0.005	-0.028
Total	0.477	0.088	5.424	<.001	0.304	0.649	0.626
Efeitos indiretos e totais RET/BES/RPS							
Efeito	Estimativa	Erro Pdr.	z-valor	p	95% IC		Est.Pdr.
					Lim. Inf.	Lim. Sup.	
Indireto	0.094	0.042	2.238	0.025	0.012	0.176	0.077
Total	-0.092	0.103	-0.897	0.370	-0.293	0.109	-0.075

Nota: Os valores de Estimativa referem-se aos efeitos não padronizados estimados por RDWLS no software JASP a partir do modelo estrutural completo da Figura X. Est Pdr = efeito padronizado refere-se aos pesos fatoriais padronizados para melhor visualização do tamanho do efeito.

Fonte: Software Jasp

Do mesmo modo evidencia-se o não atestamento da relação mediadora entre Risco Percebido à Saúde (RPS), Intenção de Viajar (IV) e Bem-estar Subjetivo (BES). O efeito indireto não se mostrou significativo ($p < 0.075$), ou seja, BES não tem um papel mediador na relação entre RPS e IV, tendo o efeito total sido evidenciado como significativo ($p < 0.001$) pelo efeito direto.

O contrário verifica-se ao observarmos a relação mediadora entre Restrição à Experiência Turística (RET), Bem-estar Subjetivo (BES) e Risco Percebido à Saúde (RPS), uma vez que não foi significativo o efeito total entre as variáveis. Mas, o efeito indireto foi significativo.

Apesar das relações mediadoras entre as variáveis do modelo não terem sido atestadas, indiretamente e totalmente entre as variáveis e nos diferentes casos, o não atestamento não é relevante para o estudo em si. O modelo estrutural final e as hipóteses de pesquisa não está fundamentado em aferições de relações mediadoras, mas apenas as relações diretas.

Nesse sentido, o poder explicativo do modelo, de acordo com a análise do R ao quadrado, que evidencia o grau de explicação das variáveis latentes do Modelo Estrutural, tem-se que Bem-estar subjetivo (BES) é explicado pelas variáveis Desejo de viajar (DV) e Risco Percebido à Saúde (RPS) em 8,8% (0.088). Enquanto que o Desejo de Viajar (DV) e o Risco Percebido à Saúde é explicado em 44,7% (0.447) e 20,9 % (0.209) por Restrição à Experiência Turística (RET), respectivamente. Por fim, a Intenção de Viajar (IV) é explicada em 57.% (0,575) por Bem-estar Subjetivo (BES), Risco Percebido à Saúde (RPS) e Desejo de Viajar (DV).

5.2.7 Discussão dos Resultados Quantitativos

A construção metodológica para a verificação das hipóteses desenvolvidas no modelo teórico se deu por meio dos tratamentos iniciais dos dados descritos anteriormente, no qual se pode verificar ausência de dados faltantes e de duplicadas, ausência de exclusão de casos por outliers uni e multivariados e verificação de normalidade dos dados. Seguidamente, a análise descritiva dos dados mostrou que os dados são homogêneos, dadas as análises feitas em torno dos critérios de dispersão e homogeneidade das médias e desvio padrão.

As análises fatoriais exploratórias e confirmatórias foram realizadas, de modo, a observar a estrutura do modelo de medida utilizado e consistência. Para a AFE, os coeficientes de KMO e Esfericidade de Bartlett foram adequados, atestando a aplicabilidade da técnica ao banco de dados. As variáveis do banco de dados apresentaram variação explicada por componentes extraídos acima de 60% e comunalidades entre variáveis acima de 0,6.

A AFC apresentou uma estrutura de razão de quiquadrado ($\chi^2/gf = 1.81$) e índices de ajustes adequados (CFI = 0.963; TLI = 0.961, SMRM = RMSEA = 0.043 (90% IC - 0.040 - 0.046)), evidenciando que o modelo de medida mede o que se propõe medir, dadas as verificações fatoriais e a exclusão de itens realizada. A consistência interna do modelo de medida foi verificada de modo simples (McDonald's $\omega = 0.919$ / Alfa de Cronbach's $\alpha = 0.925$) e composta (Confiabilidade Composta por construto em um intervalo de 0,570 a 0,932), e a validade convergente e discriminante foram atestadas por meio da Variância

Média Extraída em comparação da correlação entre construtos e raiz da Variância Média Extraída, dado o critério de Fornell e Larcker (1981), por fim, a colinearidade dos dados foi verificada e atestada ausência de multicolinearidade por meio do VIF.

A análise do modelo completo proposto teoricamente foi satisfatório [$\chi^2/df = 1.28$; CFI = 0.995; TLI = 0.995; SRMR = 0.055; RMSEA (IC90%) = 0.018 (0.011 –0.024)], e as relações estruturais do Modelo Estrutural podem ser verificadas. Assim, dados os pressupostos psicométricos alcançados e as relações estruturais encontradas, as hipóteses de pesquisas passam a ser discutidas uma a uma.

H1: A Restrição à Experiência Turística mantém relação negativa com o Bem-Estar Subjetivo

A H1 não foi corroborada, apesar da experiência turística ser compreendida como uma atividade que suscita o bem-estar (CHEN; PETRICK, 2013; CHEN; PETRICK; SHAHVALI, 2016; GAO; KERSTETTER, 2018; GILL; PACKER; BALLANTYNE, 2019; MCCABE; JOHNSON, 2013; UYSAL; SIRGY; WOO; KIM, 2016) e a etapa qualitativa apresentar como resultado do relatos aspectos relacionados a bem-estar associado a restrição a experiência turística dos participantes, o estudo, não mostrou efeito significativo entre restrição a experiência turística e bem-estar subjetivo.

Contudo, uma discussão sobre o impacto do fator causador da restrição à experiência turística e do bloqueio de atividades sociais baseado em evidências recentes mostra que tal não significância tem uma razão de ser. Novos estudos observam que os efeitos deletérios da pandemia no bem-estar apresentam racionalização peculiar. No que diz respeito aos bloqueios advindos, a racionalidade adaptativa frente ao contexto de restrições pode-se evidenciar razões argumentativas da não significância verificada entre bem-estar e restrição à experiência turística (YO; XIANG; LOW, 2022).

Yo, Xiang e Low (2022) consideraram a possibilidade de diferenças na saúde mental, comportamentos adaptativos, apoio social, estresse percebido, uso de mídia digital e mudança percebida nas circunstâncias entre adultos mais jovens e mais velhos durante o período de interrupção do circuito (bloqueio parcial) em Cingapura. De acordo com os autores, adultos mais velhos apresentaram escores baixos de depressão [odds ratio (OR) 1,81, intervalos de confiança de 95% (IC) 1,07-3,08], escores de ansiedade (OR 1,80, IC 95% 1,05-3,08) e escores de estresse (OR 3,05, 95% CI 1,72–5,41), dada uma amostra nacionalmente

representativa de 602 adultos mais jovens (n = 302) e mais velhos (n = 300) com idades entre 21 e 89 anos. A adaptabilidade moderou a relação entre idade e saúde mental com efeitos prejudiciais de baixa adaptabilidade mais fortes para adultos mais jovens do que para adultos mais velhos. Durante o período de confinamento, adultos mais velhos tiveram melhor saúde mental, perceberam menos preocupações relacionadas ao estresse e foram mais adaptáveis psicossocialmente em comparação com adultos mais jovens.

Estudos tipicamente com jovens, corroboram a questão da racionalidade adaptativa favorável a pessoas mais velhas em detrimento de jovens. Thomas (2022) atesta que adolescentes apresentaram dificuldades e angústia substancial. A angústia aumentou à medida que a pandemia progrediu, mesmo em situação de baixa prevalência local de COVID-19. Para o autor, as restrições e mudanças de rotina têm um peso maior em adolescentes, dado um declínio geral no bem-estar social e emocional exacerbado pelos eventos da pandemia e bloqueio social (THOMAS, 2022). Contudo, Kurudirek, Arikan e Ekici (2022) apontam que as percepções de apoio social e o bem-estar psicológico entre adolescentes durante a doença do coronavírus 2019 (COVID-19) mantém relação positiva.

Independentemente de diferença em relação às classes, aos empregos dos pais, aos níveis de renda, aos tipos de família e aos locais de residência dos adolescentes em termos de apoio social e bem-estar, verificou-se correlação estatisticamente positiva e forte entre os escores de apoio social e bem-estar, ou seja, à medida que os níveis de suporte social percebido entre os adolescentes aumentavam, seu bem-estar psicológico também aumentava positivamente (KURUDIREK; ARIKAN; EKICI, 2022).

Diante de tais comportamentos, reforça-se o conhecimento do que é edificante e útil, e mais, pode justificar-se a racionalidade adaptativa dos indivíduos no contexto de restrição que a população mundial vivenciou a partir de 2020 (EKLAN, 2022). Overbeck et.al (2022) investigaram os sintomas de ansiedade e depressão em uma população de mulheres grávidas e novas mães em vários estágios de pressão de infecção e restrição às experiências durante os primeiros 15 meses da pandemia da COVID-19 na Dinamarca. A ausência de diferenças nos níveis relatados de sintomas depressivos entre os seis períodos de tempo examinados da pandemia foi observada. Especificamente, os sintomas permaneceram inalterados após o primeiro bloqueio. Não foram observadas grandes mudanças nos sintomas de ansiedade em relação ao aumento da pressão de infecção ou bloqueios, mas um pequeno aumento foi

observado durante o segundo bloqueio em mulheres de oito semanas após o parto (OVERBECK et.al., 2022).

Ainda na perspectiva daquela premissa anterior, Ekluan (2022) explorou as opiniões dos indivíduos sobre aspectos úteis e edificantes da vida cotidiana durante a doença de coronavírus 2019 (COVID-19). No estudo, os participantes responderam a uma breve pesquisa diária por meio de mensagens de texto durante 14 dias consecutivos de julho a agosto de 2020. A pesquisa incluiu a pergunta: “Durante as últimas 24 horas, houve algo que fez você se sentir bem ou ajudou você em sua vida?”.

Por meio da análise de conteúdo e a compilação de respostas de 693 participantes, verificou-se que aspectos positivos durante a pandemia de COVID-19, principalmente relacionadas a interações sociais, na vida real ou digitalmente, com familiares, amigos e outros, foram considerados relevantes, ou seja, a manutenção de aspectos úteis da vida cotidiana centrados nas relações sociais. Para cumprir as recomendações de distanciamento físico, as pessoas encontraram maneiras criativas de manter conexões sociais tanto digitalmente quanto pessoalmente. A interação social, a manutenção das rotinas da vida cotidiana, os hobbies e a atividade física mostraram-se importantes para o bem-estar da população geral (EKLUAN, 2022).

Para Staneva, Carmignani e Rohde (2022) os eventos de restrição e bloqueio social e bem-estar mental dos indivíduos, é racionalidade por traços de personalidade. Em seu estudo teve como foco idade, gênero e traços de personalidade como possíveis modificadores de bem-estar no contexto de restrição à experiência social.

O aumento dos sintomas de sofrimento psicológico é mais pronunciado para indivíduos adultos jovens (16 a 25 anos), dado os traços de neuroticismo, extroversão e abertura à experiência. De fato, para os jovens introvertidos, os eventos recentes podem ter trazido uma sensação de calma. Outros achados indicam que a piora do nível de sofrimento psíquico ocorre juntamente com o aumento dos sentimentos de solidão (STANEVA; CARMIGNANI; ROHDE, 2022). Na verdade, tais achados apontam uma possível relação entre os comportamentos à restrição e viagens estritamente ditas a serem exploradas, visto que estudos trazem evidências que pessoas mais jovens, estiveram menos restritas a viagens que pessoas mais velhas (QIAO; ZHAO; XIN; KIM, 2021; SÁNCHEZ-CAÑIZARES; CABEZARAMÍREZ; MUÑOZ-FERNÁNDEZ; FUENTES-GARCÍA, 2021; ABRAHA; BREMSER; CARRENO; CROWLEY-CYR; MORENO, 2020).

Portanto, diante do visto entende-se que diferentes pessoas têm diferentes respostas psicológicas e comportamentais em frente daquilo que realmente é significativo para a manutenção do seu bem-estar, tendendo o indivíduo a uma racionalidade adaptativa, ao passo do que considera importante e realmente útil no momento de restrição e bloqueio social. Yo, Xiang e Low (2022) concentram-se no fator maturidade e resiliência, Thomas (2022) aponta a fragilidade do jovem adolescente, todavia seu bem-estar parece estar combinado à necessidade de manter atenção e apoio social, como aponta Kurudirek, Arikan e Ekici (2022). Overbeck et.al (2022) acreditam que em contexto de restrição o indivíduo apega-se ao que considera edificante e de real valor, que para Ecklan (2022) está na manutenção e adaptação das interações sociais e para Staneva, Carmignani e Rohde (2022) traços de personalidades podem ser determinantes.

Assim, a racionalidade adaptativa dá-se por um conjunto de fatores de livre acesso ao indivíduo, uma vez que os mesmos estão impossibilitados de viver a normalidade de práticas anteriores à restrição, e a mercê de comportamentos autogeridos, de modo a lidar com a queda, aumento e manutenção do bem-estar mental do indivíduo (STANEVA; CARMIGNANI; ROHDE, 2022). Dito isso, entende-se que a restrição à experiência turística, dado como um evento fora do alcance do turista, não afetou diretamente o bem-estar.

Apesar de a restrição a experiência turística não estar associada a um efeito direto com o bem-estar do turista, a restrição à experiência tem associações atestadas com outros fatores sociopsicológicos, como o desejo de viajar e o risco percebido à saúde que mantém relação com o bem-estar, e com o comportamento do turista, no que diz respeito à intenção de viajar, como se evidenciou nas hipóteses aferidas.

H2: O Bem-Estar Subjetivo mantém relação negativa com a Intenção de Viajar

Do mesmo modo, o bem-estar subjetivo, apesar de não ter efeito direto da restrição à experiência turística, mostrou ter associações significativas com outros elementos sociopsicológicos apresentados no estudo. Uma dessas é a associação entre bem-estar e intenção de viajar, dado que o Bem-Estar Subjetivo mantém relação negativa com a Intenção de Viajar, uma vez que compreende a avaliação cognitiva da situação atual dos turistas, seu estado emocional e possível resposta a viagens futuras.

Diante dessa associação tem-se que o bem-estar é compreendido por meio das emoções positivas e negativas circundantes aos indivíduos e indica que as emoções dos

turistas em relação à sua vida rotineira podem aumentar ou não a intenção viagem, ou seja, direcionar o comportamento turista.

No entanto estudos recentes, também, evidenciam associações entre essas relações com certa dubiedade (IO; PERALTA, 2022; AGYEIWAAH; ADAM; DAYOUR; BADU BAIDEN, 2022), dada a ênfase nas emoções que compõem o bem-estar. De acordo com Agyeiwaah, Adam Dayour e Badu Baiden, (2022) as emoções positivas dos turistas em relação à sua vida rotineira podem aumentar a intenção de repetir a viagem e a motivação enquanto as emoções negativas fizeram o oposto.

Contudo, a necessidade de fuga e relaxamento, segurança e conveniência e socialização familiar, associada ao bem-estar direcionou a intenção de viajar do turista ao longo das restrições de viagem e flexibilização, durante a pandemia (AGYEIWAAH; ADAM; DAYOUR; BADU BAIDEN, 2022). Cho, Chiu, Tan (2020) vão além e estendem evidências das relações bem-estar subjetivo e intenção de viagem, e associa essa relação a um compromisso psicológico dos indivíduos.

No nicho de mercado do turismo médico Saiprasert, Xu e Tavitiyaman (2021) buscaram examinar relações entre a qualidade percebida dos serviços médicos, a percepção de bem-estar e a intenção comportamental de turistas médicos entre o país doméstico dos residentes e os destinos médicos no exterior. Os resultados indicam uma relação entre a percepção de bem-estar e, conseqüentemente, a intenção comportamental dos residentes, ou seja, algo produz bem-estar positivamente e direciona a intenção comportamental.

Portanto, vê-se que essa relação se estabelece de modo significativo no turismo e no contexto de restrição à experiência, visto que a experiência turística atribui um bem-estar positivo e incentiva as experiências (KIM; LEE; PRIES, 2020).

Por essa razão a restrição à experiência turística mostrou ter uma relação positiva com o desejo, a experiência, ou seja, o desejo de viajar tem uma tendência elevada por parte do turista, quando a restrição à experiência se estabelece como um evento conseqüente em face da multiplicidade de crises locais, regionais e globais que o setor de turismo está sujeito.

H3: A Restrição a Experiência Turística mantém relação positiva com o Desejo de Viajar

A relação estabelecida nessa hipótese parece um pouco óbvio, e talvez assim seja dada a restrições impostas aos turistas com hábito de viagem. Para o turista, a restrição à experiência turística impossibilita e restringe um aspecto de seu estado de normalidade social, ou seja, diante da restrição de fuga da cotidianidade o indivíduo turista realmente começa a ter desejo intenso por viagem (MITEV; IRIMIÁS, 2020). Assim, frente às mudanças contextuais reações objetivas e subjetivas dos indivíduos tornam proeminentes (SIMMEL, 2006; FABRIS et. al., 2020; COSTA, 2020).

No contexto de restrição à experiência turística, o desejo de viagem associa-se a uma gama de motivações dinâmicas em razão de viver experiências autênticas e de liberdade, a procura de um ambiente fora do ambiente habitual e quebra da rotina (PEREIRA, 2015; PEREIRA; GOSLING, 2019; COSTA, 2020). No entanto, esse cenário coloca a viagem em uma nova perspectiva, representando para os que têm hábito de viagem, um desejo intenso de viajar (MITEV; IRIMIÁS, 2020).

De acordo Tyllianakis (2022) as experiências passadas desempenham um papel importante nas preferências subjetivas e comportamentos. Para o autor, visitantes frequentes de um destino tendem a se opor fortemente a novas restrições à entrada, caso acredita-se que restrições a experiências sejam definitivas, muito prolongadas ou sem flexibilizações. Assim, a crença diante do que é explanado a respeito das razões e do estado da restrição à experiência condiciona o desejo de viver experiências turísticas e, possivelmente, o comportamento futuro (KOO; JOUN; HAN; CHUNG, 2016; MILIAUSKAS; DZEMYDIENE, 2018).

H4: O Desejo de Viajar mantém relação positiva com a Intenção de Viajar

Dado a crença a respeito da restrição à experiência turística, tem-se então uma relação positiva entre o desejo de viajar e a intenção de viajar, como se verifica pela H4 corroborada no estudo.

Rahmawati, Achmad e Adhimursandi (2021) em uma tentativa de explicar o comportamento de indonésios quanto a viajar, apresentam alguns fatores que influenciam intenção de viajar. Para os autores, 94% dos entrevistados não reduziram seus desejos de viajar e durante a pandemia, o povo indonésio continuou a viajar e manteve suas intenções de viagem. No entanto, como turistas fatores de apoio, como necessidades de viagem, segurança durante a viagem e necessidades de mídia social (informações) influencia significativamente a intenção de viajar, exercendo papel mediador na escolha do destino.

Para o turista com hábito de viagem, outro ponto que tem relação com a associação positiva entre desejo de viajar e intenção, diz respeito à nostalgia que cultiva o desejo de viagem. De acordo com Wang e Xia (2021) a gravidade percebida pelo consumidor do COVID-19 por meio da restrição a experiências turísticas (estímulo) desencadeia nostalgia (organismo), o que aumenta o desejo de viajar, e seguidamente a intenção de viajar.

Diante dos fatores que explicam a relação positiva entre desejo e intenção de viajar, evidenciam-se relações entre o papel da crença e das informações emitidas publicamente a respeito do cenário de restrição e sua relação com o fator causador da crise turística, na construção de imagem por parte do turista, e da nostalgia, que empiricamente explicam a associação entre desejo e intenção de viajar (KOO; JOUN; HAN; CHUNG, 2016; MILIAUSKAS; DZEMYDIENE, 2018; RAHMAWATI; ACHMAD; ADHIMURSANDI, 2021; WANG; XIA, 2021).

No entanto é possível perceber que o papel do desejo e da intenção de viajar, no comportamento do turista é ser racionalizado paralelamente ao grau de ameaça e a proximidade do fator causador de restrição, em detrimento da experiência turística (TYLLIANAKIS, 2022), o que vai de acordo com o estudo desenvolvido. Por essa razão, a crise do turismo associada a risco à saúde mantém relação positiva entre si.

H5: A Restrição à Experiência Turística tem relação positiva com risco percebido à saúde

O turismo é vulnerável a riscos globais que podem levar a riscos de viagem percebidos (Ritchie, 2008) e o comportamento de evitação de uma pessoa é moldado pelas informações relacionadas ao risco recebido (WONG; YEH, 2009; CAHYANTO et.al., 2016; CORI et. al., 2020; BOGACHEVA et.al., 2020). Geralmente, o processo de tomada de decisão de viagem é feito com base na percepção da possibilidade de risco (ROEHL; FESENMAIER, 1992; GODOVYKH; PIZAM; BAHJA, 2021).

Wilks (2006) observou que o desconhecimento dos turistas sobre a probabilidade de risco pode colocá-los em risco real. Assim, quando os turistas percebem que tal risco é alto, é provável que mudem seus comportamentos de viagens, como não reservas e cancelamentos (MANSFELD, 2006), dados os parâmetros associados restrição à experiência turística. No caso de percepção de risco à saúde em viagens, a avaliação da probabilidade de que os riscos à saúde relacionados a viagens ocorrerão em um destino dentro de um período de tempo

especificado (CHIEN et al., 2017) define um parâmetro que se associa com a restrição à experiência turística.

Assim, a associação positiva entre restrição a experiência turística e percepção de risco a saúde se dá por meio do reconhecimento da percepção de risco à saúde como uma das principais preocupações em viagens, pois poderia ameaçar a segurança não apenas dos turistas, mas também das comunidades anfitriãs (WILKS, 2006), de acordo com a percepção de ameaça. Por essa razão quanto maior a restrição à experiência turística, maior o risco percebido a saúde associado, visto que a suscetibilidade percebida ao risco implica a probabilidade de que um turista possa ser impactado negativamente por uma crise relacionada à saúde durante uma viagem (WITTE, 1996).

No entanto, o risco percebido de viagem é específico da situação (ROEHL; FESENMAIER, 1992; SEABRA et al., 2013). Em outras palavras, ao tomar uma decisão de viagem, os turistas tendem a prestar mais atenção a certos riscos do que a outros riscos, dependendo da situação, que incluem fatores de saúde, físicos, psicológicos, de desempenho, financeiros, equipamentos, sociais e temporais (HENRICH et al., 2015; MURDOCK; RAJAGORPAL, 2017; HUANG et al., 2020; GODOVYKH; PIZAM; BAHJA, 2021).

Portanto, apesar do estabelecimento de um estado de pós-pandemia, a chance de contrair uma infecção por COVID-19 durante uma viagem é aplicável a qualquer indivíduo, ainda é razoável observar por parte da gestão do turismo a suscetibilidade percebida dos turistas de risco a saúde (CHUA; AL-ANSI; LEE; HAN, 2021). Dado que a associação entre restrição à experiência e risco percebido a saúde tem se mostrado relevante em estudos desenvolvidos em um período flexibilização de viagens (GOLETS; FARIAS; PILATI; COSTA, 2021; HANAFIAH; ZAIN; AZINUDDIN; MIOR SHARIFFUDDIN, 2022).

Teoricamente, a suscetibilidade percebida ao risco caminhará de encontro com a poder catastrófico, ameaça, controle e conhecimento a respeito do risco (SLOVIC, 2000; ARAGONES; TALAYERO; OLIVUS, 2010), no entanto, no estudo desenvolvido o fator ameaça mostra-se proeminente, dado a hipótese contrariada no estudo vigente.

H6: O Risco Percebido a Saúde é formado pelas dimensões poder catastrófico, ameaça, controle e conhecimento

A concentração do risco percebido na dimensão Ameaça, a única dimensão que se manteve sob esse construto no estudo desenvolvido, mostra que a gravidade percebida pode

ser o condicionador do comportamento turista, no cenário de restrição a experiência turística no contexto atual (CHUA; AL-ANSI; LEE; HAN, 2021).

A gravidade percebida é a magnitude percebida de uma crise relacionada à saúde (WITTE, 1996), e pode aprofundar a preocupação do indivíduo com o risco à saúde (Liu et al., 2016). Em geral, a associação entre A percepção de risco à saúde e o comportamento de viagem provavelmente diferem de acordo com fatores individuais (TSAUR et al., 1997) e experiências passadas (LARSEN et al., 2011).

Simplificando, alguns turistas viajam apesar dos riscos à saúde, e essa relação é moderada por fatores individuais e situacionais. Contudo, a gravidade da ameaça, dado o risco percebido a saúde, à qual os turistas possam estar expostos enquanto viajam moldam sua percepção de risco de gravidade, de acordo com a intensidade da ameaça (CHUA; AL-ANSI; LEE; HAN, 2021).

H7: O Risco Percebido a Saúde tem relação negativa com Intenção de Viajar

Agora, para a relação negativa verificada entre Risco Percebido a Saúde e Intenção de Viajar, no turismo a discussão deve-se concentrar no quanto o risco percebido é proeminente para dirimir ou não o comportamento de viagem, visto que não há dúvida de que as percepções de risco dos turistas podem influenciar a intenção e escolha do destino (WOLFF; LARSEN, 2021), como se observa tanto quanto pela hipótese corroborada e estudos recentes que caminham nesse sentido.

Hanafiah, Zain, Azinuddin e Shariffuddin (2021) visando investigar o efeito da pandemia de COVID-19 no risco percebido à saúde e a intenção de viagem futura à Malásia, no pós-pandemia, descobriram que a percepção de risco à saúde desencoraja atitudes de viagem e, eventualmente, diminui suas futuras intenções de viagem. Golets, Farias, Pilati e Costa (2021), com o objetivo de investigar o papel do risco percebido à saúde e a intolerância à incerteza sobre as intenções de viagem para 2020 e 2021, indicaram em seus achados que a gravidade percebida do COVID-19, a probabilidade percebida de infecção e a duração esperada da pandemia são significativas preditores de intenções de viagem para ambos os anos.

No entanto, monitorando as percepções de risco para vários destinos por mais de uma década de 2004 a 2015, Wolff e Larsen (2016) mostraram que o risco percebido para um determinado destino pode variar ligeiramente, mas significativamente, de um ano para o outro

de acordo com eventos negativos, como terrorismo naquele destino. Porém, a classificação relativa de todos os destinos na hierarquia de risco não é afetada, o que parece implicar que a escolha do destino pode não ser afetada pelos mesmos eventos.

Por conseguinte, vê-se a intenção comportamental do turista a uma possível paridade com o fator risco percebido associado à ameaça à experiência turística, dado o impacto associado a eventos adversos. Assim, de acordo com a Teoria Prospectiva (KAHNEMAN; TVERSKY, 1979) o aumento na frequência do evento negativo em comparação com sua linha de base prevê um aumento relativo, e não absoluto, da probabilidade que influenciará a percepção de risco. No entanto, a aleatoriedade percebida do evento tende a reduzir as percepções de risco se o evento for percebido como aleatório (WOLFF; LARSEN, 2021).

H8: O Desejo de Viajar mantém relação positiva com o Bem-Estar Subjetivo

A H8 corroborada evidencia uma relação positiva entre desejo de viajar e bem-estar subjetivo. O bem-estar subjetivo associado à experiência subjetiva no passado compreende aspectos essenciais de satisfação com a vida (GRAZIANO, 2005; RESENDE; CUNHA; SILVA; SOUSA, 2007). De acordo com a teoria da satisfação do desejo o que é bom para alguém, o que faz com que sua vida corra bem, é a satisfação de seus desejos (HEATHWOOD, 2016; HEATHWOOD, 2017; BRUCKNER, 2010). Tal relação sustenta que a propriedade de X ser benéfica para algum sujeito, Y, apenas assim é, uma vez que a propriedade X é dada como objeto de um desejo de Y (HOOKER, 1991),

Nesse sentido, o bem-estar está associado a cinco conceituações principais de bem-estar: bem-estar hedônico, satisfação com a vida, realização de desejo, e bem-estar dado lista de objetivos não eudaimônicos. Assim, de acordo com a hipótese corroborada, o desejo de viajar no turista traz impactos ao bem-estar do mesmo devido à associação entre eles. Margolis, Schwitzgebel, Ozer e Lyubomirsky (2021) evidencia que essa associação é plausível ao desenvolver e validar uma medida de desejo e, em seguida, examinou as associações entre esta nova medida e várias outras medidas de bem-estar.

No estudo citado, os autores exploram associações entre cinco tipos de bem-estar. Os achados evidenciam altas correlações entre todas as medidas de bem-estar, além disso, as correlações entre bem-estar e desejo sofrem acentuam de acordo com do tipo de bem-estar medido e variáveis associadas, por exemplo, demografia, personalidade (MARGOLIS; SCHWITZGEBEL; OZER; LYUBOMIRSKY, 2020).

No entanto, a discussão pretende ir além que uma mera associação e aponta resultados que mostra que os indivíduos com desejo proeminente tendem a menor bem-estar subjetivo. Assim, no estudo desenvolvido com turistas, a relação entre bem-estar subjetivo e desejo de viajar parece ser robusto (0.300), o que indica melhor os desejos proeminentes de viajar e sua associação com o bem-estar, no contexto de restrição. Exatamente como aponta CAI, ESIPOVA, OPPENHEIMER e FENG (2014), que relaciona em seus estudos: restrição, desejo de migração e bem-estar.

H9: O Risco Percebido à Saúde mantém relação negativa Bem-Estar Subjetivo

Atestou-se, também, uma associação entre o risco percebido à saúde e o bem-estar, porém positiva e não negativa. Nesse sentido, é possível externar a ideia de percepção do risco percebido à saúde e bem-estar subjetivo positivamente associado. Contudo, tal associação poder ser justificada por possíveis relações com outras variáveis externas, não consideradas no estudo.

Para Nezlek e Zebrowsk (2001), as implicações da dimensionalidade do otimismo irrealista em relação ao risco podem trazer uma associação positiva ou negativa entre risco percebido e bem-estar, de acordo com a natureza do risco. Nesse sentido, é importante conceituar o risco percebido como um construto multidimensional. Assim, especificamente, o estudo dos autores evidenciam correlações positivas entre risco percebido a saúde e medidas de bem-estar e otimismo disposicional (NEZLEK; ZEBROWSK, 2001). Portanto, a disposição ao otimismo dada à natureza do risco, no caso, risco a saúde, pode ser um fator externo dentro dessa associação positiva.

Nesse sentido, o otimismo pode ser um preditor independente mais forte em alguns tipos de risco do que de outros. Visto que estudos apontam que risco econômico, por exemplo, tem uma associação negativa com bem-estar. Assim, o otimismo de um indivíduo sobre uma condição negativa, como por exemplo, a restrição à experiência turística de indivíduos com hábitos de viagens de lazer e turismo, pode refletir um processo diferente no seu bem estar e no risco percebido a saúde, como também, entre bem-estar e risco percebido a saúde (NEZLEK; ZEBROWSK, 2001). Portanto, a associação evidenciada no estudo pode ser justificada, então, por meio de crenças sobre sofrimento futuros relacionadas com otimismo. (NEZLEK; ZEBROWSK, 2001).

Assim, a relação positiva entre risco percebido à saúde e emoções positivas pode desempenhar um papel no comportamento e na tomada de decisões do turista (KOCK; JOSIASSEN; ASSAF, 2016; BALOGL; BRINBERG, 1997; KOCK; JOSIASSEN; ASSAF, 2016; JOSIASSEN; KOCK; NORFELT, 2020). Nesse sentido, o comportamento turista frente à restrição a experiência se estabelece de acordo com a capacidade de fazer previsões sobre cenário e sentimentos futuros com base em um proxy mental (BULLEY; SCHACTER, 2020; MILOYAN; SUDDENDORF, 2015), dada a intenção de viajar (GAO; ZHANG; KERSTETTER; SHIELDS, 2019; HOSANY; PRAYAG; DEESILATHAM; CAUŠEVIC; ODEH, 2015) e, principalmente, a percepção de ameaça e a disposição ao otimismo.

Portanto, a relação positiva evidenciada entre risco percebido a saúde e bem-estar pode ser explicada por meio de uma associada. Nesse perspectiva de efeito combinado, Finell e Vainio (2020) também atesta uma relação positiva entre risco percebido a saúde, bem-estar e identificação com comunidade. Assim, abre-se a possibilidade de associação combinada entre os construtos e variáveis externas, como racionalidade adaptativa, disposição ao otimismo e identificação com comunidade. De acordo com as explicações e os resultados do próprio estudo, como exemplo, a relação não significativa entre restrição a experiência e bem-estar, justificada por uma possível racionalidade adaptativa.

6. CONCLUSÕES

Compreender o fenômeno da restrição à experiência turística, os fatores circundantes que condicionam o comportamento do turista e suas associações existentes, durante e após grandes crises do turismo, é essencial para ajudar os destinos a se recuperarem e rodar a engrenagem do setor por meio de insights a gestão do turismo. Por essa razão a pesquisa obteve como objetivo geral observar as relações existentes entre a restrição a experiência turística e os elementos sociopsicológicos bem-estar subjetivo, desejo de viajar, risco percebido à saúde e intenção de viajar.

Para a o alcance satisfatório desse objetivo, subdividiu-se a pesquisa em dois objetivos específicos: (a) compreender a Restrição de Experiência Turística e os aspectos sociopsicológicos circundantes ao fenômeno na visão de sujeitos com hábitos de viagem; (b) identificar e analisar a relação entre a Restrição, a Experiência Turística e as dimensões sociopsicológicas (Bem-estar Subjetivo, Desejo de Viajar, Risco Percebido à Saúde e Intenção de Viajar) circundantes ao fenômeno.

Por essa razão, a pesquisa identificou qualitativamente os aspectos sociopsicológicos circundantes ao fenômeno na visão de indivíduos com hábitos de viagem, sendo respectivamente, bem-estar subjetivo, desejo de viajar, risco percebido à saúde e intenção de viajar. A partir desses consequentes sociopsicológicos foi possível compreender o fenômeno da restrição à experiência, de acordo com o ponto de vista do turista com hábito de viagem.

Nesse sentido, os resultados qualitativos da pesquisa aponta que a restrição à experiência turística ressalta a importância da viagem de turismo e lazer, dada a motivação de viagem proeminente, ou seja, conhecer novos lugares. Evidencia, também, a existência de uma frustração presente no indivíduo com hábito de viagem por não poder exercer sua atividade costumeira. Assim, vê-se que a restrição à experiência turística deixa o turista em estado de expectativa em relação a viver experiências turísticas, por não poder deliberadamente marcar e aproveitar uma viagem turística.

Além do mais, os resultados qualitativos indicam que a restrição à experiência turística pareceu condicionar o comportamento do turista a elementos como desejo de viajar e risco percebido, dado os dois campos lexicais identificados: afastamento da experiência turística e aproximação da experiência turística, que estão associados a características de especificidades do turista.

Assim, diante dos principais achados qualitativos descritos é possível dizer que o fenômeno da restrição à experiência turística é sintetizado por meio do desejo e motivações emergentes de viagem, as memórias de viagem e a causa da crise, que conseqüentemente torna proeminente o desejo de viajar, o bem-estar, risco percebido a saúde e intenção de viagem.

A partir desses achados, os resultados quantitativos descrevem as relações existentes entre a Restrição à Experiência Turística e as dimensões sociopsicológica (Bem-estar Subjetivo, Desejo de Viajar, Risco Percebido à Saúde e Intenção de Viajar) circundantes ao fenômeno. Nesse sentido, pode-se ver que a Restrição à Experiência Turística não está significativamente associada ao Bem-Estar Subjetivo, e essa não associação pode estar relacionada à causa da restrição a experiência turística, a racionalidade adaptativa e resiliência do turista. Porém, a restrição à experiência turística condiciona significativamente o risco percebido a saúde e, principalmente, o desejo de viajar. Contudo, é o risco percebido a saúde

que pareceu condicionar a intenção de viagem, dada a forte associação entre esses elementos e a baixa e moderada associação de bem-estar e desejo de viajar com a intenção de viajar.

Diante das associações atestadas, os resultados quantitativos evidenciam que a restrição à experiência turística intensifica o desejo de viajar, no entanto, o foco do comportamento à experiência turística no que diz respeito à intenção de viajar parece estar em torno da redução de risco percebido à saúde e mitigação de seus efeitos. Diante da restrição a experiência turística que tem como causa um risco a saúde, a situação de risco percebido é aumentada, apesar da potencial dissonância cognitiva do turista com hábito de viagem frente ao desejo de viajar. Sendo assim, o desejo de viajar consiste no principal consequente relacionado à restrição experiência turística, e o risco percebido a saúde o principal condicionante da intenção de viajar.

Chega-se às principais conclusões apontadas vista a associação significativa entre restrição à experiência turística e desejo de viajar e seu alto coeficiente de regressão estimada, do mesmo modo, a associação significativa entre risco percebido à saúde e intenção de viajar e seu alto coeficiente de regressão estimado.

Em vista dos achados, a restrição à experiência turística intensifica o desejo de viajar do turista com hábito de viagem, e isso desencadeia reflexos no bem-estar dos indivíduos. No entanto, o bem-estar dos turistas parecera pautar-se em um estado de racionalidade adaptativa dada à severidade da crise sanitária mundial que se iniciou em 2020. E isso reforça o papel do elemento sociopsicológico risco percebido a saúde como o principal fator correlacionado com as intenções de viagem, dado a estimativa de seu coeficiente de regressão. Dado que, a intenção comportamental pode imbuir-se em experiência de viagem na viagem propriamente dita dada o risco percebido à saúde como determinante.

De acordo com as principais conclusões, o estudo produz insights que devem ser prioritários e considerados pontos chave para o desenvolvimento de estratégias gerenciais, a gestão do turismo. (1) A racionalidade adaptativa ajustou o comportamento do turista à nova realidade e isso sugere que as experiências turísticas precisam ser transformadas de modo a mobilizar o setor a atrair turistas antigos e novos turistas, por meio de experiências que incentivam o movimento do turista a viagem e não a inércia. Dado que a intenção é mobilizada pelo desejo de viajar e bem-estar, sugere-se (2) desenvolver estratégias que incentiva o desejo de viajar e mobiliza o bem-estar podendo ser um condicionador do comportamento de viagem.

Ainda sobre insights, uma vez que a restrição à experiência turística se associa ao risco percebido à saúde e o setor do turismo entra em um período de pós-pandemia, é preciso (3) relacionar a experiência turística a fatores de segurança que mitigam o risco percebido à saúde, com o desenvolvimento de práticas que diminuem a suscetibilidade e gravidade percebida dos turistas de risco à saúde enquanto vivenciam as experiências. Estabelecidas as flexibilizações da restrição à experiência turística, sugere-se (4) aproveitar a janela de oportunidade de uma possível demanda reprimida ocasionada pelas flexibilizações, principalmente em grupos sociodemográficas que mantiveram níveis elevados de restrição à experiência turística, visto a atestada relação entre risco percebido à saúde e bem-estar subjetivo.

Quanto às limitações, a principal delas diz respeito a uma característica do próprio fenômeno, a restrição à experiência turística é episódica e está condicionada ao fator que a causa. Contudo, a dinamicidade do turismo respalda os achados, uma vez que o setor é marcado por sazonalidade e crises de diferentes naturezas.

Outra limitação é que o estudo se concentra apenas no comportamento do turista brasileiro, podendo em culturas diferentes elementos sociopsicológicos distintos ser emergentes. E as percepções dos turistas sobre a restrição a experiências turísticas e seus elementos circundantes fatores de saúde, físicos, psicológicos, de desempenho, financeiros, equipamentos, sociais e temporais de cada cultura (HENRICH et.al., 2015; MURDOCK; RAJAGORPAL, 2017; HUANG et al., 2020; GODOVYKH; PIZAM; BAHJA, 2021).

Por fim, o estudo limita-se a apenas a descrever e explorar a restrição à experiência turística e a sua associação com bem-estar subjetivo, desejo de viajar, risco percebido à saúde e intenção de viajar, no entanto, a associação significativa entre esses fatores abre de outros elementos explicativos, como pode ser observado na seção de discussão dos resultados. E mais, o estudo não observou o comportamento de viagem em si, apenas às intenções de viajar.

Diante das limitações expostas, estudos futuros podem replicar o estudo em diferentes culturas ou até mesmo em segmentações das experiências turísticas, de modo a observar a associação entre os elementos e o comportamento do turista em atividades específicas, e suas associações sociodemográficas. Pode-se, também, verificar o comportamento de viagem propriamente dito e as relações entre os elementos evidenciados.

Para além, sugere-se desenvolver estudos exploratórios que descrevem as relações entre restrição à experiência turística e intenção de viajar ou comportamento de viagem com outros elementos sociopsicológicos explicativos emergidos na discussão dos resultados, como percepção de suscetibilidade e gravidade do turista, bem como, verificar empiricamente a existência de demanda reprimida como janela de oportunidade e seu comportamento de viagem.

Contudo, a pesquisa traz contribuições importantes, uma delas diz respeito a implicações gerenciais. Cada insight apresentado pode ser explorado por meio de ações aplicáveis, ou seja, dada a racionalidade adaptativa e a ausência de relação entre a restrição à experiência turística e o bem-estar, é preciso que a gestão do turismo desenvolva ações de marketing que incentive a demanda por viagens por meio de grupos consumidores: jovens-adultos atraídos por experiências turísticas que satisfaçam seu desejo e velho-adultos atraídos por experiências turísticas que tenham maior segurança.

Nesse sentido, dada gestão de turismo com foco em demanda jovem-adulto, é preciso ressaltar aspectos ao turista que realçam a qualidade da experiência e apresentar proposições de valor associadas à experiência turística. Dada gestão de turismo com foco em demanda velho-adulto, é preciso associar a qualidade da experiência à segurança e apresentar proposições de valor que mitigam o risco a saúde do turista. Após a conclusão da experiência, a gestão do turismo pode optar por estimular a fidelização do turista por meio do bem-estar associado a uma experiência turística positiva, combinado com o alcance das proposições de valor do turista jovem-adulto e do turista velho-adulto.

A partir do design estratégico da pesquisa, um processo estratégico adaptivo para além da covid é desenvolvido a gestão do turismo, uma vez que a restrição à experiência turística é causada por diversas variáveis situacionais. Podendo a pesquisa ser replicada de acordo com a causa da restrição a experiência. Assim, a pesquisa contribui com um processo estratégico que delimita a restrição a experiência, identifica os elementos sociopsicológicos proeminentes, relaciona-os entre si, com a restrição a experiência e com a intenção comportamental ou o comportamento e si, o que se desenrola em estratégias gerenciais de marketing aplicáveis.

Contudo, isso é possível dado que a pesquisa propôs-se a desenvolver um estudo que explora e descreve um fenômeno pouco estudado. Ao estudar a restrição à experiência turística, atende-se a abre-se um escopo de pesquisa que pode contribuir com a gestão do turismo,

principalmente quando se desenvolve um estudo sobre restrição a experiência turística a partir da perspectiva do turista.

Para além das contribuições descritas, a pesquisa traz relevante contribuição teórica ao evidenciar que a restrição à experiência turística não apresenta uma relação com o bem-estar subjetivo. O gargalo encontrado evidencia que o bem-estar do turista pode estar associado a outros fatores proeminentes para o turista no tempo presente a restrição à experiência, dado que a experiência turística resulta em bem-estar, não necessariamente o inverso. Nesse mesmo sentido, a evidência de associação positiva, e não negativa, entre o Risco Percebido à Saúde e Bem-Estar Subjetivo leva o estudo a ressaltar a importância da compreensão do fator causa da restrição à experiência turística para as associações dos fatores consequentes de uma restrição à experiência.

Diante de tudo, compreende-se que a pesquisa alcança os objetivos propostos, descreve seus principais resultados, apresenta as limitações associadas ao desenvolvimento da pesquisa, sugere estudos futuros, apresenta insights aplicáveis à gestão do turismo e abre possíveis lacunas teóricas

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, V., BREMSER, K., CARRENO, M., CROWLEY-CYR, L., & MORENO, M. (2020). **Exploring the consequences of COVID-19 on tourist behaviors: perceived travel risk, animosity and intentions to travel**. *Tourism Review*.

ABREU, Renata Garanito de; CASOTTI, Letícia Moreira. Viagens que Transformam a Condição Existencial: **Narrativas e Representações em Filmes Protagonizados por Idosos**. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 14, n. 3, p. 14-31, 2020.

AGYEIWAH E, ADAM, I., DAYOUR, F., & BADU BAIDEN, F. (2021). Perceived impacts of COVID-19 on risk perceptions, emotions, and travel intentions: **evidence from Macau higher educational institutions**. *Tourism Recreation Research*, 1-17.

AGYEIWAH, E., Adam, I., Dayour, F., & Badu Baiden, F. (2021). **Perceived impacts of COVID-19 on risk perceptions, emotions, and travel intentions: evidence from Macau higher educational institutions**. *Tourism Recreation Research*, 46(2), 195-211.

AJZEN, I. (1985). **From Intentions to Actions: A Theory of Planned Behavior**. In *Action Control*. https://doi.org/10.1007/978-3-642-69746-3_2

ALBUQUERQUE, Anelise Salazar; TRÓCCOLI, Bartholomeu Tôrres. **Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo**. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 20, p. 153-164, 2004.

ALIPERTI, Giuseppe et al. Tourism, crisis, disaster: **An interdisciplinary approach**. *Annals of Tourism Research*, v. 79, p. 102808, 2019.

AMORIM, L. D; FIACCONI, R. S.; MORAES, L. O.; OLIVEIRA, N.; OLIVEIRA, S.; SANTOS, T.N. **Modelagem com Equações Estruturais: Princípios Básicos e Aplicações**. 2012.

ANDERSSON, Tommy D. **The tourist in the experience economy**. *Scandinavian journal of hospitality and tourism*, v. 7, n. 1, p. 46-58, 2007.

ANDRADES, L., & Dimanche, F. (2014). Co-creation of experience value: A tourist behaviour approach. In: N. Prebensen, J. Chen, & M. Uysal (Eds.). **Creating Experience Value in Tourism**. pp. 95-112. London: Cabi.

ANDRIOLA, W. B., & Cavalcante, L. R. (1999). **Avaliação da depressão infantil em alunos da pré-escola**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, 419-428.

ARAGONÉS, Juan-Ignacio; TALAYERO, Fernando; OLIVOS, Pablo. **Percepción del riesgo de la gripe A (H1N1) desde el “paradigma psicométrico”**. *Revista de Psicología Social*, v. 25, n. 3, p. 271-282, 2010.

AROEIRA, Tiago; DANTAS, Ana Carmem; GOSLING, Marlusa de Sevilha. **Experiência turística memorável, percepção cognitiva, reputação e lealdade ao destino: um modelo empírico**. *Turismo: Visão e Ação*, v. 18, n. 3, p. 584-610, 2016.

ASANOV, I., FLORES, F., MCKENZIE, D., MENSMANN, M., & SCHULTE, M. (2021). **Remote-learning, time-use, and mental health of Ecuadorian high-school students during the COVID-19 quarantine.** *World development*, 138, 105225.

AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros.** Petrópolis, Vozes, 1999

AYAZLAR, Gökhan; AYAZLAR, Reyhan Arslan. **A Cross-cultural investigation of tourists' memorable experiences between two nationalities.** *Almatourism-Journal of Tourism, Culture and Territorial Development*, v. 8, n. 15, p. 136-151, 2017.

BABBIE, E. **Métodos de Pesquisas de Survey.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BAEZ, Marcio Alessandro Cossio. **O processo de construção do bem-estar e a qualidade de vida durante a formação em educação física e suas perspectivas de futuro à luz da psicologia positiva.** 2015.

BALDIN, N; MUNHOZ, E. M. B. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 27, 2011.

BALLANTYNE, Roy; PACKER, Jan; SUTHERLAND, Lucy A. **Visitors' memories of wildlife tourism: Implications for the design of powerful interpretive experiences.** *Tourism management*, v. 32, n. 4, p. 770-779, 2011.

BALTES, P., Gluck, J., & Kunzmann, U. (2002). **Wisdom: Its structure and function in regulation successful life span development.** In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 327-347). New York: Oxford University Press.

BARBIERI, Carla et al. **Exploring memorable surfing trips.** *Annals of Tourism Research*, v. 48, n. 1, p. 277-280, 2014.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Towards a paradigm for research on social representations.** *Journal for Theory of Social Behaviour*, v. 29, n. 2, p. 163-186, 1999.

BENI, M. C. **Turismo e Covid-19: Algumas Reflexões/Tourism and COVID-19: Some Reflections.** *Rosa dos ventos-Turismo e Hospitalidade*, 12(3), 2020.

BENI, Mário Carlos. **Turismo: da economia de serviços à economia da experiência.** *Turismo-Visão e Ação*, v. 6, n. 3, p. 295, 2004.

BINKLEY, S. (2011). **Happiness, positive psychology and the program of neoliberal governmentality.** *Subjectivity*, 4, 371-394

BLUMER, Herbert; REIS, Caio Moraes. **Sociedade como interação simbólica.** *Plural*, v. 25, n. 2, p. 282-293, 2018.

BOGACHEVA, N., Kornilova, T. and Pavlova, E. (2020), **"Relationships between medical doctors' personality traits and their professional risk perception"**, *Behavioral Sciences*, Vol. 10 No. 1, pp. 1-10.

BOLZÁN, Ricardo Ernesto. Dimensões da experiência turística memorável no conteúdo gerado pelos usuários: **um estudo com turistas argentinos que visitaram o destino Natal (Brasil)**. 2020. Dissertação de Mestrado. Brasil.

BOORSTIN, O. J. (1964). **The Image: A Guide to Pseudo-Events in America**, New York: Harper and Row.

BOURDIEU, Pierre (1994). **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BRAGA, José Luiz. Interação & recepção. **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**, p. 109-165, 2001.

BRAMWELL, Bill; LANE, Bernard. **Policy relevance and sustainable tourism research: Liberal, radical and post-structuralist perspectives**. Journal of Sustainable Tourism, v. 14, n. 1, p. 1-5, 2006.

BROWN, T. A. (2015). **Confirmatory factor analysis for applied research**. Guilford Publications.

BRUNNER-SPERDIN, Alexandra; PETERS, Mike. **What influences guests' emotions? The case of high-quality hotels**. International Journal of Tourism Research, v. 11, n. 2, p. 171-183, 2009.

BULCHAND-GIDUMAL, J., & Melián-González, S. (2021). **Post-COVID-19 behavior change in purchase of air tickets**. Annals of Tourism Research, 87(C).

BULLEY, A., & Schacter, D. L. (2020). **Deliberating trade-offs with the future**. Nature human behaviour, 4(3), 238-247.

BURMAN, B; MARGOLIN, G. **Analysis of the association between marital relationships and health problems: an interactional perspective**. Psychological bulletin, v. 112, n. 1, p. 39, 1992.

CAHYANTO, I., Wiblishauser, M., Pennington-Gray, L. and Schroeder, A. (2016), **“The dynamics of travel avoidance: the case of Ebola in the US”**, Tourism Management Perspectives, Vol. 20, pp. 195-203.

CAI, R., Esipova, N., OPPENHEIMER, M., & FENG, S. (2014). **International migration desires related to subjective well-being**. IZA Journal of Migration, 3(1), 1-20.

CAMERON, K. S., & Quin, R. E. (1999). **Diagnosing and changing organizational culture**. Reading, MA: Addison Wesley.

CAMPODÓNICO, Rossana; CHALAR, Luis. El abordaje interdisciplinario en el turismo. **El campo de análisis TEMA como propuesta metodológica**. Estudios y perspectivas en turismo, v. 26, n. 2, p. 461-477, 2017.

CAMPOS, A., Mendes, J., Valle, P., & Scott, N. (2016). **Co-creation experiences: attention and memorability**. Journal of Travel and Tourism Marketing, 33(9), 1309-1336.

CARNEIRO, Juliana; ALLIS, Thiago. **Como se move o turismo durante a pandemia da COVID-19?**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 15, n. 1, 2021.

CARVER, C., & Scheier, M. (2002). Optimism. In C. R. Snyder, & S. Lopez (Eds.), **Handbook of positive psychology** (pp. 231-256). New York: Oxford University Press.

CASTELLO, Vanesa. **Desafíos y oportunidades para el turismo en el marco de la pandemia COVID-19**. Cuadernos de política exterior argentina, n. 131, p. 115-118, 2020.

CHANDRALAL, Lalith; RINDFLEISH, Jennifer; VALENZUELA, Fredy. **An application of travel blog narratives to explore memorable tourism experiences**. Asia Pacific Journal of Tourism Research, v. 20, n. 6, p. 680-693, 2015.

CHANG, S. **Experience economy in Hospitality and Tourism: Gain and loss values for service and experience**. Tourism Management, 64, 55-63, 2018. DOI: 10.1016/j.tourman.2017.08.004.

CHEN, Chun-Chu; PETRICK, James F. **Health and wellness benefits of travel experiences: A literature review**. Journal of Travel Research, v. 52, n. 6, p. 709-719, 2013.

CHEN, Chun-Chu; PETRICK, James F.; SHAHVALI, Moji. **Tourism experiences as a stress reliever: Examining the effects of tourism recovery experiences on life satisfaction**. Journal of Travel Research, v. 55, n. 2, p. 150-160, 2016.

CHEN, Han; RAHMAN, Imran. **Cultural tourism: An analysis of engagement, cultural contact, memorable tourism experience and destination loyalty**. Tourism Management Perspectives, v. 26, p. 153-163, 2018.

CHEN, L. I.; SCOTT, N.; BENCKENDORFF, P. **Mindful tourist experiences: A Buddhist perspective**. Annals of Tourism Research, 64, 1-12, 2017. DOI: 10.1016/j.annals.2017.01.013.

CHEN, X., Duan, Y., Ali, L., Duan, Y., & Ryu, K. (2021). **Understanding Consumer Travel Behavior during COVID-19**. Sustainability, 13(23), 13330.

CHEN, Xianglan et al. **Understanding Consumer Travel Behavior during COVID-19**. Sustainability, v. 13, n. 23, p. 13330, 2021.

CHEN, Yang; ZHANG, Zihao; WANG, Tao. **Dire Straits: How tourists on the Diamond Princess cruise endured the COVID-19 crisis**. Tourism Management, p. 104503, 2022.

CHIEN, P. M., Sharifpour, M., Ritchie, B. W., & Watson, B. (2017). **Travelers' health risk perceptions and protective behavior: A psychological approach**. Journal of Travel Research, 56(6), 744–759. <https://doi.org/10.1177/004728751666547>

CHINAZZI, Matteo et al. **The effect of travel restrictions on the spread of the 2019 novel coronavirus (COVID-19) outbreak**. Science, v. 368, n. 6489, p. 395-400, 2020.

CHO, H., Chiu, W., & Tan, X. D. (2021). **Travel overseas for a game: the effect of nostalgia on satellite fans' psychological commitment, subjective well-being, and travel intention**. Current Issues in Tourism, 24(10), 1418-1434.

CHUA, B. L., Al-Ansi, A., Lee, M. J., & Han, H. (2021). **Impact of health risk perception on avoidance of international travel in the wake of a pandemic**. *Current Issues in Tourism*, 24(7), 985-1002.

CLERICI, Andressa Piatto. **Wellness Tourism e seu Futuro pós Covid-19**. 2022. Tese de Doutorado.

COELHO, M. F. **Viagens de brasileiros [manuscrito]: um modelo de relações entre experiência turística memorável, mindfulness, transformações pessoais e bem-estar subjetivo / Mariana de Freitas Coelho**. – 2017. 286 f., il.: grafs., tabs.

COELHO, Mariana de Freitas; GOSLING, Marlusa de Sevilha. **Memorable Tourism Experience (MTE): scale proposal and test**. *Tourism & Management Studies*, v. 14, n. 4, p. 15-24, 2018.

COELHO, Mariana de Freitas; MEIRA, Kelly Cristine de Oliveira; GOSLING, Marlusa de Sevilha. **Experiências memoráveis de viagens de casais**. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 12, p. 157-179, 2018.

COGHLAN, Alexandra; BUCKLEY, Ralf; WEAVER, Dave. **A framework for analysing awe in tourism experiences**. *Annals of Tourism Research*, v. 39, n. 3, p. 1710-1714, 2012.

COGHLAN, Alexandra; COHEN, Erik. **A phenomenology of tourist experiences**. *Sociology*, v. 13, n. 2, p. 179-201, 1979.

COGHLAN, Alexandra;. **Tourism, leisure and authenticity**. *Tourism recreation research*, v. 35, n. 1, p. 67-73, 2010.

COLEMAN, James Samuel (1990). **Foundations of social theory**. Harvard University Press, 1994.

COOPER, M. A., & BUCKLEY, R. (2021). **Tourist mental health drives destination choice, marketing, and matching**. *Journal of Travel Research*, 00472875211011548.

CORI, L., BIANCHI, F., CADUM, E. and ANTHONJ, C. (2020), **“Risk perception and COVID-19”**, *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Vol. 17 No. 9, pp. 1-6.

CORREIA, A., OLIVEIRA, C., & PEREIRA, R. (2017). **From emotions to place attachment**. In: A. Correia, M. Kozak, J. Gnoth, & A. Fyall (Eds.), *Co-Creation and Well-Being in Tourism*, pp. 163-177. Switzerland: Springer International.

COSTA, Ana Miguel Pereira da. **Turismo termal: a segmentação por fatores motivacionais**. 2020. Tese de Doutorado.

COSTA, S. Desprovincializando a sociologia. A contribuição pós-colonial. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 21, n. 60, p. 117-134, 2006.

CRÓ, Susana; MARTINS, António Miguel. **Structural breaks in international tourism demand: Are they caused by crises or disasters?**. *Tourism management*, v. 63, p. 3-9, 2017.

CROES et al., 2018 R. Croes, J. RIDDERSTAAT, M. Rivera **Asymmetric business cycle effects and tourism demand cycles** *Journal of Travel Research*, 57 (4) (2018), pp. 419-436, 10.1177/0047287517704086

CROMPTON, John L. **Motivations for pleasure vacation**. *Annals of tourism research*, v. 6, n. 4, p. 408-424, 1979.

CRUZ JÚNIOR, Lucivaldo Lima; SILVA, Priscilla Santos da Costa. **Motivação da demanda turística em Aracaju-SE: uma pesquisa dos fatores push e pull**. 2018.

CUI, Qingming; LIAO, Xiaohui; XU, Honggang. **Tourist experience of nature in contemporary China: A cultural divergence approach**. *Journal of Tourism and Cultural Change*, v. 15, n. 3, p. 248-264, 2017.

CUTLER, S. Q.; CARMICHAEL, B. **The dimensions of the tourist experience**. Em: Morgan, M., Lugosi, P., & Ritchie, B. (Eds.). *The tourism and leisure experience: Consumer and managerial perspectives*, 3-26. Bristol: Channel View Publications, 2010.

DALONSO, Yoná S. et al. **Tourism experience, events and public policies**. *Annals of Tourism Research*, v. 46, n. 2, p. 181-184, 2014.

DAMÁSIO B. F. **Uso da análise fatorial exploratória em psicologia**. *Avaliação Psicol.* 2012;11(2):213-228.

DAMÁSIO B. F. **Uso da análise fatorial exploratória em psicologia**. *Avaliação Psicológica*, v.11, n.2, p.

DANIEL, Ana; FERNANDES, Gonçalo. **A Importância Económica do Turismo em Portugal e no Mundo e o Impacto Covid. 2020**.

DANN, Graham MS. **Anomie, ego-enhancement and tourism**. *Annals of tourism research*, v. 4, n. 4, p. 184-194, 1977.213-228, 2012.

DE SOUZA, M. S.; BAPTISTA, M. N. **Associações entre suporte familiar e saúde mental**. *Psicologia Argumento*, v. 26, n. 54, p. 207-215, 2017.

DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. M. **Uma Breve Reflexão Crítica sobre Psicologia Positiva e Resiliência**. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, v. 10, n. 1, p. 133-143, 2006.

DELUMEAU, J; JOAQUIM, A. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

DESCLAUX, Alice et al. Accepted monitoring or endured quarantine? Ebola contacts' perceptions in Senegal. **Social science & medicine**, v. 178, p. 38-45, 2017.

DIENER, E.; HEINTZELMAN, S. J.; KUSHLEV, K.; TAY, L.; WIRTZ, D.; LUTES, L. D; OISHI, S. **Findings all psychologists should know from the new science on subjective well-being**. *Canadian Psychology*, 58(2), 87-104, 2016.
<http://dx.doi.org/10.1037/cap0000063>

DIENER, E; SUH, E; OISHI, S. **Recent findings on subjective well-being**. Indian Journal of Clinical Psychology, 24 (1), 25-41, 1997.

DIENER, Robert Biswas. Applied positive psychology: Progress and challenges. **The European Health Psychologist**, v. 13, n. 2, p. 24-26, 2011.

DUARTE, Paulo. Tourist experience: contemporary perspectives. Journal of heritage tourism, vol 7, n 2, pag. 187-188, 2012.

DZIUBAN, C.D.SHIRKEY, E,S. **When is a correlation matrix appropriate for factor analysis?** Some decision rules, Psychol, Bull, v.81, p.358-361, 1974.

EKLUND, R., BONDJERS, K., HENSLER, I., BRAGESJÖ, M., JOHANNESON, K. B., ARNBERG, F. K., & SVEEN, J. (2022). **Daily uplifts during the COVID-19 pandemic: what is considered helpful in everyday life?**. BMC public health, 22(1), 1-10.

EKMAN, Paul; EKMAN, Eve. **Is global compassion achievable**. The oxford handbook of compassion science, p. 41-49, 2017.

ELLISON, C. G.; GAY, D. A.; GLASS, T. A. **Does religious commitment contribute to individual life satisfaction?**. Social forces, v. 68, n. 1, p. 100-123, 1989.

ESPERIDÃO-ANTONIO, V., MAJESKI-Colombo, M., TOLEDO-MONTEVERDE, D., MORAES-MARTINS, G., FERNANDES, J., ASSIS, M., & SIQUEIRA-BATISTA, R. (2008). **Neurobiology of the emotions**. Revista De Psiquiatria Clinica, 35(2), 55-65.

FABRIS, Diego Cachapuz et al. **Mapa do Comportamento do Consumidor a partir da COVID-19: Uma Análise das Reações do Consumidor frente às Mudanças Enfrentadas pela Pandemia**. In: CLAV 2020. 2020.

FALEIRO, J. C., GIATTI, L., BARRETO, S. M., CAMELO, L. D. V., GRIEP, R. H., GUIMARÃES, J., ... & CHAGAS, M. D. C. A. (2017). **Posição socioeconômica no curso de vida e comportamentos de risco relacionados à saúde: ELSA-Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, 33, e00017916.

FERRELL, O.C. e HARTLINE, Michael D. **Estratégia de Marketing**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Turismo e pandemia: impactos e estruturação das práticas e políticas no Brasil e estado do Pará** (Edição 473). Papers do NAEA, v. 1, n. 1, 2020.

FILEP, S. (2016). **Tourism and positive psychology critique: Too emotional**. Annals of Tourism Research, 59(C), 113-115.

FLANNERY, BA, Volpicelli, JR, & PETTINATI, HM (1999). Propriedades psicométricas da Penn Alcohol Craving Scale. **Alcoolismo, Pesquisa Clínica e Experimental**, 23 (8), 1289-1295.

FORNELL, C.; LARCKER, D. Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. **Journal of Marketing Research**, v. 18, n. 1, p. 39-50, 1981.

FREDERICKSON, B. L. (2002). **Positive emotions**. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 120–134). New York: Oxford University Press

FRIAS, Catarina; SILVA, Carla; SEABRA, CLÁUDIA. **Storytelling: motivações, autenticidade e envolvimento dos Turistas Culturais**. *Revista Turismo & Desenvolvimento (RT&D)/Journal of Tourism & Development*, 2017.

FROH, J.J. (2004). **The History of Positive Psychology: Truth Be Told**. *NYS Psychologist*, 16(3), 18-20.

GALVÃO, Alexandre Gomes. **Inovação de roteiros turísticos em tempos de Pandemia: um estudo de casos múltiplos em Agências de Viagens de Natal-RN**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GAO, J., Zhang, Y., KERSTETTER, D. L., & SHIELDS, S. (2019). **Understanding changes in tourists' use of emotion regulation strategies in a vacation context**. *Journal of Travel Research*, 58(7), 1088-1104.

GAO, Jie; KERSTETTER, DEBORAH L. **From sad to happy to happier: Emotion regulation strategies used during a vacation**. *Annals of Tourism Research*, v. 69, p. 1-14, 2018.

GARRIGÓS-SIMÓN, Fernando J.; PALACIOS-MARQUÉS, Daniel; NARANGAJAVANA, Yeamduan. **Improving the perceptions of hotel managers**. *Annals of Tourism Research*, v. 35, n. 2, p. 359-380, 2008.

GIACOMONI, Claudia Hofheinz. **Bem-estar subjetivo infantil: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação**. 2002.

GIACOMONI, Claudia Hofheinz; SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. **O conceito de felicidade em crianças**. *Psico-USF*, v. 19, n. 1, p. 143-153, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GILL, Chelsea; PACKER, Jan; BALLANTYNE, Roy. **Spiritual retreats as a restorative destination: Design factors facilitating restorative outcomes**. *Annals of Tourism Research*, v. 79, p. 102761, 2019.

GODOVYKH, Maksim; PIZAM, Abraham; BAHJA, Frida. **Antecedents and outcomes of health risk perceptions in tourism, following the COVID-19 pandemic**. *Tourism Review*, 2021.

GODOVYKH, Maksim; PIZAM, Abraham; BAHJA, Frida. **Antecedents and outcomes of health risk perceptions in tourism, following the COVID-19 pandemic**. *Tourism Review*, 2021.

GOLETS, A., Farias, J., PILATI, R., & COSTA, H. (2021). **COVID-19 pandemic and tourism: The impact of health risk perception and intolerance of uncertainty on travel intentions**. *Current Psychology*, 1-14.

GOSLING, M. S. et al. **Experiência turística em museus: percepções de gestores e visitantes.** *Tourism & Management Studies*, v. 12, n. 2, p. 107–116, 2016.

GOSLING, M.; COELHO, M.; RESENDE, M. P. **Qualidade Percebida e Intenções Comportamentais de visitantes em Museus: Uma Proposta de Modelo.** *Revista Turismo Visão e Ação*, v. 16, n. 3, p. 656–689, 2014.

GÖSSLING, S., Scott, D., HALL, C. M. (2020). **Pandemics , tourism and global change : a rapid assessment of COVID-19.** *Journal of Sustainable Tourism*, 0(0), 1–20. <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1758708>

GÖSSLING, Stefan et al. **Consumer behaviour and demand response of tourists to climate change.** *Annals of tourism research*, v. 39, n. 1, p. 36-58, 2012.

GOUVEIA, V.V., Barbosa, G.A., ALMEIDA, H.J.F. & Gaião, A.A. (1995). **Inventário de depressão infantil - CDI: Estudo de adaptação com escolares de João Pessoa.** *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 44, 345-349

GRAZIANO, L. **A felicidade revisitada: um estudo sobre o bem-estar subjetivo na visão da psicologia positiva.** Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da aprendizagem e do Desenvolvimento Humano. São Paulo, sn, 2005.

GUTTMAN, L. **Some necessary conditions for common factor analysis,** *Psychometrika*, v.19, p.149-162, 1954.

GUZMÁN, S. J. M. et al. **Tourism experience: a proposal for the current tourism model in Itacaré, Bahia.** *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, v. 5, n. 1, p. 98-113, 2011.

HAIR, J. et al. **Multivariate data analysis: Pearson New International Edition.** 7th ed. Pearson new international edition. Essex: Pearson Education Limited, 2014.

HALL, C. M., Scott, D., Gössling, S. (2020). **Pandemics , transformations and tourism : be careful what you wish for.** *Tourism Geographies*, 0(0), 1–22. <https://doi.org/10.1080/14616688.2020.1759131>

HAN, S., Yoon, A., KIM, M. J., & YOON, J. H. (2022). **What influences tourist behaviors during and after the COVID-19 pandemic? Focusing on theories of risk, coping, and resilience.** *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 50, 355-365.

HANAFIAH, M. H., ZAIN, N. A. M., AZINUDDIN, M., & SHARIFFUDDIN, N. S. M. (2021). **I'm afraid to travel! Investigating the effect of perceived health risk on Malaysian travellers' post-pandemic perception and future travel intention.** *Journal of Tourism Futures*.

HANDELSMAN, M., KNAPP, S., & GOTTLIEB, M. (2002). Positive ethics. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), **Handbook of positive psychology** (pp. 731-744). New York: Oxford University Press

HASLWANTER, T., Slater, A., SLIWA, P., CHENG, Q., & WETTSTEIN, S. (2013). **Sensory System: Physiology & Computer Simulations**. (D. Hünninger, Ed.) (3^a ed.). London: Wikibooks - Creative Commons Attribution.

HEATHWOOD, Chris. **Which desires are relevant to well-being?**. *Noûs*, v. 53, n. 3, p. 664-688, 2019.

HENDRICK, S., & Hendrick, C. (2002). Love. In C. R. Snyder, & S. Lopez (Eds.), **Handbook of positive psychology** (pp. 472-484). New York: Oxford University Press.

HENNES, T. **Rethinking the visitor experience: Transforming Obstacle into Purpose**. Curator: The Museum Journal, v. 45, n. 2, p. 109–121, 2002.

HENRICH, L., MCCLURE, J. and CROZIER, M. (2015), “**Effects of risk framing on earthquake risk perception: life-time frequencies enhance recognition of the risk**”, *International Journal of Disaster Risk Reduction*, Vol. 13, pp. 145-150.

HIGGINS-DESBIOLLES, F. (2020). **Socialising tourism for social and ecological justice after COVID-19**. *Tourism Geographies*, 0(0), 1–14. <https://doi.org/10.1080/14616688.2020.1757748>

HOLANDA, Izabela Rocha. **Estudo sobre o bem-estar no trabalho à luz da psicologia positiva**. 160f. - Dissertação - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2019.

HONGYU, K. **Análise Fatorial Exploratória: resumo teórico, aplicação e interpretação** E&S - Engineering and Science ISSN: 2358-5390 DOI: 10.18607/ES201877599 Volume 4, Edição 7, 2018.

HOSANY, S., Prayag, G., DEESILATHAM, S., CAUŠEVIC, S., & ODEH, K. (2015). **Measuring tourists’ emotional experiences: Further validation of the destination emotion scale**. *Journal of Travel Research*, 54(4), 482-495.

HOYLE, R. H. (2012). **Handbook of Structural Equation modeling**. Guilford Publications.

HUANG, C.; WANG, Y.; LI, X.; REN, L.; ZHABO, J.; HU, Y.; CAO, B. **Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China**. *The Lancet*, 395(10223), 497-506, 2020. [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30183-5](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30183-5)

HUTCHESON, G. D.; SOFRONIOU, N. **The multivariate social scientist: Introductory statistics using generalized linear models**. London: Sage Publications. 1999.

IO, Man-U.; PERALTA, Rachel Luna. **Emotional well-being impact on travel motivation and intention of outbound vacationers during the COVID-19 pandemic**. *Leisure/Loisir*, p. 1-25, 2022.

IVTZAN, I., LOMAS, T.; HEFFERON, K.; WORTH, P. **Second wave positive psychology embracing the dark side of life**. Abingdon: Routledge, 2016.

JAFARI, Jafar. **El turismo como disciplina científica. Política y sociedad**, v. 42, n. 1, p. 39-56, 2005.

JENSEN, R. **The dream society**. McGraw-Hill Education, 1999.

JIANG, Yawei; RITCHIE, Brent W.; BENCKENDORFF, Pierre. **Bibliometric visualisation: An application in tourism crisis and disaster management research**. *Current Issues in Tourism*, v. 22, n. 16, p. 1925-1957, 2019.

JORDAN, E. J., MORAN, C., & GODWYLL, J. M. (2019). **Does tourism really cause stress? A natural experiment utilizing ArcGISSurvey123**. *Current Issues in Tourism*, <https://doi.org/10.1080/13683500.2019.1702001>

KAHNEMAN and TVERSKY, 1979 D. Kahneman, A. **Tversky Prospect theory: An analysis of decision under risk** *Econometrica*, 47 (2) (1979), pp. 263-291, 10.2307/1914185

KAHNEMAN, D. (2012). **Rápido e devagar - Duas formas de pensar**. Rio de Janeiro: Objetiva.

KAHNEMAN, Tversky. D. Kahneman, A. **Tversky, Prospect Theory: An Analysis of Decisions Under Risk**,, *Econometrica*, v. 47, n. 2, p. 1979, 1979.

KAISER, H. F. **The application of electronic computers to factor analysis**. *Educational and Psychological Measurement*, v.20, p.141-151, 1960.

KARL, M., Kock, F., RITCHIE, B. W., & GAUSS, J. (2021). **Affective forecasting and travel decision-making: An investigation in times of a pandemic**. *Annals of Tourism Research*, 87, 103139.

KEYES, C. L. M., & HAIDT, J. (2003). **Flourishing: Positive psychology and the life well lived**. Washington DC: American Psychological Association.

KHAN, Habibullah; SENG, Chou Fee; CHEONG, Wong Kwei. **Tourism multiplier effects on Singapore**. *Annals of tourism research*, v. 17, n. 3, p. 408-418, 1990.

KHAN, Mohammad Jamal et al. **Perceived risks, travel constraints and visit intention of young women travelers: the moderating role of travel motivation**. *Tourism Review*, 2019.

KIM, Hyounggon; JAMAL, Tazim. **Touristic quest for existential authenticity**. *Annals of tourism research*, v. 34, n. 1, p. 181-201, 2007.

KIM, Jong-Hyeong. **The antecedents of memorable tourism experiences: The development of a scale to measure the destination attributes associated with memorable experiences**. *Tourism management*, v. 44, p. 34-45, 2014.

KIM, Jong-Hyeong; RITCHIE, JR Brent. **Cross-cultural validation of a memorable tourism experience scale (MTES)**. *Journal of Travel Research*, v. 53, n. 3, p. 323-335, 2014.

KIM, Jong-Hyeong; RITCHIE, JR Brent; MCCORMICK, Bryan. **Development of a scale to measure memorable tourism experiences**. *Journal of Travel research*, v. 51, n. 1, p. 12-25, 2012.

KIM, Myung Ja; LEE, Choong-Ki; PREIS, Michael W. **The impact of innovation and gratification on authentic experience, subjective well-being, and behavioral intention in**

tourism virtual reality: The moderating role of technology readiness. *Telematics and Informatics*, v. 49, p. 101349, 2020.

KIRILLOVA, Ksenia; LEHTO, Xinran; CAI, Liping. **Tourism and existential transformation:** An empirical investigation. *Journal of Travel Research*, v. 56, n. 5, p. 638-650, 2017.

KLINE, R. B. (2015). **Principles and practice of structural equation modeling.** Guilford publications.

KLINE, Rex B. **Principles and practice of structural equation modeling.** Guilford publications, 2015.

KNOBLOCH, U.; ROBERTSON, K.; AITKEN, R. . **Experience, emotion, and eudaimonia:** A consideration of tourist experiences and well-being. *Journal of Travel Research*, 56 (5), 651- 662, 2017. DOI: 10.1177/0047287516650937.

KOCK, F., Josiassen, A., & Assaf, A. G. (2016). **Advancing destination image:** The destination content model. *Annals of tourism research*, 61, 28-44.

KOCK, F., Nørfelt, A., Josiassen, A., Assaf, A. G., & Tsionas, M. G. (2020). **Understanding the COVID-19 tourist psyche:** The evolutionary tourism paradigm. *Annals of tourism research*, 85, 103053.

KOO, C., Joun, Y., Han, H., & Chung, N. (2016). **A structural model for destination travel intention as a media exposure:** Belief-desire-intention model perspective. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*.

KRAUS, C. B., Fiuza, T. F., Silveira, K. K. B., & Zucco, F. D. (2018). **A relação entre a percepção dos impactos do turismo e os fatores pessoais:** Uma análise do Destino Trujillo, Peru. *Applied Tourism*, 3(2), 200-234.

KRAUS, Camila Belli et al. **A relação entre a percepção dos impactos do turismo e os fatores pessoais:** uma análise do destino Trujillo, Peru. *Applied Tourism*, v. 3, n. 2, p. 200-234, 2018.

KROESEN, M; HANDY, S. **The influence of holiday-taking on affect and contentment.** *Annals of Tourism Research*, v. 45, p. 89-101, 2014.

KURUDIREK, F., Arıkan, D., & Ekici, S. (2022). **Relationship between adolescents' perceptions of social support and their psychological well-being during COVID-19 Pandemic:** A case study from Turkey. *Children and Youth Services Review*, 137, 106491.

LAGUE, Jaqueline de Quadros Dill; GALLON, Shalimar; CERUTTI, Priscila Sardi. **Bem-Estar Subjetivo de Imigrantes Senegaleses.** *Revista eletrônica de ciência Administrativa*, v. 18, n. 2, p. 240-260, 2019.

LARSEN, S. (2007). **Aspects of a psychology of the tourist experience.** *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 7(1), 7-18.

LARSEN, S., Øgaard, T., & Brun, W. (2011). **Backpackers and mainstreamers: Realities and myths.** *Annals of Tourism Research*, 38(2), 690–707. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.01.003>

LEE, Hyung-Sook. **Measurement of visitors' satisfaction with public zoos in Korea using importance-performance analysis.** *Tourism management*, v. 47, p. 251-260, 2015.

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo, Ática, 1998.

LEPP, Andrew; GIBSON, Heather. **Tourist roles, perceived risk and international tourism.** *Annals of tourism research*, v. 30, n. 3, p. 606-624, 2003.

LEUNG, Daniel; LAW, Rob; LEE, Hee Andy. **The perceived destination image of Hong Kong on Ctrip.** *International Journal of Tourism Research*, v. 13, n. 2, p. 124-140, 2011.

LI, Jianping et al. **Tourism companies' risk exposures on text disclosure.** *Annals of tourism research*, v. 84, p. 102986, 2020.

LI, Q.; GUAN, X.; WU, P.; WANG, X.; ZHOU, L. TONG, Y.; FENG, Z. **Early transmission dynamics in Wuhan, China, of novel coronavirus infected pneumonia.** *New England Journal of Medicine*, 382(13), 1199-1207, 2020. <http://dx.doi.org/10.1056/NEJMoa2001316>

LIMA, Gabriela Francisca Martins de; MECCA, Marlei Salete; DOS SANTOS, André Carlos Cau. **A reinvenção do destino turístico Vale dos Vinhedos (RS) a partir da pandemia da Covid-19.** *ROSA DOS VENTOS-Turismo e Hospitalidade*, v. 13, n. 4, 2022.

LIMA, Orion Ferreira. **O conceito de felicidade em Espinosa.** *Marília: Filogênese*, v. 1, n. 1, p. 97-105, 2008.

LINDBERG, F.; HANSEN, A. H.; EIDE, D. **A multirelational approach for understanding consumer experiences within Tourism.** *Journal of Hospitality Marketing & Management*, 23(5), 487-512, 2014. DOI: 10.1080/19368623.2013.827609.

LINDSTROM, M. **Brand in system of marketing communications/Lindstrom Martin.** *Economic strategy*, n. 2, p. 188-189, 2007.

LINLEY, P.A., Joseph, S., Harrington, S. y Wood, A.M. (2006). **Positive Psychology: Past, present, and (possible) future.** *The Journal of Positive Psychology*, 1(1), 3-16.

LIU, B., Pennington-Gray, L., & Krieger, J. (2016). **Tourism crisis management: Can the extended parallel process model be used to understand crisis responses in the cruise industry?** *Tourism Management*, 55, 310–321. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.02.021>

LOBO, Heros Augusto Santos et al. **Isolamento social e percepção de multidão no âmbito do turismo pós-pandemia da Covid19: Algo será diferente?.** *TURYDES: Revista sobre Turismo y Desarrollo local sostenible*, v. 13, n. 29, p. 198-213, 2020.

LOPEZ, S.; FLOYD, R.; ULVEN, J.; SNYDER, C. **Hope therapy: Helping clients build a house of hope.** In C. R. Snyder (Ed.), *Handbook of hope: Theory, measures, and applications*. San Diego: Academic Press. pp. 123-166, 2000.

LUDTKE, Charli Beatriz et al. **Bem-estar animal no manejo pré-abate e a influência na qualidade da carne suína e nos parâmetros fisiológicos do estresse.** *Ciência Rural*, v. 42, n. 3, p. 532-537, 2012.

LUO, J., & Yu, R. (2015). **Follow the heart or the head?** The interactive influence model of emotion and cognition. *Frontiers in Psychology*, 6(5), 573-587.

LUTHANS, F. (2002). **Positive Organizational Behavior: Developing and managing psychological strengths for performance improvement.** *Academy of Management Executive*, 16(1), 57-72

MACCANNELL, Dean. **Staged authenticity: Arrangements of social space in tourist settings.** *American journal of Sociology*, v. 79, n. 3, p. 589-603, 1973.

MADRUGA, Lúcia Rejane da Rosa Gama; GARLET, Valéria; GRELLMANN, Camila Pasotini. **Turismo e Sustentabilidade: inter-relações entre práticas sustentáveis e experiências turísticas memoráveis.** *Desenvolvimento em Questão*, v. 17, n. 48, p. 266-281, 2019.

MAFRA, Kennedy Kaufummam Costa; DANTAS, Andréa Virgínia Sousa. **Hospitalidade virtual em tempos de pandemia: um estudo de caso do Serhs Natal Grand Hotel & Resort.** *Ateliê Do Turismo*, v. 6, n. 1, p. 157-177, 2022.

MANSFELD, Y. (2006). **The role of security information in tourism crisis management: The missing link.** In Y. Mansfeld & A. Pizam (Eds.), *Tourism, security & safety from theory to practice* (pp. 271–290). Elsevier, Butterworth-Heinemann.

MARGOLIS, S., SCHWITZGEBEL, E., Ozer, D. J., & Lyubomirsky, S. (2020). **Empirical relationships among five types of well-being.** In *Measuring Well-being: Interdisciplinary Perspectives From the Social Sciences and the Humanities*. Oxford University Press.

MARKOVÁ, I. **Dialogicality and social representations Cambridge: Cambridge University Press**, 2003.

MARKOVÁ, Ivana. **A fabricação da teoria de representações sociais.** *Cadernos de pesquisa*, v. 47, n. 163, p. 358-375, 2017.

MARUJO, H. Á.; NETO, L. M. **Investigação transformativa e apreciativa em Psicologia Positiva: um elogio à subjetividade na contemporaneidade.** *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 1, n. 1, p. 5-21, 2011.

MATIZA, Tafadzwa. **Post-COVID-19 crisis travel behaviour: Towards mitigating the effects of perceived risk.** *Journal of Tourism Futures*, 2020.

MATIZA, Tafadzwa; SLABBERT, Elmarie. **Tourism Reset: Reimagining South African Domestic Tourism in the Era of Covid-19.** *Tourism Review International*, v. 26, n. 1, p. 103-120, 2022.

MAYER, Verônica Feder; COELHO, Mariana de Freitas. **Sonhos interrompidos: memórias e emoções de experiências de viagem durante a propagação da Covid-19.** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 15, 2021.

MAYER, Verônica Feder; COELHO, Mariana de Freitas. **Sonhos interrompidos: memórias e emoções de experiências de viagem durante a propagação da Covid-19.** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 15, 2021.

MCCABE, Scott; JOHNSON, Sarah. **The happiness factor in tourism: Subjective well-being and social tourism.** Annals of Tourism Research, v. 41, p. 42-65, 2013.

MCCABE, Scott; JOHNSON, Sarah. **The happiness factor in tourism: Subjective well-being and social tourism.** Annals of Tourism Research, v. 41, p. 42-65, 2013.

McCullough, M., & Witvliet, C. (2002). **The psychology of forgiveness.** In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), Handbook of positive psychology (pp. 446-458). New York: Oxford University Press.

McKercher and Pine, 2005 B. McKercher, R. **Pine Privation as a Stimulus to Travel Demand?** Journal of Travel and Tourism Marketing, 19 (2/3) (2005), pp. 107-115

MCKERCHER, Bob. **Can pent-up demand save international tourism?.** Annals of Tourism Research Empirical Insights, v. 2, n. 2, p. 100020, 2021.

MEDEIROS, S. A. D., Gonçalves, M. A., Veiga, R. T., & Caraciolo, G. B. (2020). **A viagem que mais contribuiu para quem eu sou: explorando as dimensões da Experiência Turística Eudaimônica.** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, 14(1), 14-33.

MEDEIROS, Sandro Alves. **Existência, significado e identidade: a viagem como experiência ontológica.** 2018.

MERTZANIS, Charilaos; PAPASTATHOPOULOS, Avraam. **Epidemiological susceptibility risk and tourist flows around the world.** Annals of Tourism Research, v. 86, p. 103095, 2021.

MILIAUSKAS, Arunas; DZEMYDIENE, Dale. **An Approach to Designing Belief-Desire-Intention Based Virtual Agents for Travel Assistance.** In: Doctoral Consortium/Forum@DB&IS. 2018. p. 94-103.

MILNER, B., Squire, L., & Kandel, E. (1998). **Cognitive Neuroscience review and the study of memory.** Neuron, 20(3), 445-468.

MILOYAN, B., & Suddendorf, T. (2015). **Feelings of the future.** Trends in cognitive sciences, 19(4), 196-200.

MITEV, Ariel Zoltán; IRIMIÁS, Anna. **Travel craving.** Annals of Tourism Research <https://doi.org/10.1016/j.annals>, 2020.

MOLINA, S. **O pós-turismo.** São Paulo: Aleph, 2003.

MONDO, Tiago Savi; GÂNDARA, José Manoel. **O turismo experiencial a partir de uma perspectiva socioeconômica mercadológica.** Journal of Tourism Analysis= Revista de Análisis Turístico, n. 24, p. 26-40, 2017.

MORGAN, Michael; LUGOSI, Peter; RITCHIE, JR Brent (Ed.). **The tourism and leisure experience: Consumer and managerial perspectives.** Channel View Publications, 2010.

MOURA, L. R. D., Torres, L. M., Cadete, M. M. M., & Cunha, C. D. F. (2018). **Fatores associados aos comportamentos de risco à saúde entre adolescentes brasileiros: uma revisão integrativa.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, 52.

MOURA, Luciana Ramos de et al. **Fatores associados aos comportamentos de risco à saúde entre adolescentes brasileiros: uma revisão integrativa.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 52, 2018.

MURA, Paolo; KHOO-LATTIMORE, Catheryn. **Away from home: A new revelation of young tourist behavior.** Tourism Analysis, v. 16, n. 6, p. 721-727, 2011.

MURDOCK, M.R. and RAJAGOPAL, P. (2017), “**The sting of social: how emphasizing social consequences in warning messages influences perceptions of risk**”, Journal of Marketing, Vol. 81 No. 2, pp. 83-98.

MYERS, D. G. (2000). **The funds, friends, and faith of happy people.** American Psychologist, 55(1), 56–67.

NAKAMURA, J., & Csikszentmihalyi, M. (2002). **The concept of flow.** In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), Handbook of positive psychology (pp. 89-105). New York: Oxford University Press.

NAWIJN, J. (2016). **Positive psychology in tourism: a critique.** Annals of Tourism Research, 56, 151-153.

NAWIJN, J., & Filep, S. (2016). **Two directions for future tourist well-being research.** Annals of Tourism Research, 61(C), 221-223.

NEVES, Christopher Smith Bignardi et al. **Os impactos da COVID-19 nas viagens de turistas brasileiros: conjuntura e perspectivas na eclosão e na expansão da pandemia no Brasil.** Turismo: Visão e Ação, v. 23, p. 2-25, 2021.

NEVES, Christopher Smith Bignardi; ALVES, Daisa Saling. **A Busca Do Prazer Hedonista No Turismo: Juntou A Fome Com A Vontade De Comer.** Ágora, v. 23, n. 1, p. 115-134, 2021.

NEVES, CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI; BRAMBATTI, LUIZ ERNESTO. **O Comportamento do Turista LGBT com Relação ao Consumo em Viagens de Lazer.** Rosa dos Ventos, v. 11, n. 4, p. 832-846, 2019.

OLIVEIRA SOUSA, P. E., MOREIRA, K. S., MOREIRA, H. S., DE OLIVEIRA SOUSA, J. R., & DE FREITAS SALGADO, J. J. (2020). **Conceito de felicidade em Sponville.** Research, Society And Development, 9(9), e840997788-e840997788.

OLIVEIRA, Gabriela Fernandes et al. **Pessoas Vivendo com Hiv/Aids: Adesão ao Tratamento e Bem-Estar Subjetivo/People Living with Hiv/Aids: Adherence to Treatment and Subjective Well-Being**. Brazilian Journal of Health Review, v. 3, n. 1, p. 1063-1076, 2020.

OLIVEIRA, Jonathan Rocha; CAPRARO, André Mendes. **As implicações da pandemia do COVID-19 em um atrativo turístico esportivo: um Estudo de Caso sobre o Futebol Club Barcelona**. RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo, v. 10, n. 2, p. 165-186, 2020.

OLIVEIRA, L. A. R. D. (2020). **A influência dos fatores de motivação e restrição na intenção dos consumidores de usar o Airbnb** (Doctoral dissertation).

OTTO, Julie E.; RITCHIE, JR Brent. **The service experience in tourism**. Tourism management, v. 17, n. 3, p. 165-174, 1996.

OVERBECK, G., Rasmussen, I. S., Siersma, V., Kragstrup, J., Ertmann, R. K., & Wilson, P. (2022). **Mental well-being during stages of COVID-19 lockdown among pregnant women and new mothers**. BMC Pregnancy and Childbirth, 22(1), 1-7.

ÖZER, Ö., Özkan, O., ÖZMEN, S., & ERÇOBAN, N. (2021). **Investigation of the Effect of COVID-19 Perceived Risk on Death Anxiety, Satisfaction With Life, and Psychological Well-Being**. OMEGA-Journal of Death and Dying, 00302228211026169.

PACICO, Juliana Cerentini; BASTIANELLO, Micheline Roat. **As origens da psicologia positiva e os primeiros estudos brasileiros**. Avaliação em psicologia positiva, p. 43-47, 2014.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. **Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões**. Paidéia, v. 17, n. 36, p. 9-20, 2007.

PANOSO NETTO, A;GAETA, C. **Turismo de experiência**. São Paulo: Ed. SENAC, 2010.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo: Teoria e epistemologia**. (2ª edição revista e ampliada). São Paulo: Aleph, 2008.

PANOSSO NETTO, A. NECHAR, M. C. **Epistemologia do Turismo: Escolas teóricas e proposta crítica**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, 8(1), 120-144, 2014. DOI: 10.7784/rbtur.v8i1.719.

PARGAMENT, K., & MAHONEY, A. (2002). **Spirituality: Discovering and conserving the sacred**. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), Handbook of positive psychology (pp. 646-659). New York: Oxford University Press

PARK, N. & PETERSON, C. (2007). **Methodological Issues in Positive Psychology and the assessment of character strengths**. In A. D. Ong & M. H. M. van Dulmen, (Eds.), Oxford Handbook of methods in positive psychology(pp. 292-305). New York: Oxford University Press.

PARK, Sanghun; SANTOS, Carla Almeida. **Exploring the tourist experience: A sequential approach**. Journal of Travel Research, v. 56, n. 1, p. 16-27, 2017.

PASQUALI, L. **Análise fatorial: um manual teórico-prático**. Brasília: Editora UnB, 1999.

- PEDRO, Rui Manuel Mendonça. **Sentidos, emoções, e memórias em turismo**. 2020.
- PEREIRA, Gisele de Araujo; GOSLING, Marlusa. **Motivações push e pull de brasileiros que amam viajar**. BBR. Brazilian Business Review, v. 16, n. 1, p. 63-86, 2019.
- PEREIRA, J, C, R. **Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais**. São Paulo: EDUSP. 1999.
- PEREIRA, R. A. C; FERREIRA, P. C. **Privatização: Uma Análise de Bem-Estar**. Estud. Econ., São Paulo, vol.48 n.3, p. 391-422, jul.-set. 2018.
- PETERSON, Christopher. **A primer in positive psychology**. Oxford university press, 2006.
- PEZZI, E.; SANTOS, R. J. DOS. **A experiência turística e o turismo de experiência: aproximações entre a antropologia e o marketing**. Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Anais. Caxias do Sul: 2012
- PINE II, B. J.; GILMORE, J. H. **The experience economy: Work is theatre and every business a stage**. Cambridge: Harvard Business School Press, 1999.
- PIZAM, 2021 A. **The aftermath of the corona virus pandemic** *International Journal of Hospitality Management* (2021), 10.1016/j.ijhm.2021.102909
- PONTING, Jess. **Projecting paradise: The surf media and the hermeneutic circle in surfing tourism**. *Tourism Analysis*, v. 14, n. 2, p. 175-185, 2009.
- PONTING, Jess; MCDONALD, Matthew G. **Performance, agency and change in surfing tourist space**. *Annals of Tourism Research*, v. 43, p. 415-434, 2013.
- PRAYAG, G. et al. (2015). **Understanding the relationships between tourists emotional experiences, perceived overall image, satisfaction, and intention to recommend**. *Journal of Travel Research*, 56(1), 41-54, 2015.
- PUREZA, J. R.; Kuhn, C. H. C.; Castro, E. K. Lisboa, C. S. M. **Psicologia positiva no Brasil: uma revisão sistemática da literatura**. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 8, n.2, p.109-117, 2012.
- PYKE, Joanne; PYKE, Sarah; WATUWA, Richard. **Social tourism and well-being in a first nation community**. *Annals of tourism research*, v. 77, p. 38-48, 2019.
- QIU, Richard TR et al. **Social costs of tourism during the COVID-19 pandemic**. *Annals of Tourism Research*, v. 84, p. 102994, 2020.
- QUAN, Shuai; WANG, Ning. **Towards a structural model of the tourist experience: An illustration from food experiences in tourism**. *Tourism management*, v. 25, n. 3, p. 297-305, 2004.
- QUINLAN CUTLER, Sarah; CARMICHAEL, Barbara A. **The dimensions of the tourist experience. The tourism and leisure experience: Consumer and managerial perspectives**, p. 3-26, 2010.

RAHMAWATI, Rahmawati; ACHMAD, Gusti Noorlitaria; ADHIMURSANDI, Doddy. **Do Indonesians Dare To Travel During This Pandemic?**. *Geo Journal of Tourism and Geosites*, v. 38, n. 4, p. 1256-1264, 2021.

RAVEN, P., & JOHNSON, G. (2002). **Sensory Systems**. In *Biology*. pp. 1103-1124. New York: McGraw-Hill.

REDDY, Maharaj Vijay; BOYD, Stephen W.; NICA, Mirela. **Towards a post-conflict tourism recovery framework**. *Annals of tourism research*, v. 84, p. 102940, 2020.

REFAAT, Sameh A.; ARAFA, Hossam F. **Investigating The Effect Of Covid-19 Global Travel Restrictions On Tourists' travel Behavior, Habits And Intentions" Applied Study On Saudi Tourists"**. *Geo Journal of Tourism and Geosites*, v. 40, n. 1, p. 49-55, 2022.

REISINGER, Yvette; MAVONDO, Felix. **Cultural differences in travel risk perception**. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, v. 20, n. 1, p. 13-31, 2006.

REYBROUCK, Mark; EEROLA, Tuomas. **Music and its inductive power: a psychobiological and evolutionary approach to musical emotions**. *Frontiers in Psychology*, v. 8, p. 494, 2017.

RIBEIRO, Vilma Isabel Alves. **Turismo baseado na natureza: motivação e escolha de um destino**. O caso de Gullfoss, Islândia. 2017. Tese de Doutorado. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. São Paulo, 2018.

RICHARDS, Greg; WILSON, Julie. **Developing creativity in tourist experiences: A solution to the serial reproduction of culture?**. *Tourism management*, v. 27, n. 6, p. 1209-1223, 2006.

RIIS, J; LOEWENSTEIN, G., BARON, J., JEPSON, C., FAGERLIN, A.; UBEL, P. A. **Ignorance of hedonic adaptation to hemodialysis: a study using ecological momentary assessment**. *Journal of Experimental Psychology: General*, v. 134, n. 1, p. 3, 2005.

RITCHIE, Brent W.; JIANG, Yawei. **A review of research on tourism risk, crisis and disaster management: Launching the annals of tourism research curated collection on tourism risk, crisis and disaster management**. *Annals of Tourism Research*, v. 79, p. 102812, 2019.

RITCHIE, Brent W.; JIANG, Yawei. **A review of research on tourism risk, crisis and disaster management: Launching the annals of tourism research curated collection on tourism risk, crisis and disaster management**. *Annals of Tourism Research*, v. 79, p. 102812, 2019.

RITCHIE, Brent W.; MAIR, Judith; WALTERS, Gabby. **Tourism crises and disasters**. *The Wiley Blackwell Companion to Tourism*, p. 611-622, 2014.

RITCHIE, JR Brent; HUDSON, Simon. **Understanding and meeting the challenges of consumer/tourist experience research**. *International Journal of Tourism Research*, v. 11, n. 2, p. 111-126, 2009.

RITCHIE, JR Brent; TUNG, Vincent Wing Sun; RITCHIE, Robin JB. **Tourism experience management research: Emergence, evolution and future directions.** International Journal of Contemporary Hospitality Management, 2011.

ROBLES, Renata Renda. **Psicologia positiva: avaliação de um modelo intraempreendedor de educação para o bem-estar.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Adriana Silva; MALLOU, Jesús Varela. **A influência da motivação na intenção de escolha de um destino turístico em tempo de crise econômica.** International Journal of Marketing, Communication and New Media, v. 2, n. 2, 2014.

Roehl, W. S., & Fesenmaier, D. R. (1992). **Risk perception and pleasure travel: An explanatory analysis.** Journal of Travel Research, 30(4), 17–26. <https://doi.org/10.1177/004728759203000403>

SAIPRASERT, Wanlanai; XU, Bill; TAVITIYAMAN, Pimtong. **The Relationships Among Perceived Medical Quality, Well-Being Perception, And Behavioral Intention: A Comparison Between Domestic And Overseas Medical Destinations.** Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism, p. 1-26, 2021.

SÁNCHEZ-CAÑIZARES, S. M., CABEZA-RAMÍREZ, L. J., MUÑOZ-FERNÁNDEZ, G., & Fuentes-García, F. J. (2021). **Impact of the perceived risk from Covid-19 on intention to travel.** Current Issues in Tourism, 24(7), 970-984.

SANO, Kaede; SANO, Hiroki. **The effect of different crisis communication channels.** Annals of Tourism Research, v. 79, p. 102804, 2019.

SCHMITT, B. **Experiential Marketing.** Journal of Marketing Management, v. 15, n. 1–3, p. 53–67, 1999.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **Por uma nova compreensão do conceito de bem-estar: Martin Seligman e a psicologia positiva.** set.-dez. 2012, Vol. 22, No. 53, 433-435. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272253201315> 2012.

SEABRA, C., Dolnicar, S., ABRANTES, J. L., & KASTENHOLZ, E. (2013). **Heterogeneity in risk and safety perceptions of international tourists.** Tourism Management, 36, 502–510. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2012.09.008>

SELIGMAN, M. (2002). **Positive psychology, positive prevention, and positive therapy.** In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), Handbook of positive psychology (pp. 3-9). New York: Oxford University Press.

SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. **Positive psychology: an introduction.** American Psychologist, 55(1), 5-14, 2000. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.5>

SELIGMAN, M. **Felicidade autêntica: usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente.** Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2004.

SELIGMAN, M.E.P. **Positive social Science.** APA. Monitor. 29, 2. 1998.

SEMBADA, Agung Y.; KALANTARI, Hassan **D. Biting the travel bullet: A motivated reasoning perspective on traveling during a pandemic.** *Annals of tourism research*, 2021.

SERVIDIO, Rocco; RUFFOLO, Ida. **Exploring the relationship between emotions and memorable tourism experiences through narratives.** *Tourism Management Perspectives*, v. 20, p. 151-160, 2016.

SEWAYBRICKER, Luciano Esposito. **A felicidade na sociedade contemporânea: contraste entre diferentes perspectivas filosóficas e a modernidade líquida.** 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SHAHVALI, Mojtaba Moji; POGREBTSOVA, Ekaterina Katya. **Positive tourism.** Edited By Sebastian Filep, Jennifer Laing, and Mihaly Csikszentmihalyi. Routledge (www.routledge.com), 2017, xii+ 218 pages (index) Price USD 105 Hb. ISBN: 9781138900653. 2018.

SHANI, Amir; PIZAM, Abraham. **The role of animal-based attractions in ecological sustainability: Current issues and controversies.** *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 2010.

SHARIFPOUR, Mona; WALTERS, Gabrielle; RITCHIE, Brent W. **Risk perception, prior knowledge, and willingness to travel: Investigating the Australian tourist market's risk perceptions towards the Middle East.** *Journal of Vacation Marketing*, v. 20, n. 2, p. 111-123, 2014.

SHIN, H., Nicolau, J. L., KANG, J., SHARMA, A., & LEE, H. (2022). **Travel decision determinants during and after COVID-19: The role of tourist trust, travel constraints, and attitudinal factors.** *Tourism Management*, 88, 104428.

SHIOTA, M.N., Keltner, D., & MOSSMAN, A. (2007). **The nature of awe: Elicitors, appraisals, and effects on self-concept.** *Cognition and Emotion*, 21(5), 944–963.

SIGALA, Marianna. **New technologies in tourism: From multi-disciplinary to anti-disciplinary advances and trajectories.** *Tourism management perspectives*, v. 25, p. 151-155, 2018.

SILVA, Alexandre Cesar Batista; SILVA, Ana Cristina. **Repercussões do SARS-CoV-2 no turismo e nas atividades laborais do segmento no cenário brasileiro.** *Revista Espaço Acadêmico*, v. 20, p. 21-32, 2021.

SILVA, Bárbara Beatriz Ferreira et al. **Avaliação dos estados de humor e qualidade de vida de idosas em diferentes contextos de vida e a percepção da importância do lazer.** *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 22, n. 1, p. 24-48, 2019.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método.** *Organizações rurais & agroindustriais*, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

SILVA, Hudson Felipe Peres da. **Felicidade individual (ista) e coletiva: uma análise da Psicologia Positiva.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 2018.

SILVA, Márcia; RIBEIRO, Rita. **O turismo religioso em Braga: a perspetiva dos residentes sobre a Semana Santa.** 2018.

SNYDER, C. R., & LOPEZ, S. J. (2002). **Handbook of positive psychology.** New York: Oxford University Press.

SNYDER, C. R., RAND, K. L., & SIGMON, D. R. (2002). **Hope theory: A member of the positive psychology family.** In C. R. Snyder, & S. J. Lopez, (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp.257-276). New York: Oxford University Press.

SONAGLIO, Ana Lucia Baggio; LAZZARETTI, Kellen; PEREIRA, Iselda. **Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo entre discentes do curso de Administração e dos cursos de Tecnologia em Gestão.** *Race: revista de administração, contabilidade e economia*, v. 12, n. 3, p. 45-80, 2013.

SÖNMEZ, Sevil F.; GRAEFE, Alan R. **Influence of terrorism risk on foreign tourism decisions.** *Annals of tourism research*, v. 25, n. 1, p. 112-144, 1998.

SORAGGI, F; PASCHOAL, T. **Relações entre bem-estar no trabalho, valores pessoais e oportunidades de alcance de valores pessoais no trabalho.** *Estudos e pesquisa em psicologia*. Rio de Janeiro, v 11, n 2, pag. 614-632, 2011.

SOUZA, Mariana Cristina da Cunha. **O Estado e o turismo no Brasil: análise das políticas públicas no contexto da pandemia da COVID-19.** *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 15, 2021.

SQUIRE, Larry R.; DEDE, Adam JO. **Conscious and unconscious memory systems.** *Cold Spring Harbor perspectives in biology*, v. 7, n. 3, p. a021667, 2015.

STANEVA, Anita; CARMIGNANI, Fabrizio; ROHDE, Nicholas. **Personality, gender, and age resilience to the mental health effects of COVID-19.** *Social Science & Medicine*, v. 301, p. 114884, 2022.

STERCHELE, D. (2020). **Memorable tourism experiences and their consequences: An interaction ritual (IR) theory approach.** *Annals of Tourism Research*, 81, 102847.

STHAPIT, Erosee; COUDOUNARIS, Dafnis N. **Memorable tourism experiences: Antecedents and outcomes.** *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, v. 18, n. 1, p. 72-94, 2018.

SU, D. N., Tran, K. P. T., NGUYEN, L. N. T., THAI, T. H. T., DOAN, T. H. T., & TRAN, V. T. (2021). **Modeling behavioral intention toward traveling in times of a health-related crisis.** *Journal of Vacation Marketing*, 13567667211024703.

TABACHNICK, B.; FIDELL, L. **Using multivariate analysis.** Needham Heights: Allyn & Bacon, 2007.

TAN, David; CAPONECCHIA, Carlo. **COVID-19 and the public perception of travel insurance.** *Annals of Tourism Research*, 2020.

TAUBMAN–BEN-ARI, O., CHASSON, M., ABU Sharkia, S., & WEISS, E. (2020). **Distress and anxiety associated with COVID-19 among Jewish and Arab pregnant women in Israel.** *Journal of reproductive and infant psychology*, 38(3), 340-348.

THOMAS, H. M., RUNIONS, K. C., LESTER, L., LOMBARDI, K., EPSTEIN, M., Mandzufas, J., ... & Cross, D. (2022). **Western Australian adolescent emotional wellbeing during the COVID-19 pandemic in 2020.** *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 16(1), 1-11.

TITO, ANA LUIZA DE ALBUQUERQUE; DE ARAÚJO, MARIA VALÉRIA PEREIRA. **Estudos sobre gestão de crises no turismo: abordagens e contextos.** *Rosa dos Ventos*, v. 11, n. 2, p. 476-491,

Todd, R., Talmi, D., Schmitz, T., Susskind, J., & Anderson, A. (2013). **Perceptual vividness.** *Journal of Neuroscience*, 32(33), 11201–11212.

TOMÉ, Luciana Mota. **Setor de turismo: impactos da pandemia.** 2020.

TRIGO, L. G. G. **A viagem como experiência significativa.** In: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. (Ed.). *Turismo de Experiência.* São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. 2019.

TSAI, Chen-Tsang. **Memorable tourist experiences and place attachment when consuming local food.** *International Journal of Tourism Research*, v. 18, n. 6, p. 536-548, 2016.

TSAUR, S.-H., TZENG, G.-H., & WANG, K.-C. (1997). **Evaluating tourist risks from fuzzy perspectives.** *Annals of Tourism Research*, 24(4), 796–812. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)00059-5](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)00059-5)

TUNG, V. W. S., & RITCHIE, J. R. B. (2011a). **Exploring the essence of memorable tourism experiences.** *Annals of Tourism Research*, 38(4), 1367–1386. doi: 10.1016/j.annals.2011.03.009 [Crossref], [Web of Science ®].

TUNG, V. W. S., & Ritchie, J. R. B. (2011b). **Investigating the memorable experiences of the senior travel market: An examination of the reminiscence bump.** *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 28(3), 331–343. doi: 10.1080/10548408.2011.563168 [Taylor & Francis Online], [Web of Science ®].

TURNER, N., BARLING, J., & ZACHARATOS, A. (2002). **Positive psychology at work.** In C.R. Snyder & S.J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp 715-728). New York: Oxford University Press

TURNER, V. W. **O processo ritual: estrutura e a antiestrutura.** Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor W. e BRUNER, Edward M. (eds.). **Dewey, Dilthey, and Drama: An Essay in the Anthropology of Experience,** *Anthropology of Experience.* Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1986, p. 33-44.

TUSSYADIAH, Iis P. **Toward a theoretical foundation for experience design in tourism.** *Journal of travel research*, v. 53, n. 5, p. 543-564, 2014.

TYLLIANAKIS, Emmanouil. **“Please let me visit”**: Management options for marine ecosystems in a Mediterranean Marine Protected Area. *Journal for Nature Conservation*, v. 67, p. 126174, 2022.

UNWTO, 2021^a UNWTO **World Tourism Barometer** vol. 19 (2021), 10.18111/wtobarometerfra.2021.19.1.1

UNWTO. (2020). **World Tourism Barometer May 2020 Special focus on the Impact of COVID-19**.

URIELY, Natan. **The tourist experience**: Conceptual developments. *Annals of Tourism research*, v. 32, n. 1, p. 199-216, 2005.

URRY, John. Theconsumption'of tourism. *Sociology*, v. 24, n. 1, p. 23-35, 1990.

UYSAL, Muzaffer et al. **The impact of tourist activities on tourists' subjective wellbeing**. In: *The Routledge Handbook of Health Tourism*. Routledge, 2016. p. 93-106.

VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAN STRIEN, N., CAPPAERT, N., & WITTER, M. (2009). **The anatomy of memory**: an interactive overview of the parahippocampal-hippocampal network. *Nature Reviews Neuroscience*, 10(4), 272–282.

VENTO, E., & KOMPPULA, R. (2020). **Social tourism practices and implementation in Finland**. In *Handbook of Social Tourism*. Edward Elgar Publishing.

VENTO, Elli et al. **Re-evaluating well-being outcomes of social tourism**: Evidence from Finland. *Annals of Tourism Research*, v. 85, p. 103085, 2020.

WALLS, Andrew R.; OKUMUS, Fevzi; WANG, Youcheng. **Cognition and affect interplay**: A framework for the tourist vacation decision-making process. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, v. 28, n. 5, p. 567-582, 2011.

WANG, C.; PAN, R.; WAN, X.; TAN, Y.; XU, L.; MCINTYRE, R. S.; HO, C. **A longitudinal study on the mental health of general population during the COVID-19 epidemic in China**. *Brain, Behavior, and Immunity*, 2020 a. <http://dx.doi.org/10.1016/j.bbi.2020.04.028>

WANG, Joyce; XIA, Lan. **Revenge travel**: Nostalgia and desire for leisure travel post COVID-19. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, v. 38, n. 9, p. 935-955, 2021.

WANG, Ning. **Rethinking authenticity in tourism experience**. *Annals of tourism research*, v. 26, n. 2, p. 349-370, 1999.

WANG, Xiaolong et al. **Comparison of Quality Properties between HMW-GSs 5+ 10 and 2+ 12 NILs under Three Common Wheat Genetic Backgrounds**. *Cereal Chemistry*, v. 95, n. 4, p. 575-583, 2018.

WEINSTEIN, Neil D. et al. **Risk perceptions**: assessment and relationship to influenza vaccination. *Health Psychology*, v. 26, n. 2, p. 146, 2007.

WERLE, Verônica. **Relações entre lazer e saúde em tempos de cultura somática.** Revista Brasileira de Estudos do Lazer, v. 5, n. 2, p. 20-32, 2018.

WILKS, J. (2006). Current issues in tourist health, safety and security. In J. Wilks, D. Pendergast, & P. Laggat (Eds.), **Tourism in turbulent times: Towards safe experiences for visitors** (pp. 3–18). Elsevier.

WITTE, K. (1996). **Predicting risk behaviors: Development and validation of a diagnostic scale.** Journal of Health Communication, 1(4), 317–342. <https://doi.org/10.1080/108107396127988>

WOLFF, K., & LARSEN, S. (2016). **Flux and permanence of risk perceptions: Tourists' perception of the relative and absolute risk for various destinations.** Scandinavian Journal of Psychology, 57(6), 584-590.

WOLFF, K., & LARSEN, S. (2021). **Frequency and randomness predict changes in perceived risk.** Annals of Tourism Research, 89(C).

WOLFF, Katharina; LARSEN, Svein; ØGAARD, Torvald. **How to define and measure risk perceptions.** Annals of Tourism Research, v. 79, p. 102759, 2019.

WONG, Jehn-Yih; YEH, Ching. **Tourist hesitation in destination decision making.** Annals of Tourism Research, v. 36, n. 1, p. 6-23, 2009.

WU, Yeshun et al. **Nervous system involvement after infection with COVID-19 and other coronaviruses.** Brain, behavior, and immunity, v. 87, p. 18-22, 2020.

YILDIRIM, M., ÖZASLAN, A., & ARSLAN, G. (2021). **Perceived risk and parental coronavirus anxiety in healthcare workers: a moderated mediation role of coronavirus fear and mental well-being.** Psychology, Health & Medicine, 1-12.

YOON, Yooshik; UYSAL, Muzaffer. **An examination of the effects of motivation and satisfaction on destination loyalty: a structural model.** Tourism management, v. 26, n. 1, p. 45-56, 2005.

YU, Chou Chuen; TOU, Nien Xiang; LOW, James Alvin. **A comparative study on mental health and adaptability between older and younger adults during the COVID-19 circuit breaker in Singapore.** BMC Public Health, v. 22, n. 1, p. 1-11, 2022.

ZHANG, Hanyuan et al. **Forecasting tourism recovery amid COVID-19.** Annals of Tourism Research, v. 87, p. 103149, 2021.

ZOMERDIJK, Leonieke G.; VOSS, Christopher A. **Service design for experience-centric services.** Journal of service research, v. 13, n. 1, p. 67-82, 2010.

8. ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO DE PESQUISA.

(Obs.: exclusivo para questionário estruturado de pesquisa/virtual)

Prezado(a) _____,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “QUE FALTA FAZ VIAJAR? A RESTRIÇÃO A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA E SEUS CONSEQUENTES – BEM-ESTAR SUBJETIVO, DESEJO DE VIAJAR, RISCO PERCEBIDO E INTENÇÃO DE VIAJAR”. Este convite se deve ao fato de você possuir características de interesse para a composição da amostra da pesquisa.

O pesquisador responsável pela pesquisa será Eduardo Teixeira Magalhães, RG MG 23269579, aluno do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração - CEPEAD está vinculado ao Departamento de Ciências Administrativas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. O objetivo desse estudo consiste em observar as relações existentes entre a restrição a experiência turística e o bem-estar subjetivo, desejo de viajar, risco percebido a saúde e intenção de viajar. Enquanto etapa quantitativa, a realização deste projeto de pesquisa, busca-se contribuir com a identificação das relações supracitadas de acordo com o padrão de resposta dos participantes, e analisá-las estatisticamente.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO:

- Ser um turista com hábito de viagem;
- Ter acesso à internet para viabilizar sua participação, já que toda a coleta de dados será feita em ambiente virtual;
- Ter mais de 18 anos de idade.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:

- Não ser um turista com hábito de viagem;
- Ser menor de idade, incapaz ou pertencer a qualquer situação na qual o sujeito possa ser classificado em grupos socialmente vulneráveis;
- Não possuir acesso à internet, tendo em vista que a etapa qualitativa será realizada em ambiente virtual.

RISCOS ENVOLVIDOS:

Importante se faz lembrar que toda pesquisa envolve riscos e desconfortos, mas que as formas de mitigação destes já foram pensadas. Ao participar da presente pesquisa, você estará exposto às seguintes possibilidades:

Risco	Causa	Grau	Formas de mitigação
Cansaço	Desconforto durante o da entrevista.	Mín	Será minimizado, uma vez que caberá ao participante escolher o melhor dia e horário para o encontro. Ele será orientado a escolher um local confortável e calmo para se acomodar durante a sua participação. Para além, a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto físico e poderá propor uma pausa, caso o participante deseje.
Constrangimento	Optar por não responder alguma questão, por razão pessoal.	Mín	Será mitigado pela possibilidade explicitada ao participante de não responder questões que não queira, sem prejuízo algum para sua participação nessa pesquisa.
Estresse	Uso a videoconferência e a possível falta de costume do participante com esta tecnologia	Mín	Será minimizado pelas orientações da pesquisadora quanto ao uso da plataforma escolhida, o cuidado da escolha de uma plataforma estável, solicitação de uso preferencial de internet cabeada para melhor conexão e a possibilidade de desistência do participante caso, mesmo com os cuidados tomados, ele/a não se adapte ou esteja com problemas técnicos que o impossibilite de continuar.
Quebra de sigilo e de anonimato.	Possibilidade de extravio ou exposição indevida da gravação da videoconferência	Máx	Será minimizado pelo fato de que só a pesquisadora e seu orientador terão acesso às gravações. Os cuidados com o armazenamento seguro serão tomados e, após a transcrição dos encontros, os arquivos da gravação de imagem e voz permanecerão armazenados apenas pelo tempo previsto em legislação especializada no assunto, ou seja, durante o período de 5 (cinco) anos, quando serão devidamente destruídos.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA:

- A etapa quantitativa da presente pesquisa será realizada na modalidade virtual - via videoconferência - visando manter o isolamento social e preservar a saúde tanto dos participantes, quando da pesquisadora, seguindo os protocolos dos órgãos internacionais e nacionais de saúde nesse momento de pandemia;
- Garantia ao participante de acesso a todos os dados coletados, análises e resultados gerados pela presente pesquisa;

- Garantia de que o participante possa desistir de sua participação a qualquer tempo, sem que isso gere qualquer tipo de dano para ele;
- Possibilidade de contribuir com avanço do conhecimento para a comunidade científica, uma vez que o estudo explora um fenômeno emergente que impacta o turismo. Além de contribuição gerencial, por contribuir com o desenvolvimento de insights e estratégias para a gestão do turismo.
- Disponibilização do trabalho final (dissertação) para os participantes que desejarem uma cópia digital do documento de forma direta e também por meio das publicações que surgirem a partir da presente pesquisa.

DIREITOS DOS PARTICIPANTES:

Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira, você é portador de diversos direitos, além do anonimato, da confidencialidade, do sigilo e da privacidade, mesmo após o término ou interrupção da pesquisa. Assim, lhe é garantido:

A observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466/2012 (e, em especial, seu item IV.3) e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;

A observância das práticas previstas na Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei nº 13.709/2018, que dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger:

- Os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural;
- A plena liberdade para decidir sobre sua participação sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza;
- A plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza. Nesse caso, os dados colhidos de sua participação até o momento da retirada do consentimento serão descartados a menos que você autorize explicitamente o contrário;
- O acompanhamento e a assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado a sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao pesquisador responsável;
- O acesso aos resultados da pesquisa;
- O ressarcimento de qualquer despesa relativa à participação na pesquisa (por exemplo, custo de locomoção até o local combinado para a entrevista), inclusive de eventual acompanhante, mediante solicitação ao pesquisador responsável;
- A indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- O acesso a este Termo.

Esse documento deverá ser lido com atenção por parte do participante e devolvido ao pesquisador através do e-mail: edu.magalhaes7@outlook.com, como anexo. No anexo

deverão estar preenchidos os campos contendo o nome completo do participante, cidade, dia e ano e informando que aceita participar da presente pesquisa. Não haverá necessidade de impressão do documento e digitalização para assinatura. O participante deve enviar o anexo e inserir no corpo do e-mail que está de acordo com sua participação e colocar seu nome completo abaixo e e-mail de contato. o pesquisador retornará o documento enviado informando que está ciente e se compromete a seguir todos os protocolos referentes às questões éticas ligadas à presente pesquisa. Se perder a sua via, o participante poderá solicitar uma cópia do documento à pesquisadora responsável.

METODOLOGIA APLICADA NA COLETA DE DADOS:

Quanto à aplicação do questionário, segue os esclarecimentos: o instrumento de pesquisa utilizará a plataforma GOOGLE FORMS para coletar os dados fornecidos pelos respondentes. Será gerado um link e a pesquisadora entrará em contato com oito pessoas que ficarão responsáveis, cada uma, por 60 respondentes inteiros. Para isso, o link do questionário será dado a eles, e os mesmos divulgarão aleatoriamente aos respondentes, podendo ampliar a divulgação a seus familiares, amigos e em mídias sociais, a pessoas que se enquadram no perfil de inclusão da pesquisa. Todo esse processo corresponde a técnica "bola de neve". É possível a utilização de formulário online com criptografia, assim, o link poderá ser gerado, dando início ao processo de coleta de dados descrito, mantendo-se o anonimato do respondente.

A política de privacidade da empresa GOOGLE, está disponível em <https://policies.google.com/privacy?hl=pt-PT> . Se você não se sentir seguro quanto às garantias da empresa referentes no que diz respeito a proteção da sua privacidade, você deve cessar a sua participação, sem nenhum prejuízo. Caso concorde em participar, será considerado anuência quando ao entrar na sala virtual para realização da entrevista ou ao responder ao questionário.

Como medidas complementares decorrentes da utilização de ambiente virtual para coleta de dados, o pesquisador responsável assegura que:

- Não são utilizadas listas ou outro meio que permitam a identificação e/ou a visualização de seus dados pelos demais convidados ou por outras pessoas.
- O TCLE é apresentado via e-mail, sendo pré-requisito que você esteja de acordo com sua participação.
- Você tem o direito de se retirar da pesquisa, bem como retirar seu consentimento para a utilização de seus dados a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Para isso, basta declarar a retirada do consentimento através do e-mail de contato do pesquisador edu.magalhaes7@outlook.com. Nesse caso, o pesquisador responsável afiança que dará a ciência do seu interesse de retirar o consentimento de utilização de seus dados em resposta ao e-mail.
- O pesquisador responsável fará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico pessoal assim que a coleta de dados for finalizada; e apagará todo e qualquer registro da plataforma digital GOOGLE FORMS.

- Caso você aceite participar, é muito importante que guarde em seus arquivos uma cópia deste TCLE. Se for de seu interesse, o TCLE poderá ser obtido também na sua forma física, bastando uma simples solicitação através do endereço de e-mail: edu.magalhaes7@outlook.com . Nesse caso, se perder a sua via física, poderá ainda solicitar uma cópia do documento ao pesquisador responsável.

Qualquer dúvida ou necessidade – neste momento, no decorrer da sua participação ou após o encerramento ou eventual interrupção da pesquisa – pode ser dirigida ao pesquisador, através do e-mail: edu.magalhaes7@outlook.com, celular e/ou whats app (21) 98263-3822, pessoalmente ou via postal para Avenida Póvoa de Varzim, 512 – apto 201 – Bairro Paquetá – CEP.: 30. 340-060 – Belo Horizonte/MG – A/C Eduardo Teixeira Magalhães.

Se optar por participar da pesquisa, peço-lhe que rubrique todas as páginas deste Termo, identifique-se e assine a declaração a seguir, que também deve ser rubricada e assinada pelo pesquisador.

DECLARAÇÃO

Eu, _____, abaixo assinado, de forma livre e esclarecida, declaro que ACEITO participar da pesquisa como estabelecido neste TERMO – QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO DE PESQUISA.

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

_____, _____ de _____ de 20__

Local e data

Se desejar receber os resultados da pesquisa e/ou esse TCLE físico, assinale abaixo a sua opção e indique seu e-mail ou, se preferir, seu endereço postal, no espaço a seguir:

_____.

[] RESULTADO DA PESQUISA

[] TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) SOBRE USO DE AMBIENTE VIRTUAL – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.

(Obs: exclusivo a etapa das Entrevistas)

Prezado (a) _____,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “QUE FALTA FAZ VIAJAR? A RESTRIÇÃO A EXPERIENCIA TURÍSTICA E SEUS CONSEQUENTES – BEM-ESTAR SUBJETIVO, DESEJO DE VIAJAR, RISCO PERCEBIDO E INTENÇÃO DE VIAJAR”. Este convite se deve ao fato de você possuir características de interesse para a composição da amostra da pesquisa.

O pesquisador responsável pela pesquisa será Eduardo Teixeira Magalhães, RG MG 23269579, aluno do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração - CEPEAD está vinculado ao Departamento de Ciências Administrativas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. O objetivo desse estudo consiste em observar as relações existentes entre a restrição a experiência turística e o bem-estar subjetivo, desejo de viajar, risco percebido a saúde e intenção de viajar. Enquanto etapa qualitativa, a realização deste projeto de pesquisa, busca-se contribuir para a compreensão dos elementos sociopsicológicos e comportamentais emergentes do turista com hábito de viagem.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO:

- Ser um turista com hábito de viagem;
- Ter acesso à internet para viabilizar sua participação, já que toda a coleta de dados será feita em ambiente virtual;
- Ter mais de 18 anos de idade.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:

- Não ser um turista com hábito de viagem;
- Ser menor de idade, incapaz ou pertencer a qualquer situação na qual o sujeito possa ser classificado em grupos socialmente vulneráveis;
- Não possuir acesso à internet, tendo em vista que a etapa qualitativa será realizada em ambiente virtual.

RISCOS ENVOLVIDOS

Importante se faz lembrar que toda pesquisa envolve riscos e desconfortos, mas que as formas de mitigação destes já foram pensadas. Ao participar da presente pesquisa, você estará exposto às seguintes possibilidades:

Risco	Causa	Grau	Formas de mitigação
Cansaço	Desconforto durante o da entrevista.	Mín	Será minimizado, uma vez que caberá ao participante escolher o melhor dia e horário para o encontro. Ele será orientado a escolher um local confortável e calmo para se acomodar durante a sua participação. Para além, a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto físico e poderá propor uma pausa, caso o participante deseje.
Constrangimento	Optar por não responder alguma questão, por razão pessoal.	Mín	Será mitigado pela possibilidade explicitada ao participante de não responder questões que não queira, sem prejuízo algum para sua participação nessa pesquisa.
Estresse	Uso a videoconferência e a possível falta de costume do participante com esta tecnologia	Mín	Será minimizado pelas orientações da pesquisadora quanto ao uso da plataforma escolhida, o cuidado da escolha de uma plataforma estável, solicitação de uso preferencial de internet cabeada para melhor conexão e a possibilidade de desistência do participante caso, mesmo com os cuidados tomados, ele/a não se adapte ou esteja com problemas técnicos que o impossibilite de continuar.
Quebra de sigilo e de anonimato.	Possibilidade de extravio ou exposição indevida da gravação da videoconferência	Máx	Será minimizado pelo fato de que só a pesquisadora e seu orientador terão acesso às gravações. Os cuidados com o armazenamento seguro serão tomados e, após a transcrição dos encontros, os arquivos da gravação de imagem e voz permanecerão armazenados apenas pelo tempo previsto em legislação especializada no assunto, ou seja, durante o período de 5 (cinco) anos, quando serão devidamente destruídos.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA:

- A etapa qualitativa da presente pesquisa será realizada na modalidade virtual - via videoconferência - visando manter o isolamento social e preservar a saúde tanto dos participantes, quando da pesquisadora, seguindo os protocolos dos órgãos internacionais e nacionais de saúde nesse momento de pandemia;
- Garantia ao participante de acesso a todos os dados coletados, análises e resultados gerados pela presente pesquisa;
- Garantia de que o participante possa desistir de sua participação a qualquer tempo, sem que isso gere qualquer tipo de dano para ele;

- Possibilidade de contribuir com avanço do conhecimento para a comunidade científica, uma vez que o estudo explorar um fenômeno emergente que impacta o turismo. Além de contribuição gerencial, por contribuir com o desenvolvimento de insights e estratégias para a gestão do turismo.
- Disponibilização do trabalho final (dissertação) para os participantes que desejarem uma cópia digital do documento de forma direta e também por meio das publicações que surgirem a partir da presente pesquisa.

DIREITOS DOS PARTICIPANTES:

Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira, você é portador de diversos direitos, além do anonimato, da confidencialidade, do sigilo e da privacidade, mesmo após o término ou interrupção da pesquisa. Assim, lhe é garantido:

- A observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466/2012 (e, em especial, seu item IV.3) e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;
- A observância das práticas previstas na Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei nº 13.709/2018, que dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural;
- A plena liberdade para decidir sobre sua participação sem prejuízo ou represália, de qualquer natureza;
- A plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália, de qualquer natureza. Nesse caso, os dados colhidos de sua participação até o momento da retirada do consentimento serão descartados, a menos que você autorize explicitamente o contrário;
- O acompanhamento e a assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou a interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado à sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao pesquisador responsável;
- O acesso aos resultados da pesquisa;
- O ressarcimento de qualquer despesa relativa à participação na pesquisa, inclusive de eventual acompanhante, mediante solicitação à pesquisadora responsável. Contudo, faz-se importante lembrar que no momento, devido ao cenário de pandemia, todo o processo de realização das etapas da pesquisa de campo, bem como de consentimento por parte do participante para participar dessa pesquisa, será feito através de ambiente virtual (e-mails, contato telefônico, videoconferências).
- A indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- O acesso a este Termo. Esse documento deverá ser lido com atenção por parte do participante e devolvido ao pesquisador através do e-mail edu.magalhaes7@outlook.com, como anexo. No anexo deverão estar preenchidos os campos contendo o nome completo do participante, cidade, dia e ano e informando que aceita participar da presente pesquisa. Não haverá necessidade de impressão do documento e digitalização para assinatura. O participante deve enviar o anexo e inserir no corpo do e-mail que está de acordo com sua participação e colocar seu nome completo abaixo e e-mail de contato. O pesquisadora retornará o documento enviado informando que está ciente e se compromete a seguir todos os protocolos referentes às questões éticas ligadas à presente pesquisa. Se perder a

sua via, o participante poderá solicitar uma cópia do documento ao pesquisador responsável.

CONDUÇÃO DA PESQUISA EM AMBIENTE VIRTUAL:

A pesquisa será conduzida inicialmente por meio de entrevista semiestruturada, através de um Roteiro de Entrevista Individual Semiestruturada já preparado e submetido ao Conselho de Ética e Pesquisa. As entrevistas acontecerão por meio da Plataforma de vídeo *ZOOM*, da empresa *ZOOM Video Communications*, que fornece serviços de conferência remotas. Para maiores informações de privacidade, a política de privacidade da empresa *ZOOM Video Communications* está disponível em <https://blog.zoom.us/pt/zoom-privacy-policy/>. Se você não se sentir seguro quanto às garantias da empresa referentes no que diz respeito à proteção da sua privacidade, você deve cessar a sua participação, sem nenhum prejuízo. Caso concorde em participar, será considerado anuência quando ao entrar na sala virtual para realização da entrevista ou ao responder ao questionário.

Como medidas complementares decorrentes da utilização de ambiente virtual para coleta de dados, o pesquisador responsável assegura que:

- Não são utilizadas listas ou outro meio que permitam a identificação e/ou a visualização de seus dados pelos demais convidados ou por outras pessoas.
- O TCLE é apresentado via e-mail, sendo pré-requisito que você esteja de acordo com sua participação, anteriormente ao agendamento da entrevista, permitindo avaliar e dar, ou não, o seu consentimento para participação na pesquisa.
- Você tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa.
- Você tem o direito de se retirar da pesquisa, bem como retirar seu consentimento para a utilização de seus dados a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Para isso, basta declarar a retirada do consentimento através do e-mail de contato do pesquisador edu.magalhaes7@outlook.com. Nesse caso, o pesquisador responsável afiança que dará a ciência do seu interesse de retirar o consentimento de utilização de seus dados em resposta ao e-mail.
- O pesquisador responsável fará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico pessoal assim que a coleta de dados for finalizada; e apagará todo e qualquer registro dos encontros via videoconferência (entrevista) da plataforma digital ZOOM.
- Caso você aceite participar, é muito importante que guarde em seus arquivos uma cópia deste TCLE. Se for de seu interesse, o TCLE poderá ser obtido também na sua forma física, bastando uma simples solicitação através do endereço de e-mail: edu.magalhaes7@outlook.com. Nesse caso, se perder a sua via física, poderá ainda solicitar uma cópia do documento ao pesquisador responsável.

Qualquer dúvida ou necessidade – neste momento, no decorrer da sua participação ou após o encerramento ou eventual interrupção da pesquisa – pode ser dirigida ao pesquisador, através do e-mail: edu.magalhaes7@outlook.com, celular e/ou whats app (21) 98263-3822, pessoalmente ou via postal para Avenida Póvoa de Varzim, 512 – apto 201 – Paquetá – CEP.: 31.340-060 – Belo Horizonte/MG – A/C Eduardo Teixeira Magalhães.

Se optar por participar da pesquisa, peço-lhe que escolha a opção “ACEITO” ao final deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

DECLARAÇÃO

Eu, _____, abaixo assinado, de forma livre e esclarecida, declaro que

ACEITO NÃO ACEITO.

participar da pesquisa como estabelecido neste TERMO.

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

_____, _____ de _____ de 20__

Local e data

Se desejar receber os resultados da pesquisa e/ou esse TCLE físico, assinale abaixo a sua opção e indique seu e-mail ou, se preferir, seu endereço postal, no espaço a seguir:

_____.

RESULTADO DA PESQUISA TCLE IMPRESSO E RUBRICADO.

